This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

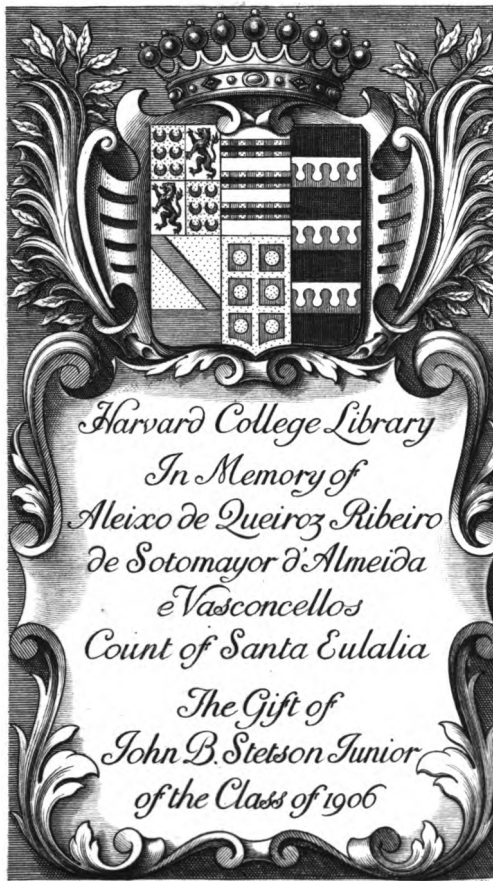
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

WIDENER
HN ZK6H W

Digitized by Google

Port 6228.75.105



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O AMANTE EMPRESTADO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMENHO

Condecorado com a medalha ao merito

THEATRO CONTEMPORANEO
Diogo Seromenho
EDITOR
LISBOA
1877

Digitized by Google

Port 6228.75.105

PERSONAGENS

LUIZA
O CONDE DE CHAVES
PAULINA
ONOFRE
BARNABÉ
ANDRÉ

Convidados de ambos os sexos

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
9 DEC 1924

A scena passa-se n'uma casa de campo

ACTO UNICO

A scena representa um jardim, com um pavilhão a um dos lados, ao fundo á esquerda, um bosque

SCENA I

ONOFRE e ANDRÉ

ONOFRE—Faz o que te digo, e deixa-te de reflexões. Bem sabes que a menina tem o commando em chefe.

ANDRÉ—Mas isto brada aos céos; fazer-me arrazar os canteiros das flôres, porque se lhe metteu na cabeça dar aqui um baile.

ONOFRE — E tu que tens com isso. A menina Luiza é filha unica do sr. barão, que lhe deixa fazer todas as vontades. Faze tu o mesmo, e não te mettas em camisas de onze varas (*André sae*).

SCENA II

ONOFRE e depois BARNABÉ

ONOFRE—Olá! ahi vem Barnabé.

Digitized by Google

Barnabé *(entrando)*—Bons dias, meu amigo.

Onofre—Bons dias, então fizeste negocio?

Barnabé—Não perdi a jornada, comprei alguns cavallos; a feira esteve muito concorrida.

Onofre—E's o homem mais feliz que conheço, novo, rico, por morte de teu pae ficas senhor de uma boa fortuna... Admiro-me como não tens pensado em casar. Todas as raparigas cá da terra devem morrer por ti.

Barnabé—Isso é verdade, mas eu não estou resolvido a casar-me. Não amo nenhuma.

Onofre—Tenho-te visto fallar amiudadas vezes com Paulina, essa rapariga que o sr. barão conserva em casa por caridade.

Barnabé—Eu lhe digo, fallo com ella quando a encontro, porque é afilhada de minha tia Gregoria. E além d'isso tem muito bons planos, que eu sempre aproveito. Olhe, hontem me deu ella uma ideia magnifica, para augmentar a minha fortuna, e é isso precisamente o que me traz por cá hoje. Diga-me, está por cá muita gente?

Onofre—Estão todos os aspirantes á mão da menina, acompanhados das tias, irmãs, primas, etc.

Barnabé — E ainda não se decidio a menina Luizinha?

Onofre—Quer escolher, hoje é o dia designado para a eleição. O sr. barão quer que ella case quanto antes, porque está velho e cheio de gôta. Mas apesar d'isso a menina passa os seus dias a aborrecer os pertendentes, com os seus caprichos e estravagancias.

Barnabé—Mas desconfio que entre esses cavalheiros, ha um que lhe parece mais amavel do que os outros.

Digitized by Google

ONOFRE—Bem sei, é o conde de Chaves, filho d'um antigo amigo do barão: é um bonito rapaz, muito attencioso, e muito rico.

BARNABÉ—E tem uma grande propriedade, que está por arrendar, segundo me disse Paulina.

ONOFRE—Apesar d'isso duvido que seja o preferido, porque a menina diz que elle tem ideias muito exquesitas; quer que as mulheres vivam sujeitas aos maridos, o que eu acho justo.

BARNABÉ—Pois eu queria que o conde fosse o preferido.

ONOFRE—Tu protegel-o?

BARNABÉ—Quero que elle me proteja, que venha a ser o mesmo. Convinha-me muito que me arrendasse a sua propriedade do Nogueiral, que fica perto d'aqui; então é que eu ficava considerado, e podia escolher noiva entre as mais janotas.

ONOFRE—E's ambicioso!

BARNABÉ—Vamos amigo Onofre, falle por mim, tenho em casa um barril de magnifico moscatel de Setubal, faz-lhe conta?

ONOFRE—Homem, falla baixo, ainda que não me fizesses esse presente, estava sempre prompto a servir-te, porque és muito bom rapaz.

PAULINA *(dentro chamando)*—Sr. Onofre... Sr. Onofre...

ONOFRE—Silencio... ahi vem Paulina.

SCENA III

OS MESMOS e PAULINA *(com um cesto com flôres)*

PAULINA *(entrando)*—Sr. Onofre?...

ONOFRE—O que ha de novo?

PAULINA—Venha depressa... ha uma hora que o procuro... Ah! estava aqui o Barnabé!

BARNABÉ—Bons dias, Paulina.

Digitized by Google

ONOFRE—Procurava-me para que?...

PAULINA (*olhando para Barnabé*)—Sim, para dizer-lhe... Estás bonito Barnabé.

ONOFRE—Para dizer-me o que?... acabas ou não?

PAULINA—Bonito, esqueceu-me.

ONOFRE—Olha que pateta, ficou pasmada para ti a ponto de se esquecer do recado.

PAULINA—Olhe, os senhores estão almoçando, e falta-lhes não sei o que...

ONOFRE—Já sei, é vinho. Tenho aqui a chave da adega. Vou n'um instante. (*áparte a Barnabé*) Depois fallarás com o conde.

PAULINA—Vá depressa, por causa das visitas, e dê-lhe bom vinho, d'aquelle que você bebe.

ONOFRE—Forte pateta... até logo (*saë*).

SCENA IV

BARNABÉ e PAULINA

PAULINA—Barnabé em que pensas?

BARNABÉ—Ahi estavas ahi?

PAULINA—E's pouco amavel.

BARNABÉ—Penso na taberna do Leão verde, aonde almocei esta manhã.

PAULINA—Grande motivo para pensar.

BARNABÉ—Imagina tu, que todos os meus amigos queriam por força que eu casasse.

PAULINA—E' o que eu te tenho aconselhado.

BARNABÉ—E é essa a minha intenção, assim que me deram de renda a propriedade do Nogueiral. Eu bem sei que não preciso esperar por isso, mas antes de mais que de menos, e tu é que me fizeste ter desejos de arrendar a quinta.

PAULINA—E não te deves descuidar em escolher esposa, olha que as raparigas cá do sitio vão casando todas.

Digitized by Google

BARNABÉ—Tens rasão... Vamos a vêr, qual te parece que me convém. A Julia?

PAULINA — E' tão magra, que parece um esqueleto.

BARNABÉ—E da Thomazia o que dizes?

PAULINA—Não é feia, mas coxêa do pé direito.

BARNABÉ—Ainda não tinha dado por isso. Já sei, como na terra não ha nada que preste, espero pelo dia do mercado para ver o que vem de fóra. Olha ahi vem a menina, com a sua côrte de apaixonados. Vou ter com o Onofre, para me apresentar ao sr. conde. Até logo Paulina *(sae)*.

SCENA V

PAULINA *(só)*

PAULINA—Em todas pensa menos em mim. Mas agora reparo, que os meus ramos estão por fazer. *(leva o cesto das flôres e entra no pavilhão)*.

SCENA VI

LUIZA, o CONDE, convidados de ambos os sexos, depois PAULINA

LUIZA—Minhas amigas, em que passaremos a manhã?

CONVIDADO—Não sei quem propoz uma digressão até aos lagares.

CONDE—Isso não tem graça nenhuma.

LUIZA — Basta que nos queiramos divirtir, para o sr. conde logo se oppôr. E' um espirito de contradicção! Ainda ha bocado, falando-se de meu primo Polycarpo, que vae casar com a filha d'uma simples lavradora, todos o censuramos por um casamento tão desigual, menos o sr. conde, que o defendeu, dizendo: que a desculpa d'elle está na belleza da noiva. *(Sae Paulina do pavilhão, e fica pensativa a um lado da scena)*.

Digitized by Google

CONDE—Eu disse, e repito, que é muito desculpavel seu primo, porque está seriamente apaixonado.

LUIZA—Não se póde discutir com o conde (*reparando em Paulina*). Que tens, Paulina?

PAULINA—Nada, minha senhora, estou chorando a minha má sorte.

LUIZA—Zangaste-te com o teu namorado?

PAULINA—E' cousa que não tenho.

LUIZA—E é por isso que choras?

PAULINA—Se lhe parece que é pequeno motivo. Sou a unica n'esta terra que não tenho quem me queira.

LUIZA—Então ninguem te quer?

CONDE—Isso é muito mal feito.

PAULINA—Uma injustiça, e ha tantas que teem mais de um pretendente! Por exemplo, v. ex.ª tem mais de cinco adoradores, o que é muito mal feito, querer tudo para si.

CONDE—Tem muita rasão.

LUIZA—Devéras? Pois bem, vou auxiliar-te, vou arranjar-te um amante. Os ricos devem soccorrer os pobres. Ouve, eu não te posso dar um amante, mas posso-t'o emprestar.

PAULINA—Oh! que grande pechincha, com isso me contento, mesmo emprestado que seja servirá para chamar os mais.

LUIZA—Ora, muito bem, todos estes senhores me galanteam, olha-os bem e escolhe aquelle que mais te agradar.

PAULINA (*depois de os examinar, indica o conde*)—Este.

LUIZA (*áparte*) — Boa occasião para me vingar d'elle. (*alto*) Meu amigo, ordeno-lhe que faça a côrte a essa rapariga pelo espaço de duas horas.

Digitized by Google

PAULINA *(batendo as palmas)*—Já tenho um!... Já tenho um!...

LUIZA—Vamos, sr. conde, isto não é brincadeira tem de amar Paulina por duas horas. E seja muito obsequioso, muito terno e sobretudo muito submisso.

CONDE—Mas que capricho!... *(áparte)* Eu não me submetto.

LUIZA *(baixo ao conde)*—Quero ver como sou obedecida, sr. conde, e lembre-se que hoje é que heide escolher marido, veja lá se quer ficar excluido.

CONDE—Porém, Luiza... é impossivel... ouça...

LUIZA—Basta, exijo.

CONDE—Obedeço.

LUIZA *(ás senhoras)*—Está desesperado. Conde, ahi o deixo com a sua dama. E nós vamos passear *(saem)*.

SCENA VII

O CONDE e PAULINA

PAULINA *(áparte)*—Estou com curiosidade de saber como namoram os condes; bonitas coisas me deve dizer. *(alto)* Sr. conde!...

CONDE *(áparte)*—Estava capaz de deixar esta pobre rapariga, e ir-me embora... mas Luiza nunca me perdoaria. *(sem a olhar)* Muito bem, Paulina, muito bem...

PAULINA — Nem para mim olha! Isto é de mais!... *(zangada)* Repare, sr. conde que estou aqui, e que se não se porta melhor irei queixar-me á menina. Já é infelicidade minha, nem ao menos me fallam de amor aquelles que tem obrigação d'isso...

CONDE *(áparte)*—E' melhor tel-a do meu partido. *(alto)* Estás muito bonita, Paulina... *(áparte)*

Digitized by Google

Ainda não tinha reparado bem n'ella, é encantadora!... *(alto)* Paulina, suppondo que somos amantes, deve reinar entre nós uma confiança sem limites. Diz-me? tens outro amante sem ser eu? Não me enganes, que te pódes arrepender. Eu d'aqui a duas horas deixarei de ser teu amante, mas posso ser sempre teu amigo.

PAULINA—O sr. conde é tão boa pessoa, que seria mal feito enganal-o. Mas antes, que lhe responda, o que entende o sr. conde por amante. Um que nos ama, ou um que nós amamos?

CONDE—Um que nos ama.

PAULINA—Então não tenho nenhum. Porque só eu penso n'elle, elle não pensa em mim. Não sou rica, e por isso me desprezam.

CONDE *(áparte)*—E' modesta e engraçada. *(alto)* Dize-me a quem amas mais, a esse rapaz ou a mim?

PAULINA—Eu, senhor!... Elle é ignorante, e v. ex.ª é intelligente... é rustico, e v. ex.ª cortezão, cheira a cebola, e v. ex.ª a jasmim e violetas... porém se elle dissesse que me tinha amor seria a mulher mais feliz d'este mundo.

CONDE—Pobre rapariga. *(áparte)* Assim Luiza pensasse a meu respeito.

PAULINA—V. ex.ª zangou-se por eu lhe dizer o que sentia?

CONDE—E' muito desagradavel para mim, o gostares d'outro.

PAULINA—Afflige muito não é verdade? V. ex.ª sabe-o por experiencia, v. ex.ª que ama tanto a menina Luiza, está agora longe d'ella. Custa-me muito o tel-o escolhido, e estou arrependida, por que não gosto de fazer padecer ninguem. Se v. ex.ª quer eu retiro-me, restituo-lhe a liberdade.

Digitized by Google

CONDE—Não, tu mereces que se interessem por ti, e já que me déste a preferencia, sou obrigado a proteger-te, e a assegurar o teu futuro. Se não se mudar a indifferença d'aquelle que amas, escolhe-se outro, e como és bonita não te faltarão adoradores, começando por mim, e para t'o provar dá cá um abraço... (*abraça-a*).

PAULINA—Então que faz, sr. conde?

CONDE—Desempenhar o papel que me distribuiram.

PAULINA—E eu tão simploria que me deixo abraçar.

CONDE (*reparando em Barnabé*).—Quem és tu?

SCENA VIII

OS MESMOS, ONOFRE e BARNABÉ

BARNABÉ—Perdôe, v. ex.ª

PAULINA (*áparte*)—E' Barnabé!...

CONDE—O que queres?

ONOFRE—Este rapaz é Barnabé Pires, rendeiro do sr. barão. Deseja fallar com v. ex.ª, sobre o arrendamento da propriedade do Nogueiral, que muita conta lhe fazia. E' muito bom rapaz, e atrevo-me a recommendal-o a v. ex.ª

PAULINA—E' verdade é muito bom rapaz, e atrevo-me a recommendal-o a v. ex.ª

CONDE—Comprehendo...interessas-te por elle...

BARNABÉ (*áparte*)—Será minha a propriedade.

CONDE—Porém, sr. Onofre, antes de tudo queria mandar uma carta ao meu tabellião.

ONOFRE (*áparte a Barnabé*) — Para que faça a escriptura d'arrendamento. (*alto*) No pavilhão encontrará v. ex.ª tudo que deseja.

CONDE—Muito bem; entremos (*entra no pavilhão com Onofre*).

BARNABÉ (*aparte*) — Estou pasmado!... A in-

Digitized by Google

fluencia que Paulina tem sobre o conde... e como elle a olhava... *(alto)* Paulina, que te dizia o sr. conde quando eu cheguei?

PAULINA—Dizia-me que sou bonita, elegante...

BARNABÉ *(rindo)*—Ah! ah! ah! e tu acreditas!... Um fidalgo!...

PAULINA — E' que os fidalgos vêem mais que os rusticos.

BARNABÉ—Que mau gosto tem o sr. conde!

PAULINA *(áparte)*—Que estupido!

BARNABÉ—Ah! já me esquecia. Tomei o teu conselho. Caso-me.

PAULINA (*sobresaltada*)—Com quem?

BARNABÉ—Com Antonia. Encontrei-me á pouco em casa da tia Rita, com a mãe d'Antonia, e disse-me que havia muitos pretendentes á mão da filha, o que foi para mim um raio de luz...

PAULINA—Declaraste-te?

BARNABÉ—No mesmo instante, e a tia Rita disse-me que a filha seria minha, logo que o sr. Conde me arrende a propriedade do Nogueiral.

PAULINA—Oh! meu Deus *(á parte)* Casar-se com outra!...

BARNABÉ—Ahi vem o sr. Conde *(saem do pavilhão o Conde e Onofre)*

ONOFRE—V. ex.ª é que paga os caprichos da menina, quinhentos mil réis de dote a essa pobre rapariga. Não lhe faltarão noivos. *(Entra André.)*

CONDE—Calle-se... Dê esta carta ao tabellião.

ANDRÉ—Ás ordens de v. ex.ª *(sae.)*

CONDE—Venha cá Barnabé, e fallemos...

PAULINA *(ao Conde)*—Então deixa-me já, sendo meu amante?!

CONDE—Por um momento.

Digitized by Google

PAULINA—Antes d'isso quero dar duas palavras a v. ex.ª.

CONDE—Estou ás tuas ordens, dize lá o que queres.

PAULINA—Quero... (*para Barnabé e Onofre, que se affastam*) Deixem-nos sós... V. ex.ª é meu amante, não é? Pois os amantes devem obedecer. Essa propriedade, que Barnabé pediu a v. ex.ª lhe arrendasse... é necessario que...

CONDE—Não te dê cuidado, a propriedade será d'ella.

PAULINA—Ao contrario, é necessario que v. ex.ª lha negue. Assim o quero.

CONDE—Isso é outra cousa (*olhando para Barnabé*) Pobre rapaz, eu que julgava que era elle... Guardal-a-hei para outro. Mas com uma condição. Ao meio dia em ponto hades-me esperar, no bosque junto ao rio. (*á parte*) Quero ser o primeiro a annunciar-lhe o que faço por ella. (*alto*) Tenho que dizer-te... Em favor do outro. Não te esqueças, ao meio dia.

PAULINA—Bem, não faltarei (*em alta voz, olhando para Barnabé*) Adeus, sr. Conde, não me faça esperar.

CONDE—Ande, Barnabé (*entra no pavilhão, Barnabé segue-o*)

BARNABÉ—Ahi vou sr. Conde (*á parte*) Parece-me que vou gostando um pouco de Paulina.

PAULINA—Se Antonia casar com elle, não será por causa da herdade do Nogueiral.

SCENA IX

ONOFRE e PAULINA

ONOFRE (*á parte*) Que magnifico dote! Eu sou um rustico mas não deixava de me fazer conta, e depois, ella não sabe nada, e sendo eu o primeiro

Digitized by Google

pretendente... Nada perco em experimentar. (*alto*) Paulininha?

PAULINA—O maldicto, vae-me fazer zangar.

ONOFRE—Paulininha, sabes quanto me interesso por ti, vi-te nascer, e sempre te tenho querido muito.

PAULINA—A mim! Então muito o tem dissimulado, sempre chamando-me tola, estupida...

ONOFRE—Isso é brincadeira (*pegando-lhe na mão*) Anda para aqui, que não quero que no pavilhão ouçam o que se diz. (*falla-lhe ao ouvido*)

PAULINA—(*rindo*) Tem graça!... casar comigo... eu! uma pobre rapariga!...

ONOFRE—Nunca é pobre uma rapariga bonita, eu não sei a razão porque ainda não tinha reparado n'essa linda carinha. Então que dizes?

PAULINA — Veremos, não digo, nem que sim nem que não, preciso provar d'esse amor.

ONOFRE (*ajoelhando*)—Juro-te por minha honra.

BARNABÉ (*entrando*)—Outro mouro na costa!

ONOFRE—Maldicto emprazador! (*sae correndo*)

SCENA X

PAULINA e BARNABÉ

PAULINA—Outra vez por aqui?

BARNABÉ—(*de mau humor*) Por alguma parte havia de passar.

PAULINA—Estás zangado?

BARNABÉ—Se te parece que não tenho motivo. O Conde parece que não sabe fallar senão de ti, acha-te linda e elegante... e negou-me a fazenda...

PAULINA—Negou-a? pobre rapaz! (*aparte*) E' muito obediente o meu amante emprestado.

BARNABÉ.—E quando venho contar-te os meus

Digitized by Google

desgostos, encontro-te a namorar esse velho maldito.

PAULINA.—E porque não te arrenda a propriedade?

BARNABÉ.—Não me quiz dizer os motivos. Que te dizia o Onofre?

PAULINA.—Dizia... E o sr. conde prometteu a fazenda a outro?

BARNABÉ—Creio que não, porque me disse «Veremos isso depende.» Então que te dizia o Onofre.

PAULINA—Disse-me que queria casar comigo.

BARNABÉ—(*querendo duvidar*) Casar comtigo!... Mas tu não lhe déstes attenção, um velho tão feio... (*vae para lhe pegar na mão, quando entra André*).

SCENA XI

PAULINA, BARNABÉ, e ANDRÉ

ANDRÉ—Para si nada, estas cartas para Paulina.

BARNABÉ—Bom, retirade (*André sae*) Cartas para ti? De quem serão?

PAULINA—Não sei. Lê tu!

BARNABÉ—Com muito gosto (*pega nas cartas e lê uma*) «Minha amada Paulina.» que mal escripto, que está!... (...)

PAULINA—Não acho... continúa...

BARNABÉ—«Muito estimo que estas curtas linhas te achem com a saude que eu desejo, esta serve para te declarar que te amo. Se queres estou prompto a casar comtigo. Não te encommodo mais, teu Matheus. Forte tolo... (*vendo as outras cartas*), Todos disem p'mesmo o Jeronymo o Braz, o Camillo, que quantidade de noivos!... (*suspirando*) Paulina...

Digitized by Google

PAULINA—(*suspirando*) Barnabé (*á parte*) D'esta vez declara-se.

BARNABÉ—A quem pensas escolher (*á parte*) E o caso é que a amo! e a Antonia a quem eu prometti... (*dá meio dia*).

PAULINA— Meio dia, espera-me o meu amante no bosque. Adeus (*deita a correr, e Barnabé quer detel-a*).

BARNABÉ—Paulina, tambem eu tenho que te dizer.

SCENA XII

BARNABÉ, depois LUIZA

BARNABÉ—(*olhando para o bosque*) E lá estão juntos.

LUIZA—(*entrando*) Vistes passar o Conde.

BARNABÉ—Está namorando Paulina.

LUIZA—Bem sei, é um passatempo.

BARNABÉ—Passatempo!... abraçar raparigas.

LUIZA—Abraçou-a.

BARNABÉ—Como tres e dois são cinco, e depois disse-me a mim mesmo que era encantadora.

LUISA—(*sorrindo*) O que! Em tão pouco tempo!

BARNABÉ—Ria, mas verá que elle faz qualquer desatino por causa de Paulina.

LUIZA—Que me dizes?... quando acabo de confessar a meu pae, que é a elle quem eu prefiro.

BARNABÉ—Quantas quer esse senhor!

LUIZA—Lá ahi vem, parece pensativo.

SCENA XIII

OS MESMOS E O CONDE

CONDE—(*á parte*) Seu pae assim o exige, e só por este preço, consentirá no casamento.

LUIZA—(*á parte a Barnabé*) Vou o entretar como merece. (*alto*) Seja bem vindo sr. Conde. (*commovida*) Fallou a meu pae?

Digitized by Google

Conde—(*com frieza*) Não, senhora.

Luiza—(*á parte*) Ainda bem, morreria de vergonha, se elle soubesse que o tinha esrolhido. (*alto*) V. ex.ª procura alguem? Será Paulina?

Conde—Acabo de me separar d'ella.

Luiza—(*esforçando-se por sorrir*) Admiro muito a sua docilidade. Como se resignou a uma brincadeira, que sem duvida lhe bade ter ido muito penosa.

Conde—Não tanto como v. ex.ª pensa. Tenho que agradecer muito a v. ex.ª pois foi uma brincadeira que decidiu de toda a minha vida. Cada um tem os seus caprichos. Vi que jámais conseguiria agradar a v. ex.ª. Não a culpo, o amor é cego. Foi o que eu disse á pouco ao contemplar essa pobre jardineira... que é encantadora.

Barnabé—(*suspirando*) É verdade.

Conde—Que melhor eleição podia eu fazer? joven, formosa, sensivel, tão terna, tão graciosa. E não se deleitará fazendo soffrer quem a ama...

Barnabé—(*chorando*) É verdade, não há no mundo rapariga mais bella.

Luiza—O sr. Conde ama-a?

Conde—Não julgo v. ex.ª no direito de saber os segredos do meu coração.

Luiza—Eu advinho-os, e não consentirei semelhante escandalo em casa de meu pae. Pode v. ex.ª amar quem quizer, porém o que devo, é velar pela sorte d'uma pobre rapariga, confiada á nossa guarda. Eu comprehendo os designios de v. ex.ª.

Conde—Engana-se v. ex.ª, a minha intenção é casar com ella.

Luiza—Parece incrivel. (*sos*)

Digitized by Google

SCENA XIV

O Conde, Paulina e Barnabé

Paulina *(entrando)*—Aqui estou. Quando é o casamento?

Conde—Espera-me aqui, que eu já venho *(sae)*

Paulina—Porque choras Barnabé? Quem te fez mal?

Barnabé—E ainda m'o preguntas, ingrata *(com primentando-a)* Senhora condessa...

Paulina—Senhora condessa! Com quem fallas?

Barnabé—Eu bem sei que o conde casa comtigo.

Paulina *(com alegria)*—Eu sua mulher... Será possivel!

Barnabé—Então não t'o disse no bosque?

Paulina—Disse-me que me ia cazar, mas não me disse com quem. Mas não te desconsoles, dar-te-hei de arrendamento a herdade.

Barnabé—Para que a quero eu! Daria todas as herdades do mundo, para desmanchar esse cazamento. Porque te amo muito.

Paulina *(com alegria)*—Tu amas-me?... Porque m'o não disseste ha mais tempo?

Barnabé—Porque não sabia que te amava, mas assim que te vi rodeada de pertendentes, apaixonei-me logo.

Paulina—Sempre fallaste, mas fallaste tarde.

Barnabé—Visto que não ha remedio, só me resta enforcar-me.

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Luiza, e depois o Conde

Luiza *(á parte)*—Estou desesperada, meu pae disse-me que eu é que tinha a culpa. *(alto á Paulina)* Estás muito contente com o teu triumpho?

Digitized by Google

PAULINA (*com embaraço*)—Meu Deus! V. ex.ª está zangada... mas eu não tenho a culpa.

LUIZA—A tua conducta foi indigna, não te digo isto porque me importe com a mão do conde, vejo que tem sentimentos muito baixos. Agora o teu procedimento é que não tem justificação.

PAULINA—Bem sei que me portei mal... V. ex.ª só m'o tinha emprestado.

BARNABÉ—Ah! minha senhora quem se lembra d'emprestar estas cousas!...

PAULINA—Eu devia-lh'o restituir como me cumpria, mas elle não quer.

LUIZA—Não quer! Ouve Paulina, eu não gosto do conde, desprezo-o.

BARNABÉ—Tambem eu.

LUIZA—Agora o que não posso soffrer é que me ultraje d'esta maneira.

BARNABÉ—Isso é uma infamia.

LUIZA—Tambem me queria vingar d'elle. O teu futuro corre por minha conta. Dotar-te-hei, cazarás com quem quizeres, se consentires em declarar deante de meu pae, e de todos os convidados que não queres cazar com o conde, que amas outro.

BARNABÉ—Isso mesmo.

LUIZA—Seja a quem fôr, isso não me importa.

BARNABÉ—A mim, por exemplo. (*o conde apparece ao fundo*)

PAULINA—Eu, a dizer a verdade, bem conheço que não estou namorada d'elle... porque gosto d'outro!

LUIZA—Então sendo assim...

PAULINA—Não queria affligir o sr. conde, que é tão amavel. E de mais a v. ex.ª pouco lhe deve

Digitized by Google

importar que eu caze com elle, visto que o não ama.

Luiza—E se eu o amasse?...

Paulina—Então, renunciava...

Luiza—Pois bem, ainda o amo.

Conde (*lançando-se aos pés de Luiza*)—Sou o mais feliz dos homens.

Luiza—Estava escondido...

Conde—Sim querida Luiza. Tudo isto foi uma ficção. Foi tudo feito de combinação com teu pae.

Luiza—Ah! como vou ralhar com elle, e ao mesmo tempo abraçal-o.

Paulina—Então enganou-me, falso amante!

Conde—Não minha filha. Representei até ao fim o meu papel. Acabam de terminar as duas horas.

Paulina—Pois com muito gosto lhe restituo o seu amante, porque tenho estado com muita pena do meu pobre Barnabé. E se elle me quer, ainda que pobre.

Barnabé—Ainda que estivesses a pedir esmola.

Conde—Eu me encarrego do dote.

Luiza—E eu serei sua madrinha.

Conde—E em quanto á propriedade... (*a Paulina*) Tu é que dispões d'ella.

Paulina (*a Barnabé*)—Não te disse que te daria a fazenda.

Luiza—Não te destes mal com o amante emprestado.

Paulina—Melhor me irá com um marido de propriedade.

(Cae o pano)

Digitized by Google

NO PRÉLO

CONTOS SEM POESIA

NARRATIVAS, CONTOS, LENDAS, TRADICÇÕES, ETC.

POR

Diogo José Seromenho

(Condecorado com a medalha ao merito)

Um volume nitidamente impresso

Preço 500 rs.

Recebem-se assignaturas

Digitized by Google

AMOR E INTERESSE

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMENHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representada com applauso no theatro Camões

THEATRO CONTEMPORANEO

FUNDADO EM 1869

DIOGO SEROMENHO — EDITOR

ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24, 2.º

LISBOA — 1883

Digitized by Google

PERSONAGENS

AMELIA—JAYME—PEDRO—JORGE

Actualidade

ACTO UNICO

Sala mobilada com elegancia. Portas ao fundo e lateraes, dando a do fundo para outra sala, tambem mobilada com elegancia.

SCENA I

PEDRO e JORGE

PEDRO—São estas horas e ainda o sr. administrador não appareceu. E' incrivel que a senhora o ature. E o caso é que só elle é que manda!

JORGE—(*entrando*) Aonde está a senhora? Não veio ninguem?

PEDRO—Bem sabe que ninguem procura esta casa!

JORGE—Appoiado, emquanto eu fôr do numero dos vivos ninguem aqui virá; e fique sabendo amigo Pedro, que se alguem procurar a senhora, ponha-o logo no olho da rua.

PEDRO—E se fôr algum parente?

JORGE—Só ha um sobrinho, Jayme d'Ornellas, que vive no Porto, e que recebe uma mezada. Se elle vier não ha remedio senão recebel-o.

PEDRO—E' então o seu herdeiro?

JORGE—E'... se a tia não casar.

PEDRO—Casar-se!... Uma senhora tão religiosa, que não vê homem algum a não ser o sr., e eu... não acredito!

JORGE—As mulheres são caprichosas, como diz Stael... Ora imagine que o meu amigo, como seu creado antigo, que a conheceu creança, lhe diz que ha um homem que lhe convem e que está apaixonado por ella...

PEDRO—Aposto que é o sr.?...

JORGE—Adivinhou...

Digitized by Google

SCENA II

Os Mesmos e JAYME

JAYME—*(entrando)* Muito bons dias.

JORGE—*(áparte)* Alerta!

JAYME—E' aqui a morada da sr.ª D. Amelia d'Ornellas? Sou seu sobrinho e procuro-a para a abraçar. *(áparte)* E agarrar-lhe algum dinheiro.

JORGE—*(áparte)* Os diabos te levem! *(alto)* Tenho muito gosto em o conhecer, sou o administrador de sua tia... ella ficará muito contente de o ver.

JAYME—*(áparte)* Isto tem o aspecto de um convento, de que minha tia seja a abbadessa.

JORGE—Desculpe ter de me retirar. De caminho avisarei sua tia. *(sae)*.

SCENA III

JAYME e PEDRO

PEDRO—Ha muitos annos que não vê sua tia?

JAYME—Não tenho o gosto de a conhecer; tenho vivido sempre no Porto, apesar de em todas as cartas me dizer que desejava ver-me. Diga-me, minha tia demorar-se-ha muito? Sinto-me fraco, nada comi no caminho de ferro...

PEDRO—Terá de esperar para a hora da ceia; oito horas e meia. Ahi vem sua tia.

JAYME—Aquella de luto carregado?

PEDRO—Veste sempre assim.

SCENA IV

Os mesmos e AMELIA *(entrando)*

PEDRO—Minha senhora, aqui tem seu sobrinho, que acaba de chegar do Porto... *(sae)*

AMELIA—Louvado seja Deus!

JAYME—*(querendo abraçal-a)* Adorada tia!...

AMELIA—*(fugindo-lhe)* Deus te abençôe. Estás um homem! Senta-te ao pé de mim. *(Jayme senta-se)* Emquanto conversas vou fazendo meia... ouço o que tu me dizes, e vou trabalhando para os pobres. Então qual é o motivo da tua visita?

Digitized by Google

JAYME—E' que tenho a pedir-lhe...

AMELIA—O que?

JAYME—Que me aconselhe... *(áparte)* Não sei o que digo.

AMELIA—Um conselho! E sabes se estou no caso de t'o dar? Até aos 21 annos estive n'um convento, depois vim para aqui, aonde estou encerrada da mesma maneira. Não tenho experiencia do mundo; mas no entanto dize.

JAYME—*(com hypocrisia)* Em primeiro logar agradeço-lhe a minha mezada...

AMELIA—Não ha logar para agradecimentos. E's o meu unico parente: Deus permitta que gastes bem a tua mezada.

JAYME—Perfeitamente, faço bem a todos que posso. *(áparte)* Pandega e mais pandega! *(alto)* Mas agora, se a procuro, é por causa d'uma paixão. Estou louco, desejo unicamente chamar-lhe minha...

AMELIA—Não posso ouvir essas confidencias...

JAYME—*(áparte)* Máo!... *(alto)* Está encadernada primorosamente...

AMELIA—Não entendo. Falla claro; a que te referes?...

JAYME—A obra a que me refiro é o *Flos Sanctorum*, do padre Diogo do Rosario. *(áparte)* Que grande mentira! *(alto)* E só custa quarenta e cinco mil reis. *(áparte)* Dez louras para o pagode!

AMELIA—E não tens algum dinheiro junto?

JAYME—Dinheiro junto! O ultimo ficou-me no Dáfundo, antes d'hontem.

AMELIA—O que?

JAYME—*(áparte)* Lá disse asneira! *(alto)* E' um estabelecimento de caridade, que tenho grandes desejos de proteger, fundado por uma associação de senhoras que não tem que fazer!... *(áparte)* E' tolice grossa.

AMELIA—Visto ser uma obra meritoria vou buscar-te o dinheiro.

JAYME—Adorada tia!...

SCENA V

Os Mesmos e Jorge

JORGE—*(entrando)* Chego a tempo. Acabo de descobrir cousas bonitas! V. ex.ª sabe quem é este homem?

AMELIA—E' meu sobrinho, que veio para o auxiliar n'uma obra meritoria.

Digitized by Google

JORGE—E não tem o sr. vergonha de enganar sua tia? Tudo quanto seu sobrinho tem dito é falso; o que elle quer é dinheiro para partir para Madrid, com uma cantora do Colyceu. Tudo soube por esta carta que lhe caiu do sobretudo, quando o deixou n'uma cadeira na casa d'entrada! Ora queira ouvir, minha senhora.

JAYME—Quem o auctorisou a apoderar-se d'uma carta que não é para o sr.?

JORGE—O interesse que tenho por sua tia. Ora queira ouvir: «Querido Jayme: Desejo safar-me quanto antes; estou farta de cantar, só quero gosar as delicias do amor, nos teus braços. Apanha dinheiro a tua tia e passemos o pé. Tua,—Carmen.»

AMELIA—Meu Deus, que horror!

JAYME—*(áparte)* Tirou o diabo a manta. *(alto)* E' verdade. gosto d'ella, preciso de dinheiro para ser feliz, eis a verdade.

AMELIA—Estás perdido!

JAYME—Não me atrevia a dizer-lhe a verdade, por isso menti para obter o dinheiro que preciso; mas visto que tudo se descobrio, vou-me embora, e viva a pandega!...

AMELIA—Tu não saes d'aqui... Sou tua tia, o teu unico parente, e hei-de salvar-te d'esse trilho errado em que tens andado mettido.

JAYME—Não estou rsolvido a ficar aqui n'esta casa, que mais parece um convento negro e austero. Aqui não se póde amar, não se póde viver?...

AMELIA—Não sahiras d'aqui, senão depois de teres juizo. *(sae com Jorge, fechando a porta).*

SCENA VI

JAYME, depois PEDRO e AMELIA.

JAYME—Só depois de ter juizo! Então nunca sahirei. Mas por força é que não fico aqui. Estou fechado... em que me hei-de entreter? *(pegando n'um livro)* Vou lêr. *(lendo)* Sermão de S. Custodio, martyr. *(larga o livro)* Bonita leitura! Estou a cair com somno. O que será feito da minha gentil cantora? *(adormece).*

AMELIA—*(entrando)* Pouca bulha, está dormindo! Talvez o offendesse. Paciencia, heide cumprir a minha missão, e o caso é que sympathiso verdadeiramente com elle...

Digitized by Google

PEDRO—Pois elle tambem a estima muito. E diga-me, a sr.ª tem muito a peito que seu sobrinho não tenha vontade de sahir d'aqui?

AMELIA—Immensa, não imaginas!

PEDRO—Então para se não aborrecer, vamos tornar esta casa alegre e risonha. *(tira as cobertas das cadeiras, acende luzes e põe flores nas jarras que vae buscar á sala immediata)*

AMELIA—Está tudo muito alegre e risonho; se conseguissemos conserval-o...

PEDRO—Tenho a certeza d'isso. Agora á cosinha, arranjar uma ceia explendida, e trate-o com carinho, com amor; é preciso que o ame... Para não se aborrecer só precisa uma companheira... *(áparte)* Vencerei?... *(saem)*.

SCENA VII

JAYME e depois PEDRO

JAYME—*(acordando)* Bonito, emquanto dormia mudaram-me de casa! Estarei sonhando? *(toca a campainha)*

PEDRO—*(entrando de casaca e gravata branca)* V. ex.ª chamou?

JAYME—Que quer dizer esta transformação?

PEDRO—V. ex.ª chegou tão precipitadamente...

JAYME—Então minha tia não é inimiga do fausto? E eu com as luvas na algibeira! *(calça-as)*

PEDRO—Agora se V. ex.ª quer, sirvo a ceia. *(vae fóra e traz uma meza completamente servida)*

JAYME—Emquanto me tratarem assim, não me vou embora. Que magnifica ceia! Ó sr. administrador é que mandou?

PEDRO—Isso sim, o sr. administrador deseja administrar a fortuna de sua tia, por conta propria.

JAYME—*(zangado)* Patife! E minha tia é muito rica?

PEDRO—E' milionaria.

JAYME—*(bebendo)* Á saude dos milhões da tia!

PEDRO—Vê como está aqui bem?... Só o que lhe falta é uma mulher.

JAYME—E' verdade...

PEDRO—Mas sua tia...

JAYME—Com aquelle aspecto beato, a fazer meia para os pobres? E' d'um ridiculo!...

Digitized by Google

SCENA VIII

Os Mesmos e Amelia

AMELIA—*(elegantemente vestida)* Se Jorge me procurar que espere.

PEDRO—*(a Jayme)* E agora ainda é ridicula?

JAYME—*(a Pedro)* Adoravel!...

PEDRO—Parece-me que venci! *(sae)*.

JAYME—Com franqueza a tia é ao mesmo tempo a dama moralista e austera e a belleza elegante!

AMELIA—Sou a mesma, e segundo o que tu dizes ganhei com a mudança. Estavas já aborrecido? pois podes retirar-te, vae gosar os teus prazeres. Darte-hei bastante dinheiro para satisfazeres todos os teus caprichos. *(senta-se no sophá)*

JAYME—Vou-me já embora. *(senta-se no sophá junto de Amelia)* Ah! tia! *(pega-lhe na mão e beija-a)* Que mãosinha de fada! E' encantadora!

SCÈNA ULTIMA

Os Mesmos e Jorge

JORGE—*(da porta)* Que atrevimento! Felizmente cheguei a tempo. *(Amelia volta-se de maneira que Jorge não lhe vê a cara)* Retire-se d'aqui e leve tambem essa cantora, que não devia profanar com o seu halito peçonhento esta virtuosa casa! E Deus queira que sua tia nada saiba... Se ao menos essa cantora fôsse uma mulher honrada, casava e...

JAYME—Pois é isso mesmo que eu quero.

JORGE—Com esta senhora?

JAYME—Com esta senhora, a quem amo com idolatria.

JORGE—*(áparte)* E assim vejo-me livre d'elle. *(alto)* Está dito, approvo o casamento com procuração de sua tia.

JAYME—*(mostrando-lhe Amelia que se volta para elle)* Então abra os olhos! E como cá em casa não quero quem mande mais do que eu e minha esposa, está despedido.

JORGE—Fui vencido.

AMELIA—Tem graça!... os nossos filhos serão teus primos!...

CAE O PANNO

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA APOSTA

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSE SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha do merito, Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representada com geraes applausos em differentes theatros.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1852

Digitized by Google

PERSONAGENS

Emma, Julio, Bernardo, Carneiro

ACTUALIDADE — N'UMA QUINTA DOS ARREDORES DE LISBOA

ACTO UNICO

Sala elegante. Porta ao fundo e lateraes. Ao fundo um formoso jardim.

SCENA I

Emma e Carneiro

CARNEIRO. Vamos filha é preciso decidires-te; já estás em edade de casar, apresento-te dois pretendentes para escolheres, e qual d'elles o melhor.

EMMA. Tenho cá o meu ideal! em quanto não o encontrar não cazo.

CARNEIRO. Isso é poesia, quer dizer creancisse.

EMMA. Descreva-me lá os meus pretendentes.

CARNEIRO. Olha o primeiro é o sr. Bernardo, muito rico, esteve muitos annos em Inglaterra, é um typo muito correcto, baixo, gordo, muito ruivo e corado.

EMMA. Um urso. Vamos ao outro.

CARNEIRO. O outro é o sr. Julio, proprietario, vinte o cinco annos, muito alegre e devertido, alto, magro, e trigueiro.

EMMA. Mas o meu ideal é louro.

CARNEIRO. Ha um mez me disseste o contrario, gostavas mais dos trigueiros.

EMMA. E' porque mudei de parecer.

CARNEIRO. E's uma louca, mas olha que te deves ir vestir mais *chic*, porque os teus pretendentes não tardam ahi.

EMMA. Que aborrecimento! (*sae.*)

Digitized by Google

SCENA II

Carneiro (só)

E' um anjo esta minha filha, muito feia deve ser o marido. Mas o dificil é que não se resolve a escolher o ditoso mortal.

SCENA III

Carneiro, Julio e Bernardo (que apparecem á porta)

Bernardo. Posso entrar?

Julio. Posso entrar?

Carneiro. Entrem senhores, e sentem-se. (*tira-lhes os chapeus.*)

Julio. (*sentando-se*) Muito obrigado.

Bernardo. (*sentando-se*) Com licença.

Julio. Ora aqui me tem, vim logo assim que recebi a sua carta. Muitas recommendações do meu tio Affonso. Elle disse-me que já era tempo de eu ter juizo, de acabar com a extravagancia. Porque eu tenho um genio muito folgazão, muito pandego. E sua filha não apparece, estou morrendo d'impaciencia por contemplar esse agregado de primorosos encantos. (*tirando uma photographia da algibeira.*) Aqui está o seu retrato, desde que o meu amigo m'o enviou nunca mais me separei d'elle.

Carneiro. Pois se me dão licença vou avisar minha filha da sua chegada.

Bernardo. Não se incommode.

Julio. Sim, desejava vel-a quanto antes.

Carneiro. Então com licença. (*sae.*)

SCENA IV

Julio e Bernardo

Julio. (*áparte*) Já vou embirrando com este homem. E'

Digitized by Google

a minha sombra! Meto-me em Santarem no comboi, e encontro logo este figurão, que durante toda a viagem não oi capaz de dar uma palavra, veiu sempre a dormir. Eu não sou fallador, mas aborrece-me a gente callada... Chego ao hotel Pelicano, lavo-me, peço d'almoçar, dirijo-me á casa de jantar, e ao sentar-me á mesa dou com este figurão sentado a almoçar, acabo de comer, pego no chapéo e saio, elle que sae logo atraz de mim, e quando subia esta escada elle atrás de mim, bato á porta abrem, e elle entra tambem, irra é o meu *cabrion*.

Bernardo. (*áparte*) Falla sósinho! Será maluco!

Julio. Senhor já estou farto de ser seguido pelo sr. Saiba que venho aqui para me casar.

Bernardo. E eu tambem.

Julio. E desconfio que a noiva é só uma.

Bernardo. E eu tambem.

Julio. (*tirando o retrato*) Aqui está o seu retrato.

Bernardo. (*tirando um retrato*) Aqui está o seu retrato. (*trocam os retratos.*) Dê-me licença. É a mesma!

Julio E' a mesma! N'este caso creio que nenhum de nós cederá.

Bernardo. Eu não cedo.

Julio. Nem eu.

Bernardo. Mas cuidado commigo que tenho muito máo genio.

Julio. Tambem eu.

Bernardo. Que sou muito bruto.

Julio. Tambem eu.

Bernardo. Deixemo-nos por hora de questões. Examinemos o caso. Ambos viemos para casar com a mesma mulher. E não me convem que seja ella que escolha. Por isso só temos um meio,

Julio. Váe propor-me algum duelo previno-o que não posso aceitar.

Bernardo. Porque?

Julio. Porque sou membro da associação protectora da humanidade, tendo por isso de conservar a minha vida.

Bernardo. E' então uma sociedade de valentões.

Julio. Duvida? Deite-se ao rio e verá como o salvo.

Digitized by Google

Bernardo. Muito obrigado. Não gosto de banhos. Mas não é essa a questão. E' percizo que um de nós ceda o campo.

Julio. A pequena, é para mim.

Bernardo. Ou para mim.

Julio. Vou propor-lhe uma concordata.

Bernardo. Diga.

Julio. Fazemos uma aposta, o que perder perde a pequena.

Bernardo. Qual é aposta?

Julio. A aposta é a seguinte. Nem eu fallo diante do sr., nem o sr. diante de mim.

Bernardo. Aceito; eu sou capaz de estar um mez sem fallar.

Julio. Eu o farei fallar.

Bernardo. Duvido.

Julio. Veremos.

Bernardo. Não tem que duvidar.

Julio. Ah! ella ahi vem, para não lhe criar dificuldades, deixo-o só! (*Sáe.*)

SCENA V

Bernardo, Carneiro e Emma

Carneiro. (*entrando.*) Então está só!

Bernardo E' verdade

Carneiro. Minha filha, tenho a honra de te apresentar o sr. Bernardo da Silveira.

Bernardo. Minha senhora, tenho muito prazer em travar conhecimento com v.ª ex.ª (*á parte.*) E' muito bôa, muito *chic.*

Emma. (*comprimentando-o.*) Tenha a bondade de se sentar.

Carneiro. Então o outro cavalheiro sahio, pois vou ao seu encontro. (*a Emma.*) Faze as honras da caza a este sr. (*sáe*)

Digitized by Google

SCENA VI

Emma e Bernardo

Bernardo. V.ª ex.ª sabe sem duvida o motivo da minha vizita

Emma. Sei.

Bernardo. Pois muito bem minha senhora pela minha parte, com certesa não haverá duvida.

Emma. Duvida, em que?

Bernardo. Em cazarmos.

Emma. Devagar senhor, meu páe afirma que eu estou em edade de cazar, e eu penso exactamente o contrario. Propoz-me um dos senhores para meu marido, conforme a minha livre escolha. Por isso eu é que heide decidir.

Bernardo. Mas decida.

Emma. Não tenho pressa, ainda não os conheço bem. De mais a mais o sr. falla-me com um modo, com uma superioridade, que nada authoriza.

Bernardo. Tem razão. (*cahindo de joelhos.*) Vel-a e amal-a foi obra d' um momento.

Emma. (*rindo.*) Tem graça. (*Julio aparece ao fundo*)

Bernardo. (*vendo Julio, á parte*) Cá está o maldito. Safo-me. (*sahe rapidamente.*)

Emma. Mas... (*admirada*) E foi-se embora! (*reparando em Julio, á parte.*) Agora o outro!

SCENA VII

Emma, e Julio

Julio. Minha senhora, a cazualidade fez com que eu a visse, antes que seu papá me appresentasse, por isso me apresento eu: sou Julio de Mello, pertendente á sua mão, e namorado da sua gentil belleza.

Emma. Senhor.

Julio. E aproveito a feliz casualidade, de poder fallar-

Digitized by Google

lhe sem testimunhas, para lhe dizer tudo quanto sinto. v.ª ex.ª não me conheçe bem.

Emma. Nem bem, nem mal.

Julio. A pouco e pouco me irá conheçendo. Eu sou homem de poucas palavras. O seu papá propoz-me como candidato a pussuidor d'essa mãosinha de neve, d'essa mãosinha ideal. Mandou-me o seu encantador retrato, que eu trago sempre aqui junto ao meu coração. *(Bernardo aparece e desapareçe alternadamente, á parte.)* Lá está o nosso amigo.

Emma. E que mais. *(pauza.)*

Julio. Jure-te que me hás de pagar.

Emma. Está encommodado? Callou-se de repente! *(Julio fáz signal que não.)* Para onde está olhando? *(Bernardo esconde-se.)*

Julio, Estava pensando.

Emma. Veja lá se está incommodado. Quer uma chavena de chá?

Julio. Muito obrigado, é que...

Emma. *(á parte.)* Estará doido? Está convulso, atrapalhado, perdeu a côr!

Julio. V.ª ex.ª não deve estranhar... *(Bernardo apareçe.)*

Emma. *(vendo que Julio não falla, á parte)* Outra vez! *(Bernardo esconde-se.)*

Julio. Dizia eu que V.ª ex.ª não deve extranhar, a minha perturbação, é uma prova do meu amor e... *(apareçe Bernardo)*

Emma. Advinho o que vae dizer-me, que essa perturbação é filha do amor que me consagra, não é verdade. *(Julio diz que sim com a cabeça)* Que desde que vio o meu retrato ficou louco por mim. *(Julio diz que sim com a cabeça)* Então está mudo! *(Julio diz que não.)*

Julio. *(á parte)* Se não fallo rebento.

Emma. *(á parte)* Está doido não tem que ver. E que olhares me deita! Nem me atrevo a gritar. Sr., tenho a onde ir, *(levanta-se e vê Bernardo)* Ah! o sr. entre, entre. *(Bernardo entra)* Vem do jardim? *(Bernardo diz que sim com a cabeça. á parte a Bernardo)* Ah! meu Deus, estava com medo d'elle, é um doido!

Digitized by Google

Julio. (*á parte.*) Não fallarei, apezar de-se estar dever-tindo á minha custa.

Emma. (*á parte a Bernardo-*) Então passeiou muito? (*Bernardo diz que sim com a cabeça.*) Vio o jardim? E o sr? (*a Julio diz que sim por signal.*) Mais diga alguma couza (*a Bernardo.*) Falle. (*Aparte.*) Meu Deus! Tambem este! (*Ambos lhe estendem a mão, ella dá um grito e foge.*) Ah! ai! ai!

SCENA VIII

Julio, Bernardo e depois Carneiro

Julio. (*á parte.*) Parece-me que isto vae acabar triste.

Carneiro. (*entrando, a Julio.*) Graças a Deus que o encontro. Estão de pé! (*Julio e Bernardo voltam as costas e dirigem-se para a porta.*)

Carneiro. (*áparte.*) Isto é uma grosseria, e logo os dois! (*agarra cada um por seu braço, e tral-os á scena.*) Senhores hão-de-me explicar o seu procedimento.

Julio. (*á parte.*) Isto está bonito!

Bernardo. (*á parte.*) Isto hade ser bom!

Carneiro. Não mereco tal disconsideração. Saem quando eu entro (*Julio e Bernardo durante esta falla, dizem sempre por signaes, sim ou não.*) Qual o motivo? Apposto que minha filha lhes fez alguma desconsideração? Tratou-os mal? Não gostou dos srs.! é ainda muito criança, mas fará a felicidade do homem que casar com ella. Espero que não se retirem, esta quinta é muito bonita, e os seus quartos estão preparados.

Julio. (*á parte.*) Se me podesse safar.

Emma. (*dentro chamando.*) Papá?

Carneiro. Estou aqui!

Digitized by Google

SCENA IX

Os mesmos e Emma

Emma. *(entrando, baixo a Carneiro.)* O papá está sô com elles!

Carneiro. Então o que tem isso?

Emma. São dois doidos.

Carneiro. Explica-te.

Emma. Estão a fallar e no meio da conversa, param e ficam mudos.

Carneiro. O mesmo aconteceu commigo! Isto não é natural!

Julio. *(á parte.)* Se me safo, fica o outro.

Bernardo. *(á parte.)* Se o meu rival, se fosse embora.

Emma. *(a Carneiro.)* Falle com elles a ver.

Carneiro. Diga-me cá, gostam ao almoço de ovos fritos? *(Julio e Bernardo dizem com a cabeça sim.)* E de café com leite *(o mesmo.)* E de assorda? *(o mesmo.)* Se não querem fallar não fallem, eu não os obrigo *(a Emma.)* Talvez separando-os. Olha leva o Bernardo para o jardim, que eu fico aqui com o outro.

Emma. *(a Carneiro)* Está dito. *(alto.)* sr. Bernardo quer dár uma volta pelo jardim? *(Bernardo diz com a cabeça que sim e offereçe o braço a Emma que o aceita com receio sahindo pelo fundo. Carneiro agarra-se ao braço de Julio.)*

SCENA X

Julio e Carneiro

Carneiro. Desejo preguntar-lhe.

Julio. Não lhe posso responder. Fas-me um favor?

Carneiro. O que quizer.

Julio. Pois bem, vá immediatamente chamar o sugeito que d'aqui sahio, que lhe precizo fallar.

Digitized by Google

Carneiro. (*á parte.*) Estou com medo d'elle (*alto.*) N'um instante venho aqui com elle.

Julio. Que venha só. Percizo fallar-lhe sem testimunhas. Outro favor.

Carneiro. O que quizer.

Julio. Traga-me papel, penas e tinta.

Carneiro. (*á parte.*) Estou bem arranjado, meido com um doido, (*alto.*) Vou buscar o que me pede (*sáe*)

Julio. Muito desgraçados devem ser os mudos de nascença! Não tenho paciencia para continuar com esta tolla apposta.

Carneiro. (*entrando.*) Aqui está tinta, pena, e papel. (*colloca em cima da secretaria, e sáe correndo.*)

SCENA XI

Julio e depois Emma

Julio. Vamos a isto.

Emma. (*entrando, á parte.*) Vamos a ver se a este lhe sucede o mesmo. (*alto.*) Sr...

Julio. Oh! minha senhora, peço-lhe mil perdões.

Emma. Então já falla!

Julio. Sim minha querida Emma, e creio que fallarei até ao dia do juizo. E' nessesario que saiba o que a contece. Está por ahi o outro, o meu rival?

Emma. Ficou com o papá.

Julio. Então posso fallar. Saiba V.ª ex.ª que sou victima d'uma extravagancia d'esse sr., eu que sou o homem mais bem educado que conheço, commetti uma falta, e com quem? Com a pessoa, aos olhos de quem eu queria apparecer mais delicado e sympathico. Antes de a ver, e ao saber que ambos vinha-mos com o mesmo destino. (*apparece Bernardo e Carneiro, Julio tapa a bocca, Emma zangada dirige-se aos dois.*) Façam favor de sahir.

Carneiro. Mas filha, foi o sr. Julio, que me pedio para chamar este sr.

Emma. Saiam, tenho que fallar a este sr.

Carneiro. (*a Bernardo.*) Vamos dár mais uma volta pelo jardim. (*saem.*)

Digitized by Google

SCENA XII

Julio e Emma

Emma. Diga-me tudo d'uma vez, sem rodeios.

Julio. Appostá-mos que aquelle que primeiro fallasse deante um do outro, uma unica palavra que fosse, renunciaria á sua mão.

Emma. *(rindo-se.)* Que extravagancia.

Julio. Foi o mesmo que eu penei. Mas para pussuir a sua mão de tudo seria capaz, e a tudo me sugeitaria.

Emma. *(á parte.)* Vou comecando a gostar d'elle *(alto.)* Pois se não é mais do que isso, eu me obrigo a fazer fallar o outro.

Julio. *(com alegria.)* Então ama-me?

Emma. Não tratemos agora d'isso. Deante d'elle esteja callado, succeda o que succeder.

Julio. Mas se v.ª ex.ª me ama, vou já declarar-lho e acabamos com isso.

Emma. E a aposta! Quer perder a apposta?

Julio. Tem razão.

Emma. *(gritando.)* Soccorro!... acudam!...

Julio. Vão julgar outra cousa.

Emma. Calle-se! *(gritando.)* Acudam! acudam!

SCENA ULTIMA

Todos

Carneiro. *(entrando.)* Que é isto! O que aconteceu?

Emma, Ai! ai! ai!

Carneiro. *(a Julho.)* O que é que o sr. lhe fez!

Emma. Ai! ai! ai! *(caé desmaiada.)*

Carneiro. Valha-me Deus! Minha querida filha torna a ti. *(a Bernardo.)* Vinagre!... qualquer cousa.

Bernardo. *(correndo á porta.)* Agua.

Emma. *(levantando-se.)* Já não é percizo! *(a Bernardo.)* Perdeu o sr. a apposta.

Digitized by Google

BERNARDO. (*admirado.*) Pois sabia!

CARNEIRO. Mas tu não me explicas?

EMMA. Tem pouco que explicar, escolho o sr. Julio para meu marido.

BERNARDO. Eu então fiquei a chuchar no dedo!

CARNEIRO. Nada chega á astucia d'uma mulher, quando se tracta de negocios d'amor.

CAÉ O PANO

FIM

Digitized by Google

ASTUCIAS DE NAMORADA

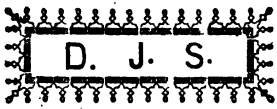
COMEDIA EM UM ACTO

POR

Diogo José Seromenho

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representada com applauso no theatro da rua dos Condes.



THEATRO CONTEMPORANEO
BIBLIOTHECA FUNDADA EM 1869
DIOGO SEROMÊNHO — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24, 2.º
LISBOA — 1884

Digitized by Google

PERSONAGENS

ANICETO—JOSÉ—ANTONIO—ANDRÉ—ANNA—JULIA.

ACTO UNICO

Jardim. Á esquerda uma casa, ao fundo um caramanchão.

SCENA I

JULIA e ANTONIO

ANTONIO—*(ralhando com Julia)* Ainda não vi maior descarada! Não fazes senão namorar os soldados do destacamento. Agora até o corneta!

JULIA—E' insupportavel! Já vio o sr. André hoje?

ANTONIO—Deve estar a dormir.

JULIA—Tem graça! Dormir a estas horas, no dia em que se devem assignar as escripturas de casamento com a menina Anna, que é lindissima e muito rica. Aposto que o sr. José não era capaz de praticar um acto d'estes.

ANTONIO—Isso sim; levanta-se de madrugada, parece que vae armar aos passaros. E' para se encontrar comtigo e dar-te cartinhas, como fez hontem.

JULIA—E que tem o sr. com isso? Não tem tambem reparado como o sr. José veio bonito e elegante? Eu no logar da menina antes queria casar com elle do que com o sr. André.

ANTONIO—Forte tola! Um não tem vintem, o outro é riquissimo. A escolha é difficil.

JULIA—E' pobre porque o pae metteu-se em especulações ruinosas, e o pouco que deixou, empregou-o elle em pagar as dividas para que a memoria do pae não ficasse manchada. Olhe, ahi vem a menina Anna. *(Antonio sae).*

SCENA II

ANNA e JULIA

ANNA—*(entrando)* A carta de José? Entregaste-a em segredo? Dar uma entrevista a um homem é caso muito serio... O que me anima é que José é um amigo de infancia. Hoje tem de ser assignadas as escripturas do meu casamento com um homem que detesto, ao passo que amo

Digitized by Google

com loucura o meu bondoso José. Não sei o que me contém, que não declaro tudo a meu pae; de mais a mais agora que sei que elle se quer afastar para longe de mim.

JULIA—Seu pae é um homem honrado e muito seu amigo; o melhor é contar-lhe tudo.

ANNA—E se meu pae consentisse. José recusaria, com o pretexto de que é pobre e eu sou rica. Empregarei a astucia, que é a arte suprema das mulheres. Quero que me encontrem a sós com José, para que haja tamanho escandalo, que só possa remediar-se com o nosso immediato casamento. O meio que empreguei não falha: recebeu a minha carta, hade vir, e logo que esteja só comigo, farei a diligencia para que meu pae nos surprehenda.

JULIA—Assim é casamento certo, infallivel.

ANNA—Tenho a certeza d'isso.

JULIA—Repare, menina, como o sr. José se vae safando ao fundo do jardim.

ANNA—E' capaz de desapparecer. Olha, corre atraz d'elle e chama-o, que lhe preciso fallar. *(Julia sae a correr).*

SCENA III

ANNA, depois JOSÉ

ANNA—Elle ahi vem, sempre consegui que se não afastasse.

JOSÉ—*(entrando)* Ás ordens de v. ex.ª...

ANNA—Recebeu a minha carta, e queria partir?

JOSÉ—Minha senhora, eu não devia vir aqui: não devia tornar a vel-a, porem a sua carta fez-me vacillar, e aqui estou ao seu dispôr.

ANNA—Sou muito infeliz, só o sr. me pode salvar.

JOSÉ—Mande, que obedecerei...

ANNA—Só desejo que seja condescendente comigo; e em paga affirmo-lhe que as escripturas do meu casamento não serão assignadas.

JOSÉ—Oh! isso seria a felicidade! Mas não, é impossivel, seria uma desgraça para André, a quem eu devo tantos favores.

ANNA—Realmente acho-lhe graça.

JOSÉ—Mas esse casamento era do seu gosto...

ANNA—Mas não o é agora.

JOSÉ—Olhe que é um bom rapaz e será um bom marido.

Digitized by Google

ANNA—Esses elogios para mim não servem. Quer fazer a felicidade do seu amigo a custa da minha ventura! Pois bem, se caso com elle, morro!

JOSÉ—Mas eu quero que viva, daria todo o meu sangue para a fazer venturosa.

ANNA—Não parece.

JOSÉ—Na minha alma trava-se uma lucta cruel. O homem a quem tanto devo e que tão meu amigo é, o seu noivo, o seu futuro marido... Isto é para enlouquecer. O céu não é justo!

ANNA—Olhe, sei que me ama; deixe o caso por minha conta, era isto o que lhe queria dizer. Não se retire e conserve-se neutral.

JOSÉ—Vem gente. Fujo! *(pega-lhe na mão e beija-a. Anna segura-lh'a).*

ANNA—Já não é preciso fugir; olhe quem ali vem.

JOSÉ—Meu Deus, seu pae! Se elle visse!

ANNA—Beijar a minha mão, de certo que viu.

JOSÉ—*(fugindo a correr, F.)* Não diga isso!

SCENA IV

ANNA e ANDRÉ

ANNA—Pobre amigo.

ANDRÉ—Quanto sou feliz, por encontrar aqui a minha encantadora noiva.

ANNA—*(seccamente)* Bom dia.

ANDRÉ—*(áparte)* Parece que está zangada. *(alto)* Em breve começará a nossa eterna ventura. *(Anna sae)* O amor que lhe consagro é d'aquelles... *(reparando que está só)* Bem digo eu, está zangada, retirou-se sem dar cavaco.

SCENA V

ANDRÉ e ANICETO

ANICETO—*(entrando, E)* Estavas aqui com Anna?

ANDRÉ—Estava.

ANICETO—Pois senhores, acho graça que andem em colloquios pelo jardim. Deixa estar que eu me vingarei... Eu estava perto conversando, e vi...

Digitized by Google

ANDRÉ—O que?

ANICETO—Beijar a mão a Anna.

ANDRÉ—Essa é melhor! Declaro-lhe cathegoricamente que se alguem beijou sua filha, não fui eu.

ANICETO—Homem, então tu dizes isso? E' o mesmo que pôr em dúvida a honestidade de minha filha.

ANDRÉ—O sr. é que a está pondo em duvida, com essa historia do beijo.

ANICETO—Expliquemo-nos! Tu estavas aqui?

ANDRÉ—Eu estava.

ANICETO—Beijaste-lhe a mão?

ANDRÉ—Já lhe disse terminantemente que não. Sua filha nem me respondeu ao que eu lhe disse; voltou-me as costas e foi-se embora.

ANICETO—Homem, eu parece-me que não sou cego. *(chamando)* Anna! Anna!

SCENA VI

Os mesmos, ANNA, depois ANTONIO

ANNA—*(entrando)* Aqui estou, papá!

ANICETO—Anda cá, e dize-me: ainda agora beijou-te alguem a mão?

ANNA—Não me recordo.

ANICETO—Pois o André não te beijou o mão?

ANNA—Se alguem me beijou a mão, não foi com certeza o sr. André.

ANICETO—Pois se não foi o André, então quem foi?

ANTONIO—*(entrando)* Foi o sr. José!

ANICETO—Isso é impossivel!

ANDRÉ—Tu estás doido!

ANTONIO—O sr. José mette-se com todas as mulheres.

ANICETO—Fará elle a côrte a minha filha?

ANTONIO—E á Julia tambem. Todo se faz tolo com ella, que anda com a cabeça no ar.

ANICETO—Tudo quanto me dizem é inacreditavel.

ANDRÉ—E' necessario que a verdade triumphe. Sr.ª D. Anna, o José teve o atrevimento...

ANNA—Atrevimento, não, porque é verdade.

ANICETO—Essa agora!

Digitized by Google

SCENA VII

Os mesmos e JULIA

JULIA—*(entrando)* Uma carta para o sr. Aniceto.

ANICETO—De quem será? *(abre-a e lê)* Como se entende isto? Uma carta de José, e dactada de Lisboa, d'esta manhã! Então não estava elle aqui.

ANDRÉ—Isso é verdade.

ANNA—*(áparte)* Transtorna-me todos os planos. *(vae escurecendo pouco a pouco)*

ANICETO—Dize ao portador que fica entregue, e dá-lhe um copo de vinho. *(sae Julia com Anna, Antonio e Aniceto).*

SCENA VIII

ANTONIO e ANDRÉ

ANTONIO—*(entrando a correr)* A mim não me fazem o ninho atraz da orelha! A carta era uma cantiga. Ahi vem o sr. José, occulto pela escuridão; dirige-se para aqui.

ANDRÉ—Viste bem?

ANTONIO—Vi.

ANDRÉ—Pois bem, vigia-o, a ver o que elle faz. *(Antonio sae).*

SCENA IX

ANDRÉ, depois JOSÉ e ANTONIO

ANDRÉ—Este mysterio rala-me. Estará combinado com Anna para me enganarem? Como seria ridiculo! E' preciso esclarecer tudo; sinto passos... farei como nos antigos melodramas. Occultemo-nos. *(esconde-se atraz d'uma arvore)*

JOSÉ—*(entra com cuidado)* Ninguem me viu, está tudo recolhido. A mentira da carta deu um resultado magnifico. Desejo ver Anna, para lhe supplicar pela ultima vez que case com Anoré, porque é um marido digno. Vamos a ver se Julia lhe transmite o recado. *(dirige-se á janella do fundo)*

ANDRÉ—*(áparte)* Está junto da janella de Julia. Quereria ver que o Antonio não se enganou.

Digitized by Google

ANTONIO—*(dirigindo-se com cuidado a André)* Então tinha razão.

JOSÉ—*(chamando)* Julia, Julia!

JULIA—*(chegando à janella)* E' o sr. José?

JOSÉ—Sou. Desejava fallar a Anna.

JULIA—Eu vou avisal-a. *(sae da janella).*

SCENA X

Os mesmos, ANNA e JULIA

ANDRÉ—Oh! meu Deus, Anna sae de casa com Julia.

ANNA—Deixa-nos sós, e não esqueça o que te disse.

JULIA—Fique descançada. *(sae).*

JOSÉ—Ahi vem Anna, oh! meu Deus, dae-me forças para o sacrificio!

ANNA—D'esta vez não me hade escapar. *(senta-se).*

JOSÉ—*(aproximando-se)* Aqui estou.

ANNA—Deseja fallar-me?

JOSÉ—Rogar-lhe mais uma vez que faça a felicidade do meu amigo André.

ANDRÉ—*(áparte)* O que ouço! elle advoga a minha causa?...

ANNA—Sim, mas eu não amo esse homem, só amo o sr.

JOSÉ—Esqueça-me. Eu vou partir para sempre. Seria um infame se trahisse o meu amigo.

ANDRÉ—E eu que o acusava.

ANNA—*(chorando)* Como sou desgraçada!

JOSÉ—*(commovido)* Não me tire a coragem de que tanto preciso.

ANDRÉ—*(commovido)* Santo amigo.

ANNA—Pois bem, parta, mas não casarei com o seu amigo, morrerei solteira.

JOSÉ—Tenha compaixão d'elle, do meu amigo.

ANNA—Só se me pedir de joelhos:..

JOSÉ—*(ajoelhando)* Obedeço.

ANNA—Até que emfim. *(toca uma sineta)*

JOSÉ—Meu Deus, vem gente!

ANNA—*(sem o deixar levantar)* Vem, vem.

ANDRÉ—O' Antonio, ajuda-me a carregar. *(carregam ambos nos hombros de José, para que não se levante).*

Digitized by Google

SCENA ULTIMA

TODOS, e alguns creados *(com lanternas)*

ANICETO—Que vejo, um homem aos pés de minha filha!

ANNA—D'esta vez não me escapa.

ANICETO—Que infamia, José de joelhos diante de minha filha!

JOSÉ—Sr. acredite...

ANDRÉ—Nem uma palavra, quem falla sou eu! Ouvi tudo e quero-te abraçar e agradecer.

ANICETO—Então elle agradece-lhe! E' doido!

ANDRÉ—Saibam que o José é o melhor dos amigos; estava aos pés de sua filha, para que o meu casamento se effectuasse. Sim o meu casamento com a mulher que elle ama, e pela qual é amado.

JOSÉ—Não acredite.

ANNA—E' tudo verdade, papá.

ANDRÉ—Em vista da sua nobre acção, renuncio n'elle todos os meus direitos.

JOSÉ—Impossivel! Eu sou tão pobre...

ANICETO—*(abraçando Anna e José)* Que importa isso?... eu tenho riqueza para os dois.

CAE O PANNO

Digitized by Google

51

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

NO CAMPO DA OPPOSIÇÃO

COMEDIA EM UM ACTO

REPRESENTADA COM APPLAUSO

D. J. S.

PREÇO 120 RÉIS

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA — 1878

Digitized by Google

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ GEROMÊNHO

UM VOLUME NITIDAMENTE IMPRESSO

CONTENDO OS SEGUINTES ORIGINAES

I Valei aos desgraçados.
II As reuniões do sr. Procopio.
III Uma tragedia em familia.
IV A navalha.
V As filhas da sr.ª Ignez.
VI Fiem-se em mulheres.
VII Martyrios sociaes.
VIII Pena de talião.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO

Portugal..... 500 réis
Brasil..... 1$000 »

Digitized by Google

NO CAMPO DA OPPOSIÇÃO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, etc.

D. J. S.

THEATRO CONTEMPORANEO

DIOGO SEROMENHO

EDITOR

LISBOA — 1878

Digitized by Google

PERSONAGENS

A CONDESSA DO LARANJAL.
CARLOS DE SOUSA, capitão d'artilheria.
DR. FREDERICO VASQUES, advogado.
UMA CRIADA.

A scena passa-se em Lisboa, em casa da condessa.

ACTO UNICO

Gabinete em casa da condessa, bem mobilado, porta ao fundo, e ditas lateraes.

SCENA I

FREDERICO, *só*

(Entra pelo fundo com um rolo de papeis). Disseram-me que a elegante condessa tinha ido assistir a um casamento, e que não deve tardar... *(Põe os papeis sobre a mesa.)* Esperal-a-hei n'este delicioso gabinete, com a impaciencia d'um verdadeiro namorado. *(Senta-se.)* Oh! como eu te amo! rainha entre as formosas!

SCENA II

FREDERICO, CONDESSA e a CRIADA

CONDESSA *(entrando pelo fundo com a criada).* Se me procurar o sujeito do costume dize-lhe que saí. *(Tira o chapéo e dá-o á criada que sae pela esquerda.)*

FREDERICO *(levantando-se).* Divina condessa!

CONDESSA. Não sabia que estava aqui. Venho de assistir a um casamento: mais outra victima!

FREDERICO. Que severidade! e é isso que a contrista?

CONDESSA. Não, estou enfadada, por causa d'um indiscreto, que ha dias me persegue obstinadamente com as suas visitas, deixando-me bilhetes, sob pretexto de que é meu inquilino novo.

Digitized by Google

FREDERICO. Talvez tenha que pedir a v. ex.ª alguns concertos na casa.

CONDESSA *(sorrindo-se)*. Maior motivo para não o receber... E é tambem possivel que seja algum novo adorador que o céo me envie.

FREDERICO. N'esse caso não o receba v. ex.ª

CONDESSA. A que devo hoje a honra da sua visita?

FREDERICO. A um assumpto importante... que direi a v. ex.ª depois de me haver extasiado perante a sua bellesa...

CONDESSA. Basta de galanteios... Já lhe disse que me desgostam as lisonjas.

FREDERICO. E é culpa minha ser v. ex.ª encantadora?

CONDESSA. Não é, mas... não gósto que m'o digam. Já está convencionado entre nós que não se falle em semelhantes assumptos, porque é cousa que me desagrada.

FREDERICO. É verdade que fizemos esse tratado, mas, como cumpril-o, se ha tres annos que a presença de v. ex.ª me desenvolve n'alma uma paixão irresistivel.

CONDESSA. Mais devagar, ha tres annos vivia meu marido.

FREDERICO. Isso é uma circumstancia attenuante... Porém ha um anno que v. ex.ª está livre...

CONDESSA. Não mais quero ser escrava... Renunciei para sempre ao casamento... O que soffri com o meu primeiro consorcio, faz com que não me torne a casar.

FREDERICO. É que naturalmente v. ex.ª foi sacrificada.

CONDESSA *(levantando-se)*. Como todas as mulheres. Convenho em que meu marido tinha excellentes qualidades, desgraçadamente já passava dos cincoenta e sete annos, e tinha uma gota horrivel, com todas as suas prerogativas. Máo humor,.. impaciencia... ira... cholera... etc. Quanto ao mais, era muito amavel, quando não estava doente, o que só lhe acontecia dois mezes por anno. Já póde vêr que tal foi a minha felicidade.

FREDERICO. Mas o que esperava v. ex.ª de cincoenta e sete annos, e d'uma gota horrivel?

Digitized by Google

CONDESSA. Por desgraça todos os maridos se parecem, quer sejam novos ou velhos.

FREDERICO. Triste conclusão!

CONDESSA *(animando-se)*. Todos são orgulhosos, perfidos, e despotas... E se alguma vez são amaveis, é quando exigem de nós a satisfação d'algum capricho, ou quando necessitam perdão para algum delicto grave. N'esse caso tornam-se a essencia da doçura, o extracto das caricias, nem o gato é mais traidor nem o cão mais submisso, porém assim que conseguem o que querem, voltam outra vez á tyrannia do costume. Por isso, meu amigo, se não quer que o deteste, aconselho-lhe sinceramente que não me ame. *(Senta-se junto á mesa da direita.)*

FREDERICO. Farei calar o meu coração.

CONDESSA. Quanto antes.

FREDERICO. Vamos ao motivo da minha visita. Necessito que v. ex.ª me dê uma procuração, com poderes de transigir, para a liquidação que sabe, aqui tem, v. ex.ª assigna, eu faço a reconhecer pelo seu tabellião, e está tudo prompto.

CONDESSA. Assigno sem ler *(assigna)*. Não entendo nada d'isto, e já são tres demandas que o doutor descobre na herança de meu marido.

FREDERICO *(guardando a procuração)*. Felizmente... é o meio unico de a vêr com frequencia.

CONDESSA *(levantando-se)*. O doutor é incorrigivel. *(Comprimentando-o.)* Adeus, doutor.

FREDERICO *(comprimentando-a, á parte)*. Ausenta-se. Que crueldade! *(A condessa sae pela esquerda.)*

SCENA III

FREDERICO, *só*

Assim é que são as mulheres, seductoras e esquivas... mas porque me rebelle... Se eu fosse feio, e não tivesse talento, vá; mas ao contrario, a natureza favoreceu-me, não posso explicar a rasão... *(Olha-se ao espelho.)*

Digitized by Google

SCENA IV

CARLOS e FREDERICO

CARLOS *(entra pelo fundo, fallando para fóra.)* Bem, esperarei que volte a senhora.

FREDERICO. Não me engano, é Carlos.

CARLOS. Frederico!... *(Abraçam-se.)* Ha dois annos que não te via.

FREDERICO. Então voltas d'Africa?

CARLOS. Ha tres mezes; conclui o meu tempo de serviço no ultramar, e saí capitão... E tu?

FREDERICO. Eu sou advogado como sempre, e estou apaixonado como nunca.

CARLOS. Apaixonado!

FREDERICO. E o que é peior, repellido pela dama dos meus pensamentos, que entre muitos dotes, tem o de cem contos de réis... Inutilmente a persigo, a condessa do Laranjal é inexpugnavel.

CARLOS. A condessa do Laranjal? Uma viuva encantadora?

FREDERICO. A mesma, deves conhecel-a...

CARLOS. Não; é esta a primeira visita que lhe faço como seu visinho, e inquilino, ha oito dias que móro na sobreloja do seu predio.

FREDERICO. Pois visto que lhe pretendes fallar, deixa dar-te um conselho d'amigo, se queres ser bem recebido, não lhe falles d'amor. A condessa é uma mulher incomprehensivel... Diz que todos os homens são despotas, e tyrannos... e despresa as nossas homenagens.

CARLOS. Magnifica conquista, e que deve dar muitas glorias.

FREDERICO. Tu ri-te... pois não ha nada mais exacto... Se lhe dizem que é linda, e a exaltam, tenho a certesa de que desejaria ser feia para nos provar o nosso erro. É um espirito de contradicção, e não sei que meio hei de empregar para conseguir que esteja d'accordo commigo.

Digitized by Google

CARLOS. Ser da sua opinião, é regra geral; as mulheres amam só os que as odeiam.

FREDERICO. Não acredito.

CARLOS. Não, pois tenho um meio infallivel, e se quizesse conquistar o seu coração, em tres assaltos tomava a praça.

FREDERICO. Queres tu ser meu alliado? Formemos uma alliança offensiva e defensiva. Vê se a convences de que tenho talento, que sou amavel...

CARLOS. É o mais difficil da empresa.

FREDERICO. Nas tuas mãos ponho a minha felicidade... falla com a condessa... elogia-me... conquista para mim...

CARLOS. Tratarei de justificar a tua confiança.

FREDERICO. Não exageres tanto o meu merito, que...

CARLOS. Fica descançado.

FREDERICO. Não digas mais que a verdade, adeus. *(Sae pelo fundo.)*

SCENA V

CARLOS, *só*

O que me disse a respeito da condessa incita-me a tentar eu a aventura, uma mulher adoravel e riquissima!... Creio que estou sériamente enamorado... Pobre Frederico!... Que diabo hei de dizer em seu favor?... Perderia o tempo... Nada, renego o meu alliado, e vou trabalhar por minha conta... pondo em pratica o systema de fazer opposição para chegar ao poder... é sempre um meio infallivel. Ella ahi vem.

SCENA VI

CONDESSA e **CARLOS**

CONDESSA *(pela esquerda).* Quem será este sugeito? E não me avisaram.... A quem tenho a honra de fallar?

CARLOS. A Carlos de Sousa, capitão do exercito. E novo visinho e inquilino de v. ex.ª *(Á parte.)* É encantadora!...

CONDESSA *(com frieza).* Já tive o gosto de receber de

Digitized by Google

v. s.ª uma boa porção de bilhetes de visita... Não lhe disseram que eu não recebia?

CARLOS. Sim, minha senhora, porém como eu insisti... tenho que pedir a v. ex.ª...

CONDESSA. Algum arranjo na casa?

CARLOS. É verdade, a chaminé mette muito fumo.

CONDESSA *(seccamente)*. Mandarei lá o procurador, eu não me intrometto com concertos de chaminés.

CARLOS. V. ex.ª desculpe...

CONDESSA. Era tudo que tinha a pedir-me?

CARLOS. Tinha tantas cousas que pedir a v. ex.ª... porém...

CONDESSA. N'esse caso... tenho a honra...

CARLOS *(á parte)*. Assim não me faz conta, seria a visita muito curta. *(Alto, com resolução, e indicando uma cadeira.)* Queira v. ex.ª ter a bondade de assentar-se.

CONDESSA *(admirada)*. O quê!...

CARLOS. Não posso consentir que v. ex.ª esteja de pé.

CONDESSA. Porém, parece-me que sou eu quem deveria...

CARLOS. Recusar seria um grande desgosto para mim.

CONDESSA *(com ironia)*. Seja... para o não desgostar... *(Senta-se á direita.)*

CARLOS. D'este modo me proporciona v. ex.ª o prazer de lhe fazer uma visita.

CONDESSA *(á parte)*. Que homem!

CARLOS *(á parte)*. Comecemos o ataque. *(Senta-se na cadeira opposta á da condessa, esta pega no bordado, Carlos no livro, momento de silencio.)*

CONDESSA *(á parte)*. Será importuno, mas não é fallador... Ouve-se voar uma mosca. *(Repara em Carlos que lê.)* Ah! está lendo?!... Que grosseria!...

CARLOS *(lendo)*. Manual de Civilidade... Capitulo primeiro... Das attenções que se devem ter para com as senhoras...

CONDESSA. Que dizia?...

CARLOS. Eu... nada...

CONDESSA. Sinto tel-o interrompido...

Digitized by Google

CARLOS. Não ha de quê. *(Torna a ler, e a condessa a bordar.)*

CONDESSA *(depois de silencio, tossindo).* É um modelo de delicadesa. *(Alto.)* Senhor?...

CARLOS. Minha senhora?...

CONDESSA Que está fazendo?

CARLOS. Uma visita a v. ex.ª

CONDESSA. Ninguem o ha de dizer *(Á parte.)* É um original. *(Alto.)* Eu julgava que quando se fazia uma visita a uma senhora, era costume fazer mais alguma coisa do que lêr.

CARLOS. Como v. ex.ª bordava... eu pensei...

CONDESSA. O bordar não me impede de fallar...

CARLOS *(fechando o livro).* Pois fallemos... não desejo outra cousa. *(Levanta-se.)*

CONDESSA. Graças a Deus!

CARLOS *(depois de pausa).* Parece-me que temos mudança de tempo... Vae chover antes da noute.

CONDESSA. O senhor é astrologo?

CARLOS. Não, minha senhora... *(Outro tom.)* Recebeu noticias da guerra do Oriente?

CONDESSA. Julga que me correspondo com o sultão.

CARLOS. Hoje todos estão em correspondencia com o Oriente, o porteiro de v. ex.ª disse-me que tinha noticias muito recentes da Porta.

CONDESSA. Não admira que o meu porteiro tenha relações com a porta... eu não.

CARLOS. Peço desculpa.

CONDESSA. Não ha de que. *(Nova pausa, Carlos canta.)* O senhor é musico?

CARLOS. Toco flauta.

CONDESSA. Conhece-se logo...

CARLOS *(á parte).* Parece-me que não gosta de musica.

CONDESSA. Cantava alguma romanza nova?

CARLOS. Não, minha senhora, conhece v. ex.ª a *Timbale d'Argent?*

CONDESSA. Não costumo ir senão a S. Carlos. A mu-

Digitized by Google

ica para mim é uma cousa sagrada. Mas voltemos á nossa encantadora conversação.

CARLOS. Já esgotei todos os assumptos.

CONDESSA. Depressa!...

CARLOS *(levantando-se)*. Que quer v. ex.ª? Fallo de politica, não lhe convem... consagro-me á musica, sou censurado... Colloque-se v. ex.ª no meu logar...

CONDESSA *(levantando-se)*. Então a uma senhora não se falla senão em politica ou musica... e isto quando se é homem de boa sociedade, e alguma cousa sympathico?! *(Á parte.)* É uma lição.

CARLOS. Muito obrigado, minha senhora.

CONDESSA. Os senhores assim que se dedicam ás armas, esquecem os seus principios amaveis, e não são capazes de dizer uma galanteria...

CARLOS. Isso é bom para os ociosos, ou idiotas...

CONDESSA. Não obstante, conheço um muito amavel, o dr. Frederico Vasques...

CARLOS. Frederico é um lunatico, um doido...

CONDESSA. Conhece-o?...

CARLOS. É o meu melhor amigo.

CONDESSA. Lisongeia os seus amigos!...

CARLOS. Eu, não lisongeio ninguem.

CONDESSA. Meio infallivel de desagradar a todos... Pois o seu amigo é o contrario do senhor, não é capaz de vêr-me cinco minutos, sem me dizer que sou linda, adoravel...

CARLOS. Faz mal... Eu já disse a v. ex.ª que elle é doido. As senhoras não estão dispostas a julgarem-se adoradas, se lh'o dizem com muita frequencia!

CONDESSA. Porém existem cortezãos sinceros...

CARLOS. Os cortezãos sinceros vão perdendo todos os seus poderes.

CONDESSA. Só o nosso é imorredouro.

CARLOS. Emquanto dura a bellesa, para aquellas que a tem.

CONDESSA. Tenho a desgraça de não lhe parecer bonita.

Digitized by Google

CARLOS. Não direi tanto... mas...

CONDESSA. Os desgostos é que me teem abatido. Soffri tanto durante os dois annos que fui casada... Foram dois annos de inferno. Nunca substituirei o defunto. *(Senta-se.)*

CARLOS. É um acto de caridade christã.

CONDESSA. Porque diz isso?

CARLOS. Porque o defunto devia ser muito desgraçado.

CONDESSA. E em que se funda para tal dizer?

CARLOS. Na sorte de todos os maridos em geral... Não creio que o de v. ex.ª fosse mais favorecido do que os outros.

CONDESSA. As mulheres é que são as desgraçadas.

CARLOS. Não, minha senhora, são os homens... Tenho uma triste experiencia...

CONDESSA. O senhor é!?...

CARLOS. Viuvo... Esta desgraça aconteceu-me dois annos depois de casado... Dois annos que espero me sejam contados por dez de purgatorio.

CONDESSA. Talvez escolhesse mal...

CARLOS. Como sempre; casei com uma mulher impossivel, cheia de ataques de nervos, de que padecia durante os doze mezes do anno. Deus me livre de substituir a defunta... *(Senta-se.)*

CONDESSA. Não obstante... senhor?...

CARLOS. Carlos de Sousa.

CONDESSA. Sr. Carlos, ha mulheres que não teem ataques de nervos, nem defeitos.

CARLOS. Alguns espiritos credulos assim o acreditam, porém mulher sem defeitos, seria como um ministro sem afilhados.

CONDESSA *(levantando-se)*. Pois acredite que ha mulheres perfeitas.

CARLOS *(levantando-se)*. Não acredite... Leia v. ex.ª Buffon, Plinio e todos os naturalistas.

CONDESSA. Os naturalistas são homens!... A despeito de todos os sabios, sustento que ha mulheres perfeitas.

CARLOS. Na lua, talvez, agora no nosso planeta é uma

Digitized by Google

especie desconhecida... Póde ser que com o tempo um novo Colombo a descubra.

CONDESSA. Isso é de mais!...

CARLOS. Peço a v. ex.ª perdão pela franquesa, mas eu suppuz que já a tinha avisado que fallava muito claro: desculpe se a feri involuntariamente, e retiro-me...

CONDESSA. Quando quizer.

CARLOS *(pegando no chapéo)*. Tenho a honra de a cumprimentar.

CONDESSA *(seccamente)*. Adeus!... *(Passa á esquerda.)*

CARLOS *(voltando-se)*. Quando terei o gosto de a tornar a vêr?...

CONDESSA. O quê?...

CARLOS. D'aqui a tres semanas... um mez?... quando quizer.

CONDESSA. Para a outra vez espero que saberá alguma cousa nova em musica sem ser a *Timbale d'Argent*.

CARLOS. Mudarei para o theatro de S. Carlos.

CONDESSA. Ahi ouvirá a boa musica.

CARLOS. Renovo os meus comprimentos. *(Sae pelo fundo.)*

CONDESSA. Adeus. *(Cumprimenta.)*

SCENA VII

CONDESSA, *agitada*

Singular visita! Que veio este homem fazer a minha casa? Se foi para dizer-me que sou feia, que ha mulheres amaveis na lua, e cantarolar, é deveras uma impertinencia de primeira ordem... Fiz mal em não lhe fallar mais claro. Se tiver outra vez o atrevimento de procurar-me... *(Senta-se junto á mesa da esquerda, pega n'um livro, que logo arremeça com impaciencia.)*

SCENA VIII

CONDESSA e **FREDERICO**

FREDERICO *(entra pelo fundo)*. Muito estimo encontrar a v. ex.ª, sr.ª condessa.

Digitized by Google

CONDESSA. Chega mesmo a proposito.

FREDERICO. Estranho o som d'essa voz que é sempre tão harmoniosa...

CONDESSA. O que pretende, doutor?

FREDERICO. Venho por causa d'uma circumstancia bem extraordinaria!... Tinha encarregado o meu amanuense de fazer um relatorio dos documentos respectivos á causa que vamos intentar, e por isso não sabia ainda quem era o réo, hoje porém ao lêr esse relatorio, é que vi quem é. Mal sabe v. ex.ª contra quem pleiteamos? Contra um dos meus melhores amigos... um rapaz chamado Carlos...

CONDESSA. Que mora n'este mesmo predio?

FREDERICO. Justamente.

CONDESSA. Saiu agora d'aqui.

FREDERICO. É um moço interessante, amavel, e sobretudo de uma galanteria...

CONDESSA. Cavalleiresca.

FREDERICO *(á parte)*. É preciso elogiar o meu protector. *(Alto.)* E não lhe fallou em mim?

CONDESSA *(sorrindo)*. Fallou... disse-me... cousas muito agradaveis.

FREDERICO *(á parte)*. Excellente amigo! esperto sou eu... *(Alto.)* Peço-lhe a sua protecção, sr.ª condessa, esse pobre rapaz tem sido victima da desgraça.

CONDESSA. Sim?!

FREDERICO. O infeliz já devorou a herança de um tio e duas tias.

CONDESSA. Que apetite!

FREDERICO. É um maganão de primeira força. Resta-lhe ainda um tio, com quem não poude ainda metter dente, e que nos propõe agora uma composição vantajosa, comtanto que seu sobrinho case...

CONDESSA. Quer que elle case?

FREDERICO. É uma idéa fixa a do tal senhor.

CONDESSA *(levantando-se)*. Mas então Carlos não é viuvo?

FREDERICO. Sem ter casado acho difficil.

Digitized by Google

CONDESSA *(á parte)*. Zombou de mim?

FREDERICO. Por consequencia venho propôr a v. ex.ª..

CONDESSA *(sem o escutar)*. Mas com que fim...

FREDERICO. Venho propôr a v. ex.ª...

CONDESSA *(o mesmo jogo de scena e passa á direita)*. Adivinho! Quiz dar-se ares de homem serio...

FREDERICO. Propôr a v. ex.ª uma composição...

CONDESSA *(á parte, passando á esquerda)*. E fui victima de um tal brinquedo. Estou furiosa!

FREDERICO *(á parte)*. Senhores! em que estará pensando?

CONDESSA *(á parte)*. Se voltar eu me vingarei. *(Passa á direita e senta-se junto a mesa.)*

FREDERICO. Proponho a v. ex.ª que nos conciliemos com esse mancebo...

SCENA IX

OS MESMOS e CARLOS

CARLOS *(pelo fundo)*. Peço a v. ex.ª um milhão de desculpas...

FREDERICO. Que fortuna! Eil-o a proposito.

CONDESSA *(á parte)*. Tão cedo!

CARLOS *(á parte)*. E este pateta ainda aqui!

FREDERICO. Não podias chegar em melhor occasião; fallava a teu respeito com a condessa, e diziamos...

CARLOS *(baixo a Frederico)*. Cala-te que me enfadas.

FREDERICO *(admirado)*. Que dizes tu?!

CARLOS. Oh! homem, vae-te embora.

FREDERICO. Mas se não tenho agora que fazer...

CARLOS. Não importa, vae passeiar, preciso fallar-lhe a sós.

FREDERICO. De minha paixão?

CARLOS. Sim, vae-te embora.

FREDERICO. Bem, n'esse caso vou dar uma volta. Até breve.

CONDESSA *(á parte)*. Que estarão dizendo?

FREDERICO *(baixo a Carlos, apertando-lhe a mão)*. Já sei tudo! Sei que disseste de mim cousas muito incon-

Digitized by Google

geiras. És um excellente amigo! *(Alto.)* Desculpe v. ex.ª o retirar-me, mas é precisa a minha presença n'um negocio de que me havia esquecido. Fica para me substituir este meu amigo, que saberá defender os meus interesses... *(Baixo a Carlos.)* Firme, não cedas terreno.

CARLOS. Descança, vae socegado.

CONDESSA *(á parte)*. Agora nós, senhor mentiroso! *(Frederico sae pelo fundo, Carlos acompanha-o á porta; a condessa passa á esquerda.)*

SCENA X

CONDESSA e **CARLOS**

CONDESSA. Sabe que estou deveras surprehendida de que voltasse tão depressa?... Pois já passou um mez desde a occasião em que esteve aqui?... Jesus! como o tempo vôa?!

CARLOS. Perdôe v. ex.ª, mas esqueceram-me as luvas e venho buscal-as.

CONDESSA. As luvas? pois não são essas? *(Indica as luvas que Carlos tem calçadas.)*

CARLOS *(surprehendido)*. É verdade!... mas que distracção! Emfim, já que voltei permitta-me v. ex.ª que lhe faça a minha segunda visita.

CONDESSA. Deixou-me tão satisfeita a primeira, que não tenho rasão para recusar a segunda.

CARLOS. Se acaso incommodo...

CONDESSA. De modo algum. Agora estou disposta a recebel-o ao senhor... ou a qualquer outra pessoa. *(Senta-se.)*

CARLOS. Agradeço a v. ex.ª tanta amabilidade.

CONDESSA. Já sabe que fallei com Frederico?

CARLOS. N'esse caso não lhe foi muito agradavel a conversação.

CONDESSA. Fallamos a seu respeito.

CARLOS. Retiro a expressão.

CONDESSA. Como é modesto!

CARLOS. É uma das minhas boas qualidades.

Digitized by Google

CONDESSA. E diga-me v. s.ª, senhor philarmonico, sua esposa tambem era professora de musica?

CARLOS. Como Rossini, minha senhora.

CONDESSA. Tocava pandeiro ou tambor, não é verdade?

CARLOS *(rindo)*. Pois que, v. ex.ª chegou a suppor que minha mulher... *(Faz mensão de tocar tambor.)*

CONDESSA. Assim como o senhor toca flauta...

CARLOS. Isto é de familia.

CONDESSA. E sua esposa era branca ou trigueira?

CARLOS. *(chegando-se á condessa)*. Muito se interessa v. ex.ª por minha mulher...

CONDESSA. Mas, muitissimo! Frederico, o seu amigo, não me soube dizer nada a seu respeito...

CARLOS. E não é de estranhar, elle não a conheceu.

CONDESSA. O senhor tinha a n'alguma estufa?

CARLOS. Quasi, na America é isso costume... por causa dos mosquitos.

CONDESSA. Ah! o senhor casou na America. *(Levanta-se.)* Seguramente ligou-se a alguma creoula...

CARLOS *(com seriedade comica)*. Casei com uma descendente de Arauco!

CONDESSA. Familia celebre, em verdade! Era então negra a esposa de v. s.ª Ah! ah! ah!

CARLOS. Perdão! era parda.

CONDESSA. Bonito! E os meninos? côr de rato...

CARLOS. Não m'os concedeu o céo.

CONDESSA. Que pena! Quem sabe, talvez fossem... amarellos, côr de canario.

CARLOS *(á parte)*. Diverte-se commigo, paciencia! *(Alto.)* Não foi á falta de... desejal-os, minha mulher era esteril como o deserto.

CONDESSA. Ora ahi está como se extinguem as mais bellas raças. *(Pausa.)* Não sabe, ainda não pude esquecer-me do que me disse ha pouco. Creia que me offendeu pretendendo provar que não ha mulheres amaveis e capazes de fazerem a felicidade de seus maridos... Resolvi, senhor sceptico, attrahil-o a sentimentos mais justos.

CARLOS. Será difficil.

Digitized by Google

CONDESSA. Quem sabe?!

CARLOS. E que meios conta v. ex.ª empregar?

CONDESSA. Prégar o exemplo, tornando a casar-me.

CARLOS. É um meio heroico!

CONDESSA. Assim mostrarei aos incredulos que tenho rasão no que affirmo. Caso-me com um homem a quem hei de amar e fazer feliz... por despeito, por vingança!

CARLOS. Oh! mortal predestinado. Vão apparecer pertendentes ás duzias...

CONDESSA. É inutil; já fixei a minha escolha. Lançei as minhas vistas para um homem cujo affecto será difficil roubarem-me. Os homens são muito levianos, é preciso escolher bem.

CARLOS *(vivamente)*. Ha muitos que não o são...

CONDESSA *(rindo-se)*. Já os viu, o senhor?

CARLOS. Certamente.

CONDESSA. Na lua, talvez...

CARLOS *(com ternura)*. Se nunca lá fui... E poderia sem ser indiscreto, saber quem é o feliz escolhido por v. ex.ª?

CONDESSA. Adivinhe.

CARLOS. Sou tão pouco forte em charadas...

CONDESSA. É um cavalheiro, nem bonito nem feio, de estatura vulgar, rosto de passaporte, com um talento e uns modos menos que agradaveis.

CARLOS. Tem todas as qualidades para marido.

CONDESSA. Então já adivinhou?

CARLOS. Não, minha senhora.

CONDESSA. Uma vez que é preciso dizer-lh'o, sa...

SCENA XI

OS MESMOS, E FREDERICO

FREDERICO *(entra pelo fundo)*. Sou eu... queira v. ex.ª desculpar.

CARLOS *(á parte)*. Elle mesmo se declarou.

FREDERICO *(baixo á Carlos)*. Voltei já porque chove a cantaros.

Digitized by Google

CONDESSA. Por Deus, doutor, olhe que me alaga o tapete.

FREDERICO. Desculpe senhora condessa, vou pol-o em outra casa... *(Sae pelo fundo.)*

CARLOS *(com ar de mofa)*. Dou-lhe os parabens pela escolha.

CONDESSA. Muito agradecida.

CARLOS. Nem mandado fazer de proposito.

CONDESSA. Sou da mesma opinião.

FREDERICO *(voltando)*. De que opinião? Qual é a opinião de v. ex.ª se me permitte...

CONDESSA. Que devo deixal-os por algum tempo.

CARLOS. Não faça v. ex.ª cerimonia comigo.

CONDESSA *(passando junto a Frederico)*. Não se retire, meu caro Frederico, preciso fallar-lhe a sós.

CARLOS. Permittir-me-ha v. ex.ª que volte a vel-a?

CONDESSA. Pois não! Mas não se incommode, d'aqui a dous, tres ou quatro mezes, quando quizer.

CARLOS *(inclinando-se)*. É uma graça inextimavel, senhora condessa! *(Offerece o braço á condessa e esta toma o de Frederico saindo pela esquerda.)*

SCENA XII

FREDERICO e CARLOS

FREDERICO *(muito contente voltando a Carlos depois de acompanhar a condessa até á porta)*. Não viste com que graça me disse meu caro Frederico, preciso fallar-lhe a sós?

CARLOS *(á parte)*. Já te arranjo.

FREDERICO. Deixa-me contar-te o que ha pouco descobri. És devedor á condessa.

CARLOS. Eu?

FREDERICO. Quem váe perseguir-te judicialmente é ella. Pois não leste a contra fé?

CARLOS. Eu leio cá essas cousas...

FREDERICO. Mas descança, tudo se ha de arranjar, é a compensação dos serviços que me prestaste, bem vês que os meus amores vão de vento em pôpa.

Digitized by Google

CARLOS. Enganas-te, nada poude conseguir em teu favor.

FREDERICO. Então como se explica uma tal ternura?

CARLOS. É para te custar menos a engulir a pilula.

FREDERICO. Oh! com a breca! pois isso é verdade?

CARLOS. Se quizeres seguir os meus conselhos...

FREDERICO. Falla, falla depressa.

CARLOS. Sem perda de um segundo, procura occasião de dizer-lhe que não a amas.

FREDERICO. Mas isso é para ella ficar furiosa.

CARLOS. Pateta! Não conheces as mulheres. Cumula-as de elogios se queres vel-as despresarem-te com mil desdens, e perder-se tudo; mas se ao contrario não reparamos n'ellas, se nos mostramos indifferentes a seus encantos, se chegamos até... até a despresal-as, de certa maneira delicada já se sabe, então o caso é outro, tornamo-nos uns fatuos, uns impertinentes, temiveis merecedores de odio, mas a quem precisam castigar fazendo com que as adoremos.

FREDERICO. Que raio de luz, vejo, vejo agora claro. Para começar vou dizer á condessa... Que o casamento é um estado em que ha a temer diversos perigos.

CARLOS. Maravilhoso!

FREDERICO. Que todas as mulheres são *coquettes!*

CARLOS. Esplendido!

FREDERICO. E que os maridos...

CARLOS. São estupidos!...

FREDERICO. Exactamente!

CARLOS. Emquanto collocas as cousas no seu verdadeiro pé, vou fumar um charuto. Adeus, sê feliz! *(Sae.)*

FREDERICO. Obrigado, meu salvador.

SCENA XIII

FREDERICO, CONDESSA e depois a **CRIADA**

CONDESSA *(entrando pela esquerda)*. Desculpe caro doutor, se o fiz esperar muito.

FREDERICO *(á parte)*. Firme, sentido! Nada de quartel.

Digitized by Google

CONDESSA. Esperava-me a modista e... Mas que vejo, que aspecto tão carregado?!

FREDERICO. Qual? é o effeito da reflexão, em quanto esperei por v. ex.ª, estive pensando no casamento, e nas mulheres...

CONDESSA. Sim?

FREDERICO. E nem por isso lhes foi muito favoravel o resultado das minhas reflexões.

CONDESSA. A quem?

FREDERICO. Ás damas.

CONDESSA. Não o entendo. Depressa mudou d'opinião.

FREDERICO. É cousa frequente. Esclarecendo-nos, instruindo-nos... eu estudei um pouco, senhora condessa.

CONDESSA. Confesso-lhe que estou admiradissima. O senhor achava todas as mulheres tão amaveis.

FREDERICO. Ora!...

CONDESSA. Tão encantadoras.

FREDERICO. Pois não, todas...

CONDESSA. Sem defeitos.

FREDERICO *(rindo)*. Ah! ah! ah!

CONDESSA. Que quer dizer essa gargalhada?

FREDERICO. Quer dizer que modifiquei as minhas opiniões.

CONDESSA. E de que provém essa modificação?

FREDERICO. Provem de ter comprehendido que as mulheres, são entes demasiado frageis.

CONDESSA. A expressão é delicada.

FREDERICO. E que os maridos são a maior parte das vezes... parvos!

CONDESSA. Sublime! De modo que seguindo esse pensar deixa de prestar-me homenagem?

FREDERICO. É de suppor, uma vez que modifiquei as minhas opiniões.

CONDESSA. Ora veja o doutor como é difficil ás vezes entendermo-nos! Se eu pela minha parte tivesse reflexionado tambem e dissesse «O dr. Frederico, não é bonito...

FREDERICO. V. ex.ª disse...

CONDESSA. Não é amavel, nem tem talento...

Digitized by Google

FREDERICO. Permitta-me v. ex.ª que lhe diga que essa apreciação *á vol d'oiseau*.

CONDESSA. Tem todas as qualidades precisas para se fazer d'elle um bom marido, e em virtude d'essas qualidades... negativas, decido-me a dar-lhe a mão...

FREDERICO. V. ex.ª decide-se?

CONDESSA. Eu queria dizer, se me decidisse?...

FREDERICO. É uma pergunta?

CONDESSA. Simplesmente.

FREDERICO *(á parte)*. Prudencia, Frederico, que te perdes! *(Alto.)* Em tal caso, pediria algum tempo para reflexionar, para sondar o meu coração.

CONDESSA. E se eu exigisse uma resposta immediata?

FREDERICO. Era uma atrocidade! Deve dar-se a um homem todo o tempo de pensar antes de dar os pulsos ás cadeias que o hão de algemar por toda a vida.

CONDESSA. E se não me agradasse conceder um praso?

FREDERICO. Então ver-me-ia obrigado a...

CONDESSA. A...

FREDERICO. A... a *(com exforço)* a recusar.

CONDESSA *(offendida)*. Muito bem. *(Toca a campainha)*.

FREDERICO. Safa! Custou-me, mas estou contente de mim!

CONDESSA *(á criada)*. Acompanhe este senhor.

FREDERICO *(á parte)*. O que? põe-me na rua. *(Alto)* Senhora condessa, a minha intenção não foi... antes ao contrario...

CONDESSA *(á criada)*. Não ouviu? *(A criada dá-lhe o chapéo.)*

FREDERICO *(agarrando no chapéo e saindo respeitoso)*. Obedeço, minha senhora. *(A parte.)* Fui trahido. Dar-me-has rasão de tudo, perfido Carlos. *(Sáe pelo fundo seguido da criada.)*

SCENA XIV

CONDESSA, *só*

Não sei como pude conter-me! O sr. capitão transfor-

Digitized by Google

mou este patéta em insolente. Pois bem, apesar do orgulho do joven Marte, cairá nas minhas redes e satisfarei o meu amor proprio offendido.

SCENA XV

CARLOS e a CONDESSA

CARLOS. *(entra espavorido pelo fundo com o chapéo na cabeça).* Perdôe v. ex.ª senhora condessa, mas...

CONDESSA. *(á parte).* Outra vez!...

CARLOS. Não se incommode v. ex.ª Onde o poria eu?

CONDESSA. Que procura o senhor?

CARLOS. O chapéo. Estou certo que o deixei aqui.

CONDESSA *(rindo).* Pois não o tem na cabeça?

CARLOS. E é verdade? Outra distracção. *(Descobrindo-se.)* Acredite v. ex.ª que suppunha tel-o perdido.

CONDESSA. É engano, a cabeça é que v. s.ª perdeu.

CARLOS. Tambem começo a desconfiar que assim seja. Já encontrei o chapéo, retiro-me. Minha senhora...

CONDESSA. Visto que está aqui, outra vez, fique... E será esta a terceira visita.

CARLOS *(pousando o chapéo).* Não sei como heide significar a v. ex.ª a minha gratidão...

CONDESSA. Sabe da epidemia que reina agora?

CARLOS. O cholera?

CONDESSA. Qual?!

CARLOS. Bexigas?

CONDESSA. Nada, é muito mais terrivel, a impertinencia! O seu amigo Frederico teve há pouco um ataque formidavel.

CARLOS *(levanta-se).* Vou saber se está melhor.

CONDESSA. É inutil, posso dar-lhe noticias d'elle... Acreditará que me disse uma boa porção de... disparates?

CARLOS. Um advogado não póde expressar-se...

CONDESSA. Como um capitão de artilheria?

CARLOS. Exacto.

CONDESSA. Se não frequentou as casas da guarda, não sei aonde foi beber as doutrinas que expendeu ha

Digitized by Google

pouco a respeito do matrimonio e das mulheres; doutrinas verdadeiramente... absurdas, as suas doutrinas, senhor capitão.

CARLOS *(fingindo-se admirado)*. Minhas, minha senhora?

CONDESSA. Já vê que o mal faz progressos. Chegou até a recusar a minha mão!

CARLOS. Ahi está uma cousa que eu nunca seria capaz de fazer.

CONDESSA. Acredito. De modo que estou sem marido...

CARLOS. Se a v. ex.ª lhe fosse indifferente...

CONDESSA. Agora quem ousará apresentar-se?...

CARLOS. Póde ser que á falta de um marido que viva com os defeitos de v. ex.ª, encontre outro digno das suas boas qualidades.

CONDESSA. Boas qualidades? Pois tenho-as?

CARLOS. Eu disse isso?

CONDESSA. Com todas as letras.

CARLOS. Escapou-me.

CONDESSA. É o mesmo, ao menos reconhece que podemos ter boas qualidades?

CARLOS. Ha effectivamente excepções... Quando se reune aos encantos do talento os attractivos do rosto; quando se possue uma distincção nada vulgar, um sorriso divino...

CONDESSA. Aonde encontrou tudo isso?

CARLOS. Em... em v. ex.ª

CONDESSA. Então agora sou linda?

CARLOS. Sempre o foi.

CONDESSA. Não tenho ares de pessoa edosa?

CARLOS. Oh! minha senhora!

CONDESSA. Como a gente remoça. Parece me que n'este momento me está vendo pelo primor da juventude.

CARLOS. Bastam-me os meus olhos para contemplar a v. ex.ª

CONDESSA. Ora esta! v. s.ª está quasi galanteador. Que milagre!

Digitized by Google

CARLOS. É que talvez esteja curado da enfermidade reinante.

CONDESSA. Tão depressa?...

CARLOS. Creia v. ex.ª que fez uma cura maravilhosa.

CONDESSA. Pois que, sem ser facultativo?

CARLOS. Talvez por essa rasão.

CONDESSA. Não espalhe a noticia, concorreriam todos os doentes.

CARLOS. Não divulgarei o milagre da cura *(Vae a retirar-se.)*

CONDESSA. No entanto precisaria de uma prova para acreditar...

CARLOS. E que prova quer v. ex.ª?

CONDESSA. Uma profissão de fé; a confissão das suas faltas e o reconhecimento da perfeição de todas as mulheres.

CARLOS. De todas?!

CONDESSA. Duvida, vacila?

CARLOS. Não, senhora condessa, mas não sei como...

CONDESSA. De joelhos, a meus pés.

CARLOS. Com ambos os joelhos ou com um só?

CONDESSA. Com ambos que o peccado é mortal. *(Á parte.)* Já é meu!

CARLOS *(pondo um joelho em terra).* Estou aos pés de v. ex.ª

CONDESSA. Ainda não, falta o outro joelho.

CARLOS. Sim? *(Olhando.)* É verdade. *(Ajoelha.)* Cá estou.

CONDESSA *(com orgulho).* Venci! *(Alto.)* Agora repita o que eu digo: «Abjuro da minha heresia e reconheço as minhas faltas.»

CARLOS *(á parte).* Ora esta! *(Alto, humildade fingida)* «Abjuro da minha heresia e reconheço as minhas faltas.»

CONDESSA. Continue «peço perdão ás mulheres de todo o mal que tenho dito d'ellas».

CARLOS. Peço perdão ás mulheres de todo o mal que tenho dito d'ellas.

CONDESSA. E prometto...

Digitized by Google

CARLOS. Ainda mais?

CONDESSA. Vamos «e prometto para o futuro respeital-as e adoral-as.»

CARLOS *(com amor).* Não, isso não, respeital-as e amar uma só. A v. ex.ª a quem adorarei eternamente.

CONDESSA. Que está dizendo?

CARLOS. Que sou um culpado convertido que implora o seu perdão. *(Agarra-lhe na mão e beija-lha.)*

CONDESSA. Mas que faz, senhor?

CARLOS. Estou-me flagellando, faço penitencia. *(Começa de novo.)*

SCENA XVI

OS MESMOS E **FREDERICO**

FREDERICO. Que é isto?

CARLOS. Chegas a tempo para ser testemunha da minha felicidade.

FREDERICO. Qual felicidade. *(Á condessa.)* Condessa, venho justificar-me, foi elle...

CONDESSA. Que teve mais espirito do que o senhor. Meu caro para a outra vez seja mais prespicaz, por espirito de contradicção de perde e se ganha. Pergunte-o ao meu futuro esposo.

FREDERICO. Futuro esposo! Misericordia! Ah! esperem que eu já me vingo. *(Canta.)*

Que applausos não pedisse
Recommendou-me o auctor,
Para d'elles me vingar
Dispensae vosso favor

Mas só a mim que fui victima
De perfida insinuação
Dae-me palmas muitas palmas,
A mim só, a elles não.

(Cae o panno.)

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromenho

A doida, drama em 5 actos.
A vida de um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
A orphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena dramatica.
Simplicidade e espertesa, entre-acto.
Por causa de um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Aventuras de um gabão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furiosa de amor, comedia em 1 acto.
O amante emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 acto.
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.
No campo da opposição, comedia em 1 acto.
Mestre Barnabé, scena comica.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.
O cura Santa Cruz, drama em 1 acto.
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto.

Diogo José Seromenho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos.

A. R. Palhaes

Por ser economica, comedia em 1 acto.

Digitized by Google

NO PRELO

Diogo José Seromênho

UM RAPAZ TIMIDO, comedia em 1 acto.
MALDITA CASACA, comedia em 1 acto.

Diogo José Seromênho
e Ad. de Vasconcellos

A CABRA-CEGA, zarzuela em 2 actos, traducção.

José Romano

A TRAVIATA

PARODIA

A OPERA DO MESMO TITULO

EM 4 ACTOS, ORIGINAL

Representada repetidas vezes com geraes applausos no theatro do Gymnasio.

Todas estas peças são proprias para se representar em theatros publicos e particulares.—A venda em todas as livrarias e agencia dos theatros.

Digitized by Google

(6)

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

CASAR OU MORRER

COMEDIA EM 1 ACTO

PREÇO 120 RS.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1876

Digitized by Google

Digitized by Google

CASAR OU MORRER

COMEDIA EM 1 ACTO

(IMITAÇÃO)

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito

THEATRO CONTEMPORANEO

DIOGO SEROMÊNHO

EDITOR

LISBOA—1876

Digitized by Google

PERSONAGENS

FERNANDO
ALVARO
ARTHUR
LUIZA
SOPHIA
UM TABELLIÃO
JOSÉ

Aldeãos

A acção passa-se na America

ACTO UNICO

SCENA I

SOPHIA e ARTHUR

SOPHIA—Já lhe disse que estou só, entre, não seja lesma, que tenho muito que lhe contar.

ARTHUR—Sim, pois conte lá.

SOPHIA—Mas em quanto eu fallo, não podia deixar esses modos serios e bruscos, essa posição sempre direita, que parece um camello.

ARTHUR — Deixa-te de comparações por mais exactas que ellas sejam.

SOPHIA—Pois fique sabendo que ha mouro na costa, e que lhe querem furtar a noiva.

ARTHUR—Vamos, explica-te, que mouro é esse que me quer roubar Luiza?

SOPHIA—Eu não o conheço, mas o patrão hoje levantou-se muito cedo, e foi ao quarto da menina dizer-lhe que tinha arranjado um bom noivo

Digitized by Google

e que haviam de casar hoje mesmo. E a culpa d'isto acontecer é sua! Porque não casou com a D. Luiza, quando o pae lh'a offereceu?

ARTHUR—Se elle m'a tivesse dado completa.

SOPHIA—Então que lhe faltava?

ARTHUR—O principal, o dote.

SOPHIA—Todos são o mesmo, menos o meu Fernando.

ARTHUR—Quem é esse Fernando?

SOPHIA—O meu noivo, que tem n'esta terra um tio muito rico, e que brevemente virá casar comigo.

ARTHUR—Mas que me importa a mim tudo isso! Com que então querem hoje mesmo casal-a.

SOPHIA—Hoje mesmo.

ARTHUR—Muito bem, eu inventarei algum estratagema.

ALVARO—*(dentro)* Sophia, o meu casaco!

SOPHIA—Safe-se, que ahi vem o velho.

ARTHUR—Fico, a proximidade do perigo me illuminará. Tinha graça, se eu, um cidadão livre d'America, me deixava burlar por um hespanholito de má morte.

ALVARO—*(dentro)* Então, vem esse casaco, ou não?

SOPHIA—Já vae, estou acabando de o escovar. *(baixo a Arthur)* Eu vou lá a vêr se o detenho, mas por Deus safe-se *(sae)*.

ARTHUR—*(pensando)* A qual dos tres matarei primeiro? Ao pae, á filha, ou ao noivo? Preciso pensar *(sae)*.

SCENA II

SOPHIA, ALVARO e JOSÉ

ALVARO—*(entrando)* Levas uma hora para es-

Digitized by Google

covar o casaco. *(chamando)* José! O' José. Tomei todas as minhas medidas para que o passaro caia na rede, depois tudo irá bem.

SOPHIA—Aqui está o José!

ALVARO—Cheguem-se aqui os dois. D'aqui a bocado ha de chegar um cavalheiro que perguntará por mim, tu vaes avisar-me, e depois pegas n'uma espada, e collocas-te á porta, de sentinella, não o deixando sair, seja com que pretexto fôr. Os signaes do sugeito são: estatura regular, nariz pardo, quero dizer nariz regular, e olhos pardos. Conta com uma boa gratificação se cumprires á letra o que digo.

JOSÉ—Conte comigo.

SOPHIA—E comigo.

ALVARO—*(áparte)* Agora vou convencer minha filha, o que não julgo difficil! Oh! fortuna, protegei-me *(sae)*.

SCENA III

SOPHIA e JOSÉ

SOPHIA—Que quererá isto dizer. Estou morrendo de curiosidade.

JOSÉ—Pois eu não me importa com isso. Tomára já que viesse o homem do nariz pardo. *(ouve-se chamar)* Quem será? *(sae)*.

SOPHIA—Será este individuo? Algum mysterio envolve esta visita.

JOSÉ—*(entrando)* Póde esperar n'esta sala, que o patrão já vem.

SOPHIA—É o tal, vou espreitar *(esconde-se)*.

SCENA IV

FERNANDO e SOPHIA

FERNANDO—Ora eis-me em campanha. Deus faça com que tudo corra bem.

Digitized by Google

SOPHIA—*(apparecendo)* Senhor! Que vejo, será possivel? Tu! tu aqui...

FERNANDO—Sophia!... Tu aqui! que encontro tão inesperado...

SOPHIA—Fernando, querido Fernando, então sempre viestes?

FERNANDO—Assim parece.

SOPHIA—Eu bem sabia que tu vinhas, ninguem resiste ao amor verdadeiro.

FERNANDO—Nem a um tio rico.

SOPHIA—Mas como voltastes tão depressa?

FERNANDO—Porque meu tio me escreveu, mandando-me partir, e enviando-me dinheiro para a passagem.

SOPHIA—E elle está bom?

FERNANDO—Julgo que sim, porque ainda o não vi.

SOPHIA—Então quando chegaste?

FERNANDO—Hontem á noite.

SOPHIA—E como soubeste aonde eu estava?

FERNANDO—Ignorava que estivesses aqui.

SOPHIA—Ah! já comprehendo, foi o teu coração que te guiou.

FERNANDO—Tambem não foi isso, quem me trouxe aqui foi uma carta d'um tal sr. Alvaro, com quem tenho uma conta a saldar.

SOPHIA—Esse é meu amo! Então já o conheces, e tens contas a ajustar com elle, chegando hontem á noite!

FERNANDO—Caprichos da minha má fortuna. Joguei sobre palavra, contando com o dinheiro de meu tio, e em menos de meia hora, teu amo ganhou-me sete contos de réis.

SOPHIA—Pobre rapaz! Em bonita te metteste.

Digitized by Google

FERNANDO—Agora não tem remedio, dize a teu amo que estou aqui,

SOPHIA—Eu vou, mas dize-me quando é o dia do nosso casamento?

FERNANDO—Segundo os meus calculos para d'aqui a tres annos.

SOPHIA—Tu mangas comigo!

FERNANDO—Não, mas bem vês os meus apuros, as minhas dividas...

SOPHIA—Teu tio as pagará.

FERNANDO—Pois sim, será o que tu quizeres. Mas avisa teu amo da minha chegada.

SOPHIA—Vou correndo, meu amor, lembra-te sempre de mim *(sae)*.

SCENA V

FERNANDO e ALVARO

FERNANDO—Pois senhores, aventuras nunca me faltam. Não esperava encontrar aqui a Sophia. Veremos que tal se porta o meu credor. Elle ahi vem. Convém mostrar um certo ar de superioridade.

ALVARO—Tenho a honra de o cumprimentar.

FERNANDO—A's ordens de v. s.ª

ALVARO—Recebeu a minha carta?

FERNANDO—Recebi.

ALVARO—Tem a bondade de assentar-se.

FERNANDO—Com muito gosto *(assenta-se)*.

ALVARO—O senhor disse-me hontem que se chamava Fernando Pimenta.

FERNANDO—E' verdade.

ALVARO—Então o senhor é sobrinho do sr. Antonio Pimenta.

FERNANDO—E' verdade.

Digitized by Google

ALVARO—Tambem me disse que era solteiro.

FERNANDO—E' verdade.

ALVARO—Tem a bondade de me deixar vêr o seu passaporte, se o traz comsigo.

FERNANDO—(*áparte*) Será o commissario de policia! (*alto*) Trago-o na minha carteira (*tirando-a*).

ALVARO—(*arrebatando-lh'a*). Deixe vêr... deixe vêr...

FERNANDO—Com cuidado, que a carteira contém objectos muito frageis.

ALVARO—Letras?... Notas do banco?...

FERNANDO—Não senhor, cartas d'amores, e retratos.

ALVARO—E mais nada?

FERNANDO—E a minha certidão de baptismo.

ALVARO—(*procurando-a com anciedade*) Aonde está?...

FERNANDO—(*áparte*) E' muito curioso!...

ALVARO—(*áparte, depois de ter lido a certidão*) Não me enganei, é elle.

FERNANDO—Como me olha!...

ALVARO—Pois, meu caro senhor, sabe que as dividas do jogo, se pagam no praso de 24 horas, por isso espero me embolse do que hontem me ficou a dever.

FERNANDO—O que?

ALVARO—Que me pague o que me deve.

FERNANDO—(*tirando dinheiro d'algibeira*) Eu não tenho senão isto (*mostra 10 réis*).

ALVARO—Então o senhor manga comigo!

FERNANDO—Não tenho mais, nem cinco réis, mas vou ter com meu tio, para elle pagar (*quer levantar-se*).

Digitized by Google

ALVARO—Deixe-se estar. Com que então não póde pagar-me.

FERNANDO—Não tenho dinheiro.

ALVARO—Pois bem, eu estou um pouco disposto a seu favor.

FERNANDO—Sim!

ALVARO—Eu tenho uma filha, e acaba de me lembrar uma cousa. E' o senhor casar com ella. O dinheiro que o senhor me deve constitue o dote. Não lhe parece que é uma ideia muito luminosa?

FERNANDO—Parece-me antes uma ideia muito escura.

ALVARO—Então acceita o contracto.

FERNANDO—Não acceito.

ALVARO—Então, pague-me.

FERNANDO—Tenho que pedir o dinheiro a meu tio. Pois o senhor bem sabe que meu tio é millionario, o senhor deve o conhecer; porque quem tem dinheiro é conhecido de toda a gente.

ALVARO—Não conheço. Mas simplifiquemos a questão.

FERNANDO—E' o que eu quero.

ALVARO—Dê-me dois contos de réis.

FERNANDO—Agora é impossivel.

ALVARO—Então case com minha filha.

FERNANDO—Não me convém, e o melhor é acabarmos com essa chalaça.

ALVARO—Chalaça!... Sabe alguma oração?

FERNANDO—(*áparte*) Quer-me examinar em doutrina.

ALVARO—Ah! está resando entre dentes. E' o mesmo! Tome lá a chalaça (*tira um estoque da bengala e faz gesto de o furar*).

Digitized by Google

FERNANDO—Meu Deus! O que vae fazer?

ALVARO—Depois de morto se convencerá de que eu não estou brincando.

FERNANDO—Bem, com essa prova me dou por convencido.

ALVARO—Casa com minha filha?

FERNANDO—Deixe-me ao menos pensar.

ALVARO—*(tirando o relogio, e vendo as horas)* Tem um minuto para pensar.

FERNANDO—Isso é pouco. Preciso o praso d'um mez.

ALVARO—*(picando-o)* Infame.

FERNANDO—Olhe que me picou.

ALVARO—Ou casar, ou morrer.

FERNANDO—Não sei qual das cousas é peor.

ALVARO—Escolha.

FERNANDO—A morte.

ALVARO—Como o queres... *(vae para o ferir)*.

FERNANDO—Esteja quieto! Caso... caso...

ALVARO—Isso é outra cousa.

FERNANDO—D'aqui até lá...

ALVARO—Dentro d'uma hora estará aqui o tabellião.

FERNANDO—O que! tão depressa?

ALVARO—Tornas a vacillar?

FERNANDO—Não, quando quizer.

ALVARO—Devéras.

FERNANDO—Devéras!

ALVARO—Vou avisar a noiva.

FERNANDO—*(áparte)* Cahi em boa. *(alto)* Vá, vá, meu sogro. Eu espero.

ALVARO—*(com carinho)* Até logo, meu filho.

Digitized by Google

SCENA VI

FERNANDO, JOSÉ, e depois ALVARO

FERNANDO—E agora... pernas... para que te quero *(quando vae para sair, encontra-se com José que o detem)*.

JOSÉ—Não se póde passar.

FERNANDO—Não se póde passar? Isto é uma prisão. Retira-te, estafermo.

JOSÉ—*(gritando)*—Senhor!... Senhor!...

FERNANDO—Calla-te, maldito!

JOSÉ—Senhor, o homem quer-se safar.

FERNANDO—Calla-te...

JOSÉ—Senhor!

ALVARO—*(entra correndo com um estoque na mão)* O que é? O que é?!...

FERNANDO—Acudam! Soccorro! que me matam.

ALVARO—Então o senhor queria fugir?

FERNANDO—Eu! não senhor.

JOSÉ—Sim senhor, queria escapar-se.

FERNANDO—Calla-te estupido.

ALVARO—Bem, por esta passa, mas se tornar.

FERNANDO—Prometto solemnemente.

ALVARO—Veremos *(sae)*.

SCENA VII

FERNANDO e SOPHIA

FERNANDO—Aonde eu me metti. Ou casar ou morrer.

SOPHIA—*(entrando)*: Então o que ha de novo? á tratastes o teu negocio?

FERNANDO—Está tudo combinado.

SOPHIA—Faço ideia de que o patrão te poz entre a espada e a parede.

Digitized by Google

FERNANDO—Não, poz me entre o estoque e a filha.

SOPHIA—Não entendo!

FERNANDO—Que me deu a escolher entre uma estocada, e o casamento.

SOPHIA—E tu o que escolhestes? A estocada?

FERNANDO—Não, o casamento.

SOPHIA—Tu casado com outra! Antes te tirarei eu os olhos.

FERNANDO—Não faças bulha, que a culpa não é minha.

SOPHIA—Quero descobrir tudo.

FERNANDO—Olha que póde dar em resultado o ser atravessado por um estoque.

SOPHIA—Antes quero que te mate.

FERNANDO—(*áparte*) Lanço mão dos grandes recursos. (*alto*) Tu não imaginas quanto te adoro.

SOPHIA—E eu tambem. E é por isso que não quero que cases com outra. Mas como lembrou a meu amo similhante ideia? Tu és pobre, elle muito avarento. Aqui ha algum mysterio! E porque não te safas?

FERNANDO—Já o quiz fazer, porém essa porta está guardada por um cerbero, que está armado.

SOPHIA—Salta pela janella.

FERNANDO—Salta tu, e se chegares lá com vida salto eu. Mas agora me lembrou uma taboa de salvação, eu estou preso, mas tu estás livre. Por isso corre a casa de meu tio, porque em eu pagando o que devo já posso sair. Sabes aonde mora meu tio?

SOPHIA—Eu não.

FERNANDO—Chama-se Antonio Pimenta, e móra ás Cruzes da Sé.

Digitized by Google

SOPHIA—Sei quem é, conheço-o, é amigo de meu amo.

FERNANDO—Mas elle disse-me que o não conhecia.

SOPHIA—Por isso mesmo me convenço de que aqui ha mysterio.

FERNANDO—Deixemo-nos de averiguações, corre a casa de meu tio, pinta-lhe a minha horrivel situação, a vêr se lhe apanhas o dinheiro.

SOPHIA—E se voltar com o dinheiro?... Casarás comigo?

FERNANDO—Com certeza.

SOPHIA—Ai! meu querido, Deus me dê boa sorte *(sae)*.

FERNANDO—Corre, salva o teu futuro marido.

SCENA VIII

FERNANDO, ALVARO e LUIZA

FERNANDO—Deus a leve em bem, e depressa. Ahi vem o pae e a filha! Ai! que mulher tão feia! E o pae ainda não largou o estoque.

ALVARO—Minha filha, aqui te apresento teu futuro marido.

LUIZA—E' tão feio, papá?

FERNANDO—O que?

ALVARO—Não faça caso, são gracinhas d'ella.

FERNANDO—Eu creio que esta senhora não quererá casar com um homem feio.

ALVARO—Isso nada vale, foi graça.

FERNANDO—Pois estimo muito conhecel-a, e ao meu lado sempre ha de estar bem... *(áparte)* quando não estiver mal. *(alto)* Mas parece-me que para nos conhecermos bem, devia ser mais espaçado o praso para o casamento.

Digitized by Google

ALVARO—(*tossindo e mostrando a bengala*) O que?...

FERNANDO—Tem rasão, não devem ser demorados os momentos d'amor... (*áparte*) e de martyrio.

ALVARO—Basta, que me commovo.

LUIZA—Pois a mim me dá vontade de rir.

ALVARO—Deixo-os sós por um momento, para que vão tendo confiança um com o outro. Eu vou pôr tudo em ordem para que d'aqui a uma hora... (*baixo a Fernando*) ou casar ou morrer (*sae*).

SCENA IX

FERNANDO e LUIZA

FERNANDO—E' indispensavel que v. ex.ª se ligue a casar comigo.

LUIZA—Sim?...

FERNANDO—Sou muito pobre, amo outra, e v. ex.ª já disse que eu era muito feio.

LUIZA—Isso nada quer dizer, porque eu tambem amo outro.

FERNANDO—E' que eu sou pouco paciente com ciumes, e algum dia partir-lhe-hei um braço.

LUIZA—Ainda bem que me preveniu, porque hei de pedir a meu pae a bengala d'estoque.

FERNANDO—Conheço-a pessoalmente...

LUIZA—E em me querendo bater, atravesso-o com ella.

FERNANDO — Com que então não ha remedio? (*áparte*) Eu me vingarei. (*alto*) Visto que vamos casar dê cá um abraço.

LUIZA—Olhe para esse espelho, se estivesse no meu logar, deixar-se-ia abraçar por um homem tão feio como o senhor é?

Digitized by Google

FERNANDO—Eu não me deixaria abraçar, nem por um homem bonito, nem feio.

LUIZA—Por um homem bonito, sim!

FERNANDO—Se não me abraça por bem, ha de fazel-o á força.

LUIZA—*(correndo)* Esteja quieto!...

FERNANDO—*(seguindo-a)* Quieta, digo eu...

LUIZA—O' Arthur *(deixa-se cair nos braços d'Arthur, que entra pelo fundo).*

SCENA X

OS MESMOS E ARTHUR

ARTHUR—Luiza!

FERNANDO—Então por este cavalheiro deixa-se abraçar?

LUIZA—Se elle é o meu amor.

ARTHUR—E o senhor é?

LUIZA—O que vae casar comigo.

ARTHUR—Estimo muito conhecel-o.

LUIZA—Que lhe parece o meu amor?

FERNANDO—Divinamente.

ARTHUR—Então casas com elle?

LUIZA—Meu pae assim o quer. Mas não tenhas duvida que o meu coração ha de ser sempre teu. Até já o disse aqui ao meu futuro. *(a Fernando)* Não é verdade que já lh'o disse?

FERNANDO—É verdade; teve o desaramento de m'o dizer na minha cara. E já me vae subindo a mostarda ao nariz.

ARTHUR—*(dando-lhe uma palmada)* Isso é o que eu quero.

LUIZA—Agora é que vae ser bonito *(sae)*

SCENA XI

FERNANDO E ARTHUR

ARTHUR—*(dando-lhe outra pancada)* Senhor!

Digitized by Google

FERNANDO—O senhor falla com a lingua, ou com as mãos?

ARTHUR—Siga-me.

FERNANDO—Aonde?

ARTHUR—Ao campo, para nos batermos.

FERNANDO—Com este sol, é loucura.

ARTHUR—Sabe que amo Luiza.

FERNANDO—Sei, que lhe faça bom proveito.

ARTHUR—Isso quer dizer que renuncia á mão d'ella.

FERNANDO—Não renuncio.

ARTHUR—O senhor é um cobarde.

FERNANDO—Não sou da sua opinião.

ARTHUR—Então vamo-nos bater. Siga-me.

FERNANDO—Não posso, sem casar primeiro.

ARTHUR—O senhor cassôa?

FERNANDO—Não posso sair d'aqui.

ARTHUR—Eu o obrigarei *(dá-lhe uma bofetada)*.

FERNANDO—Cavalheiro, isto não são brincadeiras.

ARTHUR—Isto não é brincadeira, é serio. Quer bater-se?

FERNANDO—Já lhe disse que não posso.

ARTHUR—Vê isto?

FERNANDO—Vejo, é uma pistolla.

ARTHUR—Quando pegar na penna para assignar o contracto, mato-o.

FERNANDO—Isso é uma grande barbaridade.

ARTHUR—Cá vae a pistolla *(sae)*.

SCENA XII

FERNANDO E SOPHIA

FERNANDO—O que é isso Sophia, vens chorando?

SOPHIA—Prepara-te para uma nova desventura.

Digitized by Google

FERNANDO—Falla, explica-te.

SOPHIA—Teu tio morreu. As pessoas que estavam em casa do defunto, ao ouvirem que eu ia da tua parte, fizeram-me mil perguntas a teu respeito, e exigiram que eu lhes dissesse aonde tu estavas.

FERNANDO—E quando morreu?

SOPHIA—Hontem.

FERNANDO—Estou bem arranjado.

SOPHIA—Então não ha remedio nenhum?

FERNANDO—Não, minha filha. Estou condemnado a pena ultima, e d'aqui a meia hora executam-me.

SOPHIA—Pois bem, uma vez que casando te salvas da morte, casa-te, eu sacrifico-me por ti.

FERNANDO—Eu, casar-me! O namorado da menina jurou matar-me com um tiro, na occasião em que assignasse o contracto.

SOPHIA—E é capaz d'isso.

FERNANDO—Queres dizer com isso, que o outro não o é.

SOPHIA—Meu amo, tambem.

FERNANDO—Bonito, se caso, morro, se não caso, morro da mesma maneira. Bonito futuro!...

SOPHIA—Pobre Fernando!

FERNANDO—Tem valor, minha querida! Vamos escolher qual dos dois generos de morte é melhor. Morrer d'uma estocada, ou d'um tiro! (*abraça-a*) Ai! minha querida Sophia!

SOPHIA—(*abraçando a*) Fernando do meu coração!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, ALVARO, LUIZA, depois JOSÉ, um TABELLIÃO, ARTHUR, e HOMENS DO POVO

ALVARO—Que vejo infame.

Digitized by Google

FERNANDO — Deu-me uma tontura, e para não cahir, tive...

SOPHIA—É verdade, fez-se tão pallido!

ALVARO—Ah! então desculpe. Está melhor?

FERNANDO—Um pouco melhor.

JOSÉ — *(entrando pelo fundo)* Senhor, o tabellião já vém na escada.

ALVARO—Chega o instante da tua felicidade. *(a José)* Até nova ordem não deixes entrar ninguem, seja porque motivo fôr.

JOSÉ—Não entrará nem uma mosca *(sae, pelo fundo, na occasião em que entra o tabellião e Arthur)*.

ALVARO—Seja muito bem vindo, sr. tabellião *(falla baixo com elle)*.

FERNANDO — *(á parte)* Se não deixam entrar ninguem, estou livre do homem do tiro, e assim que se assignarem as escripturas safo-me.

ARTHUR—*(tirando um lenço que lhe encobria a cara)* Conhece-me?

FERNANDO—Meu Deus!...

ALVARO—Vamos á leitura do contracto.

TABELLIÃO—Se querem, póde-se dispensar, foi feito conforme a minuta que recebi. Agora póde a noiva assignar.

ALVARO—Anda assignar, minha filha! *(conduz á meza Luiza que assigna)*.

ARTHUR—*(a Fernando)* Cá está a pistolla.

TABELLIÃO—Agora, o noivo.

FERNANDO—Chegou a minha ultima hora.

ALVARO—Assigne.

FERNANDO—Já vou.

ARTHUR—Não assigne.

FERNANDO—*(resando)* Creio em Deus padre todo poderoso...

Digitized by Google

ALVARO—Então morre.

ARTHUR—Morre. *(Um pucha o estoque e outro aponta a pistolla).*

FERNANDO — *(gritando)* Accudam! Oh! da guarda!

ALVARO — *(a Arthur)* E o sr. com que direito...

ARTHUR—*(tirando o lenço que lhe encobria a cara)* Basta d'incognito...

ALVARO—O namorado de minha filha!

ARTHUR—Eu mesmo.

ALVARO—E quer matal-o porque se casa.

ARTHUR—E o sr. porque elle se não casa.

ALVARO—Pois veremos quem vence.

JOSÉ — *(entrando a correr)* Senhor!... senhor!...

ALVARO—O que é?

JOSÉ—Entraram á força.

ALVARO—Quem? *(entram differentes aldeãos, e outros ficam fóra tocando e cantando).*

UM ALDEÃO—Quem é o sobrinho do sr. Antonio Pimenta?

FERNANDO—Sou eu.

TODOS — Viva o sr. Fernando! Viva! *(todos o abraçam).*

ALVARO—Mas que quer isto dizer?

UM ALDEÃO—Que o sr. Fernando ficou herdeiro de seu tio, e dono de todas as quintas e predios.

FERNANDO — *(admirado)* Eu herdeiro de meu tio! Eu millionario!...Que alegria, digo que desgraça, morrer meu tio.

ALVARO—Eu arrebento de raiva.

FERNANDO—Como sabia que eu era herdeiro

Digitized by Google

de meu tio, queria que casasse com sua filha. Mas enganou-se nos seus calculos.

LUIZA—Então o senhor é millionario! Então casemos depressa... vamos...

FERNANDO—Já não lhe pareço feio?

ARTHUR—Traidora!...

SOPHIA—Está arranjada! Com quem elle se caza é comigo.

FERNANDO—Tambem é impossivel. Fiz voto de castidade, porém offereço-me para te dotar, e tambem á sr.ª D. Luiza, com a condição de casar com Arthur.

LUIZA—Devéras, com muito gosto.

ARTHUR—Será possivel!...

FERNANDO—Visto que acceitam... *(a Arthur)* Dê-me essa pistolla *(dá-lh'a)* *(a Alvaro)* Dê-me essa estoque. *(dá-lh'o)* Muito obrigado. Agora sou eu o mais forte. *(ameçando os dois)*

(Ao publico)

Se uma herança tão inesperada
Veio dár-me consolação,
A duvida de vos agradar
Põe minh'alma em tribulação.

Acceitae-a, eu vol-a cedo,
E dáe-me a vossa approvação:
Contento-me com duas palmas,
Fique a herança em compensação.

CAE O PANNO

Digitized by Google

NO PRÉLO

CONTOS SEM POESIA

NARRATIVAS, CONTOS, LENDAS, TRADICÇÕES, ETC.

por

Diogo José Seromênho

Condecorado com a medálha ao merito

Um volume nitidamente impresso

PREÇO 500 RÉIS

Recebem-se assignaturas

Digitized by Google

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

PEÇAS PUBLICADAS

Diogo José Seromênhô

A doida, drama em 5 actos.
A vida d'um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
A Orphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena-dramatica.
Simplicidade e esperteza, entre-acto.
Por causa d'um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o Duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas, a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Aventuras d'um gabão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furioza d'amor, comedia em 1 acto.
O amant emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 a to.
V. ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.
O Cura de Santa Cruz, drama em 1 acto.
A cabelleira de minha mulher, comedia em 1 acto.

Diogo José Seromênho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos.

A. R. Palhaes

Por ser economica, comedia em 1 acto.

Todas estas peças são proprias para se representar em theatros publicos e particulares.—A' venda em todas as livrarias e agencia dos theatros.

Typ. Lisbonense—Largo de S. Roque, 7

Digitized by Google

CONTINUA...

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, Socio honorario
do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representada com applauso em differentes theatros
e escripta expressamente para os distinctos amadores D. Maria do Carmo,
Pedroso, e Sant'Anna

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1882

Digitized by Google

PERSONAGENS

D. Antonia de Sousa.— Affonso de Sousa.— e Francisco Carneiro.

Actualidade

ACTO UNICO

Sala bem mobilada Um guarda-vestidos á direita. Carteira com todos os pertences para escrever.

SCENA I

D. Antonia.

(*Lendo um jornal.*) «São numerosas as cartas que recebemos, pedindo-nos para publicarmos o nome da notabilissima escriptora que assigna o nosso folhetim com o pseudonimo de, Ceres. Sentimos não estar auctorisados a satisfazer a curiosidade dos nossos leitores.» (*levantando-se.*) E' horrivel! Vêr-me no cumulo da gloria, e ter a triste necessidade de occultar o meu nome. E tudo porque? Por estar casada com um homem que aborrece as escriptoras. Que julga que a mulher que escreve não cose. E' um erro! Eu sei tão bem fazer um folhetim ou um soneto como sei fazer uma camisa ou umas ceroulas. Ahi, vem meu marido! (*esconde o jornal.*)

SCENA II

D. Antonia e Affonso.

Affonso Vou á vida.

D. Antonia. Se vens buscar-me para passear, não venhas muito tarde.

Affonso. Em sahindo da secretaria. (*a parte.*) E' melhor fallar-lhe agora, e assim sahirei de duvidas. (*alto.*) Tenho que te fallar de uma cousa que me traz muito preoccupado.

D. Antonia. Assustas-me! Falla.

Affonso. E' uma tolice! Mas preocupa-me. Ora ouvo... Hontem á noite... Mas primeiro que tudo não vás julgar que suspeito...

D. Antonia. Acaba com as reticencias... Falla claro..

Digitized by Google

Affonso. Lá vai... A noite passada acordei, quando tu dormias...

D. Antonia. Não vejo nada para admirar!

Affonso. Ouve. Tú dormias, e sonhavas, movendo os braços, e fazendo muitas caretas... Depois déste um suspiro, muito baixinho... e disses-te...

D. Antonia. O que? Que foi que disse?

Affonso. Antes de te dizer devo novamente advertir-te, que não suspeito de ti... Disses-te «querido Arthur.»

D. Antonia (*á parte.*) O heroe do meu romance.

Affonso (*á parte.*) Perturbou-se. (*alto.*) «querido Arthur.»

D. Antonia. Pois não me lembro.

Affonso. Com franqueza, o tal «querido Arthur,» incomodou-me um pouco, mas agora...

D. Antonia. Agora estás tranquillo.

Affonso. Agora estou. (*a parte*) estarei álerta.

D. Antonia. (*á parte.*) Salvei-me bem.

Affonso. A gente sonha couzas tão ratonas!

D. Antonia. Foi algum pezadello.

Affonso (*á parte.*) Cada vez estou mais desconfiado.

D. Antonia (*á parte.*) Isto não pode continuar. Vou dizer-lhe a verdade. (*alto.*) Affonso tenho que te dizer uma couza.

Affonso. Dize lá.

D. Antonia. (*mostrando-lhe o jornal.*) Ouve o que diz este jornal.

Affonso. O que? Cahio o ministerio?

D. Antonia. Não, falla d'uma couza que te hade interessar muito, lê (*dá-lhe o jornal.*)

Affonso (*lendo.*) «São numerozas as cartas que recebemos, pedindo-nos para publicar-mos o nome da notabelissima escriptora que assigna o nosso folhetim com o pseudonimo de Ceres.» A mim nada d'isto me interessa.

D. Antonia. (*á parte.*) Não o interessa!

Affonso. Quem hade ser essa escriptora? Alguma egual ás outras, metade homem, metade mulher; uma pretencioza ridicula; no gosto das que Moliére immortali-

Digitized by Google

zou. Bem estupido deve ser o marido para consentir que a mulher perca o tempo, em taes bagatellas.

D. Antonia. *(a parte.)* Pobre Affonso. Não sabe que o estupido é elle.

Affonso. E era então este o assumpto interessante *(à parte.)* Foi um pretesto, para não fallar mais no sonho. Mas eu estarei álerta.

D. Antonia. *(á parte.)* E' o unico a quem não interessão os meus triumphos.

Affonso. Adeos, vou para a repartição. *(á parte.)* Quem será o tal Arthur! *(alto.)* Adeos, até logo. *(sae)*

SCENA III

Antonia *só*

E' horrivel! é horrivel! Que homem! ainda bem que não insistiu em perguntar-me quem era o Arthur, com que sonhei. Algum dia vejo-me em séria entallação. Não tenho remedio senão continuar a guardar o incognito. Vamos a aproveitar o tempo para ver se acabo o capitulo 48 *(senta-se á mesa a escrever)* A's 11 horas vem buscar o original. Vamos a vêr aonde fiquei. *(lendo)* «Arthur suspirou. Au«rora comprehendeu que aquelle suspiro encerrava um «poema d'amor, de ternura, de sentimento, de paixão, de «enthusiasmo, de poesia e de outra porção de cousas mais. «E retirou-se ao seu quarto decidida a tudo A. vista do ty«ranno parecia empurral-a para um abysmo profundo. Ti«rou uma folha de papel com cantos dourados, pegou em «uma penna, e molhando-a em tinta violeta. escreveu o se«guinte... *(deixando de ler.)* Esta carta é preciso ser es«cripta com todo o cuidado. *(escrevendo.)* «Arthur, idolo «adorado...»

SCENA IV

D. Antonia e **Carneiro**

Carneiro. *(detendo-se á porta. Á parte.)* Está escrevendo! Não reparou em mim. Está com a febre da inspiração! Não a interrompo. *(entra nos bicos dos pés e senta-se n'uma cadeira.)* Com que rapidez escreve! E' um talento admiravel!

Digitized by Google

D. Antonia. (*escrevendo*) «O teu amor ou a morte. Fe-«chou a carta e atou-a ao pescoço da innocente pomba, que «se lançou ao espaço, orgulhosa por levar a um amante a «felicidade tanto tempo esperada... Felicidade, felicidade! «Palavra angelica rodeada d'espinhos...»

Carneiro Muito bem!

D. Antonia. Ah! não sabia que estava ahi!...

Carneiro. Desculpe-me, mas não a queria interromper.

D. Antonia. Tenho pena que me visse escrever.

Carneiro. Então porque?

D. Antonia. Porque quando escrevo deixo-me guiar pelo fogo da inspiração, e faço acionados, gestos, rio, choro, suspiro identifico-me com a situação em que se acham os meus personagens, e naturalmente a quem vir a sangue frio, parecerá ridiculo...

Carneiro. (*fumando incessantemente.*) Parece-me ridicula! Não diga isso. Todas as escriptoras notaveis teem tido suas excentricidades quando escrevem as suas obras. Remontando-nos á antiguidade, vemos Sapho, que só escrevia versos ao compasso da sua lyra; depois temos a celebre romancista Anna Radcliffe, que só escrevia á luz d'uma vela metida n'um craneo, depois temos Mme de Girardin a qual não podia escrever sem ter almoçado costelleta com tomates, e a inimitavel Jeorge Sand, que não era capaz de escrever sem beliscar a ponta do nariz.

D. Antonia. Vou dar-lhe o original para o proximo numero.

Carneiro. Já leu o que dissemos, no ultimo numero, aos que estão interessados em saber o seu nome? (*áparte.*) maldicto charuto! (*accende-o.*) Porque não consente que descobramos o incognito?

D. Antonia. E' impossivel! Sabe perfeitamente a causa. Aqui tem o original. Ah! deixe-me o ultimo quarto, (*coloca-o em cima da mesa.*)

Carneiro. E o drama, quando o acaba?

D. Antonia. Está muito adeantado. Mas tambem não tenciono pôr-lhe o meu nome.

Carneiro. Mas isso é um crime. Renunciar a uma gloria certissima. aos applausos do publico, ancioso por a conhe

Digitized by Google

cer. Sabe que desde que os jornaes anunciaram o seu drama, não se falla n'outra cousa. Imagino a primeira representação. *(levanta-se.)* Na primeira noite, o theatro estara completamente cheio. No fim do primeiro acto a ovação será immensa, o publico dando palmas, gritará «Fóra o auctor!... fóra o auctor!...» o panno subirá, e v. ex.ª apparecendo em scenà, será coberta de applausos e de flôres...

D. Antonia. Sinto a voz de meu marido!... Esconda-se... *(Carneiro sae pela porta da esquerda. Affonso entra.)*

SCENA V

D. Antonia e Affonso.

Affonso. *(collocando o chapéo sobre uma cadeira.)* Aqui me tens! Dei com as ventas na porta. Não me lembrava que hoje era feriado.

D. Antonia. Não tornas a sahir?

Affonso. Não. Mas que tens tu? Pareces preoccupada!...

D. Antonia. Eu! Não tenho nada. *(áperte.)* Estou em torturas.

Affonso. Vou despir o casaco. Já não saio senão de tarde, em tua companhia. *(pega no chapéo de Carneiro. Aparte.)* Desconfio da preoccupação de minha mulher. *(sae pela direita.)*

SCENA VI

D. Antonia, depois, **Carneiro.**

D. Antonia. Pode sahir.

Carneiro. Até amanhã... *(colloca na cabeça o chapéo de Affonso: que lhe entra até ao pescoço.)*

D. Antonia. Saia. Olhe que me compromette.

Carneiro. Este chapéo não é meu!

D. Anotnia. Elle ahi vem!... Esconda-se aqui. *(esconde-o no armorio, n'este momento entra Affonso.)*

SCENA VII

D. Antonia e Affonso.

Affonso. Viste o «Diario de Noticias»?

D. Antonia. Não. Talvez esteja no quarto.

Digitized by Google

Affonso. (*procurando na mesa.*) Parece-me que, estava aqui. (*reparando n'uma ponta de charuto.*) Quem esteve aqui?

D. Antonia. (*assustada.*) Ninguém... Porque?

Affonso (*áparte.*) Fez-se pallida! (*alto.*) Exijo que me digas quem esteve aqui, depois d'eu sahir.

D. Antonia. Já te disse, que ninguem ..

Affonsoo. Tenho a certesa que aqui esteve um homem.

D. Antonia Porque?

Affonso. (*mostrando-lhe a ponta de charuto.*) Por isto!

D. Antonia. Isso não prova nada, será teu.

Affonso. Eu não fumei ainda hoje.

D. Antonia. Pois bem. vou dizer-te a verdade: temia que te incommodasses... e por isso...

Affonso. Falla, falla...

D. Antonia. Pois bem... eu fumo... Tenho este vicio... e julgando que não te agradaria... fumava sómente quando tu sahias.

Affonso. Sim. (*a parte.*) Não me illudes. (*alto.*) Pois podes fumar. Não me icommodas, ao contrario, acho elegante uma senhora a fumar. (*a parte.*) Espera traidora que já te arranjo. (*alto.*) Vamos fumar os dois um charuto de companhia. como dois bons amigos. (*tirando a charu--eira e offerecendo-lhe.*)

D. Antonia. (*a parte.*) Valha-me Deus, cuidava que estava salva. Não tenho remedio senão sacrificar-me. (*tira um charuto e accende-o.*)

Affonso. São muito bons, são da «Tabacaria Central.»

D. Antonia. Tabacaria Central?!

Affonso. Sim. No Gonçalves, do Largo de Camões.

D. Antonia. (*tossindo*) É muito forte!

Affonso. É mais fraco do que tu estavas a fumar. Engole o fumo.

D. Antonia. (*á parte.*) Agonia-me... não sei...

Affonso. Estás uma fraca fumadora. (*á parte.*) Nunca fumou na sua vida.

D. Antonia. (*deixando-se cahir no sofá e deitando o charuto fóra.*) Não posso mais.

Affonso. O que é isso, estás agoniada?

Digitized by Google

D. Antonia. Alguma cousa... mas isto passa... vou beber agua... *(levantando-se.)* Sinto-me tonta! *(sae.)*

SCENA VIII

Affonso e Carneiro

Affonso. Infame! Mas quem estaria aqui?... Preciso descobrir tudo! *(sae pelo fundo.)*

Carneiro. *(sahindo do armario.)* Toca a fugir, ainda que seja sem chapéo. *(deixa o chapéo de Affonso sobre uma cadeira.)* Elle ahi volta. *(sae pela esquerda.)*

Affonso. *(entrando.)* Aqui ha um mysterio que devo aclarar. Fingirei que de nada suspeito. É o melhor meio. E tudo isto no fim de dez annos de casado! Mas quem estaria aqui? Será possivel que minha mulher me engane? *senta-se e repara no quarto escripto que D. Antonia deixou.)* O que é isto? É a sua letra. *(lendo.)* «Arthur, idolo adorado.» «Estou decidida a tudo.» Ingrata, hei-de vingar-me. *(lendo.)* «Meu marido é um tyranno cujo jugo não posso supportar por mais tempo.» Oh! quanto son desgraçado! E eu que tanto quero a esta falsa. Oh! mas serei um Otello. *(lendo.)* Teu amor ou a morte. Dispõe tudo para a nossa fuga... continua... Que quererá isto dizer! Que continuação será esta! Serão capazes de um crime. Ella ahi vem. *(esconde a carta.)*

SCENA ULTIMA

D. Antonia, Affonso, e depois Carneiro

D. Antonia. *(á parte.)* Não abrio o armario, respiro. *(senta-se a coser.)* Estás preocupado.

Affonso *(á parte)* Continua... O que quererá dizer?

D. Antonia *(a parte.)* Terá algumas suspeitas!

Affonso. *(a parte.)* Se não fallo rebento. *(alto.)* Antonia?

D. Antonia. *(assustada.)* Que queres?

Affonso *(a parte.)* Assustou-se! Tem a inquietação do culpado. *(alto.)* Já estás melhor!

D. Antonia. Já.

Affonso. Infame! Sei tudo.

D. Antonia. Tudo quê?

Digitized by Google

Affonso. Que és tão vil que pagas o meu amor, enganando-me.

D. Antonia. Que dizes?

Affonso. *(mostrando-lhe o quarto ascripto.)* Vê.

D. Antonia. Oh! perdão,

Affonso. Então é verdade?

D. Antonia. Sim perdoa-me por te ter ocultado a culpa é tua.

Affonso. Minha.

D. Antonia. Sempre te ouvi dizer que uma mulher casada não se devia dedicar a isso.

Affonso. E dizia muito bem.

D. Antonia. Foi por isso que temendo desgostar-te nada te disse.

Affonso. A minha vingança será horrivel.

D. Antonia. Mas isto nada tem de espantoso. Já que descobris-te deixa continuar.

Affonso. Tu estás doida.

D. Antonia. Guardarei o maior segredo; nimguem o saberá. Que te pode importar. Outros maridos o consentem Julgas que por isso te heide amar menos. E consentindo tu, não me esconderei, como até hoje. Eu te mostrarei o que hei dado á luz.

Affonso. Estás doida! O teu crime fas-te perder, a cabeça.

D. Antonia. Mas que tens? Porque me olhas assim?

Affonso. Desgraçada!

D. Antonia. E' possivel que me julgues com tanta dureza.

Affonso. Quem é o infame que esteve aqui! Agora não o podes negar.

D. Antonia. Não t'o quero ocultar, o homem que esteve aqui é o proprietario do jornal a Constituição.

Affonso. Vou matal-o.

Carneiro. *(Deitando a cabeça de fóra da porta.)* Estou arranjado? *(occulta-se.)*

Affonso. Dize-me aonde é a redação do jornal. *(põe o chapéo, e vendo que não lhe serve, atira com elle.)* Este chapeu não é meu! De quem é este chapéu?

Digitized by Google

D. Antonia. E' d'elle.

Affonso. Então está aqui... aqui! Agora vae pagar tudo. Dize-me aonde está!

D. Antonia. (*fechando o armario à chave e guardando-a.*) Nunca.

Affonso. Ah! está ahi! Dá-me a chave.

D. Antonia. Nunca. Esse homem está innocente.

Affonso. Quero a chave por força. (*dirige-se a D. Antonia para lhe tirar á chave. D. Antonia recua até à janella, que abre, deitando a chave à rua.*) Sou um tigre! Oh! que ideia! (*gritando junto do armario.*) Vães pagar o teu crime. (*tira uma pistola da gaveta da mesa, e dirige-se ao armario.*) Vou dar-lhe um tiro.

D. Antonia. Que fazes!

Affonso. Morre, infame. (*dispara sobre o armario e em seguida cae desfallecido em uma cadeira.*)

D. Antonia. (*cahindo tambem sobre uma cadeira.*) Ai!

Carneiro. (*apparecendo á porta.*) Estou morto. (*occulta-se.*)

Affonso. (*levantando-se, e escutando junto do armario.*) Nada, silencio espantoso. Está morto, e bem morto. Eu! Assassino! meu Deos!

D. Antonia. Que fizeste, desgraçado!

Affonso. Sim, desgraçado e bem desgraçado. Por tua causa me levarão preso, me julgarão, me condemnarão, o meu retrato de criminoso apparecerá nas caixas dos phosphoros.

D. Antonia. E agora que vaes fazer?

Affonso. Agora? Matar-te, e depois matar-me.

D. Antonia. Pobre homem, tão honrado, tão digno, tão innocente, sacrificado por um homem sem sentimentos.

Affonso. Era innocente! E ainda tens a infamia de dizer isso d'um homem que me roubava a minha honra.

D. Antonia. Que dizes?

Affonso. Do homem com quem querias fugir.

D. Antonia. Estás doido!

Affonso. Tenho a carta que lhe escreveste, aqui a tens. (*lendo.*) «Arthur, idolo adorado.»

Digitized by Google

D. Antonia. Oh! é um engano horrivel! Isso é uma carta do romance que estou escrevendo... Pois não sabes que sou escriptora! Era isso que te tinha occultado.

Affonso. É então uma carta de um romance! Esse homem não era teu amante? Quem era então?

D. Antonia. O proprietario do jornal aonde se publica o meu romance.

Affonso. E matei-o! Mas quem sabe se estará só ferido! Dá-me a chave...

D. Antonia. Deitei-a fóra.

Affonso. Arrombemos o armario. Desgraçado!

Carneiro *(que entra.)* Aqui estou!

Affonso e D. Antonia. Ah!...

Carneiro. Francisco Carneiro, que lhe pede a fineza de consentir que esta senhora continue a escrever para honra da litteratura portugueza.

Affonso. Sim, minha querida esposa, dou-te licença até de pôres em verso a conta da lavadeira e da mercearia.

D. Antonia. Agora é que sou completamente feliz.

Affonso. Já que és poetisa, improvisa uns versos e dedica os áquelles senhores. *(indica a platéa.)*

D. Antonia. *(canta.)*

Depois de um *qui pro quo*
Que acabasteis de vêr
Não posso bem com certeza
Um improviso fazer.

Mas como a vossa bondade
Continua a proteger-me
Farei versos amanhã
Se amanhã vierdes ver-me.

(CAE O PANNO)

Digitized by Google

Digitized by Google

O DENTISTA

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

(CONDECORADO COM A MEDALHA AO MERITO,
SOCIO HONORARIO CORRESPONDENTE DO GREMIO LITTERARIO
PORTUGUEZ NO PARÁ, ETC.)

REPRESENTADA NO THEATRO DE VARIEDADES

D. J. S.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA =1881

Digitized by Google

PERSONAGENS

Joanna — Pedro — Lucas — Miguel e — Theodoro.

ACTO UNICO

Sala em uma casa modesta, um tremó á esquerda, com espelho, tendo em cima alguns instrumentos cirurgicos, frascos com remedios, utensilios para escrever.

Junto ao espelho uma cadeira antiga, com uma corda atada a um dos braços, cadeiras, quadros etc.

SCENA I

PEDRO E JOANNA

PEDRO. (*Limpando as ferramentas*) Joanna! Limpaste o pó ás cadeiras e ao espelho? És capás de te esquecer de tudo com as tuas leituras.

JOANNA. Que mal faço em ler?

PEDRO. Fazes mal a ti mesma, porque todas essas mentiras que contêem os romances se te encaixam na cabeça, e de noite não sonhas senão asneiras.

JOANNA. Ora deixe-me.

PEDRO. Não te zangues. Dize-me gostas de Lisboa?

JOANNA. Muito.

PEDRO. Tambem eu; ao menos aqui tenho sempre que fazer. não é como na provincia, onde todos têem os dentes magnificos. Mas eu bem sei porque tu gostas muito de Lisboa... E' por cauza d'esse pasfalhão.

JOANNA. Outra vez! Não diga esses nomes. Olhe que elle é um homem de bem, e tem um bom emprego.

PEDRO. E queres tú comparal-o ao filho do tio Procopio, que é podre de rico.

JOANNA. Mas é um grande estupido.

PEDRO Quem te disse semelhante couza? o rapaz tem estudado muito. E hades por força cazar com elle.

JOANNA. Mas isso é uma tyrannia! Como sou desgraçada!

Digitized by Google

SCENA II

OS MESMOS E LUCAS

LUCAS. (*Fica á parta com um lenço atado na cara, fingindo dores de dentes.*)

PEDRO. (*á parte*) Não chores, que é vergonha.

LUCAS. (*á parte*) Parece que me passou a dôr, bastou a vista do dentista

PEDRO. Muitos bons dias, pode entrar, pode entrar e sentar-se.

LUCAS. (*sentando-se.*) Muito obrigado (*á parte*) Tenho immenso medo d'elle.

PEDRO. Em que o posso servir? Quer que lhe tire meia duzia de dentes?

LUCAS. Meia duzia! Safa, nem um, bastou a sua vista para me passar a dor.

PEDRO. Não faço questão em tanto lhe levo por tirar um dente, como por lhe tirar todos.

LUCAS. (*approximando-se de Joanna, que está chorando*) Fez-lhe doer muito, menina?

JOANNA. Deixe-me.

LUCAS. (*baixo a Joanna*) Eu só queria saber. (*á parte*) Está dito, não tiro o dente.

PAULO. (*á parte*) Fallaram baixo, será este urso o namorado de minha filha!

LUCAS. (*a Joanna*) Quantos dentes lhe tirou?

JOANNA. (*zangada*) Nenhum.

PAULO. Mas diga-me o sr. veio cá para fallar comigo, ou com minha filha.

LUCAS. Ah! é sua filha; é muito sympathica.

PEDRO. (*á parte*) E' por força este o apaixonado de minha filha, e as dores de dentes são fingidas.

LUCAS. Está a chorar coitadinha com dores de dentes. E' sempre assim, em cara de ferreiro...

PEDRO. Eu não sou ferreiro, ouvio, mas acabemos com isto, o que veio o sr. aqui fazer?

LUCAS. (*preplexo*) Eu vinha para uma cousa, mas já estou arrependido.

Digitized by Google

Pedro. *(á parte)* Comprehendo, vinha ver a filha e encontrou o pae.

Lucas. E' verdade, arrependido... A carne é fraca... *(á parte)* Não sei o que digo. *(alto)* Estou enamorado de uma donzela...

Pedro. Já sei isso.

Lucas. O que! Sabe? Então conhece-a? Diga-me tive bom gosto ou não?

Pedro. Mas o pae é que o despreza, e que lhe agarra por uma orelha e o põe no meio da rua. Que mais tem a dizer-me?

Lucas. Doia-me um dente, mas a dôr já passou. Passe muito bem *(Sae a correr, Pedro persegue-o.)*

SCENA III

PEDRO E JOANNA

Pedro. Maroto! tu hades voltar e então te arranjarei. Sabes que sou inexoravel, hade-se fazer o que eu mando.

Joanna. E' uma tyrannia.

Pedro. Silencio, não me obrigues a tirar-te os dentes todos. Casarás com quem eu quizer! E em quanto a esse vil seductor. Eu o arranjarei. *(Sae pela esquerda.)*

SCENA IV

JOANNA E MIGUEL *(que entrará com precaução)*

Miguel. Joanna, querida Joanna tens estado a chorar?

Joanna. Não queres que eu chore! Meu pae oppõe-se ao nosso casamento. Diz que hei de casar com um tolpa d'um ricasso, filho d'um amigo delle.

Miguel. Maldito seja o dinheiro.

Joanna. É verdade, é o dinheiro que me separa de ti; mas antes quero morrer, do que casar com outro homem que não sejas tu.

Miguel. Eu virei fallar a teu pae.

Joanna. Não faças tal, que elle prometteu tirar-te os dentes todos.

Digitized by Google

MIGUEL. É esse o seu officio.

JOANNA. Ai! Miguel se meu pae nos encontra juntos!

MIGUEL. Não tenhas medo, isto é um estabelecimento publico e elle não me conhece. É preciso combater esse noivo.

JOANNA. Tenho medo que venha meu pae, sai-te. Adeus.

MIGUEL. (*beijando-lhe a mão*) Não me esqueças anjo querido. (*Sae esbarrando com Lucas.*)

SCENA V

JOANNA E LUCAS

LUCAS. Saía que bruto!

JOANNA. Fez-lhe mal?

LUCAS. Hia atirando comigo ao chão. Bem basta não poder parar com dores de dentes. Mas espera, tem graça, já me não doem os dentes? Basta a ideia do dentista! Para a dor me passar.

JOANNA. Eu vou chamar meu pae.

LUCAS. Não chame, não chame, peço-lhe de joelhos.

JOANNA. Mas porque? Não vem o sr. para tirar o dente?

LUCAS. É verdade, mas assim que chego aqui passa-me a dôr.

JOANNA. Não tem remedio senão tirar o dente, para nunca mais ter dores.

LUCAS. Diga-me já lhe tiraram algum dente?

JOANNA. A mim? nunca.

LUCAS. E sabe se doe muito?

JOANNA. Já se vê que doe.

LUCAS. Mas seu pae nos annuncios, diz que os tira sem dôr. Está decidido, tenho medo, não tiro o dente. É saio-me antes que seu pae venha.

Digitized by Google

SCENA VI

OS MESMOS E PEDRO

Pedro. (*entrando, á parte*) Outra vez este maroto. (*alto*) Olá amigo tenho que lhe dizer.

Lucas. Agora estou com muita pressa. Mas enfim estou ás suas ordens.

Pedro. (*com gravidade*) Joanna deixa-nos sós. (*Joanna sae.*) Meu caro sr. a paciencia tem limites. Eu sei tudo. E fique sabendo que me opponho fortemente a taes relações.

Lucas. Quaes relações?

Pedro. Você manga comigo! Ainda me quer impingir que lhe doem os dentes! Diga-me d'uma vez para sempre o que quer aqui.

Lucas. A verdade, é que não posso parar com dores de dentes.

Pedro. (*indo buscar os ferros.*) Não fallemos mais n'isso.

Lucas. (*assustado*). Mas o que vae fazer?!

Pedro. Não diga mais nada, vou-lhe tirar os dentes que lhe doem... sente-se...

Lucas. Mas se já me não doe.

Pedro. (*sentando-o á força*). Silencio. Quantos dentes lhe doem?

Lucas. (*levantando-se de repente.*) Nenhum,

Pedro. Bem sabia eu, que o senhor me enganava; mas afianço-lhe que não sae d'aqui com os dentes todos.

Lucas. Mas isso é uma barbaridade!

Pedro. Jura-me que renuncia á esses amores?

Lucas. Quaes amores. (*á parte*) O homem é doido.

Pedro. Não se faça de novas, se quer que o deixe ir embora hade jurar-me que não continuará a transtornar a cabeça á rapariga, que não tornará a vel-a.

Lucas. (*saindo a correr*) Sim, juro, juro...

Digitized by Google

SCENA VII

PEDRO E DEPOIS JOANNA

PEDRO. (*chamando*) Joanna, Joanna, vem cá.

JOANNA. Aqui estou.

PEDRO. Chegou o momento supremo, esgotas-te a minha paciencia, agora prepara-te para o sacrificio. Vou immediatamente escrever ao tio Procopio, para que nos mande o filho, o teu noivo...

JOANNA. Isso nunca!

PEDRO. (*sentando-se a escrever*) «Meu bom amigo». Estimo que esteja bom...

SCENA VIII

OS MESMOS, E MIGUEL (*que se dirige nas pontas dos pés, para Joanna, sem vêr Paulo.*)

MIGUEL. Já me lembrou um meio.

JOANNA. (*assustada*) Está alli meu pae.

MIGUEL. (*surprehendido*) Ah! Cahi na ratoeira.

JOANNA. (*á parte*) Pelo amor de Deus, finge, senão estamos perdidos.

PEDRO. (*voltando-se*) Olá meu amigo, estou ás suas ordens. Tem algum dente cariado?

MIGUEL. Cariado! Olhe para lhe dizer a verdade não sei.

PEDRO, Isso já se vae vêr. Sente-se. (*Vae á meza buscar ferramenta.*)

JOANNA. (*áparte*) Vaes deixar que te tire um dente!?

MIGUEL. (*áparte*) Que remedio, é pelo teu amor?

JOANNA. Mas papá, não hia escrever?

PEDRO. Primeiro que tudo a obrigação.

MIGUEL. (*querendo escapar-se*) Não, se tem que fazer, eu volto ámanhã.

PEDRO. De modo algum.

MIGUEL. (*áparte*) Estou bem arranjado.

PEDRO. Eu éra capaz de lhe tirar os dentes todos e com toda a perfeição.

Digitized by Google

Joanna. *(áparte)* Pobre Miguel! É não lhe poder valer?

Pedro. Vamos a vêr, abra a bocca *(examinando e áparte)* Os dentes parecem estar todos bons, qual lhe tirarei? *(alto)* Então qualquer que lhe tire.

Miguel. Qual quizer.

Pedro. Bravo, gosto d'essa coragem.

Joanna. Mas, papá, é possivel que já passasse á dôr a este senhor, e não seja preciso tirar o dente.

Miguel. É verdade, já me não dóe.

Pedro. *(á Joanna, zangado)* Calla-te d'isto não percebes nada. *(áparte)* Este homem parece não saber o que vejo aqui fazer, *(examinando-lhe os dentes)* Com que então posso tirar-lhe o que me parecer? Mas como eu não sei qual é o que lhe dóe, vou-lhos tirando até que o amigo diga basta.

Joanna. Que horror!

Miguel. Então, se me tira os dentes todos não posso mastigar á comida.

Pedro. Não perde nada com isso. Ponho-lhe uma dentadura nova. Isto é um momento. Quer que o ate á cadeira para não perder o animo.

Miguel. Já me passou a dôr, não quero.

Pedro. Homem isso é ser cobarde.

SCENA IX

Os mesmos e THEODORO *(typo de provinciano apalermado e depois LUCAS)*

Theodoro. É aqui que mora um dentista?

Pedro. *(áparte)* Que typo tão apalermado! *(alto)* É aqui, o que deseja?

Theodoro. Eu vinha... vinha... porque sou...

Lucas. *(entrando muito depressa, percorre a scena, áparentando uma grande dôr)* Tenho o inferno dentro da bocca!

Pedro. *(a Lucas)* Eu não lhe disse que não voltasse cá.

Lucas. Disse, mas agora venho decidido.

Pedro. Que atrevimento!

Digitized by Google

Lucas. Sei que é atrevimento! porém estou decidido, não posso viver assim!

Pedro. *(ao ouvido de Lucas)* Pois espere, que já vamos tratar d'isso.

Lucas. Muito bem, eu espero.

Pedro. *(a Miguel)* Vamos a isto que é um instante.

Miguel. Eu não tenho pressa, sirva aquelle senhor.

Lucas. Não senhor, eu sei o que são dores de dentes, não posso permittir que me ceda a sua vez.

Miguel. Eu cedo de bôa vontade.

Pedro. Ah! estão com ceremonias, pois nem um nem outro. *(a Theodoro)* Venha cá, sente-se aqui. *(Theodoro que estava destrahido, e com modos innocentes).*

Theodoro. Bom, cá estou sentado.

Pedro. *(áparte a Miguel)* Agora váe ver como se opéra por surpresa! *(a Theodoro)* Abra a bocca, já sei é o ultimo de baixo! Perfeitamente. *(áparte a Miguel)* Vê como este tem coragem.

Theodoro. Mas o que váe o senhor fazer?

Pedro. Nada, unicamente curiosidade! *(Abre a bocca e Miguel mete-lhe o botição, Theodoro gesticula e quer levantar-se, mas Pedro segura-o gritando)* Um, dois, tres!

Theodoro. *(levanta-se rapidamente, gritando, e tapando a cara com um lenço.)* Ai! ai! saia que bruto!

Pedro. Estava muito agarrado.

Theodoro. Bruto! eu não vinha tirar nenhum dente.

Pedro. Então o que vinha cá fazer?

Theodoro. Eu sou filho do tio Procopio!

Pedro. Do tio Procopio! Meu filho? Vem a meus braços.

Theodoro. Arrede para lá, eu não sou seu filho nem quero sel-o, e venho declarar-lhe que apesar da vontade de meu pae, não quero casar com sua filha.

Pedro. Não quer? Porque?

Theodoro. Porque me dedico á igreja e por isso não quero casar. Se não fosse por engano eu o insinaria, por me tirar o dente. É muito bruto. *(sae.)*

Digitized by Google

SCENA ULTIMA

Os mesmos, menos THEODORO

JOANNA. Ouviu, papá?

PEDRO. Ouvi, e julgas que por este disistir, te dou licença para casares com o tal marote.

MIGUEL. Tenho a honra de lhe pedir a mão de sua filha.

JOANNA. Meu pae consinta na nossa felicidade.

PEDRO. (*indicando Lucas*) Mas não é este o teu namorado?

JOANNA. Não senhor.

LUCAS. Quero cá saber de namoros.

PEDRO. Então o que quer o senhor aqui?

LUCAS. Quero que me tire um dente, que não me deixa parar com dores?

PEDRO. Pode-se sentar, isto é um momento

JOANNA. Então papá?

PEDRO. Pois bem, podem casar e sejam felizes. Agora vou tirar o dente a este senhor, mas antes. (*Ao publico.*)

Quatro palmas só vos peço,
Sejam dadas por favor,
Para applaudir o dentista
Que tira dentes sem dôr.

CAE O PANNO

Digitized by Google

DESCRENÇAS

DRAMA EM UM ACTO

POR

Diogo José Seromênho

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representado com geraes applausos no theatro do Principe Real, em Evora, no Porto, Alhandra, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
BIBLIOTHECA FUNDADA EM 1869
DIOGO SEROMÊNHO — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24, 2.º
LISBOA — 1884

Digitized by Google

PERSONAGENS

ANTONIO RIBEIRO—ADELIA RIBEIRO—JOAQUIM, carteiro.

N'uma aldeia—Actualidade.

ACTO UNICO

Casa de jantar, mobilada á antiga; portas ao fundo e lateraes.

SCENA I

ANTONIO e ADELIA

ADELIA—Agora que tudo está prompto e que não precisas de mim, vou á egreja ao septenario das Dôres.

ANTONIO—Vae, vae, primeiro os deveres de boa christã; apesar de que fico tão só... Ainda se cá tivesse o retrato de Jayme.

ADELIA—*(assustada)* O retrato!... Nunca te esquece!

ANTONIO—Ha tanto tempo que lhe mandaste fazer uma moldura nova...

ADELIA—Mandei-o para o Porto.

ANTONIO—Um anno quasi para pôr uma moldura n'um retrato! Se tu fosses franca comigo, dirme-hias que pouco te importas com o retrato d'esse ingrato. E tens razão! Foi grande a sua ingratidão, queria-lhe como filho, tinha-o visto nascer, e contava que me visse morrer. N'um dia, sem motivo algum justificavel, despede-se com frieza, e elle ahi vae para Loanda, fazer não sei o que... Fiquei abatido, soffocado. Nada lhe disse; só quando o vi retirar, chorei, chorei como uma creança...

ADELIA—Deixa essas recordações que te magôam.

Digitized by Google

ANTONIO—Sim, recordações bem amargas, mas que queres, a velhice só d'ellas vive. Na minha edade ama-se até ao tumulo, e as ingratidões matam. De todo o meu immenso passado só tu me restas, tu, o ultimo soldado fiel que não tem desertado atravez das tristes campanhas da minha vida. Obrigado, doce e santa creatura. Deus vê a tua dedicação, e elle te dará premio condigno. *(n'outro tom)* Apesar de tudo, é necessario mandar buscar o retrato; quero vel-o.

ADELIA—Pois sim.

ANTONIO—Não te esqueças; o seu retrato atenuará um pouco as saudades que tenho d'elle. Lembras-te como era gentil e espirituoso?... Oh! meu querido passado, minhas tristes recordações!

ADELIA—Até já, eu não me demoro. Da janella me vês entrar para a egreja.

ANTONIO—Sim, vae, adeus; reza, santa, reza por mim, e por elle.

ADELIA—*(perturbada)* Sim, sim, rezarei... adeus. *(sae)*.

SCENA II

ANTONIO, depois JOAQUIM

ANTONIO—*(olhando pela janella)* Lá se dirige á igreja. Vae, querida companheira, reza a esse grande Deus de justiça; as tuas preces serão ouvidas, porque és um anjo de bondade. Que seria de mim se ella me faltasse? Adorado bordão a que se encosta a minha decrepita existencia. *(batem á porta do fundo)* Quem é?

JOAQUIM—Pode abrir, é o correio.

ANTONIO—*(abre a porta, o correio entra)* Seja bemvindo, e bemvinda a nova que nos traz.

JOAQUIM—Sempre engraçado e rijo.

ANTONIO—Engraçado talvez, rijo é que não.

JOAQUIM—Eu acho-o sempre na mesma; os Janeiros já lhe não fazem móssa.

ANTONIO—Isso é dos seus olhos maganos; o seu bom espirito faz-lhe ver tudo côr de rosa. Mas a proposito, o que o traz por cá?

JOAQUIM—Um pacote para lhe entregar, e péza que é um gosto. Parece um quadro e vem muito bem acondicciona-

Digitized by Google

do; traz muitos sellos; vem da costa d'Africa... não sabia que tinha lá conhecimentos.

ANTONIO—Um quadro! Da Costa d'Africa! Dê cá... Será d'elle?

JOAQUIM—Aqui tem, e adeus, que ainda tenho muito que dar as pernas. *(sae).*

SCENA III

ANTONIO *(só)*

ANTONIO—*(fecha a porta, dirige-se á meza. desembrulha o quadro que colloca sobre o fogão e examina-o)* A mesma moldura! E' exquisito! No fim de mezes vem o retrato na mesma! Aqui ha mysterio! Vamos a ver se encontro alguma cousa que me dê a chave do enigma. *(procura nos papeis que embrulham o retrato)* Duas cartas! Que será? Não sei que me adivinha o coração! Pressentimentos de fatal desgraça. *(senta-se e lê)* «Ex.ma sr.a D. Adelia Pinto da Silva Ribeiro. Loanda 27.» Não conheço a letra! Mandaria Adelia o retrato para Africa! Vejamos o que dizem as cartas, pois é onde deve estar a chave do enygma. *(abre uma carta e lê)* «O amor. A Adelia.» O amor, acho exquisito! Versos! E a letra de Jayme; vamos ler tudo; principiemos pelos versos. *(lendo)*

O amor é sonho da vida,
Meiga nuvem de bonança,
Pharol de infinita esperança,
Harpa eólea de canções!

O amor é dôce balsamo
Que a existencia perfuma,
Flor perdida entre a bruma,
Vivido sol d'illusões!

O amor é estrella errante
Que no céu gentil reluz;
Archanjo que nos conduz
Ao trilho da salvação.

Digitized by Google

O amor é harmonia
D'um mysterio peregrino,
D'alma poema divino
De divina inspiração!

O amor é um sylpho aereo,
Luz etherea que se apaga,
O amor é nota vaga
D'um encantado alaude;

O amor é ente occulto
Que nos dá um goso ameno,
Mas que ás vezes tem veneno
Com que mata a juventude!

O amor é vaporoso enleio,
E' particula de innocencia,
E' pura e sagrada essencia
N'um calix de crença e fé.

Cada vez comprehendo menos. *(pega n'outro papel e lê)* «Ex.ma sr.a D. Adelia. Tenho a honra de enviar a v. ex.a o retrato do nosso amigo e empregado Jayme de Mello, assim como a carta que o acompanhou. Quando o retrato aqui chegou tinha o sr. Jayme fallecido havia dois mezes. Juntamente lhe enviamos esses versos que o nosso empregado tinha escripto para v. ex.a, e que se acharam entre os seus papeis depois do seu fallecimento. Remettendo-lh'os, julgamos cumprir um desejo do fallecido.» Oh! meu Deus! Morto! morto! e longe da patria, e longe d'aquelles que tanto o amavam! Vejamos mais, quero esgotar o calix até ao fim. *(lêndo)* «Depois da morte do sr. Jayme entendi que devia abrir o pacote para saber a quem havia de remetter tudo. Conte v. ex.a com a minha discripção, serei calado como um tumulo.» O que quererá dizer com o seu silencio? *(pegando na outra carta)* Vejamos esta, a letra é de Adelia! Que vejo, meu Deus! *(lêndo)* «Jayme. Desde o dia em que te obriguei a partir e a quebrar as criminosas cadeias que nos uniam...» Estarei sonhando! Meu Deus! «O motivo das minhas letras hoje, no fim de oito annos de silencio e expiação, é o teu retrato; envio-t'o, porque o

Digitized by Google

teu olhar me perseguia e me atribulava a vida com remorsos.» Meu Deus! E vivo ainda! *(lendo)* «Adeus, Jayme, adeus para sempre. Separamo-nos para nos punirmos, mas esta cruel separação tambem fez soffrer um ente adoravel que nós cobardemente enganamos durante quatro annos. *(com lagrimas na voz)* E durante quatro annos, n'esta casa viveu o adulterio a meu lado, manchando-me os cabellos brancos. Oh! Deus não é justo! *(cae na cadeira, chorando).*

SCENA IV

ANTONIO e ADELIA

ADELIA—*(entrando pelo fundo)* Aqui estou; demorei-me o menos possivel. Mas o que tens?... Choras?! *(Antonio aponta-lhe para o retrato. Adelia dá um grito)* E' este retrato que te faz soffrer?

ANTONIO— O amor é sonho da vida,
Meiga nuvem de bonança,
Pharol d'infinita esperança,

ADELIA—*(chorando)* Oh! basta!

ANTONIO Harpa eólea de canções.

ADELIA—*(de joelhos)* Perdôa, perdôa...

ANTONIO—A sua carta matou-me!... eis a razão porque mandou o retrato! O meu corpo ha muito tempo que estava morto, só vivia a alma, e essa acaba de ter morte infame dada pelas tuas mãos! Irrisão da sorte! Quem esperaria isto!

ADELIA—*(chorando)* Ha seis annos que soffro, choro e me arrependo contricta.

ANTONIO—O meu soffrer de momentos equivale ao teu arrependimento d'annos! Não equivale, não.

ADELIA—Meu Deus, matae-me!

ANTONIO—Viveras, é preciso que vivas. Quero saber tudo! Soffreste muito quando elle partiu?

ADELIA—Torturas-me...

ANTONIO—Ainda o amas?

Digitized by Google

ADELIA—Ainda e sempre.

ANTONIO—E porque não partiste com elle?

ADELIA—Oh! nunca; tu és bom, e morrerias.

ANTONIO—Singular coração! *(pegando na carta)* Queres saber como foi devolvido o retrato?

ADELIA—Não, nada quero saber.

ANTONIO—Infames! *(pega no retrato e atira com elle ao chão)* Vou sahir d'esta casa que detesto! Prohibo-te que me sigas. *(sae pelo fundo e fecha a porta por fóra).*

SCENA V

ADELIA (SÓ)

ADELIA—Meu Deus, meu Deus, valei-me! Que tremendo castigo! Eu que julgava o passado esquecido, e o nosso crime expiado! Maldita lembrança que tive em devolver o retrato! A sua prezença fazia-me soffrer. Devia ter a coragem para soffrer, assim como a tive para commetter o delicto. Sou uma mulher perdida, uma adultera, o meu logar não é aqui. Deixarei esta casa para sempre. *(quando se encaminha para a porta, esta abre-se e apparece Antonio muito pallido).*

SCENA ULTIMA

ADELIA e ANTONIO

ADELIA—Obrigada, vieste dar-me o adeus da despedida, és bom, o teu coração é sempre generoso. Adeus, adeus para sempre...

ANTONIO—Não partirás!

ADELIA—Que dizes, meu Deus?!

ANTONIO—Quando d'aqui sahi ha pouco, tencionava nunca mais voltar; dirigia-me sem destino, quando deparei na minha frente com a egreja. Entrei, porque a religião é um balsamo consolador para os desgraçados. Joelhei e orei, o espirito illuminou-se-me; chorei, as lagrimas alliviaram-me a dôr. Erguendo os olhos, deparei com o quadro de

Digitized by Google

Santa Maria Magdalena, banhado de luz. Encarei-a, e a Santa disse-me ao coração: «Perdôa, perdôa. Deus tambem me perdoou, e o homem não tem direito a ser mais justo do que Deus». Comprehendi, e aqui estou.

ADELIA—(*beijando-lhe a mão*) Perdôas-me?

ANTONIO—Perdôo; Christo tambem perdoou á Magdalena, porque ella muito tinha amado. A culpa foi minha, era muito velho para ti, porque

O amor é sonho da vida,
Meiga nuvem de bonança,
Pharol d'infinita esperança,
Harpa eólea de canções.

CAE O PANNO

Digitized by Google

(10)

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

A DOIDA

DRAMA EM 5 ACTOS

(REPRESENTADO COM APPLAUSO NO THEATRO BOCAGE)

PREÇO 400 RÉIS

LISBOA
SEROMÊNHO & PALHAES
EDITORES

Digitized by Google

Digitized by Google

DIOGO JOSE SEROMÊNHO

A DOIDA

DRAMA EM CINCO ACTOS

Offerecido ao ex.mo sr. commendador Antonio José Rodrigues Loureiro

SEROMÊNHO & PALHAES
EDITORES
LISBOA

Digitized by Google

PERSONAGENS

ANDRÉ
O CONDE DE S. JORGE
VISCONDE DE S. JORGE (seu filho)
MARCOS
A DOIDA
BRANCA (sua filha)
MARIA (sua filha do conde de S. Jorge)
UM CRIADO

A scena passa-se em 1816, n'um castello perto de Grenoble. O 1.º e 3.º acto no castello do conde de S. Jorge, o 2.º 4.º, e 5.º na cabana de André.

ACTO PRIMEIRO

Salão gothico, com janellas para o parque, portas aos lados, uma meza á direita, chaminé á esquerda. Maria borda ao pé do bastidor.

SCENA I

VISCONDE, MARIA, UM CRIADO

VISCONDE *(entra pelo fundo, dá o chapeu ao criado)*

Visconde. Já estão a jantar?

Criado. Ainda não, sr. visconde, o sr. conde ainda está no gabinete com o sr. André.

Visconde. Adeus querida prima *(vae á chaminé ver as horas)*. Diz-me, Maria, que fará meu pae todos os dias fechado no seu gabinete durante seis horas com esse estupido André.

Maria. Pergunta-lh'o.

Visconde. Foi o que fiz. Meu pae respondeu-me que eu não tinha nada com isso, e André disse-me, com o seu modo agradavel, que era um segredo.

Maria. Devia ter-t'e respondido como teu pae.

Visconde. Que queres, embirro com elle... Entretanto existe um segredo entre elles. Um segredo entre o conde de S. Jorge, e o sr. André, mestre escola, parece-me que é curioso!

Digitized by Google

Maria. E é a mim que te dirijes para saberes!?...

Visconde. É, minha adorada prima, e esposa.

Maria. O tio nunca me confiou os seus negocios.

Visconde. A confiança não é o forte de meu pae, por isso me admiro da maneira como trata esse rustico.

Maria. *(levantando-se)* Não deixarás de injuriar esse rapaz. Não é um janota, que mande vir o fato de Paris, mas é um homem honrado, e o primo sabe que o tio não gosta que fallem assim d'elle.

Visconde. Nem a prima.

Maria. A mim, é verdade, os insultos que dirijes a André vem recair em mim.

Visconde. Não comprehendo.

Maria. Farei a deligencia para me comprehenderes; meu tio e teu pae, affastado de Paris, pela volta dos Bourbons, veio refugiar-se n'este castello, que, como sabes, fica a algumas leguas de Grenoble.

Visconde. Comprehendo.

Maria. Tiraram-me do collegio em que estava, e trouxeram-me para aqui, e declararam-me, logo que aqui cheguei, que em tres mezes teria logar o nosso casamento.

Visconde. Até ahi comprehendo, e poderás ajuntar que já lá vão dois mezes depois da nossa chegada, e que essa epocha fatal se aproxima.

Maria. Fatal, é o termo proprio e não o encontraria melhor.

Visconde. O que?

Maria. Realmente qual tem sido a tua conducta para commigo durante estes dois mezes? Nos primeiros tempos os nossos divertimentos não eram muito variados, é verdade, porque meu tio não queria receber ninguem. Mas, emfim, havia da tua parte a delicadeza de tomares parte na solidão em que eu vivia, mas ha oito semanas, desde a epocha em que o sr. André entrou para aqui como secretario, o que é feito de ti?

Visconde. *(fingindo admiração)* E destes pela minha ausencia.

Maria. Seria difficil, sahias todas as manhãs, e não entravas senão á tarde.

Visconde. Sou desejado.

Digitized by Google

Maria. Resulta d'ahi, que passo os dias todos sósinha.

Visconde. Esquece-se, encantadora prima, que durante as duas horas que meu pae consagra todos os dias aos seus negocios, sempre lhe deixa a companhia do seu querido André.

Maria. Sem duvida, querido primo, e como me deixa sempre n'essa companhia, devo ficar-lhe muito obrigada da estima em que me tem, pois julga que me devo contentar com a companhia de um rustico, como lhe chamas, creio que comprehendes agora o que eu queria dizer?

Visconde. Muito bem, despeitos, epigrammas, não julgava que fosses ciumenta.

Maria. Ciumenta! Se traduzes d'essa maneira os meus sentimentos, renuncio a lastimar-me.

Visconde. Do meu abandono.

Maria. *(voltando-se para a mesa)* Já disse o que tinha a dizer-t'e.

Visconde. *(á parte)* Pobre Maria! Se ella soubesse, tenho muitas culpas, mas, Branca é encantadora! *(voltando-se)* Ah! Ahi vem meu pae com o sr. André. *(mirando André)* Quem poderá imaginar que este grande estupido é irmão da mulher mais encantadora da França!...

Maria. *(á parte e sentando-se)* Queria amal-o, porque hade ser meu marido, mas hade-me ser difficil.

SCENA II.

VISCONDE, CONDE, ANDRÉ, E MARIA

O Conde e André *(entram por uma porta lateral, da direita, vem conversando)*

Conde. Amanhã ha-de trazer-me tudo posto em ordem, copiado, deixando-me margem. Póde ser que junte alguma cousa.

André. Este negocio da sr. marqueza de Pinhel é espantoso, e deve ter a peito destruir todas as calumnias que ella tem attrahido sobre v. ex.ª.

Conde. Silencio *(a Maria que se levanta)* Adeus Maria, manda pôr o jantar na mesa. *(Maria vae ao fundo e toca a campainha)*.

Visconde. O senhor André dá-nos o prazer de jantar comnosco.

Digitized by Google

André. Minha irmã e minha mãe esperam-me, sr, visconde, e quando não estou a horas, minha pobre mãe afflige-se, e o seu mal augmenta.

Conde. (*examinando os jornaes na mesa*) A sua razão está completamente perdida.

André. Completamente.

Conde. Não ha esperanças de a curar?

André. Ai de mim, ha 20 annos que está assim.

Conde. E triste, mas o senhor é um bom filho, e um homem honrado.

Maria. (*baixo ao visconde*) Ouviu?

Visconde. (*olhando André*) Olha para o fato, está adoravel.

Maria. (*vivamente*) Debaixo d'aquelle fato grosseiro ha um bom coração.

Visconde. (*rindo*) E' preciso que ahi haja alguma cousa.

Conde. O que foi que disse?

Visconde. E' Maria que me cita um bocado da Escriptura.

Maria. (*á parte*) E chama a André estupido!...

SCENA III

OS MESMOS E UM CRIADO (*pelo fundo*)

Criado. A menina chamou?

Maria. O jantar na mesa.

Criado. No mesmo instante. Porém devo prevenir, sr conde, que esta manhã o moleiro Marcos se apresentou para pagar ao sr. conde a renda vencida, que elle deve a v. ex.ª.

Conde. Ou antes que elle te deve, querida Maria, porque é o rendeiro de uma das tuas propriedades. (*ao criado*) E quando voltará.

Criado. Ainda está no castello.

Conde. Porque me não avisaram mais cedo?

Criado. V. ex.ª tinha prohibido que o incommodassem.

Conde. E' verdade, e ha mais de seis horas que elle está esperando!

Visconde. E com a demora do jantar, faz...

Conde. E' muito, e se Maria me dá ainda um quarto de hora vou despachal-o.

Maria. Oh! meu tio.

Digitized by Google

Conde *(ao viscoade)* Acompanha-me.

Visconde. *(baixo á Maria)* Retem um pouco o nosso amigo, e vê se sabes o famoso segredo.

Maria. *(á parte)* Não é d'isso que eu lhe hei de fallar.

Conde. Até amanhã André.

André. Até amanhã sr. conde.

Conde. *(ao visconde que ficou junto á chaminé)* Anda, d'entro de um mez, na qualidade de marido, terás a gerencia dos bens que eu administro como tutor de Maria, e quero que comprehendas os seus negocios. *(a Maria)* Até já. *(saem)*

SCENA IV

MARIA E ANDRÉ

André. *(perto da mesa. á parte)* Seu marido, elle?... Meu Deus!... *(vae para sair, Maria detem-o).*

Maria. Tenho que lhe dizer,

André. A mim?

Maria. *(indo ver ao fundo se estão sós)* Ao senhor.

André. *(á parte)* E' um segredo!

Maria. *(aproximando-se)* Acaba de ouviro que meu tio disse?

André. Disse que dentro de um mez, o sr. visconde, será seu marido.

Maria. E' preciso que durante este tempo eu tome uma resolução.

André. A melhor resolução parece-me que é esposar seu primo.

Maria. A minha determinação póde depender do que o sr. disser.

André. N'estas cousas não tenho que lhe dar conselhos, é cousa que lhe diz respeito.

Maria. Não é um conselho que eu lhe peço é... *(hesita)* O que lhe vou dizer é bem extraordinario; não era assim que uma menina devia fazer, mas as circumstancias forçam-me.

André. E' possivel que alguem a faça soffrer? Se eu o soubesse...

Maria. O que faria?

Digitized by Google

André. *(humildemente)* Nada... nada...

Maria. Ouça, sabe que sou orphã, não tenho outros parentes senão o conde de S. Jorge, e seu filho.

André. Já o desconfiava. Quando se tem uma mãe, não se póde viver senão junto d'ella.

Maria. *(suspirando)* O sr. comprehende isto.

André. Não é de mim que se trata, minha irmã não me ama, e minha mãe não estima senão minha irmã.

Maria. E é o senhor que as sustenta com o producto do seu trabalho, e não se mostram gratas.

André. E' o meu dever, sou homem, e nasci para trabalhar. Ellas não tem precisão de me amarem por tão pouco, em quanto que v. ex.ª se tivesse sua mãe, se tivesse uma irmã, ellas a amariam, tenho a certeza...

Maria. *(tristemente)* Quem sabe?

André. *(com convicção)* Asseguro-lhe.

Maria. Quero crêl-o, mas Deus recusou-me essa felicidade, e acho-me só, sem apoio, sem protecção, no momento o mais critico da minha vida.

André. Mas de que tem tanto medo?

Maria. Não tem notado que meu primo ha mais de um mez deixa toda os dias o castello, e...

André. *(com satisfação)* Sim, tenho notado, e muitas vezes lh'o tenho agradecido em silencio.

Maria. O que? Agradece-lhe o elle abandonar-me, desprezar-me, muito obrigado.

André. *(com embaraço)* Sabe que não era isso que eu queria dizer. E' que quando v. ex.ª está só, escuta-me, falla-me, conversa-mos juntos, e se o sr. visconde aqui estivesse sempre, eu não teria tamanha felicidade.

Maria. *(sorrindo)* Faz consistir a felicidade em bem pouco.

André. E' verdade, quando se não está acostumado... Um pouco basta.

Maria. *(com vivacidade)* Um pouco? Agradeço-lhe o cumprimento.

André. Sou muito desgeitoso!

Maria. Ás vezes.

André. Sempre, mas falle-me de seu primo, do seu casamento, está triste, não sei que diga, mas isto perturba-me, faz-me perder a cabeça, já não sei o que faço! Tenha pie-

Digitized by Google

dade de mim, diga-me o que me quer, e falle-me com bondade, sem escarnecer de mim.

Maria. Porque, já escarneci do sr.?

André. *(sorrindo)* Muitas vezes.

Maria. *(com affecto)* Antigamente, mas agora, dirijo-me ao sr. como a um amigo.

André. Eu, seu amigo?...

Maria. E para lh'o provar peço-lhe um favor.

André. *(com entusiasmo)* Um favor, vinte, para a servir daria a minha vida, o meu sangue.

Maria. Devagar, tenho medo. Conheço-o e sei que é preciso tomar sentido com o que se lhe pede, ha poucos dias passeando nós no alto d'aquelle barranco escarpado, só porque eu tive a extravagancia de achar bonita uma flôr que estava do outro lado, o sr. desceu o precipicio em risco de vinte vezes perder a vida, apezar dos meus gritos, com o fim apenas de me trazer uma miseravel flôr que não valia, com certeza, o susto que me causou.

André. Cada um faz o que póde, estou ao seu dispor, e prometto-lhe que serei prudente.

Maria. Prudente e discrepto.

André. Tenho muitos segredos no coração, e v. ex.ª não os sabe, isto basta para lhe provar que sou discrepto... De que se trata?

Maria. É preciso que me informe habilmente do que faz meu primo.

André. *(recuando)* Espião... Nunca!

Maria. Recusa. *(André faz signal que sim)* Pois bem. *(váe para sair).*

André. *(retendo-a)* Não!... Não... Recuso, mas peça-me outra cousa... Tudo o que quizer.

Maria. Tudo menos o que me póde salvar?

André. Salval-a!... *(silencio)* É uma má acção, mas, por sua causa, não o faria nem por minha mãe, nem por minha irmã.

Maria. E é por isso mesmo, que o não faz por ellas, que espero o farâ por mim, porque não quero que tenha remorsos da sua boa acção... Escute! Se sua irmã, proxima a casar, suspeitasse que o seu noivo a enganava, que amava uma outra, não desejaria esclarecer esta duvida, antes de a deixar envolver n'uma união indossuluvel?

Digitized by Google

André. Iria ter com esse homem e o obrigaria a declarar-se.

Maria. Com sua irmã teria esse direito, mas commigo, dir-lhe-hiam que com isso nada tinha.

André. Oh! sim, importa-me que seja feliz.

Maria. É preciso ser prudente e discrepto.

André. Pois bem, d'entro de uma hora, saberei se o sr. visconde a engana.

Maria. E se assim fosse... O que faria?

Criado. *(entrando pela esquerda)* O senhor conde e o sr. visconde, esperam v. ex.ª.

Maria. *(despedindo-se)* Bem!... *(a André)* Até amanhã, e não se esqueça que se trata da minha felicidade.

André. Até amanhã, é impossivel que a não amem!

SCENA V

ANDRÉ *(só)*

Parece-me que o visconde está mais namorado de si mesmo do que de sua prima. Ella ama-o, e a prova é que tem ciumes d'elle... Ciumes... *(pausa)* E que tenho eu com isso? Ella ama-o, será feliz com elle... Exijo eu outra cousa?... Vou fazer o que ella me pediu. *(Saindo dá um encontrão em Marcos que vem entrando).*

SCENA VI

ANDRÉ E MARCOS

André. Ah! é o sr. Marcos, perdão por o ter empurrado.

Marcos. Estou desesperado, estes fidalgos são uns infames, não me quiz acceitar os pequenos escudos senão a 55 soldos. De que nos serviu a queda do usurpador, e a volta dos Bourbons, se ficou tudo como dantes. Bem se vê que este conde de S. Jorge é um velho jacobino.

André. O sr. conde um jacobino?!

Marcos. Pensa que o não conhecem? Estava em Lyon, quando elle commandava com Fouché, e Canthou, fez o diabo, o velho judeu!... N'esse tempo ainda Bonaparte lhe não tinha dado o titulo de conde de S. Jorge, e achava que o papel moeda valia dinheiro, e hoje pretende que os pequenos escudos não tem peso!... Bebedor de sangue.

André. Olhe que o podem ouvir.

Digitized by Google

Marcos. Repetil-o-hei diante d'elle.

André. Mas não diante de mim.

Marcos. Olhe não lhe firam os ouvidos!

André. Falle á sua vontade, não tenho aqui o direito de lh'o pedir, mas não quero ouvir os insultos que derije a um homem que devo considerar como o meu bemfeitor. *(vae para sair).*

Marcos. *(seguindo-o)* Bemfeitor!... Não sabia... O pae protegeo ao sr., e o filho quer proteger sua irmã, fará uma bonita fortuna, faço-lhe os meus comprimentos.

André. *(parando, e á parte)* Seu filho protege minha irmã!... *(a Marcos)* O que foi que disse?

Marcos. O que todos dizem.

André. O senhor fallou de minha irmã.

Marcos. Não se poderá fallar n'ella?

André. Mas, o sr. disse.

Marcos. Disse e digo ainda que é uma boa menina, mas que se julga mais do que é.

André. E depois...

Marcos. Imagino que para uma costureira que foi educada n'um convento, por caridade, não devia ser tão altiva para com um homem honrado que lhe offerecia o que tinha, casando com ella.

André. Ella fez mal em regeital-o, mas o sr. quiz-me fazer comprehender...

Marcos. Quiz fazer-lhe comprehender que quando se consente que as meninas adquiram habitos superiores ao seu estado, succedem desgraças, e que se em logar de se deixar conduzir por ella como uma criança, lhe tivesse dado de quando em quando lições de moral, não teria chegado ao estado a que chegou.

André. Mas a que estado?

Marcos. O sr. visconde póde-lh'o dizer melhor do que eu.

André. *(admirado)* Conhece elle por ventura minha irmã?

Marcos. Basta só ter olhos, para o ver entrar todos os dias em sua casa.

André. Todos os dias?

Marcos Sim.

André. Mas a que horas.

Marcos. Deve sabel-o porque se ha alguns que dizem

Digitized by Google

que elle escolhe para ir a sua casa a hora em que o sr. vem ao castello, ha outros tambem que dizem que o sr. escolhe para sair a hora em que sabe que elle deve chegar.

André. *(com colera)* E quem é que diz isso?

Marcos. Aquelles que vendo-o tão orgulhoso, o sr. que não era senão um mau mestre escola, pensam que o irmão aproveita do mau comportamento da irmã.

André. *(approximando-se)* E quem é que pensa isso?

Marcos. Eu, e outros.

André. *(furioso, agarrando-o pela garganta)* Pois bem, tu primeiro; veremos depois os outros.

Marcos. Deixe-me.

André. Vamos ter com minha irmã para repetir o que ouzaste dizer... e treme se é falso. *(deixa-o)*.

Marcos. E o que é que me fará?

André. Fostes soldado?

Marcos. Quer dizer, fui conscripto, contra minha vontade.

André. Dar-me-has uma satisfação,

Marcos. Ao sr., a um mau bastardo que veiu não sei d'onde... o filho de uma velha doida.

André. Insultas minha mãe!

Marcos. O irmão d'uma...

André. *(agarra-o e lança-o no chão)* Ah! miseravel!

Marcos. Soccorro... soccorro...

André. Calla-te!

Marcos. Soccorro, soccorro, que me affogam!

SCENA VII

OS MESMOS, O CONDE, O VISCONDE E MARIA

(entram pela porta do fundo á esquerda)

Conde. O que é isto?

André. *(á parte)* Maria! Ah! que ella não saiba nada.

Marcos. *(ao Conde)* Meu bom senhor, era este homem que me queria affogar, porque lhe disse que o sr. visconde...

André. *(baixo a Marcos)* Se dizes uma palavra, mato-te.

Visconde. O que é que dizias de mim, patife.

Marcos. Era a respeito. *(André ataca-o e elle dá um grito)* Elle quer-me assasinar, porque sua irmã...

André. Cala-te.

Conde. André que significa isto em minha casa?

Digitized by Google

André. Queira desculpar-me, sr. conde, este miseravel insultou-me, pedi-lhe uma satisfação e recusou-se como um cobarde.

Visconde. Bate-se?

André. (*com altivez*) Quando acho pessoas honradas que me respondam.

Marcos. Porque eu lhe disse...

André. (*com violencia*) Senhor conde, diga a esse homem que se cale.

Conde. (*a Marcos*) Silencio, vá esperar-me ao meu gabinete.

Marcos. (*á parte*) Tu m'o pagarás. (*sahe pela direita*).

SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS MARCOS

Conde. Agora poderá dizer-nos?

André. (*á parte*) Oh... não diante d'ella.

Conde. Que especie de insulto lhe dirigiu esse homem?

André. Não m'o pergunte, e queira Deus que seja calumnia.

Maria. É então uma desgraça para o sr.

André. Queria que fosse só para mim.

Conde. Ameaçou sua mãe?

Visconde. Sua irmã.

André. Ameaçou-nos a todos. Ameaça horrivel!... (*comprimenta e sahe*).

FIM DO 1.º ACTO

ACTO SEGUNDO

Uma cabana, portas de todos os lados

SCENA I

VISCONDE (*atrás da porta do lado direito*)

BRANCA E A DOIDA (*assentadas, a Doida agitada*)

Branca. (*ao Visconde*) Esconda-se que minha mãe póde vel-o.

Visconde. Veja se faz com que ella vá para o quarto.

Branca. Não é facil, no estado em que está!...

Digitized by Google

Doida. (*levantando-se*) Que horas são?

Branca. Dez horas, minha mãe.

Doida. Dez horas, e André ainda não veio!... Este miseravel, quer-me matar!... Deixa passar a hora.

Branca. Não se deve demorar, não se atormente.

Doida. Tu bem sabes, depois da hora passada já não ha esperança, quando se espera para o dia seguinte, morre-se. Todos o sabem.

Visconde. (*escondido*) A doida diz bem, não é preciso esperar para o dia seguinte.

Doida. (*empurrando a porta que vê mecher*) Fecha essa porta, não é preciso excitar a curiosidade dos criados... estes miseraveis só querem denuncial-a, e então, então canta-se a canção da morte..

Branca. Bem, ahi começa ella!

Doida. (*cantando*) Trá, lá, lá.

Branca. Calle-se.

Doida. (*acabando gradualmente*) Trá, lá, lá. Não me lembra mais. (*com vivacidade*). Mas tu, Branca, deves-te lembrar... antes d'esse dia.

Branca. Mas de que dia?...

Doida. Antes, não comprehendes! Antigamente aonde estavamos?... mas responde-me... olhas para mim como se eu estivesse doida.

Visconde. (*escondido*) Não a póde olhar d'outra maneira.

Branca. (*á parte*) Agora é para toda a noite, é preciso não a contrariar, póde ser que consiga affastal-a um momento. (*á doida*) Olhe, minha mãe, devia ir ao encontro de André... sabe, elle vem sempre pelo bosquesinho, vá esperal-o.

Doida. (*caminhando agitada*) Não, não, é impossivel que o encontre ahi, está em casa de alguma celebridade artistica, com poetas, musicos, e philosophos. E aqui está como a nobreza se perde misturando-se com todo esse lodaçal; André faz o mesmo...

Branca. Vá procural-o elle lhe obdecerá.

Doida. Não, elle não tem o coração de um fidalgo, não traz espada... (*com desdem*) O teu visconde de S. Jorge tambem não traz espada; pequena nobreza, nobreza de toga, e de parlamento.

Digitized by Google

Branca. É verdade, e André é bastante culpado.

Doida. *(com colera)* Os parlamentos são os mais culpados, foram elles que semearam o espirito da revolta no povo; elles perderam a monarchia... e André não anda senão com essa gente,

Branca. Naturalmente ficou com elles, n'alguma taberna, a beber.

Doida. Tanto melhor, se trouxer vinho que o dê ao dispenseiro. *(dá uma badalada no relogio)* Ah! está bom. *(dirije-se para o quarto aonde está o visconde)*.

Branca. *(querendo-a fazer parar)* Aonde vae, por ahi?

Doida. Não ouviste a hora? Devo estar presente ao deitar da rainha. *(abre a porta e vê o visconde)* Porteiro, annuncie-me, estou apresentada.

Visconde. O que diz ella?

Doida. Estou apresentada, tenho o direito de ser annunciada.

Visconde. Pois bem. *(colloca-se de lado e eleva a voz como para annunciar)* A sr.ª condessa de André.

Doida. *(recuando e indo para Branca)* Atrevido! Condessa! Chama-me condessa!... Tudo está perdido, vês desconhecem os titulos... acabou-se, oh! sim, sim, sim, *(agarra Branca e puxa-a)* é preciso fugir, é preciso emigrar, vamos, vamos, vamos.

Branca. Mas, minha mãe...

Doida. *(cantando)* Trá, lá, lá. *(sahe)*.

SCENA II

BRANCA E VISCONDE

Visconde. Está magnifica a mãe André.

Branca. Ha muito tempo que não está tão agitada, chegou a ponto de o não conhecer. *(vae ver pela porta)* Anda passeando na cêrca.

Visconde. *(á parte)* Os momentos são preciosos, está na minha mão aproveital-os, André está ausente, segundo me disse Marcos, que encontrei, a doida foi-se, estamos sós... a noite está escura... sou amado... Ah! pobre Maria, ainda esta traição!...

Branca. *(com affectada gravidade)* Agora, sr. visconde, dir-me-ha porque veio a semilhante hora... apezar dos nossos

Digitized by Google

contractos, quando meu irmão póde entrar de um momento para o outro.

Visconde. Não entrará.

Branca. Como o sabe?

Visconde. Tenho a certeza.

Branca (*á parte*) Parece-me que tomou precauções.

Visconde. (*á parte*) Comprehendeu-me, e procura defender-se

Branca. (*á parte*) Ah! se elle não tivesse promettido casar commigo, (*descendo*) eu o faria pagar caro á sua impertinencia.

Visconde. (*olhando-a, á parte*) Pobre criança, está toda a tremer.

Branca. (*á parte*) Que ar de segurança com que elle está!

Visconde. (*á parte*) Que encantadora amante, se fazia d'este anjo!

Branca. (*á parte*) Que bom homem para marido.

Visconde. (*com paixão*) Branca.

Branca. (*baixando os olhos*) Senhor visconde.

Visconde. Metto-lhe medo?

Branca. (*fingindo-se atrapalhada*) Não completamente... mas não sei o que sinto.

Visconde. Está sintindo o mesmo que eu sinto n'este momento, é um amor que está sequioso de felicidade... um amor que arde em desejos de ser satisfeito.

Branca. É justamente o que eu quero.

Visconde. (*com alegria*) O que disse? Consentirá?...

Branca. Em ser sua esposa.

Visconde. (*á parte*) Metteu-se-lhe isto na cabeça.

Branca. Ou haverá contracto, ou então nada, isto lhe asseguro eu.

Visconde. (*aproximando-se*) Querida Branca, já lhe disse que este casamento não se póde realisar agora, tenho grandes considerações a guardar.

Branca. É justo, quando como o sr. se é herdeiro de uma casa nobre, deve-se ter muitas considerações a guardar, mas quando se é uma pobre rapariga como eu, deve-se ter tambem muitas precauções a tomar.

Visdonde. É preciso ser prudente Branca, meu pae não

Digitized by Google

está apaixonado, e não lhe posso fazer esquecer de repente o explendor e a antiguidade do seu nome. E' preciso acustumal-o á ideia d'este casamento desigual, mas um dia virá, em que senhor de mim, pagarei o teu amor com um titulo e uma fortuua.

Branca. Pois bem, esperâmos esse dia.

Visconde. Branca.

Branca. Senhor visconde?

Visconde. Quer-me comprehender?

Branca. Faço o possivel.

Visconde. E comtudo recusa acreditar nas minhas promessas, nos meus juramentos. Branca juro-lhe que será condessa de S. Jorge.

Branca. Os homens juram tudo, mas estou certa que não se attreve a escrevel-o.

Visconde. Escrever o que?

Branca. O que jurou.

Visconde. E' uma promessa de casamento que me pede?

Branca. (*requebrando-se*) Não lhe peço nada.

Visconde. (*á parte*) Não mudraá de parecer.

Branca. (*á parte*) E' preciso que não se affaste da questão.

Visconde. (*á parte*) Isto não me póde comprometter, e ella ignora, que graças ás nossas leis, isto não é um contracto serio.

Branca. (*á parte*) Não é valioso em justiça, mas não é d'ella que me servirei.

Visconde. (*com affago*) Se eu fizesse o que me pede, o que poderia esperar.

Branca. (*requebrando-se*) Ah! sr. visconde o que me está pedindo?

Visconde. (*agarrando-a pela cintura*) Responde-me, Branca.

Branca. (*defendendo-se fracamente*) Responde-se por acaso o essas questões.

Visconde. (*á parte*) Pertence-me.

Branca. (*á parte*) Tenho-o seguro.

Visconde. (*á parte, escrevendo sobre a mesa á direita*) Não é bonito o que estou fazendo, mas hei de obtel-a a todo o custo.

Digitized by Google

Branca. (*á parte*) Só terá o que elle merece.

Visconde. (*dando-lhe o papel*) Aqui tem, esqueço tudo Branca, a antiguidade da minha estirpe, o orgulho d'uma familia... tudo calco aos pés... Acredite que a amo?

Branca. (*tomando o papel*) Não duvido.

Visconde. Agora meu anjo, minha Branca.

Branca. (*affasta-o com a mão, com ar serio*) Agora sr. visconde escute-me... Amo-o, e creio que não quererá deshonrar aquella a quem quer dar o seu nome.

Visconde. Branca! Branca! É á sua generosidade que me derijo.

Branca. É um esforço digno do sr., da sua virtude.

Visconde. Branca, escuto só o meu amor, ha de ser minha.

Branca. Grande Deus! Visconde... Não me reduza ao desespero, não me obrigue a odeal-o,

Visconde. Branca... nunca...

Doida. (*á janella*) Branca.

Branca. (*á parte*) Ahi está minha mãe.

SCENA III

OS MESMOS E A DOIDA (*apparecendo á janella*)

Visconde. (*á parte*) O diabo leve a doida.

Branca. (*á parte, indo ter com sua mãe*) Já era tempo.

Doida. (*dando-lhe alguns papeis*) Olha Branca... vês, encontrei um thesouro.

Branca. Um thesouro... isto?

Doida. Sim, elle estava deitado por terra... remexi-o... esconde bem isto... vês, agora seremos ricas... Espera, espera, quero ver se elle ainda ahi está. (*desapparece*)

SCENA IV

BRANCA E O VISCONDE

Branca. Que quererá ella dizer «Elle estava deitado por terra, remexi-o.» Talvez seja algum desgraçado que esteja ferido.

Visconde. Ou algum bebado que tivesse cahido.

Branca. Estes papeis nos explicarão.

Visconde. Deixe os papeis e responda-me.

Digitized by Google

Branca. Não... isto faz-me medo (*á parte, passando para a mesa aonde está a lampada*) Isto livrar-me-ha d'elle. (*approxima-se da luz, e lê*). «Negocio da marqueza de Pinhel.»

Visconde. (*á parte*) Hades-me pertencer. (*Curva-se para abraçar Branca, que lê, e pára de repente*) Hein! A letra de meu pae!

Branca. (*á parte, enrolando os papeis*) A letra de seu pae! Isto é bom guardar.

Visconde. Dê cá, deixe-me ler.

Branca. A letra de seu pae! Não é possivel.

Visconde. Entretanto esta é com certeza a sua letra.

Branca. Ha tantas letras que se parecem umas com as outras... vou enrolar, e guardar estes papeis para os entregar a quem m'os vier reclamar.

Visconde. (*á parte*) São os mesmos que meu pae entregou esta manhã a André, comprehendo agora. Marcos tel-o-ha embebedado completamente, e sem duvida, está-a cosendo, n'algum canto do jardim. A occasião é favoravel, e agora quero saber o segredo das suas conversações... vejâ-mos se a doida com effeito se affastou. (*vai examinar ao fundo se estão sós, durante este tempo Branca approxima-se da lampada e lê*).

Branca. (*á parte*) É exquesito; serão por acaso as memorias do conde de S. Jorge, que meu irmão se encarrega de copiar? Mas se isto é verdade... o que quererá o sr, visconde dizer com a antiguidade da sua geração e de sua familia? (*mette os papeis no armario*).

Visconde. Então Branca, deixe-me ver esses papeis.

Branca. Enganou-se, não é a letra de seu pae.

Visconde. Porque?

Branca. Trata-se da historia de uma certa marqueza.

Visconde. Naturalmente alguma mulher da antiga côrte, com a qual a nossa familia travou relações de amisade.

Branca. Engana-se que não é isso.

Visconde. O que é então.

Branca. É simplesmente, pelo menos segundo o que está escripto n'aquelles papeis, uma grande senhora, cujo marido estava durante os tempos revolucionarios nas prisões de Lyon.

Visconde. Nas prisões de Lyon... dê-me esses papeis.

Digitized by Google

Branca. Parece que esta pobre mulher, querendo obter o perdão de seu marido, foi a casa do representante do povo um tal Bernardo...

Visconde. Entregue-me esses papeis, não vê que pertencem a meu pae.

Branca. Ah! O sr. conde de S. Jorge, chamou-se o cidadão Bernardo?

Visconde. *(embaraçado)* Sim... sim... no tempo da revolução, quanda a melhor nobreza era obrigada a esconder os seus titulos.

Branca. Ou que a nova não tinha ainda ganho os seus.

Visconde. Que diz?

Branca. *(depois de silencio)* Quero dizer, que me enganou indignamente sr. Bernardo.

Visconde. O que! Bernardo!

Branca. Sim, sr. Bernardo... e ha um mez que o sr, m-compromette, fallando-me sem cessar da sua grande familia, que não queria que fizesse um casamento desigual... É indigno.

Visconde. Está enganada.

Branca. Como se Branca, irmã de André, não valesse tanto como o filho do cidadão Bernardo.

Visconde. Juro-lhe... Branca.

Branca. Perdão, chame-me, « Minha Senhora » peço-lhe.

Visconde. És uma criança, e o meu amor...

Branca. Deixe-me senhor! Deixe-me! E eu que o amava tanto!

Visconde. Branca!...

Branca. Eu, que acreditava em tudo que me dizia.

Visconde. Querida Branca.

Branca. Eu, que lhe teria confiado a minha honra! A minha vida!...

Visconde. Ah! Sempre sou digno.

Branca. *(com altivez)* Sáia, senhor, ou chamo para me defender, minha mãe... meu irmão... qualquer pessoa.

Visconde. Pois bem, faça o que quizer, não sáio d'aqui sem que tenha obtido o meu perdão...

André. *(fóra)* Branca!... Minha mãe?...

Branca. E' meu irmão. *(á parte)* Não quero que o encontre aqui.

Digitized by Google

Visconde. *(á parte)* E' André, não importa que me encontre aqui.

Branca. Compromette-me, meu irmão é capaz de matar!...

Visconde. Sim, bem sei que é um pouco brutal, *(á parte)* Mas o que eu temo sobre tudo é que elle não falle no castello

Branca. E' preciso esconder-se...

Visconde. Mas aonde?...

André. *(fóra)* Minha mãe... Branca!...

Branca. É elle que se approxima.

Visconde. Aonde quer que me esconda?

Branca. Ahi, no meu quarto, ha uma porta que dá para o jardim, póde fugir em quanto vou ter com elle.

Visconde. *(atraz da porta, á esquerda)* Fugir, não minha querida, não fugirei, o lobo está no redil...

SCENA V

ANDRÉ, BRANCA E VISCONDE *(escondido durante a scena)*

André. *(entra cambaleando, vem coberto de poeira, e ferido no rosto)* Uma pouca d'agua!... Cobarde!... *(Deixa-se cahir sobre uma cadeira).*

Branca. *(á parte)* Em que estado!... Deixou-se ficar n'alguma taberna. *(alto)* D'onde vens, desgraçado?...

André. Dá-me agua Branca... agua...

Branca. Cahiu e feriu-se, se minha mãe visse isto.

Visconde. *(á parte)* Advinhei, Marcos embriagou-o.

André. Infame, vingar-se por um assasinato.

Branca. Não sabe o que diz.

André. Atacar-me pelas costas quando estava sem defesa

Branca. Atacaram-te?

André. Tinha deixado o castello ao escurecer, quando chegava ao angulo do bosque, um homem escondido por detraz de umas silvas, levantou-se, e antes de tempo de me voltar, descarregou-me uma pancada tremenda sobre a cabeça.

Branca. Sahias do castello?...

Visconde. *(á parte)* Marcos, não me disse nada!...

Branca. Conheces-tes quem te feriu?...

André. Não, porque cahi logo com a violencia da pancada

Digitized by Google

Branca. (*querendo rir*) Que historia tão exquisita que me contas. Quem queres tu que tenha interesse em te attacar? Não tens nada que te roubem.

André. Não era para me roubar, mas uma vingança.

Branca. Vingança, alguem a quem fizeste mal?

André. Quiz castigal-o por ter dito mal de uma pessoa que tu conheces.

Branca. Para que te compromettes por causa dos outros.

André. Porque me dizia respeito, e a ti tambem.

Branca. A mim! Tenho alguma cousa com essas pessoas?!...

André. (*levantando-se*) Espero que não, e oxalá, que Marcos tenha mentido.

Branca. (*á parte*) Marcos, parece-me tel-o visto girar em volta da nossa casa. (*alto*) O que foi que te disse?...

André. Disse-me que todos os dias durante a minha ausencia, recebias aqui uma pessoa.

Branca. Eu!... E quem?

André. O visconde de S. Jorge.

Branca. (*á parte*) O visconde. (*alto*) E tu soffreste isso? Não és um homem!

André. Não, minha irmã, não o soffri, porque foi então que na minha colera, o quiz arrastar até aqui, para o obrigar a pedir-te perdão.

Visconde. (*escondido, á parte*) Já sei o motivo da zanga.

Branca. (*fingindo chorar*) Julgar-me capaz...

André. Não, a colera apoderou-se de mim.

Branca. (*soluçando*) Meu Deus! Quanto se é desgraçada, quando se está exposta a semilhantes calumnias.

André. Oh! Juro-te que te vingarei, tem confiança em mim. (*estendendo-lhe a mão*) Obrigada, não sabes o bem que me acabas de fazer... que grande incerteza me arrancastes do coração, porque se é verdade que o sr. visconde engana sua prima, não te perdoaria de teres sido a causa.

Branca. (*com vivacidade*) O que é que dizes, o sr. visconde engana sua prima.

Visconde. (*á parte*) Isto vae mal!

André. Ella ama-o, e receia, é bem simples.

Branca. Ah! Ella ama-o... e elle?...

Visconde. (*á parte*) Diabo, ahi temos as explicações.

Digitized by Google

André. (*vendo mecher a porta*) Hein? O que é isto?

Branca. O que?

André. Pareceu-me ver mecher a porta d'este quarto.

Branca. (*á parte*) Ainda se não foi embora!

André. Talvez seja minha mãe...

Branca. (*fazendo-o parar*) Não é nada... o vento... (*elevando a voz*) Dizes então que a menina Maria, ama o sr. visconde.

André. (*triste*) Sim, ama-o, se assim não fosse não se occuparia tanto d'elle.

Branca. E elle ama-a?

André. Deve amal-a, porque vae casar com ella.

Branca. (*com vivacidade*) O que? Elle casar?

André. Ha muito tempo que este casamento está fixado, e como se deve effectuar antes de um mez...

Branca. Antes de um mez.

André. Foi para isso que ella me encarregou de saber, se seu primo a enganava.

Branca. A ti? Ella encarregou-te...

André. Sim, a mim, mas veio bater a má porta...

Branca. Melhor do que tu imaginas.

André. Eu, apenas sei o que se passa em casa.

Branca. Não é necessario ir mais longe, e podes-lhe dizer da minha parte, que o sr visconde é um monstro, e que não é ella só a enganada.

André. (*espantado*) Ah! E d'onde o sabes? Falla-se n'isso por cá?

Branca. (*elevando a voz*) O que te posso assegurar, é que elle não casará com sua prima.

André. Quem o impedirá?

Branca. Oh! Alguem que não se deixa conduzir facilmente. (*alto, e approximando-se da porta*) Não sou um homem, mas saberei conseguir que me façam justiça.

André. Que te façam justiça?

Branca. (*á parte*) Disse mais do que era necessario.

André. (*encolerisado*) Que te façam justiça, dissestes tu?

Branca. E então?

André. (*acalmando-se*) Não, não é possivel, minha irmã, que queres tu dizer, não me quero zangar... mas explica-te.

Digitized by Google

Branca. Já está tudo explicado.

André. O que?

Branca. Que o sr. visconde de S. Jorge, me enganou, como enganou sua prima.

André. Ah! Marcos não mentiu?

Branca. Conforme o que elle te disse.

André. E' verdade que o sr. visconde todos os dias aqui vem.

Branca. E que viesse?

André. Então mentiste-me ainda agora!

Branca. Pergunto-te os teus segredos?

André. (*com um grito de colera*) Branca! (*acalmando-se*) Oh! Não me falles d'essa maneira... E's quem governas aqui... fazes o que queres... o pouco que ganho és tu que o gastas... já é muito quando n'esta casa me dão uma má cama para dormir e um pouco de pão para não morrer de fome, soffro tudo sem me queixar... mas se por acaso tivesses deshonrado o nosso nome...

Branca. E quem te falla em deshonra?... Parece-me que uma rapariga honesta pôde receber um rapaz... que vem vel-a na intenção de casar com ella.

André. Acreditas-te n'esse miseravel?

Branca. Fez mais do que prometter, assignou!

André. E deante de semilhante escriptura esquecestes os teus deveres!

Branca. Não sou tão tola... nada esqueci..

André. Tu mentes... mentes ainda... Oh! meu Deus, e Maria vae dizer que eu o sabia, como os outros o acreditam, e o dizem... Oh! meu Deus... Branca, diz-me a verdade, Marcos teria ainda fallado verdade quando disse que tu eras a amante do visconde. (*bulha fóra de scena*)

Branca. Ah! Em quanto a isso prometto-te...

SCENA VI

ANDRÉ, BRANCA E A DOIDA

Doida. (*no quarto*) André, André, acode tenho-o seguro,

Branca. Meu Deus!

André. O que é isto? (*abre a porta*) Minha mãe!?

Doida. (*entrando rapidamente*) Escapou-me... fugiu...

André. Quem?

Digitized by Google

Doida. Elle... o carrasco... o visconde de S. Jorge... éra elle!...

André. (*a Branca*) Elle estava aqui! A esta hora!... Ah! Branca...

Branca. Juro-te.

André. Não jures, não juntes o perjurio, á deshonra.

Doida. A deshonra... a deshonra... anda minha filha é preciso fugir... deshonrei o nome de teu pae...

André. (*querendo fazel-a parar*) Minha mãe.

Doida. (*olhando-o*) Sangue... sangue... morreu... morreu... mataram-no e estou deshonrada!... Ah! é preciso morrer tambem... quero morrer!...

André. (*querendo-a fazer parar*) Minha mãe... minha mãe.

Doida. (*recuando, com gritos*) Ah! sangue... sangue... sangue.

André. (*deligenciando fazel-a parar*) Minha mãe... minha mãe. (*Sahem, Branca cae desmaiada n'uma cadeira*)

FIM DO 2.º ACTO

ACTO TERCEIRO

A mesma scena do 1.º acto

SCENA I

O Conde (só)

Antes de tudo, hei-de arranjar as cousas de fórma, que do acontecido nada chegue aos ouvidos de Maria. Ha mais altivez do que eu pensava, debaixo d'aquelle ar leviano, e pueril. Até aqui tenho-a achado submissa ás minhas ordens, mas basta a estupida imprudencia de meu filho, para rebentar uma guerra sem quartel, e eu não estou em posição para obrigar Maria a um casamento que devia assegurar a meu filho uma das mais ricas fortunas da França. Observando attentamente a minha conducta politica, gostariam de achar na minha vida privada razões plausiveis para me atormentar, por isso é preciso abafar este negocio, antes que elle se manifeste. Fiz ausentar hoje o visconde por todo o dia, com o fim de evitar algum escontro, d'este lado posso

Digitized by Google

estar socegado... Pobre André! E' elle quem devo sacrificar... que hei-de fazer?... E' preciso obdecer ás circumstancias quando se não póde dominal-as, elle ahi vem; um pouco de destreza, e se houver necessidade um pouco de severidade, e fará o que eu quizer, é a temidez, e o caracter de uma creança, no coração de um homem.

SCENA II

CONDE, E ANDRÉ *(entrando)*

André. Sei que me mandou procurar muitas vezes, sr. conde, queira-me desculpar o não ter vindo immediatamente.

Conde. *(assentado perto da mesa á esquerda)* Já sei da desgraça que lhe aconteceu. Disseram-me que suspeita de Marcos, como auctor da emboscada.

André. Talvez que elle não seja senão o instrumento; mas não foi isso o que me impediu de me apresentar no castello.

Conde. Então o que foi?

André. Como eu esperava, minha mãe affligiu-se muito da minha demora... e circumstancias que eu não podia prever levaram esta exaltação até um delirio terrivel. Fugiu de casa, e passei toda a noite á sua procura.

Conde. Achou-a.

André. Segui-a toda a noite, até que consegui trazel-a proximo do castello, e minha irmã que tem sobre ella mais imperio, veiu-me substituir, e foi então ella que me disse, que v. ex.ª me tinha mandado chamar.

Conde. *(levantando-se)* E apressou-se a obdecer, está bem.

André. Nada, sr. conde, me fará esquecer o bom acolhimento que tenho recebido de v. ex.ª, e aconteça o que acontecer, o reconhecimento que eu lhe devo, será a regra da minha conducta.

Conde. O que fiz pelo senhor, não vale a pena fallar, necessitava de um secretario, encontrei-o. Pagando-lhe quatro vezes mais do que lhe daria o logar de mestre escola n'esta aldeia, não avaliei os seus serviços em mais do que elles

Digitized by Google

valiam. Por conseguinte se acceito o seu reconhecimento, não é porque elle me seja devido, mas porque o quero merecer.

André. Estou prompto a escutal-o, senhor conde.

Conde. Por razões, que não lhe posso explicar, não póde continuar a exercer aqui as funcções que eu lhe tinha confiado.

André. *(com dignidade)* Por razões que eu desejo que v. ex.ª não saiba, eu mesmo tenho de renunciar a essas funcções.

Conde. *(examinando-o)* Ah!...

André. Essas razões...

Conde. *(interrompendo-o)* Não lh'as peço. *(depois de um momento de silencio, e com um começo de altivez)* Mas já que nós temos acertado tão bem, nas nossas resoluções até hoje, desejo saber se será o mesmo para aquellas, que dizem respeito ao futuro?

André. *(digno, mas submisso)* Ainda não pensei n'isso, sei o sufficiente para comprehender que a minha presença é impossivel em sua casa, mas ignoro como a devo deixar.

Conde. *(com intenção ameaçadora)* Pois bem, posso dar-lhe sobre este assumpto um conselho, que penso ser tão util para o sr. como para mim. Aqui tem o que eu determinei fazer, possuo... entende não se trata das propriedades da minha pupilla, as quaes devem passar para as mãos de meu filho... possuo entre Grenoble e Gap, uma floresta, cuja administração foi confiada a um homem, de que eu não receiava senão a incapacidade, mas que acabo de saber que é um tratante.

André. É uma desgraça que só presegue as grandes fortunas.

Conde. Pois bem, André, é esta administração que desejo dar-lhe, necessito de um homem honrado e intelligente, parece-me que escolhi bem.

André. Sinto-me orgulhoso, mas devo fazer-lhe ver...

Conde. Segurarei os apontamentos convenientes a esta administração, com a condição que partirá immediatamente.

André. Mas, sr. conde...

Conde. *(insistindo)* Tem aqui 500 francos, parta, e eu elevarei esta quantia a mil escudos...

Digitized by Google

André. Senhor...

Conde. (*com vivacidade*) Eleval-a-hei a...

André. Póde elevar até toda a sua fortuna que eu não partirei.

Conde. Senhor...

André. Não desempenhemos por mais tempo esta comedia. V. ex.ª sabe agora porque me retiro, como eu sei porque v. ex.ª me despede.

Conde. (*com altivez*) Pois bem, já que nos comprehendemos, deve ver que as minhas offertas são mais do que podia esperar.

André. Póde ser, se eu tivesse vindo aqui para fazer negocio...

Conde. Parece-me que não seria o primeiro que tem havido entre nós.

André. É verdade, sr. conde, o pobre vendeu o seu trabalho ao rico, e o rico pagou o trabalho do pobre. v. ex.ª era o senhor, e eu o servo, mas aqui não ha mais nem servo nem senhor, há um pae que se responsabilisou do procedimento de seu filho, ha um irmão que vem proteger a honra de sua irmã, e n'este terreno somos iguaes, sr. conde.

Conde. (*com colera*) Iguaes? Engana-se; ha ainda entre nós toda a distancia que separa o homem honrado que quer paternalmente occultar uma falta, em que elle não é culpado, do insolente que quer fazer um escandalo para aproveitar.

André. (*dando um grito*) E tu tambem! Ah! (*depois de ter socegado*) Sr. conde enganei-o... quando aqui vim era menos para obdecer ás suas ordens, do que para encontrar alguem que não ousou fallar-me como v. ex.ª acaba de fazer a quem eu teria respondido como devo, se elle tivesse sido imprudente. Permitta-me, pois, que me retire.

Conde. E' uma ameaça?

André. Para v, ex.ª não, e retiro as minhas expressões se ellas lh'o poderam fazer acreditar.

Conde. (*á parte, em quanto se quer retirar*) Nem o interesse, nem o medo o farão ceder; é preciso empregar outro meio. (*com amabilidade, reconduzindo André*) Vamos André, não é preciso encolerisar-se, fui eu o culpado.

André. Sr. conde...

Digitized by Google

Conde. Veja a minha posição e a sua, vae procurar meu filho que é homem de coração, e por consequencia haverá um duello; o senhor mesmo m'o acabou de dizer:— Diante de uma questão de honra todos os homens são iguaes. Que resultará d'ahi?... Que ambos commetterão uma imprudencia!

André. Pensa isso, sr. conde?

Conde. Já interroguei meu filho que me jurou que sua irmã era digna da sua estima.

André. Desejava não duvidar.

Conde. Mas... que disse ella? Interrogou-a?!

André. Sim... quiz deffender-se...

Conde. Nos movimentos precepitados do coração nem sempre se reconhece o verdadeiro... quero vel-a... fallar-lhe... e se está innocente, como eu julgo, consola-la de uma esperança que se deve desvanecer.

André. V. ex.ª deseja ver minha irmã?!

Conde. Não acha este passo conveniente da parte de um pae?

André. De um pae! Pôde ver minha irmã, e Deus queira que ella esteja innocente como v. ex.ª julga!

Conde. *(á parte)* Ella o será. *(alto)* Diga-lhe que lhe desejo fallar. Irei logo a sua casa. Parece-me que ahi vem Maria, é inutil dizer-lhe que ella deve ignorar tudo.

André. Senhor...

Conde. *(á parte)* Segundo o que me disse Marcos... parece-me que me entenderei melhor com a irmã.

Maria. *(ao fundo)* Ah! Eil-o, até que emfim.

André. *(á parte)* Vem sem duvida interrogar-me, e não posso, não quero responder-lhe.

Conde. *(á parte)* Tenho ali necessariamente o dinheiro que Marcos me trouxe.

Maria. *(entrando)* Bons dias, sr. André.

André. *(comprimentando e sahindo)* Minha senhora *(sahe)*.

Conde. *(á parte, derigindo-se ao seu gabinete)* Vou tomar as minhas medidas para que elles partam esta tarde.

Maria. *(querendo fazer parar o Conde)* Diga-me, meu tio...

Conde. Perdão minha filha, tenho que me occupar de um negocio muito importante. *(sahe pela direita)*.

Digitized by Google

SCENA III

MARIA (só)

O que tem elles? Deixam-me sósinha. Pela primeira vez, depois de dois mezes, meu primo queria passar o dia no castello, naturalmente meu tio encarregou-o de alguma commissão para Grenoble, não foi isso o que me contrariou, porque pensei que André me poderia fallar mais livremente e dar-me as informações que lhe pedi, e agora sahe comprimentando-me friamente, talvez fosse melhor. Fiz talvez mal em me derigir á elle, abusa talvez da confiança que lhe dou. Odeia meu primo, por julgar que elle é adorado... e quem sabe se André... Estarei eu doida?... Pensar que alguem se interessa por elle. Está mais disposto a julgar-se como todos o julgam, e sou eu sem duvida a unica pessoa que comprehendeu tudo quanto ha de nobre e bom, debaixo d'aquelle vestuario grosseiro (*meditando*) É uma cousa exquesita, meu tio precisa de um secretario, derije-se a um pobre mestre escola, e ei-lo que encontra um homem de instrucção profunda, este homem, desgeitoso e mal vestido, fica um dia n'esta sala, abro por acaso o meu piano, e ei-lo que ás primeiras notas, me critica, e depois toca como um eximio professor. E' verdade, n'este momento, pensei que fosse um disfarce, ou artificio da parte d'elle, mas a verdade elle mesmo a mostrou, uma criança abandonada, educada n'um asylo por um velho religioso, que tinha sido um bom organista de convento. Foi-se o tempo das revoluções e das fortunas rapidas, como a da minha familia, e talvez fosse melhor para André ficar pobre. E' possivel que eu tivesse sido mais feliz, se meu pae em logar de se enriquecer por especulações atrevidas, me tivesse deixado ficar na classe em que nasci... Então, se tivesse encontrado André. E elle me tivesse amado, talvez eu o tivesse amado tambem... e não soffriria o que estou seffrendo. (*assenta-se e medita*).

SCENA IV

MARIA E A DOIDA

Doida. (*entrando, e olhando admirada*) Ah! Como eu fiz bem em fugir, como isto é bonito!... E' como n'outro tempo.

Maria. (*meditando*) Pobre André!...

Digitized by Google

Doida. *(com vivacidade)* Não chamou por André!?
Maria. *(levantando-se espantada)* Meu Deus!...
Doida. Teimará em me perseguir, para entrar n'essa casa tão feia! Oh! Nunca!
Maria. *(com medo)* Meu Deus, quem é esta mulher?
Doida. Esta-se bem aqui... sinto-me feliz.
Maria. *(chamando)* José, Manuel.
Doida. Oh! Não chame ninguem, não me expulse d'aqui há tanto tempo que não tenho estado em minha casa... Ah! É porque sou muito feliz... não me expulse.
Maria. *(examinando-a com medo)* Pobre mulher!
Doida. Oh! Não tenha medo, não sou má, e a menina é tão bonita. *(examina-a)* Ah! conheço-a.
Maria. A mim?...
Doida. Sim, não me engano... um dia vi-o... André guarda-o com grande cuidado. *(Maria approxima-se)* mas uma manhã em quanto elle dormia, vi-lho sobre o coração.
Maria. O que?
Doida. O seu retrato feito por elle.
Maria. O meu retrato?
Doida. Tambem conheço seu irmão.
Maria. Meu irmão?
Doida. *(olhando á roda)* Sim, seu irmão, o visconde de S. Jorge, vem ver-nos amiudadas vezes, gosta de Branca, e prometteu casar com ella.
Maria. *(com altivez)* A irmã de André?... Está certa do que diz?
Doida. Uma tal pergunta é um insulto.
Maria. *(á parte)* Esquecia-me que é uma pobre doida... *(pensanda)* E comtudo...
Doida. *(dando um grito)* Ah! Elle ahi vem.
Maria. Quem?
Doida. André, é elle que sempre me persegue. Oh! esconda-me, não quero tornar a entrar n'esse casebre... Não, salva-me.
Maria. Esteja tranquilla é seu filho, não lhe faz mal.
Doida. *(fazendo passar Maria á esquerda)* Pois bem, visto que elle a ama, veja se obtem d'elle o meu perdão.
Maria. Sim, farei o possivel.
Doida. *(empurrando-o com doçura)* Vá... *(Maria dá um*

Digitized by Google

passo para André) Não me poderão achar. *(Entra no quarto da esquerda)*

SCENA V

MARIA E ANDRÉ

André. (*entrando rapidamente*) Perdão, minha senhora, entrando em casa, disse-me minha irmã que minha mãe, passando por diante de uma das portas do parque, entrou por ella furtivamente, Branca não ousou seguil-a, mas vindo procural-a ao parque... *(Maria faz-lhe signal que se cale, e volta-se para lhe mostrar a doida)*,

Maria. Mas ella estava aqui... vi-o...

André. E fugiu, com tanto que os criados não saibam que ella está aqui, iriam á busca d'ella, como já fizeram uma vez, e se soubesse em que terrivel delirio a mergulharam, os gritos que dão contra ella. *(Durante este tempo Maria, olha para todos as portas, e fita a vista na da esquerda.*

Maria. Eil-a n'aquelle salão, veja como olha para tudo com curiosidade.

André. (*passando á esquerda*) Pobre mãe, quero ir abraçal-a.

Maria. (*fazendo-o parar*) Não, olhe pegou n'um livro, assenta-se, o aspecto d'estes logares parece fazel-a feliz, deixe-a socegar, está tão fatigada. (*depois de um silencio*) E nós podemos conversar...

André. (*voltando-se, á parte*) É preciso affastar-me... (*alto*) Minha senhora, permitta-me.

Maria. (*que viu o embaraço de André*) Tem muita pressa de deixar o castello?

André. E' por causa de minha mãe.

Maria. Por causa de sua mãe? E' verdade o que diz? O seu embaraço, as palavras que deixou escapar... Foi tambem por causa de sua mãe, que o senhor sahio ainda agora sem me fallar?

André. (*com embaraço*) Minha senhora...

Maria. (*com vivacidade*) E quer-se retirar, será verdade o que sua mãe me dizia.

André. Minha mãe, esquece-se de que as suas palavras...

Maria. São de uma doida, tudo me vem agora á memo-

Digitized by Google

ria... a sua questão de hontem á tarde, algumas palavras que esse homem deixou escapar, a fórma com que o senhor lhe impoz silencio, o receio que tinha de se encontrar commigo... sim, trahida e enganada por todos.

André. Por todos?

Maria. Tanto pelo senhor, como pelos outros, porque vejo que não podia ignorar que meu primo ia todos os dias a casa de sua irmã, que prometteu casar com ella, o senhor sabia tudo isto, e quando hontem lhe perguntei...

André. Oh! Não o sabia ainda, juro-lhe.

Maria. Mas, será verdade?

André. (*tristemente*) Sim, minha senhora, e ainda que tenha de corar diante de v. ex.ª, não quero que me julgue cumplice de uma tão covarde traição.

Maria. (*soluçando*) Nao acho que seja uma traição, não tem de que corar, meu primo prefere sua irmã, promette casar com ella... é muito simples...

André. Nao escarneça, sabe muito bem que isso é impossivel.

Maria. (*chorando*) Porque?

André. Porque? (*depois de silencio*) Porque chora. Olhe quando soube d'essa sedução, não senti senão raiva e indignação. Quando aqui vim esta manhã, era para pedir a seu primo uma prompta reparaçao, ou uma satisfacão sanguinolenta... Quando seu tio me quiz pagar, para que eu e minha irmã partissemos, recusei os seus offerecimentos com horror, mas agora, agora, que a vejo chorar.

Maria. Que quer fazer?

Andre. O que me ordenar.

Maria. Eu?

André. V. ex.ª Quer que eu parta? Partirei... Partirei com minha irmã... conduzil-a-hei... partiremos todos, já que somos a sua desgraça.

Maria. Ai de mim, o senhor não a póde impedir.

André. Oh! Tel-o-hia impedido, mais de uma vez notei que a ausencia de seu primo a consternava. Deveria ter-me informado. (*pontmpla Maria*) Podendo ficar perto de v. ex.ª e deixal-a, era impossivel que não amasse uma outra.

Maria. (*com tristeza*) Então? Se ama uma outra que posso esperar?

Digitized by Google

André. Oh! O visconde, não póde amar minha irmã.

Maria. Sei que é nobre, e bom, agora está-o defendendo

André. Oh! Sim, elle ama-a, v. ex.ª perdoar-lhe-ha, e será feliz.

Maria. (*commovida*) Feliz... nunca, elle não me ama. (*suspirando*) Como o senhor talvez me amasse.

André. (*exaltando-se*) Oh! Se eu a podesse amar, seria com um amor sagrado, um amor do céo, um amor que se prendesse á religião. Se eu podesse amal-a, pobre, abandonado, que não fui despresado nem repellido por v. ex.ª como todos... Se eu podesse amal-a, v. ex.ª pura e santa como os anjos. Ah! Pensei que a amava... mas sinto-o... não é ainda como o merecia... (*de joelhos*) Perdoe-me... não sou culpado, tinha jurado de nunca o revellar.

Maria. (*estendendo-lhe a mão*) Não lhe quero mal por isso.

André. (*levantando-se*) Não me quer mal, obrigado por tanta indulgencia. Tenho necessidade d'ella porque é agora que vou ser desgraçado. Porque em quanto guardei o meu segredo, podia ficar perto de v. ex.ª, essa felicidade que constituia toda a minha vida, a felicidade de a ver, de lhe fallar, v. ex.ª concedia-m'a porque não sabia... que aqui... no meu coração...

Maria. (*com doçura*) Sabia-o.

André. Sabia-o, e não me expulsou?

Maria. Já m'o disse, e ainda está ahi.

André. Ah! Não me torne doido... Maria (*sente-se ruido*)

Maria. É alguem que se aproxima, é talvez meu tio.

André. Oh! Meu Deus, agora que hei-de fazer... que hei-de dizer-lhe?...

Maria. (*com vivacidade*) Fique ou parta, mas o que lhe posso assegurar, é que não serei nunca esposa de meu primo. (*ouvem-se gritos*)

SCENA VI

MARIA, ANDRÉ, E O CONDE (*gritos ao fundo*)

Maria. Que será isto? Gritos!

André. (*olhando para o salão*) É minha mãe, que sahiu d'aquelle quarto, e que os seus criados perseguem, para a fazer retirar.

Maria. Accuda, que desappareceu para o lado do tanque.

Digitized by Google

André. Oh! Meu Deus (*sahe correndo*)

Conde. (*entrando*) Para que é este barulho, estes gritos?!

Maria. (*do fundo*) Essa pobre doida, a mãe de André, introduziu-se no parque, e perseguem-n'a.

Conde. E porque é que elle não toma conta em sua mãe.

Maria. Talvez tivesse deveres mais importantes a cumprir.

Conde. (*á parte*) Que quererá dizer, fallaria a André.

Maria. Ei-lo, ainda chegou a tempo.

Conde. (*á parte*) Esteve aqui! Desgraçado se fallou.

Maria. Ella ahi vem, pobre mulher! Deríje-se para aqui...

SCENA VII

MARIA, ANDRÉ, DOIDA, E O CONDE

Doida. (*entrando a correr e escondendo-se atraz do conde*) Salve-me, salve-me, aquelles homens querem matar-me. Escute, cantam a horrivel canção, que tantas vezes ouço, para meu castigo.

Conde. (*surprehendido*) O que é que esta mulher quer dizer?

Doida. Cantaram-n'a quando entrei em Leão.

Conde. (*inquieto*) Em Leão!

Doida. Ainda a cantaram quando fui pedir o perdão do condemnado.

Conde. (*espantado*) De que condemnado?

Doida. Cantaram-n'a sempre, mesmo ao pé da guilhotina, quando o infame abriu aquella janella, e que vi... (*olha para o conde e dá um grito*) Ah! (*cahe desmaiada*).

Conde. Quem é esta mulher?

André. Minha mãe, que está doida.

Conde. (*á parte*) Sua mãe!... Ah! Foi então o inferno, que lhe deu este semblante, e esta voz.

FIM DO 3.º ACTO

Digitized by Google

ACTO QUARTO

A cabana

SCENA I

CONDE E UM CRIADO

Conde. Ninguem! Como póde ser que André tenha sahido?

Criado. (*mostrando a porta da direita*) Perdão sr. conde, parece-me que ouço fallar n'aquelle quarto, que é da doida.

Conde Conheces esta casa?

Criado. Sou da aldeia sr. conde, e antes d'esta casa ser habitada pelo sr. André, entrei aqui muitas vezes. Quer que vá prevenir...

Conde. Ainda não (*o criado retira-se para o fundo exterior*) Que miseria! Que privação! Tudo isto me dá esperança, que hei-de conseguir o que quero, esta rapariga não ha-de ser tão doida, que recuse a fortuna que lhe venho offerecer; que partam e que eu não ouça fallar mais d'elles, sobre tudo d'essa mulher, a quem o acaso fez despertar em mim uma lembrança tão amarga. Com effeito, que singular fatalidade, o dia em que me occupo das minhas memorias, para me justificar d'este negocio da marqueza de Pinhel, apresensenta-se-me uma mulher, uma doida, que me falla de Leão, e de cadafalso! Por momentos cuidei ouvir a voz, e ver as feições da desgraçada de quem eu queria poder esquecer o nome (*pensa*) Delirio, esta mulher tornada a si do seu desmaio, fixou em mim olhares indifferentes; eu mesmo procurei em vão, n'esse rosto enrugado, um vestigio d'essa belleza que me fez tão criminoso. (*silencio*) De mais a mais a marqueza não tinha filhos. Não importa que partam, é necessario para os meus projectos, para o meu descanço. (*chamando*) Jorge...

Criado. Sr. conde?

Conde. Está tudo prompto?

Criado. Sim, senhor, a carroça espera na estrada. Dou-lhe duas horas para se arranjarem, e ainda respondo que antes de amanhecer estaremos em Grenoble.

Conde. Tem para com elles todas as attenções.

Digitized by Google

Criado. Pela minha parte, respondo pela carroca, e pelos cavallos, mas temos que entrar na montanha, e se a marqueza começa as suas corridas?...

Conde. A marqueza! Dizes tu?

Criado. Perdão, sr. conde, é um nome de fantasia, que os rapazes dão á doida, porque ella ás vezes toma ares de grande senhora!

Conde Está bom, vae prevenir a menina Branca, que a espero (*Jorge sahe*) Na verdade deixo-me guiar por terreres pueris, mas quando se está preocupado de uma ideia, vê-se tudo através do mesmo prisma, e presta-se ás minimas cousas um sentido que ellas não tem. Por muitas vezes tenho ouvido aos meus criados, chamarem a esta mulher marqueza, e eis que hoje este nome me assusta. Tratemos do que me conduziu aqui. Prevejo scenas de desespero, gritos, lagrimas, mas sou pouco sensivel. (*Jorge entra*) Então?

Criado. A menina Branca pede desculpa ao sr. conde, de o ter feito esperar, é sua mãe que a faz demorar, porque quer uma cousa, que a menina não lhe quer dar, e a doida é teimosa.

Conde. Conhecel-a?

Criado. Ha mais de vinte annos, pouco mais ou menos, que ella está aqui, estamos em 1846, e veiu durante o tempo da revolução.

Conde. Durante o tempo da revolução?

Criado. Era ainda bem pequeno mas lembra-me como se estivesse lá... Foi meu tio Thomaz que indo ao campo encontrou a pobre mulher desmaiada n'um fosso, com uma criança nos braços.

Conde. E d'onde vinha?

Criado. Só ella o podia dizer, e quando tornou a si, nem se lembrava como se chamava, queriam leval-a á casa do Senado, porque, emfim, cada um tem os seus pobres, mas um ex-religioso que se tinha retirado para estes logares, encarregou-se d'ella, de sua filha, e em seguida de seu filho.

Conde. (*despedindo-o com um gesto*) Bom, (*á parte*) Sempre me esquece que a marqueza não tinha filhos.

Criado. (*á parte*) Não disse ao sr. conde, que o outro fi-

Digitized by Google

lho ainda lhe não tinha nascido, e que o frade o educou como se fosse seu filho.

SCENA II

CONDE, O CRIADO, E BRANCA

Branca. *(á parte, entrando)* Meu irmão, dirá o que quizer, mas minha mãe quiz por força aquelles papeis, e não me teria desembaraçado se lh'os não desse.

Conde. *(ao criado)* É a menina Branca.

Criado. Sim, sr. conde. *(O criado retira-se)*.

SCENA III

CONDE E BRANCA

(Um momento de silencio, observam-se e comprimentam-s e

Conde. *(á parte)* Parece-me que não ha-de ser difficil.

Branca. *(á parte)* Parece-me que não é tão tratavel como o filho... É o mesmo sr. Bernardo, conduzil-o-hei por um bom caminho. *(momento de silencio, approximam-se)*

Conde. Minha senhora, seu irmão disse-lhe o motivo da minha visita.

Branca. Sim, senhor, mas confesso que não entendi.

Conde. Então seu irmão não lhe disse quaes eram as minhas intenções?

Branca. Meu irmão, sr. conde, é um bom rapaz, a quem se póde dizer tudo, sem que elle comprehenda o que se lhe propõe. Foi por isso que quiz ouvir essas intenções.

Conde. Já que as conhece, deve poupar-me o embaraço que experimento em lh'as repetir.

Branca. O embaraço!... Não se experimenta senão quando se dizem cousas vergonhosas.

Conde. *(ironico)* Tem razão, sobre tudo, quando ellas se derijem ás pessoas, com quem estamos fallando.

Branca. Tinha razão quando dizia a meu irmão, que o senhor não ousava dizer-me as suas intenções, face a face.

Conde. *(colerico)* Que eu não ousava!... Mas v. ex.ª falla-me d'essa maneira, v. ex.ª que levou a desordem ao

Digitized by Google

seio da minha familia! Talvez meu filho lhe deva hoje a roptura de um casamento, fixado ha muito tempo.

Branca. Não comprehendo.

Conde. Não foi v. ex.ª que o attrahiu a sua casa?... E que lhe excitou uma paixão ridicula?

Branca. São singulares as suas accusações! Accusá-me de ter attrahido aqui seu filho, queira dizer-me porque meios, eu o podia conseguir se o sr. visconde, se não apresentasse aqui. Diz que lhe excitei um amor ridiculo... Mas v. ex.ª ha-de achar natural, que eu não seja da mesma opinião. Desfiz, diz o senhor, um casamento ha muito tempo fixado, de quem o poderia eu saber, a não ser de seu filho? E provavelmente esses projectos não estavam ainda bem fixados, porque elle nunca me fallou n'isso.

Conde. (*á parte*) Discute como um advogado!

Branca. Em quanto a mim não podia suppor-lhe semilhantes compromissos, quando elle me fallava constantemente de casamento.

Conde. De casamento!... É impossivel.

Branca. (*com altivez*) Se duvida, as cartas escriptas por elle lhe fornecerão as provas.

Conde. Quando digo que é impossivel, não fallo no que meu filho prometteu, mas sim na realisação das suas promessas.

Branca. Parece-me que seu filho não pensa como v. ex.ª.

Conde. Deve comprehender que não será a sua opinião que me guiará n'este negocio.

Branca. É provavel que se dispense de seguir a sua.

Conde. A auctoridade de um pae.

Branca. Esquece-se que seu filho está n'uma edade aonde póde facilmente libertar-se.

Conde. (*á parte*) É um procurador de saias. (*alto*) Mas, emfim, quaes são as suas pertenções?

Branca. (*á parte*) Eis o momento difficil... (*alto*) Não tenho pertenções, sr. conde... tenho direitos, e é a v. ex.ª que me derijo para os reconhecer.

Conde. Direitos!... Mas, minha senhora, permitta-me que lhe diga, que semilhante palavra não corresponde á sua posição.

Branca. Sei, que a pobreza não tem nenhuns.

Digitized by Google

Conde. Não é isso... comprehendo que uma mulher indignamente trahida, possa fallar de seus direitos, mas se acreditando nos juramentos de meu filho...

Branca. Seu filho não se atreveu a dizer tudo, enganou-o, como me enganou a mim, *(á parte)* Quem não se arrisca... *(alto)* restituo-lhe a promessa que seu filho me fez, fugirei d'estes logares.

Conde. Tem razão, deve partir. Uma carroagem espera-a, e aqui tem uma carteira que contém mais de 15:000 francos. *(põe-na em cima da mesa)* Seu irmão deve acompanhal-a, para proteger sua mãe, mas deve decidil-o a partir no mesmo instante.

SCENA IV

BRANCA, CONDE, E ANDRÉ

André. *(entrando)* Não partiremos, guarde essa carteira, não avaliou bem a honra de minha irmã, tudo escutei, depois da confissão que esta desgraçada lhe fez; fico para pedir a alguem a reparação da offensa.

Conde. É uma guerra de morte que me propõe? Pois bem, espero que terá probidade na sua conducta, confiei-lhe papeis de uma grande importancia...

André. Vão-lhe ser restituidos, Branca aonde estão?

Branca. Minha mãe apoderou-se d'elles.

André. Vou buscal-os. *(sahe)*

SCENA V

CONDE E BRANCA

Conde. *(á parte)* Hade-me pagar caro o que me disse, ha asylos para mulheres doidas, e perdidas, e em toda a parte se abrem á custa de ouro.

SCENA VI

BRANCA, ANDRÉ, A DOIDA E O CONDE

André. *(seguindo a doida)* Minha mãe, dê-me esses papeis, que são do sr. conde.

Doida. Tudo quanto dizem é falso. A marqueza de Pinhel, não achou proteção no carrasco de Leão. Tudo mais é falsidade. Quem escreveu isto?

Digitized by Google

André. Foi o sr. conde.

Doida. Mentiram-lhe, se quer escrever a verdadade eu lh'a digo, estava doida, quando acreditei no infame Bernardo!

André e Branca. Bernardo!!...

Doida. Henrique que eu amava, queria salvar-te, por ti, por Luiza, nossa unica filha. Disseram-me que um d'esses homens que traficava com a vida dos presos, podia salvar meu marido.

Branca. Seu marido!

Doida. Sou a marqueza de Pinhel.

Conde. A leitura dos papeis transtornou-lhe a cabeça.

André. Deixe-a fallar, e peça a Deus, que não tenha que me dar conta de mais um crime.

Conde. Ella mente...

Doida. Minto! Haviam-me ensinado a morada d'esse infame, fui lá, offereci-lhe quanto dinheiro possuia, o covarde, só me via a mim, não são as tuas riquezas que eu quero, és tu!... E como o malvado morava na praça aonde se erguia o cadafalso, abriu uma janella e para ella me arrastou, para me mostrar a sorte que esperava o meu querido Henrique... Á primeira cabeça que cahiu, disse não... á segunda não poude responder... á terceira perdi o juizo e disse... Sim.

Conde. É falso!...

André. *(ameaçando)* E o marquez não foi salvo.

Doida. Minha filha, Luiza. *(olha o conde, e dá um grito)* Carrasco, o que fizeste de minha filha?

André. Senhor, está em meu poder.

Branca. Minha mãe sou eu a sua filha, e foi fugindo d'esse horrivel espectaculo, que veiu errante, e doida até aqui, onde fomos recolhidas...

Doida. Sim, és tu, minha filha... *(cáe desfallecida n'uma cadeira).*

André. Minha mãe.

Doida. Mas eu não tinha filho. *(derijindo-se ao conde)* O senhor deve reconhecel-o.

Conde. Que ella seja entre nós um penhor de perdão.

André. *(ameaçando-o)* Aqui não ha perdão. Ha só vingança.

Digitized by Google

Doida. (*rindo*) Bem se vê que é seu filho... ameaça o pae, e quer assasinal-o.

André. Elle meu pae! (*cahe desmaiado*).

FIM DO 4.º ACTO

ACTO QUINTO

A cabana

SCENA I

ANDRÉ (só)

Todos me deixaram. O conde de S. Jorge, tem escripto á marqueza. Arranjam sem duvida o perdão do passado, e para que tudo fique no esquecimento sou aqui demais, partirei sem tornar a ver meu pae, a quem ameaçei, e sem ver minha mãe que me amaldiçoou. Vem rompendo o dia, é tempo (*agarra n'um páu*) Vou caminhar, ao acaso, sem familia, sem nome, sem amigos. Todos me esquecerão. Tambem tu Maria, anjo celeste. (*agarra na sua trouxa*) Adeus tudo que eu amava. (*vae para o fundo, lentamente*)

SCENA II

ANDRÉ, UM CRIADO

Criado. O sr. marquez de Pinhel?

André. (*admirado*) É a mim que procura?

Criado. O sr. visconde pede a v. ex.ª se o recebe.

André. (*á parte*) Meu irmão! Elle pensa em mim! (*alto*) Que entre. (*O criado sahe*)

SCENA III

VISCONDE E ANDRÉ

Visconde. Sr. marquez, pensei que recusava receber-me.

André. (*á parte*) Tambem elle.

Visconde. Venho pedir-lhe explicações. Hontem meu páe julgava-me culpado para com sua irmã, e no momento em que vi que a sua reputação podia soffrer, consenti em reparar essa falta involuntaria; meu páe, pediu para mim a mão de sua irmã. Eis aqui a resposta da sr.ª marqueza, leia:

Digitized by Google

André. (*lendo*) «Nunca a filha do nobre marquez de Pinhel, fará parte da familia do assasino de seu pae.» Oh! meu Deus!...

Visconde. Uma mãe não escreve semilhante ameaça, sem que o filho depositario do seu nome, se tenha assosiado aos seus projectos. Depois da recusa de sua mãe, já não é negocio entre ella, e meu pae, mas sim entre nós.

André. Que diz?

Visconde. E' um duello que lhe proponho.

André. Recuso, porque ha um dever sagrado que a isso me obriga.

Visconde. Mas ha-de permittir que eu exija do senhor uma garantia, que ponha a honra de meu páe, ao abrigo de todas as accusações.

André. Que a honra de seu páe seja salva, é o meu maior desejo.

Visconde. Escreva uma negação anticipada, de tudo quanta póde dizer sua mãe, diga que são as acusações de uma doida...

André. Pede-me que deshonre minha mãe!... Nunca.

Visconde. O senhor é um covarde.

André. (*á parte, com desespero*) Meu Deus! Vinde em meu auxilio, livrai-me das suas injurias.

Visconde. Repito, é um covarde.

André. (*com um grito de furor*) Diga a seu páe, que me chamou covarde, e que não o matei, e se elle, lhe não disser vá estender-lhe a mão, e pedir-lhe perdão... Oh! então desgraçado de ti! E desgraçado d'elle!... Chamou-me marquez de Pinhel; pois bem é em seu nome que lhe fallo. Desgraça e vergonha a ambos!... Vergonha ao pae, que comprou o adulterio á força de sangue, e que nem mesmo assim cumpriu o seu infame contrato! Vergonha ao filho, que deshonrou a filha da victima... morte, e vergonha a ambos!

SCENA IV

VISCONDE, MARQUEZA, E ANDRÉ

Marqueza. Muito bem meu filho.

Visconde. (*saudando*) Tenho alli as minhas armas, espero-o. (*sahe*)

Digitized by Google

SCENA V

A MARQUEZA E ANDRÉ

Marqueza. Ouvio, tem armas, e espera-o.

André. Minha mãe este homem é meu irmão!

Marqueza. Agora lembra-se... mas á pouco, quando o insulto se derijia a si, esqueceu-se que elle era seu irmão... e amaldiçoou-o!...

André. Minha mãe...

Marqueza. Prohibo-lhe que me dê esse nome. E dir-lhe-hei que quem hesita entre a riqueza, e a pobreza, entre as victimas, e o carrasco, é um covarde.

André. (*com desespero*) Oh! meu Deus parece-me que endoudeço....

Marqueza. E' preciso soffrer muito mais para perder o juizo...

SCENA VI

OS MESMOS, E BRANCA

Branca. (*com rapidez*) Chega o sr. conde.

André. (*indo á porta*) Que não entre.

Marqueza. Poderá depois expulsal-o d'esta casa, como um infame, ou então sahirei eu como uma mulher perdida... Escolha. (*sahe com Branca*)

SCENA VII

CONDE E ANDRÉ

Conde. (*entrando*) Meu filho, teu irmão, contou-me tudo, e são as suas desculpas, e os meus agradecimentos que te trago. O senhor despreza-me, porque não sabe, o que é o delirio das revoluções, o senhor não chegou a viver n'esses momentos funestos, onde a embriaguez do sangue, nos perde, e nos torna insensatos. Não teve de soffrer a insolencia d'essa implacavel nobreza, que não nos mata do alto das suas torres feudaes, mas que nos esmaga com os seus desprezos.

André. Eu não o accuso.

Conde. Mas o seu coração condemna-me. Diga-me ama minha sobrinha?

André. Eu!

Digitized by Google

Conde. Ella disse-m'o, e eu digo-lhe que é amado, e como nenhum perconçeito os separa, pódes ser feliz, casando com ella.

André. Eu esposo de Maria.

Conde. Sim, ella tambem te julga marquez de Pinhel.

André. (*tristemente*) Comprehendo.

Conde. E' preciso que esse nome seja uma verdade, nasceu em 94, e o marquez morreu em 93. A lei não exige mais.

André. Senhor.

Conde. Escute-me, pois entre nós toma o partido de sua mãe. Aonde cuida chegar com os seus implacaveis resssentimentos.

André. Serei justo.

Conde. Entretanto deshonrar-me-hia, não importa, sou um culpado; mas ajudaria á deshonra de sua irmã, e de sua mãe... Porque o senhor existe, e quando a marqueza exigir dos tribunaes o seu nome, e titulo, é preciso saber quem o senhor é, se não é o filho do marquez de Pinhel... é o filho de um crime... ou de uma falta.... E' uma innocente mentira. Emfim, de um lado está o odio, e a deshonra para todos, do outro o esquecimento, perdão, fortuna, felicidade, e consideração, agora escolha... (*sahe*)

SCENA VIII

MARQUEZA E ANDRÉ

André. Oh! Meu Deus.

Marqueza. (*entrando*) Então escolheu?

André. Escolhi de viver e morrer, por si.

Marqueza. Não é preciso morrer, mas salvar. Ouviu esse homem, e elle mostrou-lhe quanto era facil, se eu quizesse perdoar. Mas suppunhâmos que concedo o perdão, e salvo a honra de seu pae... que será da honra de minha filha?

André. O visconde está innocente, e casará com Branca.

Marqueza. E quem me salvará a mim. Que papel ficará o senhor fazendo a meu lado. Repita-me todos os projectos d'esse homem, e será marquez de Pinhel, será rico, esposo de uma mulher formosa, e para isso que é

Digitized by Google

preciso? Uma innocente mentira, o filho do homicida herdará o nome da victima...

André. Não lhe peço que consinta, e recuso com horror.

Marqueza. Talvez seja porque eu existo. Supponha que quando recuperei o juizo, morri de desespêro, tudo se tornava facil, e talvez já estivesse feito. Só ha um obstaculo, é a minha vida.

André. *(com forço)* Ou a minha, acaba de me mostrar a sahida d'este medonho labyrintho de desgraças, no qual eu me perco. E posso fallar-lhe como se o sacrificio já estivesse realisado. Porque estou resolvido.

Marqueza. Morrer tu! O unico innocente.

André. E agora escutará a voz de seu esposo, que do céo lhe pede salve a honra de sua filha. Escutará a minha, que lhe pede salve a sua honra, acceitando para mim o titulo de marquez de Pinhel.

Marqueza. *(com desespêro)* Mas isso seria um roubo infame.

André. Só o escreverá sobre uma campa.

Marqueza. Sobre uma campa!

André. Acceite pois minha mãe, a sua honra, de seu filho morto, já que a não póde receber de seu filho vivo. Morrerei feliz se á hora da morte, me abençoar.

Marqueza. Abençoar-te... e apertar-te contra o meu coração. *(abraça-o)* Meu filho, de quem me sinto orgulhosa, e que me perdoará a horrivel prova, porque o fiz passar. *(olhando para o céo)* Henrique me perdoará de te dar o nome, que elle usava com tanta honra.

André. *(abraçando-a)* Minha mãe.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, O CONDE, MARIA, BRANCA, E O VISCONDE

Conde. *(ao fundo)* Agora meus filhos acabem, o que elle tão nobremente começou *(Adiantam-se todos, André toma Maria pela mão)*.

André. Minha mãe, abençoe sua filha.

Marqueza. De-me um abraço, minha filha *(abraçam-se)*.

Conde. *(avançando)* Até que a final é minha.

Digitized by Google

Marqueza. (*com horror*) Nunca... nunca... porque podia outra vez perder a razão, ou recordar-me da minha vingança.

Conde. A sua vingança é esta, vou partir só, e deixo-a feliz, no meio de seus filhos. (*Sahe; André beija-lhe a mão com disfarce*).

CAHE O PANNO

FIM DO 5.º E ULTIMO ACTO

A propriedade d'esta peça theatral, pertence no Brasil, ao Ill.mo Sr. Antonio Alexandre Lopes do Couto.

TYP. EDITORA—Praça de D. Pedro, 67

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

PEÇAS DO MESMO AUCTOR JÁ PUBLICADAS

Por causa d'um retrato (comedia em 1 acto.)
Viva o exercito! E viva o Duque! (c. em 1 acto.)
A noite dos noivados (comedia em 1 acto.)
Mariquinhas, a estalajadeira (comedia em 1 acto.)
Simplicidade e esperteza (entre-acto.)
Aventuras d'um gabão (comedia em 1 acto.)
A ultima crença (drama em 1 acto.)
O que faz o medo (comedia em 1 acto.)
Restauração de Portugal (scena dramatica.)
Doidos... politicos (comedia em 1 acto.)
O legado (comedia em 1 acto.)
Um poeta (comedia em 1 acto.)
A orphã (drama em 1 acto.)
A vida d'um rapaz rico (drama em 3 actos.)
A doida, (drama em 5 actos.)

Todas estas peças são proprias para representar em theatros publicos e particulares. Á venda em todas as livrarias.

Digitized by Google

OS DOIS RIVAES

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOZÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez
no Pará, etc.

Representada com geraes applausos no theatro
da rua dos Condes

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24 2.º
LISBOA — 1882

Digitized by Google

PERSONAGENS

Rita—Jacintho—Francisco

ACTO UNICO

A scena representa uma estalagem, portas ao fundo e lateraes. Á esquerda uma chaminé, etc.

SCENA I

RITA *(só)*

(Apanhando os cacos d'uma panella de barro.) Bonito!... estou arranjada!... quebrei a panella! E não tenho onde fazer o jantar; de mais a mais já não tenho tempo d'ir á cidade comprar outra... Só se pedir uma emprestada... porque sem ella não posso dar de comer aos meus hospedes, e principalmente aos senhores Jacintho e Francisco, um sapateiro, outro funileiro, ambos apaixonados cá pela pessoa, e que veem cá jantar todos os dias. Se não encontram o jantar prompto são capazes de se zangarem, e eu não os quero zangados... Deus me livre, elles que tanto me amam. *(rindo)* E teem um ciume um do outro!... Até já teem jogado á pancada algumas vezes por minha causa. *(pauza)* Ora não se me dava de apostar que elles se estão recordando agora de mim; hoje é o dia dos meus annos, e é de mais a mais dia de S. Pedro; ha grande festança cá no sitio, fogueiras, sortes, bailaricos; mas agora por bailaricos; se eu tivesse uns sapatos novos, bem bonitos; oh! como eu dansaria, nem d'isso me quero lembrar!... Todos os meus desejos agora eram possuir uns bonitos sapatinhos, e uma bôa panella que nunca se quebrasse. E então!... eu a dar á lingua sem me lembrar que tenho de fazer o jantar, não tenho outro remedio senão ir pedir a alguma visinha uma panella emprestada, e de caminho irei comprar hortaliça. *(sae pelo fundo.)*

SCENA II

Francisco (só)

(Entra pelo fundo, com uma panella de folha na mão.) Oh! ella não está cá!... Onde iria ella?!... O que iria

Digitized by Google

ella fazer?!... Ella faz-me doido!... A serpente do ciume dilacera-me o peito; ter-me-ha supplantado o maldito sapateiro!... Palavra de funileiro que o faço em postas... Mas não, Ritinha, a linda Ritinha não podia preferir a mim um sapateiro, um remendão, que nunca lava as mãos do serol. Mas emquanto ella não vem ponhamos n'aquelle prego esta panella que fiz por minhas mãos, para lhe offerecer hoje que é o dia dos seus annos. *(pendura a panella.)* Parece-me que é um presente muito delicado?... O que dirá ella?!... Agora retiro-me, e volto d'aqui a pouco, para admirar a sua surpreza... Oh! minha querida panella... Sê-me propicia!... *(sae.)*

SCENA III

Jacintho *(entrando)*

Estou certo que Francisco me não tem vencido!... Bem... Agora offereçamos á deusa do meu coração estes sapatinhos novos, que fiz para lhe offerecer; por ser hoje o dia do seu anniversario natalicio; mas eu estou fallando bem!... estou parodiando um meu freguez que é litterato, bello moço!... com muito talento, mas com muito pouco dinheiro!... *(tira um embrulho da algibeira e põe-n'o em cima da meza.)* Aposto que ella logo advinha quem lh'os deu. *(sae)*

SCENA IV

Rita e depois **Francisco**

Rita. *(Entrando pelo fundo.)* Ninguem me poude emprestar uma panella!... que miseria, naturalmente como é dia de festa todas as panellas são precisas, aqui trago nabos, couves, cenouras; mas o peior é a panella; que heide fazer? *(reparando na panella)* Oh! mas que vejo, uma panella nova!... e de mais a mais de folha. Aqui anda por força obra de Francisco.

Francisco. *(entrando)* Advinhou.

Rita. Muito lhe agradeço, que boa ideia que teve em me fazer tal presente.

Francisco. É a imagem do meu coração, e dos meus

Digitized by Google

sentimentos. Aceite tambem os meus parabens por ser o dia dos seus annos.

RITA. Ora não faz senão doudices.

FRANCISCO. Eu gosto muito de doudices, e muito mais gostaria que as fizessemos juntos.

RITA. Então!... é precizo esperar... mais tarde!... mais tarde!

FRANCISCO. E porque não hade ser já! Não me acha digno de si!?...

RITA. Não digo isso....

FRANCISCO. Nada me falta, ganho bom dinheiro, tenho muita força: Olhe, antes de hontem por sua causa quebrei os queixos ao José; sim, ao valentão cá do sitio, só lhe deixei tres dentes...

RITA. Eu bem sei que é valente... mas...

FRANCISCO. Então que mais lhe é preciso.

RITA. E necesssario amar-me.

FRANCISCO. Sempre a amei, agora o que eu quero é uma prova do seu amor, basta que me dê um beijo. *(quer agarral-a, ella foge em roda da mesa.)*

RITA. Esteja quieto... pode entrar alguem... e eu não quero que se julgue...

FRANCISCO. Não importa, venha quem vier, e principalmente que venha Jacintho, o maldicto sapateiro, que o faço em bocados e o metto n'algibeira.

RITA. Se lhe tocar, nunca mais o quero ver.

FRANCISCO. Bem, não lhe farei mal... mas, se se fizer tolo!... *(mostra o punho cerrado.)*

RITA. Basta de conversa... Ajude-me a fazer o jantar... Vá buscar o toucinho.

FRANCISCO. Onde é que elle está?

RITA. No armario... na primeira prateleira.

FRANCISCO. Bem, já sei. *(vae ao armario)*

RITA. *(áparte, deitando agua na panella.)* Este demonio sempre a metter-me medo por causa do Jacintho.

FRANCISCO. *(tira do armario um embrulho que dá a Rita)* Aqui está o toucinho.

RITA. Dê cá *(rindo)* Ah!... ah!... ah!... então isto que é o toucinho?... Isto são vellas.

Digitized by Google

FRANCISCO. Ah! enganei-me... mas isso é mais gostozo.

RITA. Tambem não serve para nada, eu vou buscar o toucinho, mas antes vou buscar outra cousa; já venho. *(sae.)*

SCENA V

Francisco e depois **Rita**

FRANCISCO. Creio que sou o preferido. Ella sempre me deitou uns olhos. *(vendo o embrulho em cima da mesa)* Mas o que é isto? *(examinando)* São uns sapatos. *(tira um do embrulho)* E sapatinhos de senhora, de mais a mais da ultima moda! Aqui anda obra do Jacintho, por força! Como hoje é dia de S. Pedro, dá-lhe os sapatos para que ella danse com elle. E se eu os guardasse?... Isso não! Passaria por ratoneiro, mas o que eu não quero é que ella os veja. *(vendo entrar Rita)* Ella ahi vem. *(esconde o sapato átraz das costas.)*

RITA. Aqui está o toucinho.

FRANCISCO. Se ella vê o sapato estou perdido. *(esconde o sapato no panno onde está a hortaliça.)*

RITA. *(pondo o toucinho em cima da meza)* Vamos é preciso trabalhar: deite o toucinho na panella emquanto eu vou escolher a hortaliça. *(agarra no panno.)*

FRANCISCO. Sim. *(áparte)* Comtanto que ella não veja os sapatos. *(deita as vellas dentro da panella em lugar do toucinho.)*

RITA. Vamos a escolher a hortaliça.

FRANCISCO. *(áparte)* Ella vae mas é ver os sapatos. *(alto)* Para que hade escolher?... Vae-lhe tirar o melhor!...

RITA. *(admirada)* Tiro-lhe o melhor?!

FRANCISCO. E faz menos quantidade.

RITA. Tem razão. *(acaba d'arranjar uma parte da hortaliça que deita no panno.)*

FRANCISCO. *(áparte)* E não vi o sapato!...

RITA. *(vendo o toucinho ainda em cima da meza)* Então o que é isto, ainda não deitou o toucinho.

Digitized by Google

Francisco. *(áparte)* Ora esta!... deitei as vellas. *(alto)* Esqueceu-me, deito-o já. *(deita-o)*.

Rita. Agora vou deitar a hortaliça.

Francisco. Pois deite.

Rita. *(deita na panella tudo que o panno contem)* Isto deve fazer uma bôa sopa... não lhe falta nada.

Francisco. *(áparte)* Nada... Inclusivamente um sapato, o que deve tornal-a mais gostoza.

SCENA VI

Os mesmos e **Jacintho**

Jacintho. *(entrando pelo fundo, e áparte)* Gozemos a sua surpreza. *(alto)* Bons dias menina Rita.

Rita. Ah! é o senhor! Bons dias.

Jacintho. Sou eu, sou.

Francisco. *(áparte)* O meu rival!...

Jacintho. *(áparte)* Aqui o patife do funileiro!

Rita. Vem já para jantar?...

Jacintho. Não... venho para outra cousa. *(áparte)* E não me diz nada.

Rita. Então para que?!...

Jacintho. Para a felicitar pelo seu anniversario..... *(áparte)* Se não estivesse aqui o maroto do funileiro fasia um discurso. *(alto)* Desejando que goze muitos e felizes annos em companhia de quem mais desejar. *(pausa)* Então não me diz nada da prenda que lhe dei?!... Que tal achou os sapatinhos, gostou d'elles?...

Rita. *(admirada)* Que sapatos?!... Eu ainda não vi sapatos nenhuns.

Jacintho. Pois eu colloquei-os n'esta meza; ah! elles aqui estão embrulhados. *(dirige-se á meza, abre o embrulho, e tira um sapato que dá a Rita)* Então?

Rita. Está muito bem feito..... E' da ultima moda.

Jacintho. *(procurando em cima da meza)* Mas aonde está o outro?!... Eu não o vejo!...

Francisco. Talvez vossê não trouxesse senão um.

Jacintho. Fiz dois, e trouxe dois.

Rita. E' original!... Então onde está o outro?!...

Digitized by Google

FRANCISCO. *(rindo)* Já sei o que foi, é, que elle fez duas vezes o mesmo sapato.

RITA. *(admirada)* Duas vezes o mesmo sapato!

FRANCISCO. E' muito possivel, estava dormindo quando o fez, e por isso enganou-se!

JACINTHO. Estou certissimo que fiz o par e que os trouxe para aqui.

RITA. Bem, bem, elle apparecerá... nem por isso deixaremos de dançar juntos esta noite.

FRANCISCO. E' comigo que hade dançar.

JACINTHO. Hade ser comigo.

FRANCISCO. *(puxando-o para si)* Hade ser comigo.

JACINTHO. *(o mesmo)* Prohibo-te de dançar com ella.

FRANCISCO. *(o mesmo)* Eu prohibo-te tambem. *(cada um puxa por Rita para seu lado.)*

JACINTHO. *(encolerizado)* Irra!

FRANCISCO. *(zangado)* Larga!

RITA. Olhem que me desmancham os braços.

JACINTHO. Qual de nós prefere?...

FRANCISCO Qual de nós quer?...

RITA. *(livrando-se d'elles)* O que dançar melhor.

JACINTHO. Sou eu.

FRANCISCO. Não é tal, sou eu.

JACINTHO. Vamos já vêr.

RITA. Logo direi o que prefiro para dançar comigo. Vamos primeiro jantar, vou tratar de pôr a meza *(sae pela direita.)*

SCENA VII

Jacintho e **Francisco**

JACINTHO. Não fiquei satisfeito com a resposta.

FRANCISCO. Nem eu.

JACINTHO. N'esse caso battamo-nos, como fazem os verdadeiros cavalheiros.

FRANCISCO. *(áparte)* Elle é mais valente, mas é o mesmo. *(alto)* Battamo-nos.

JACINTHO. Como não temos armas, batter-nos-hemos ao socco. *(preparam-se para jogar o socco, na occasião em que Rita entra.)*

Digitized by Google

SCENA VIII

Os mesmos e **Rita**

RITA. Ai! meu Deus, que se vão matar! *(mettendo-se entre elles)* Fazem favor de se accomodar.

FRANCISCO. Pois que me ceda elle o logar.

JACINTHO. Pois não! Que m'o ceda elle!

RITA. Prohibo-lhes que joguem a pancada em minha caza. Não ha nada tão mau como dois homens jogarem a pancada n'uma caza d'estas.

FRANCISCO. Tem razão. *(a Jacintho)* Fica para outra vez.

RITA. Bem o jantar está prompto. Vamos para a meza.

JACINTHO. *(a Francisco)* Vamos primeiro jantar e depois falaremos.

RITA. Vamos.

JACINTHO e FRANCISCO. Vamos lá. *(assentam-se á meza; Rita traz a panella, louça etc., e senta-se entre elles.)*

RITA. *(servindo a sopa)* Comam para terem forças.

JACINTHO. O que tem a sopa que sabe a rancho? Parece cabedal queimado!

RITA. É da gordura.

FRANCISCO. Está bem boa!

JACINTHO. Não ha ninguem como a menina para fazer comida.

FRANCISCO. *(tirando do prato bocados de vellas de cebo.)* Mas o que é isto?...

JACINTHO. Ai! Eu sei o que é.

FRANCISCO. São vellas de cebo.

RITA. Então o sr. deitou as vellas na panella.

FRANCISCO Dá-lhe muito melhor gosto. *(acha um ramilhete no prato, mostrando-o.)* E isto o que é? Um ramilhete! Aqui ha de tudo!... Isto é uma famosa miscellanea.

RITA. Mas como foi isso para ahi parar.

FRANCISCO. Fui eu que ih'o trouxe, e que o meti na panella, onde o deixei por esquecimento.

RITA. É muito galante!... Este ramilhete jámais o deixarei. *(deita-o na meza.)*

Digitized by Google

JACINTHO. *(com colera)* Que demonio é isto! *(tira um sapato do prato.)*

FRANCISCO. *(áparte)* Oh! com a breca. *(alto)* Eu sei o que é.

RITA. É um sapato.

JACINTHO. O meu sapato!... reconheço-o... Quem foi que o poz aqui?...

FRANCISCO. Quem? Talvez fosse eu!...

RITA. Mas isso é muito mal feito.

JACINTHO. Foi elle que o escondeu na panella.

FRANCISCO. É verdade que sim... Fui eu.. para que Rita não dançasse com você.

JACINTHO. *(áparte)* Tratante!...

RITA. Ouçam, não cazarei com um homem, que teve a ousadia de me deitar os sapatos na panella, e que me obriga a ir dançar de chinellos! de chinellos!...

JACINTHO. Tem muita razão.

FRANCISCO. Sim! pois então vejam.

RITA. *(assustada)* Oh! meu Deus! olhe que me quebra a louça.

FRANCISCO. Veja, veja. *(pega nos pratos e attira-os pela janella.)* Hão-de todos ser victimas do meu furor e da minha vingança...

RITA. Que furor!

FRANCISCO. Hoje heide dar que fallar cá no sitio, adeus! *(vae até á porta e depois volta.)* Não hade ficar com a minha panella. Adeus interessante par, tenham saude e fortuna. *(Agarra na panella e sae correndo.)*

SCENA ULTIMA

Rita, Jacintho e depois **Francisco**

RITA. Então deixa-o levar a minha panella.

JACINTHO. *(que tem estado escondido a um canto)* Eu ia agarral-o, mas elle não me deu tempo.

RITA. Assim foi melhor! Ter-lhe-hia feito algum mal, mas agora que elle se foi embora só devemos pensar na nossa immediata felecidade.

JACINTHO. Sim! sou muito feliz. *(pega-lhe na mão)* Por-

Digitized by Google

que te amo muito. *(vae para lhe dar um beijo na mão, quando apparece ao fundo Francisco, com uns poucos de pratos, n'uma das mãos; e uma panella na outra; entra com aspecto triste; Jacintho larga a mão de Rita e Francisco vae collocar a panella e os pratos em cima da meza.)*

Rita. Então voltou?

Francisco. Voltei, assim que d'aqui sahi conheci que tinha feito mal, fui a caza buscar uns pratos para substituir os que lhe quebrei. Aqui tem, tanto os pratos, como a panella, peço-lhe que acceite. E peço lhe tambem que me perdôe os meus excessos, desejo-lhe muitas felecidades, não era digno de si, por isso o ceu castigou-me... *(dirigindo-se e Jacintho.)* E tu desculpa-me, e continua a ser meu amigo.

Jacintho. *(dando-lhe a mão, toca.)* Seremos eternamente amigos, e para t'o provar serás o padrinho do nosso cazamento; acceitas?...

Francisco. *(apertando-lhe a mão)* Está dito, acceito.

Rita. Ora visto que todos estão satisfeitos, vou buscar umas garrafinhas d'um vinho muito bom, para festejarmos alegremente um dia tão feliz para nós todos. *(dirige-se ao aruario d'onde traz garrafas e copos.)*

Jacintho e Francisco. Vamos ao vinho!... ao vinho!...

Rita. *(enchendo os copos)* Ao vinho!... ao vinho?...

Francisco. Proponho uma saude. Á saude dos noivos?...

Rita e Jacintho. *(bebendo)* Á vossa, á vossa.

CÁE O PANNO

Digitized by Google

(12)

A GAIOLA DE OURO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez do Pará, condecorado com a medalha ao merito, etc.

Representada com applauso no theatro Lethes, em Faro, etc.

PREÇO 120 RÉIS

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA = 1880

Digitized by Google

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio litterario portuguez no Pará, etc.

UM VOLUME NITIDAMENTE IMPRESSO

CONTENDO OS SEGUINTES ORIGINAES:

I **Valei aos desgraçados.**
II **As reuniões do sr. Procopio.**
III **Uma tragedia em familia**
IV **A navalha.**
V **As filhas da sr.ª ignez.**
VI **Fiem-se em mulheres.**
VII **Martyrios sociaes.**
VIII **Pena de talião.**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO

Portugal..... 500 réis
Brasil..... 1$000 »

Digitized by Google

A GAIOLA DE OURO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez do Pará,
condecorado com a medalha ao merito, etc.

Representada com applauso no theatro Lethes,
em Faro, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA — 1880

Digitized by Google

PERSONAGENS

Carolina — Julio — Antonio — Rafael

Dois criados (que não fallam)

A acção em qualquer parte — Actualidade

ACTO UNICO

Sala elegantemente mobilada. Porta ao fundo, dando para um salão tambem mobilado com grande luxo.

SCENA I

ANTONIO E RAFAEL

ANTONIO. Cinco horas e meia e o sr. administrador se apparecer. Cazo raro! Parece impossivel que a senho se sujeite aos caprichos d'este hypocrita. E é que nã se faz n'esta caza senão o que manda aquelle santarr

RAFAEL. (*entrando*) Boas noites sr. Antonio.

ANTONIO. Boas noites sr. administrador.

RAFAEL. A senhora?

ANTONIO. Está na capella.

RAFAEL. Não veio ninguem?

ANTONIO. Quem queria o senhor que viesse? Ninguem procura esta caza.

RAFAEL. Assim, assim é que é, emquanto eu viver n entrará aqui pé estranho. (*pausa*) Amigo Antonio vou zer-lhe uma pequena advertencia, se alguem se apres tar dizendo querer fallar á senhora, é pol-o logo com das as attenções na rua.

ANTONIO. Mas se fôr um parente da senhora?

RAFAEL. Apenas tem um sobrinho, um tal Julio que v ve em Lisboa e a quem dá uma mezada de trinta mil r Esse se se apresentar não ha remedio senão recebe mas cautella...

ANTONIO. Sim, porque um herdeiro forçado...

RAFAEL. Herdeiro... se a tia não cazar.

Digitized by Google

Antonio. Cazar-se!... Uma senhora toda entregue a orações e obras de caridade, *a mãe dos pobres*, como por aqui lhe chamam, sempre encerrada em caza, tendo por companhias mulheres, e senhor e dois creados... não me parece.

Rafael. As mulheres são variaveis, e póde muito bem acontecer.... Ora supponha o senhor que, como seu mordomo, pessoa em que s. ex.ª deposita toda a confiança, lhe dizia: minha senhora, ha um cavalheiro, nem novo nem velho, bem parecido, muito ao facto dos negocios da caza, que é...

Antonio. O senhor mesmo.

Rafael. Advinhou, eu mesmo que desejava...

Julio. (*á porta*) Deus esteja aqui.

SCENA II

OS MESMOS E JULIO

Rafael. Um homem! Attenção.

Julio. Mora aqui a sr.ª D. Carolina Esteves da Silva?

Antonio. Mo...

Rafael. (*atalhando*) Não é aqui. Mas diga o senhor quem é que talvez se lhe possa indicar...

Julio. Eu sou o seu sobrinho Julio, venho expressamente de Lisboa para a abraçar, (*á parte*) e sacar-lhe algum dinheiro.

Rafael. (*á parte*) Demonio, o sobrinho. A cara não é perigoza. (*alto*) Pois mancebo tenho o gosto de lhe dizer que está effectivamente em caza de sua tia, de quem tenho a honra de ser administrador.

Julio. (*á parte*) Mas que aspecto tão lugubre que tem esta caza, minha tia será alguma freira?

Rafael. Emquanto vou dar algumas ordens, este senhor lhe fica fazendo companhia. A senhora não pode tardar. É verdade, trouxe bagagem?

Julio. Apenas uma pequena mala, que me cahiu da almofada do trem e julgo que se arrombou, peço-lhe que a mande conduzir com cuidado.

Digitized by Google

SCENA III

OS MESMOS MENOS RAFAEL

ANTONIO. Ha muito que o senhor não vê sua tia?

JULIO. Nem a conheço, desde pequeno que vivo em Lisboa, meus paes levaram-me para a capital e nunca mais aqui voltei, apezar de em todas as suas cartas me dar a conhecer os desejos que tem de ver-me.

ANTONIO. Saiba então que sua tia é um modelo de virtude a ponto de lhe chamarem *a mãe dos pobres.*

JULIO. *(á parte)* Quererá Deus que me considere seu filho, *(alto)* e tarda muito? Não sei porque, mas confesso que sinto assim... não sei se foi da viagem.

ANTONIO. Apetite... infelizmente nada lhe posso servir, a senhora é que tem as chaves da dispensa, e até ás horas da ceia...

JULIO. E ceia-se muito tarde?

ANTONIO. A's oito. Ah! eis que chega a senhora sua tia.

JULIO. O que? aquella senhora de véu, de contas, e vestida de luto, é minha tia?

ANTONIO. Ella mesma, é o seu traje austero.

SCENA IV

OS MESMOS E D. CAROLINA

CAROLINA. Santas, José.

ANTONIO. As mesmas, minha senhora.

CAROLINA. *(dando-lhe o livro)* Que é isto, um estran em minha caza.

ANTONIO. Este senhor, é seu sobrinho Julio, chegou pouco de Lisboa.

CAROLINA. Elle! Bendito seja Deus.

JULIO. Minha querida tia não póde imaginar. *(vae a ab çal-a.)*

CAROLINA. *(esquivando-se e dando-lhe a mão a beijar)* D te faça um santinho. *(admirando-o)* Estás um homem si

Digitized by Google

(*a Antonio*) Pódes retirar-te. Julio senta-te. (*Julio senta-se longe d'ella*) Aproxima-te. (*Julio senta-se mais perto.*)

JULIO. Sim, minha tia.

CAROLINA. Aproxima-te mais, aqui, ao pé de mim.

JULIO. (*levanta-se e vai sentar-se junto d'ella com ar de beato*) Sim, minha tia.

CAROLINA Emquanto conversas vou fazendo meia. Os meus ouvidos pertencem-te, as mãos aos pobres.

JULIO. Para fazer meia?

CAROLINA. Justamente. Vamos, conta-me o motivo da tua inexperada vizita.

JULIO. O motivo é simples e reduz-se a pedir-lhe...

CAROLINA. O que?

JULIO. Um conselho... (*á parte*) Diabo, não sei como hei de começar... (*alto*) Um conselho, a sua sabedoria e experiencia hão de guiar-me.

CAROLINA. Sabedoria e experiencia! onde queres que a tenha adquirido? orfã, vivi encerrada em um convento d'onde sahi aos vinte annos para esta caza, aqui passo uma vida austera e tranquilla, dedicando-me á caridade sem mais pensamentos do que o de fazer bem aos desgraçados que reclamam a minha protecção. No entanto falla, eu te escuto.

JULIO. (*hypocritamente*) Santa alma! Permitta-me, querida e boa tia, que lhe agradeça a sua mezada que é...

CAROLINA. Agradecer-me, e porque? não és tu o meu unico parente? Cumpro apenas um dever. (*reparando em Julio*) Não será acaso sufficiente para ocorrer ás necessidades da tua vida?

JULIO. Tenho tantos infelizes a quem faço bem, (*á parte*) cazas de pasto, botequins, credores...

CAROLINA. Sim, sim, então...

JULIO. Emfim vou dizer-lhe tudo com franqueza. (*á parte*) cabeça ao mato. (*alto*) O viver na côrte é uma tentação; as ruas de Lisboa offerecem tantos attractivos que... minha querida tia eu via e concebi logo por ella uma paixão louca. Desde então fixei ali o meu pensamento, e mais não desejo do que chamar-lhe minha.

Digitized by Google

Carolina. Sobrinho... essas confidencias escandalizam o meu pudôr.

Julio. Não são para estranhar quando se tracta de um objecto tão bello. Está encadernado e tem a approvação da censura ecclesiastica.

Carolina. Que dizes tu, homem?

Julio. Digo que é uma obra prima, *Annaes da virtude pratica*. É tal o seu valor que a alma mais bem formada tem ali que aprender, e eu desejava possuil-a. São trinta e sete tomos de moral, *(á parte)* que palão!

Carolina. Mas porque não has de cumprir esse desejo... custa muito?...

Julio. Quatro centos mil reis...

Carolina. Como? que dizes?

Julio. Quarenta mil, digo, enganei-me...

Carolina. É dizer que talvez te não cheguem as tuas economias...

Julio. Economias, isso é bom de dizer, ficaram-me as ultimas moedas de cinco tostões em Carriche a semana passada.

Carolina. Como? aonde?

Julio. *(á parte)* Lá foi tolice. *(alto)* Sim minha tia um estabelecimento de caridade, uma especie d'azylo, que tenho estrema devoção em proteger, fundado por uma associação protectora d'animaes... *(á parte)* Lá vai mais tolice.

Carolina. Muito bem, a caridade primeiro que tudo, e visto que d'essa obra religiosa se póde colher boa lição de moral, vou buscar-te o dinheiro e venho já.

Julio. *(arrebatadamente)* Oh! Angelica!

Carolina. O que?

Julio. Angelica creatura é a senhora, minha tia.

SCENA V

OS MESMOS E RAFAEL

Rafael. Ainda aqui está, chego a tempo. Acabo de saber cousas, minha senhora... *(olhando para Julio)*.

Digitized by Google

Julio. Bem, bom!

Rafael. A senhora sabe quem é este cavalheiro?

Carolina. É meu sobrinho que veio vizitar-me, e que me proporciona com a sua visita a satisfação de lhe poder dar a posse...

Rafael. De quarenta mil reis de que precisa.

Carolina. Exactamente, para comprar uma obra edificante.—Uma edicção rara.

Julio. (*hypocritamente*). Trinta e seis tomos de moral.

Rafael. Calle-se; não tem pejo de enganar esta santa senhora?... Sei tudo. É falso quanto lhe disse este senhor, que ao que parece é um moço de truz! Finje-se um santinho para lhe apanhar o dinheiro que a senhora com tão boa fé lhe dá, tem relações amorozas com uma amazona do circo Price a quem raptou e com quem quer ir para Hespanha.

Carolina. É verdade isto, meu sobrinho?

Julio. Não minha tia, eu não a raptei, foi ella que me roubou o meu coração.

Rafael. Ouça, minha senhora, ouça esta carta...

Julio. Quem lhe manda ao senhor apoderar-se das minhas cartas?

Rafael. A mala estava arrombada, a carta cahiu e... no interesse da senhora tomei conta d'ella... Ouça, minha senhora. «Querido Julio. — Desejo que quanto antes chegue o dia feliz em que eu deixe os saltos e as piruetas, para passar comtigo o arco do matrimonio.» Veja que lingua gem! «Agora que tenho a certeza de que alcançarás dinheiro da beata de tua tia, disse já ao empresario que é a ultima vez que trabalho. Vem pois meu querido, vamos a Madrid. Tua Angelica.»

Carolina. Ai! sobrinho que escandalo!

Julio. Ora, leve o diabo a hypocrisia e os fingimentos! Eu gosto d'Angelica, ella gosta de mim, sou novo adoro o prazer, careço de liberdade e de dinheiro para gozar; aqui está tudo.

Carolina. Perdido! perdida a sua alma para sempre.

Julio. Suppondo que lhe desagradaria o meu proceder franco e sincero, procurei, ajudado pela mascara da hy-

Digitized by Google

pocrisia, obter o dinheiro de que preciso, mas visto que nada consegui, recobro a minha liberdade e vôo ao prazer. Viva a pandiga!

Carolina. Não, tu não sáes d'aqui...

Rafael. Deixe-o, minha senhora, deixe-o lá ir com a sua amazona.

Carolina. Não o consinto. Sou sua tia, o seu unico appoio, e hei de cumprir com o meu dever, impedindo que se lance, cego e desenfreado, em um obysmo.

Julio. Pretenderá a senhora fazer-me viver n'este cazarão lugubre e tenebrozo, sem outra luz mais do que a da ignorancia, sem outros prazeres mais do que sermões, jejuns, vigilias e orações? Aqui tudo é negro e austero, Aqui amesquinha-se o espirito, o pensamento, a fantasia e a mocidade; conservam-se encerrados em uma jaula de ferro. Não póde existir n'estes logares nem verdade, nem amôr, nem o encanto da familia. E quer que eu aqui permaneça? Nunca.

Carolina. Já o disse e repito, não sahirás d'aqui emquanto não estiveres curado d'essa alucinação. *(a Raphael)* Venha, deixemos este louco socegar. *(Sáem, fechando a porta por fóra.)*

SCENA VI

JULIO E EM SEGUIDA ANTONIO

Julio. Sim, senhor, bonito! E que hei de fazer? Nada, minha tia, á força é que me não obriga a ficar. *(ouve-se fechar a porta.)* É o que se vê; um verdadeiro carcere. Ah! a janella *(indo a ella.)* Safa, se me atrevo a saltar quebro as pernas, *(batem fóra.)* Que será isto? Quem está ahi?

Antonio. *(fóra.)* Eu, sr. Julio.

Julio. Ah! o mordomo. *(para fóra)*. Faça favor de me abrir a porta.

Antonio. *(fóra.)* Não posso, a sr.ª é que tem a chave, mas esteja descançado que não tarda que saia d'ahi. Ahi tem livros, leia ou durma.

Digitized by Google

Julio. *(escutando)* E foi-se. Ora que zombaria, Leia, ou durma. E o caso é que estou com somno. *(senta-se junto á mesa onde estão livros.)* Bem, tenhamos paciencia e vamos a matar o tempo. *(péga n'um livro.)* Vida de S. Marcos. *(pondo-o de parte.)* Santa Ursula e as onze mil virgens. *(ameaçando-o.)* bonita livraria para entreter. O melhor é ver se durmo. *(boceja.)* O logar e a frouxa luz não podem ser mais a proposito. Devéras que dá prova de bom gosto quem mobilou esta casa *(boceja.)* Vamos a isto *(encosta a cabeça.)* onde estará agora Angelina... a minha amazona! *(adormece.)*

SCENA VII

JULIO, ANTONIO E CAROLINA

Carolina. Pelo amor de Deus não faça bulha, está dormindo.

Antonio. Não admira, o cansaço da viagem.

Carolina. Quem sabe se o offenderia a minha deliberação! Tenho pena porque afinal é meu sobrinho, e acredita que, perdoae-me meu Deus, que não é para mal, sympatisei com elle.

Antonio. Pois então elle com a senhora é mesmo uma loucura.

Julio. *(sonhando.)* Angelica! Angelica.

Carolina. Que diz elle.

Antonio. *(áparte.)* Demonio! *(alto)* Que v. ex.ª é angelica, um anjo, sonha com a senhora.

Julio. *(sonhando)*. Voar, sim voar...

Carolina. Voar; fugir d'aqui, e porque?

Antonio. É natural, minha senhora, uma ave costumada á liberdade e á luz não póde viver encerrada n'uma pequena gaiola de ferro, e de mais a mais só.

Carolina. Mas que queres dizer com isso, que hei de fazer?

Antonio Figure v. ex.ª que seu sobrinho é a ave, esta casa a gaiola. E quando a gaiola estiver bem provida e alegre, a ave acostuma-se a viver n'ella, e depois pode-

Digitized by Google

se-lhe abrir a porta que não voará em busca da perdida liberdade.

Carolina. Não percebo lá muito bem, a minha cabeça desvaira-se, vamos, aconselha-me.

Antonio. V. ex.ª tem muito a peito que seu sobrinho não tenha mais vontade de recobrar a sua liberdade, como elle diz?

Carolina. Oh! se tenho.

Antonio. N'esse caso vamos tornar alegre a gaiola do passaro. Queira ajudar-me. Fóra com as cobertuvas d'esta mobilia (*executam.*) Bello, isto agora já tem outra aparencia. Agora luzes. (*indo á porta chamando cauteloso.*) José! Francisco! para aqui flores, e os candelabros acesos. Verá como fica surprehendido quando despertar. (*entram os dois creados com jarras com flores e candelabros acesos e os mais adornos que possam trazer, o que tudo collocam nas mezas.*)

Carolina. Effectivamente, isto é mais bonito. Se conseguisse-mos conserval-o.

Antonio. Respondo por isso! Em seguida á dispensa, toca a preparar uma refeição, digo uma ceiste, agua e folhinhas verdes, tudo digno da ave.

Carolina. E nada mais será preciso...

Antonio (*pensando.*) Diabo!... oh! perdão, minha senhora, escapou-me.

Carolina. Não tem duvida, mas dizias...

Antonio. Dizia que... para tornar mais doce o captiveiro aos passaros é preciso tratal-os com amor, com carinho...

Carolina. (*sobresaltada.*) Amor!... Carinho!... Credo!

Antonio. Sim, minha senhora, dar-lhes uma companheira... (*ao ver mover-se Julio.*) Desperta, fujamos. (*áparte.*) A ave terá companheira! (*saem rapido.*)

SCENA VIII

JULIO, E DEPOIS JOSÉ.

Julio. Olá!!! durmo ainda ou já estou acordado? Esta

Digitized by Google

não é a mesma casa em que adormeci... será isto algum conto das mil e uma noites. Nada preciso saber. (*toca uma campainha.*)

Antonio! (*de casaca e lenço branco etc.*) V. ex.ª quer alguma cousa?

Julio. Caspité! que luxo!

Antonio. V. ex.ª chegou tão de improviso, que nem tempo tivemos de limpar a gaiola..... quero dizer, a casa.

Julio. E aproveitaram o meu somno? Bonita lembrança. Pelo que vejo então, minha tia não é inimiga do luxo e da commodidade.

Antonio. Ora qual. Ao contrario, a nossa divisa é — Fausto e abundancia.

Julio. Bonito! e apresento-me eu n'esta figura, empoeirado, mal tentido (*procurando nas algibeiras.*) Ao menos cá estão as luvas. (*calça-as á pressa, estala uma.*) Bom, desgraça sobre desgraça.

Antonio. Agora, se v. ex.ª permitte, mando vir a agua e a alpiste.

Julio. Hein! que dizes?

Antonio. Perdão, eu quiz dizer, a ceia para v. ex.ª, é um modo de fallar figurado. (*Bate as palmas, entram os creados com um velador servido luxuosamente.*)

Julio. Mas, com mil demonios! tem paciencia Angelica, mas em quanto me tratarem assim não me vou embora. Isto é magia. Mas que aroma!

Antonio. Quando v. ex.ª quizer servir-se...

Julio. Mas... já... Quem nos havia de dizer, que n'uma casa de aspecto tão lugubre, com uma tia tão austera e um administrador que não tem lá muito boa cara para santo, encontraria eu tudo isto!

Antonio. E é que a respeito de administrador não sabe v. ex.ª o melhor! Á força de administrar os immensos bens de sua tia, tal amisade lhes tomou que se preparara para os administrar por conta propria.

Julio. (*levantando-se de um pulo.*) Ah! o maroto! pretende a mão de minha tia. E é muito rica?

Antonio. Fabulosamente rica.

Julio. Fabula... vamos, bebe um copinho, Antonio e

Digitized by Google

eu outro á saude do capital de minha tia, que se algum dia estiver doente muito desejarei ser eu o medico.

Antonio. Do dinheiro?! É que v. ex.ª dava-lhe tanta sangria que o matava, nada, nada! Então deveras não acha agora tão penoso o captiveiro...

Julio. Se eu tivesse aqui a meu lado uma mulher... Oh! Angelica...

Antonio. Mas sua tia parece-me que...

Julio. Qual tia... com aquelle aspecto ridiculo... presença grutesca, sempre de preto, contas na mão. Aquillo não é mulher... a verdadeira mulher é...

SCENA IX

OS MESMOS E D. CAROLINA

Carolina. *(elegante e ricamente vestida.)* Deixa-nos Antonio. Se me procurar o sr. Raphael, que espere.

Antonio. *(á parte a Julio)* E esta é mulher!

Julio. *(idem.)* Soberba, elegantissima! Mas quem é?

Antonio. *(idem.)* Sua tia.

Julio. *(idem.)* Maganão! zombas de mim!

Antonio. *(sahindo)* Sim! sim *(áparte)* O vinho é bom, a mulher bonita! Vá o caso de vento em popa *(sae.)*

Julio. *(affastado de Carolina que occulta d'elle o rosto)* Continuo a convencer-me que sonho. E' preciso decifrar este enygma. *(dirige-se a Carolina)* Minha senhora queira v. ex.º attender-me. Se continuo assim endoudeço. O que se tem passado ha meia hora? que casa é esta? quem é a senhora?

Carolina. Tua tia.

Julio. *(esfrega os olhos, bate na testa, depois contemplando-a admiradissimo.)* Minha tia!!! Mas a outra, a do veo e das contas, a beata, a velha?

Carolina. Sou eu!

Julio. Agora é que eu endoudeço! com que a joven é a velha, a velha é a bonita, eu tio da joven, a joven é minha sobrinha, a velha e eu, ai que trapalhada que eu fiz.

Digitized by Google

Carolina. A explicação de quanto vês, é facil. Ao conhecer as tuas loucuras, a minha primeira intenção foi mostrar-te o caminho do bem pela austeridade e felicidade eterna ganha pela reflexão e recolhimento. Estava enganada, reflecti agora e vejo que era inutil ensinár o pensamento e a phantasia da juventude n'uma estreita gaiola de ferro. Abre pois as azas e vôa para esse mundo que com tanto pezar abandonavas. Aqui tens n'esta carteira com que entregar-te a mais prazeres do que precisas para te saciares. Parte, és livre.

Julio. Sim, parto, vou já... como ficarão contentes os meus credores! (*senta-se no sophá em que está Carolina.*)

Carolina. (*depois de pausa*) Pois ainda aqui estás, a deligencia parte d'aqui a um quarto de hora.

Julio. Ai! minha Ana! Então fico mais tres horas. (*Carolina pega no bordado.*) E que mão tão linda, tão pequenina. (*beija-lh'a.*)

Carolina. Que fazes Ernesto!

SCENA X

RAFAEL E ANTONIO

Rafael. (*da porta*) Que profanação! que escandalo! Felizmente estou eu aqui. (*Carolina senta-se voltando-lhe as costas*) Saia d'aqui sr. e leve tambem comsigo a sua amazona não profane com suas plantas impuras este templo de virtude.

Julio. Bonitas phrases, está hoje inspirado o sr. administrador.

Rafael. Não zombe sr. Praza a Deus que sua tia, que a esta hora está recolhida em oração nada saiba de tudo isto, corromper os criados, transformar tudo, e por causa de uma tal paixão... se ao menos fosse por uma mulher digna casava e...

Julio. Pois é isso mesmo que eu quero.

Rafael. Mas entendamo-nos, com esta senhora?

Julio. Com esta senhora a quem adoro de todo o meu coração...

Digitized by Google

RAFAEL. *(á parte)* Bravo, e livro-me d'elle. *(alto)* Pego-lhe na palavra; approvo com procuração de sua tia.

JULIO. Muito bem; era pois abra o sr. administrador os olhos! *(mostra-lhe Carolina que se volta para elle.)*

RAFAEL. *(estupefacto)* Misericordia! que me dá uma apoplexia.

JULIO. E como cá em casa não quero quem mande mais do que eu e minha esposa, comece por sahir, sr. administrador, depois se lhe tomarão as contas.

ANTONIO *(rindo)* Ah! ah! ah! muito bem patrão *(a Rafael)* E como tambem me não faz contas a mim, vou acompanhal-o até á rua.

RAFAEL. Perdi a partida, sou um pessimo jogador. *(sae acompanhado de Antonio que ri a mais não poder)*

SCENA ULTIMA

JULIO E CAROLINA

CAROLINA E agora n'esta gaiola de ouro...

JULIO Serei o mais feliz dos mortaes... *(recita)*

Em teu amor, feiticeira
Eu vou encontrar ventura
Amando esta clausura
Se tu fores a carcereira.

Mas tambem estimo e adoro
Que a par da sorte fagueira
Este publico applaudir queira
Esta gaiola de ouro.

(CAE O PANNO)

Digitized by Google

O PREGO!

CANÇONETA COMICA

Maldito sejas tu, *prego*
Que só me dás dissabores!
Malditos os agiotas
Que emprestam sobre penhores!

Agiota—nome horrivel
Que me causa tedio e asco!
Agiota! homem vil
Inda mais vil que o carrasco.

Quer dormindo ou acordado
Estou sempre a pensar no prego!
És uma horrivel visão
Que detesto... que arrenego!!

Antes caminhar p'ra forca!
Antes perder na botota!
Do que transpor os umbraes
Da porta d'um agiota!

Ha ali botas e luvas,
Chapeus, vestidos, camizas,
Fraks, casacas, colletes,
Ceroulas, meias, e nizas!!

Tentando descrever tudo
Seria um nunca acabar!
'Té não escapa ao voraz *prego*
Lenço humilde d'assoar!

Quem quizer que um objecto
Fique logo sem valor;
Deve conduzil-o ao *prego*,
E deixal-o de penhor.

Digitized by Google

Chega a gente ao uzurario
Chapeu na mão por decencia,
Dá-se-lhe uma—*Senhoria*
Ou melhor será—*Excellencia.*

—Que quer *você*—Meu senhor?...
De ouro são estes botões!...
Em bom uzo, e eu queria... um pinto
—Só empresto dois tostões!

—Dois tostões!... Que diz senhor?...
Vamos, chegue-se á razão,
Ao dinheiro que offereceu
Junte mais... mais um tostão.

—Vamos lá, é decidir
Por mais tempo não o aturo,
Tome lá oito vintens
Porque um patacó—é o juro!

Acho pois mais rasoavel
Segundo cá o meu vêr,
Em logar de ir empenhar!
Preferir antes o vender!

Pausa

Querem saber porque o *prego*
Me obriga a desabafar?
É por não ter já em casa,
Cousa alguma que empenhar.

(Cae o panno)

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromênho

A doida, drama em 5 actos.
A vida de um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
Exemplo a casados, comedia em 2 actos.
Aorphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena dramatica.
Simplicidade e espertesa, entre-acto.
Por causa de um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Um poeta, comedia em 1 acto.
Aventuras de um gabão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furiosa de amor, comedia em 1 acto.
O amante emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 acto.
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.
No campo da opposição, comedia em 1 acto.
A loira, comedia em 1 acto.
Um rapaz timido, comedia em 1 acto.
Maldita casaca, comedia em 1 acto.
A cabelleira de minha mulher, comedia em 1 acto.
Casado e solteiro, comedia em 1 acto.
A gaiola de ouro, comedia em 1 acto.
Meias sollas e tacões, comedia em 1 acto.
Oh! da guarda... ladrões, comedia em 1 acto.
Tem sobre-loja, comedia em 1 acto.
Mestre Barnabé, scena comica. 2.ª edição.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.

Digitized by Google

O cura Santa Cruz, drama em 1 acto.
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto.
Preciosidades de familia, comedia em 1 acto.
O barro é fragil, comedia em 1 acto.
O mestre de dança, comedia em 1 acto.

Diogo José Seromenho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos.
A cabra-cêga, zarzuella em 2 actos.

A. R. Palhaes

Por ser economica, comedia em 1 acto.

José Romano

Traviata, parodia em 4 actos.

Pedro Cabral

Uma extravagancia, comedia em 1 acto.

Dr. Rodrigues Loureiro

Os advogados, comedia-drama em 3 actos.

Julio Rocha

Tribulações d'uma solteirona, comedia em 1 acto.

J. R. Chaves

A duqueza por um... sabio, scena comica.

Julio Howorth

Alugam-se quartos, comedia em 1 acto.

Jorge Salgueiro

Cupido e mercurio, comedia em 1 acto.

Carlos de Almeida

O policia civil, cançoneta comica.

NO PRÉLO

Augusto Cesar de Vasconcellos

Santos e comp.ª, comedia em 2 actos.
A mascara verde, comedia em 2 actos.
Um figurino, comedia em 1 acto.

Pedro Cabral

As cerejas, comedia em 3 actos.
Marinheiros em terra, comedia em 1 acto.

Digitized by Google

O LIVRO AMARELLO

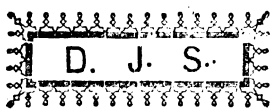
COMEDIA EM 1 ACTO

POR

Diogo José Seromenho

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representada com geraes applausos em differentes theatros.



THEATRO CONTEMPORANEO
FUNDADO EM 1860
DIOGO SEROMENHO — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO [illegible]
LISBOA — 1[illegible]

Digitized by Google

PERSONAGENS

ROSA—JULIA—JOÃO—MIGUEL—JOSÉ

A scena passa-se n'uma aldeia qualquer

ACTO UNICO

Casa pobre; ao fundo uma janella praticavel, vendo-se o campo. Portas lateraes, etc.

SCENA I

JULIA, ROSA e JOÃO

JOÃO—*(a Rosa que está escrevendo)* Endireita esse corpo, assim não podes escrever bem.

ROSA—Não posso; doem-me as costas.

JULIA—Não sejas má, faze a deligencia. *(àparte)* É um anjo, não tenho medo que o maldito amor entre com ella.

JOÃO—*(agarrando-lhe na mão)* Devorava esta mãosinha com beijos! Querido anjo.

ROSA—Cuidado com a mamã.

JOÃO—*(lendo)* «Ha doenças que atacam mais depressa os cavallos do que os burros».

JULIA—Gosto de te ver estudar.

JOÃO—Que remedio. Quero acabar o meu curso quanto antes. Os brutos cá da terra não tem medico. Serei um alveitar humanitario, tratarei bem os animaes, porque lá diz a religião: «Amae-vos uns aos outros, cuidae do vosso proximo» ; e os animaes não podem ser excluidos, porque a não ser na falla, todos se parecem. *(a Rosa)* Endireita essa mão.

ROSA—Tomara vel-o pelas costas. Não o posso aturar.

JOÃO—E' melhor que esteja calada.

JULIA—Tenham juizo. *(àparte)* Nunca estão de acordo. Tambem se não fosse assim, não o consentiria cá em casa.

ROSA—*(a João)* Desejo immenso que acabes o curso.

JOÃO—Quem dera... porque então...

JULIA—Então o que?

JOÃO—*(lendo)* Então, ha cavalgaduras que tem o casco muito rijo...

Digitized by Google

SCENA II

Os mesmos e José

JOSÉ—*(entrando)* Aqui tem uma carta da cidade.

JULIA—Aposto que é do Miguel. *(lê)*

JOÃO—*(a Rosa)* A carta do Miguel annuncia-me desgraça.

JULIA—A carta esteve demorada dois dias; e por isso talvez já chegasse. José, vae saber á estalagem. *(falla-lhe ao ouvido)*

JOSÉ—*(a Julia)* Cuidado, porque se casa com o Miguel ficamos sem nada.

JULIA—Eu a farei cumprir o seu dever. Vae, não te demores. *(José sae)*.

SCENA III

Os mesmos, menos José

JULIA—João, tem paciencia; verifica-me as contas dos rendeiros. Estão todas lá dentro.

JOÃO—*(áparte)* O coração adivinha-me desgraça. *(alto)* Cá vou. *(sae)*.

SCENA IV

Rosa e Julia

JULIA—*(áparte)* A fortuna de Rosa não me hade sair das mãos. O Miguel hade ficar a chuchar no dedo. *(alto)* Tenho que te dizer, minha filha. Deixa de estudar e escuta-me com attenção. Teu pae, e meu irmão, morreu quando tu tinhas seis annos; e antes de morrer disse-me: «Confio-te minha filha; espero que sejas para ella uma verdadeira mãe. E assim tenho feito até hoje. Por isso não deves nunca esquecer os meus conselhos; fugir sempre dos homens. Especialmente hoje que chega um de Lisboa, da terra em que todos os rapazes só pensam em seduzir as raparigas. Dize-me, ainda te lembras dos meus conselhos, para te livrares dos homens?

ROSA—São cinco: 1.º Evitar os olhares dos rapazes. 2.º Se algum me disser que sou bonita, responder-lhe: «Isso é chalaça. se insistir, retiro-me. 3.º Se me quizerem pegar na mão; devo logo fugir. 4.º Se algum disser que me ama, devo tapar os olhos para não ver, e os ouvidos para não

Digitized by Google

ouvir. 5.º, e ultimo. Se for perseguida a ponto que não saiba o que heide fazer, procuro-a logo para me aconselhar.

JULIA—Lembras-te ainda de tudo. Não devo pois ter receio de que recebas Miguel, filho d'um intimo amigo de teu pae, e que chega hoje de Lisboa, a terra da perdição. Trata-o bem, mas toma cuidado com elle. Vae vestir o teu vestido novo. Se ainda assim tiveres alguma duvida, dize-me, porque te empresto um livro raro, onde se tratam estes importantes assumptos.

ROSA—Assim farei

JULIA—*(áparte)* Agora estou descançada, pois não me pescam o dote da pequena. Até logo. *(sae)*.

SCENA V

ROSA (só) depois JOÃO

ROSA—Muito estupido deve ser o tal livro a que minha tia se refere! Deve ter sido escripto por algum camello... Entre muitas babozeiras, afirma que quem fita um namorado fica céga. Ha tres annos que amo João, e ainda tenho uma vista magnifica.

JOÃO—*(entrando)* Tu não me amas!

ROSA—Tens razão, não te amo, e por tua causa tenho-me arriscado a ficar céga!

JOÃO—Cego estou eu; mas é pelos teus encantos. E depois de tanto amor, casas com o rapaz que vem de Lisboa!

ROSA—Não digas asneiras, nunca deixarei de te amar.

JOÃO—Nem eu. Lembra-me uma cousa, ir ter com tua tia e declarar-lhe o nosso amor.

ROSA—Não faças tal. Antes procurar d'um livro amarello que ella tem, chamado o «cofre das donzellas» e vermos se encontramos algum conselho que nos agrade.

JOÃO—Aceito a tua ideia. Vae buscar esse livro abençoado. *(entra Miguel, acompanhado com a bagagem. Rosa foge a correr, João torna a pegar no livro)*.

SCENA VI

JOÃO e MIGUEL

MIGUEL—*(áparte)* Quem será este idiota?

JOÃO—*(lendo alto)* «O burro é o animal mais manhoso que existe...»

MIGUEL—Tenho a honra de o cumprimentar.

Digitized by Google

JOÃO—«Para se conhecer da sua robustez, convem...

MIGUEL—O sr. é tapado?

JOÃO—Estudo veterinaria.

MIGUEL—E' a mesma cousa. Ainda bem que aqui o encontro. Muito me hei-de divertir durante o verão que aqui tenciono passar.

JOÃO—Então espera divertir-se?

MIGUEL—Muito. Você tem uma cara tão divertida, que por força me hade fazer morrer a rir.

JOÃO—Isso é obsequio da sua pessoa.

MIGUEL—*(áparte)* E' o asno mais completo que eu tenho visto! *(alto)* Que logar occupa o sr. cá em casa?

JOÃO—Eu? a sala, que é o logar aonde estamos.

MIGUEL—*(rindo)* Voce tambem faz espirito! Logo advinhei pêlo sua cara, que devia ser um typo unico. Mas afinal quem é voce? Se por acaso se pode ser alguma cousa, com uma cara d'essas!

JOÃO—Sou conhecido da dona da casa, desde creança. Ensino a ler e escrever a menina Rosa, e estou a concluir o curso de alveitar. Se precisar da minha sciencia...

MIGUEL—Do que Deus me livrará.

JOÃO—Vou examinar umas contas. Com licença. *(sae)*.

SCENA VII

MIGUEL *(só)* depois JOSÉ e JULIA

MIGUEL—Este diabo, se fizesse scenas comicas, deixava a perder de vista o Taborda. Quando sahi de Lisboa, imaginando morrer de aborrecimento, não contava encontrar aqui um original tão divertido.

JOSÉ—Aqui tem o sr. Miguel.

JULIA—Seja muito bem apparecido.

MIGUEL—V. ex.ª está muito bem conservada.

JULIA—Isso é dos seus olhos. Vae ver minha filha.

JOSÉ—Eu a vou chamar. *(sae)*.

SCENA VIII

JULIA, MIGUEL, depois JOSÉ

MIGUEL—Creio que a sr.ª D. Rosa se assustou quando me viu apparecer, pois fugiu precipitadamente.

JULIA—Perdoe-lhe, é muito acanhada e timida.

Digitized by Google

MIGUEL—*(áparte)* Desconfio que a tia não quer casar a sobrinha. *(alto)* Diga-me, sua sobrinha não pensa em casar? O pae d'ella era o melhor amigo de meu pae, que deixou dito no seu testamento, que a filha casaria a seu gosto.

JOSÉ—*(entrando)* A menina não quer cá vir.

JULIA—Eu lá vou. *(sae).*

SCENA IX

MIGUEL, JOSÉ, depois JULIA e ROSA

MIGUEL—*(áparte)* A filha é formosa e rica. Consiga eu que ella me ame, que com a tia pouco me importo.

JULIA—*(entrando com Rosa, ridiculamente vestida)* Minha filha, apsesento-te o sr. Miguel Pinto.

MIGUEL—Tenho a honra de a cumprimentar.

JULIA—Este senhor é um cavalheiro nosso amigo, que vem pedir a tua mão.

ROSA—Tia, tem por ahi o livro amarello?

JULIA—*(áparte)* Que ingenuidade! Aborrece-me a insistencia de Miguel *(escurece. José acende as luzes; Miguel falla baixo com Rosa).*

SCENA X

Os mesmos e JOÃO

JOÃO—*(entrando com uns papeis)* Os dois conversando!

MIGUEL—Que diz, minha senhora? Eu amo-a muito. *(beija-lhe a mão).*

ROSA—Tia, deixe-me ver o livro. *(João começa a chorar).*

MIGUEL—Porque chora este bruto?

JOÃO—Choro, porque tenho motivos.

MIGUEL—*(áparte)* Querem ver que os dois asnos amam-se; eu descobrirei a verdade.

JULIA—Rosa, vae buscar um copo com vinho.

ROSA—Pobre rapaz. vou já. *(sae).*

SCENA XI

Os mesmos menos ROSA

MIGUEL—Então estás melhor?

JOÃO—Estou.

MIGUEL—*(áparte)* Não me resta duvida; ama Rosa. *(alto)* Até logo; vou tratar de arranjar remedio para o curar.

JULIA—Vou-lhe ensinar aonde é o seu quarto. *(saem).*

Digitized by Google

SCENA XII

João, depois Rosa

JOÃO—Só me me resta morrer!

ROSA—*(com um copo com vinho)* Bebe, que este remedio faz bem a todos.

JOÃO—Mataste-me, mulher !

ROSA—Não digas asneiras; apesar do «livro amarello», de minha tia, só a ti amo, só comtigo casarei. *(abraçam-se, no momento em que entra Julia e Miguel).*

SCENA XIII

Os mesmos, Julia e Miguel

MIGUEL—Não tenham medo.

JULIA—Miseraveis, ingratos!

MIGUEL—E' a cousa mais natural do mundo.

JOÃO—*(pega no livro e lê)* «Os musculos do boi...»

JULIA—Vá ler para o meio da rua!

JOÃO—Vou já, mas fique sabendo que Rosa ama-me.

ROSA—Adoro-o.

JULIA—Cáio das nuvens! A menina innocente...

JOÃO—Adeus, até á vista. *(sae, Rosa quer seguil-o, mas é detida por Julia).*

SCENA XIV

Os mesmos, menos João

JULIA—Caro te hade custar o teres acreditado nas asneiras d'esse cura brutos

ROSA—Disse-me cousas tão bonitas.

MIGUEL—E o testamento de seu pae?

JULIA—E o sr. ainda a deffende ! Sái d'aqui ! *(Rosa sae com Julia).*

SCENA XV

Miguel. depois Rosa e Joao

MIGUEL—Tem graça a sonsinha! A tia com o livro amarello, e o outro com cara de asno! Mas visto que aqui es-

Digitized by Google

tou, heide fazer cumprir o testamento do pae de Rosa. *(ouve-se um assobio)* Será o namoro de Rosa? *(apaga a luz, e abre a janella)* Olha, e traz uma escada! Vamos ver estes innocentes. *(Rosa entra e dirige-se á janella)* Isto vae ser bonito.

ROSA—E's tu, João?

JOÃO—Sou. *(sóbe a escada e entra pela janella)* Fui contar tudo a minha tia. Querendo tu, fóges comigo, e hão-de-nos casar por força; se queres, segue-me para casa de minha tia!

ROSA—Segura bem a escada. *(saem os dois pela janella)*

MIGUEL—Ah! elle é isso? pois espera. *(chega á janella e começa a gritar)* Agarra! agarra!... cuidado não se escapem!

SCENA XVI

MIGUEL e JULIA

JULIA—*(entrando a correr)* Que gritos são estes?

MIGUEL—Fugiu sua sobrinha! *(apparece José á porta com os fugitivos agarrados, cada um por seu braço)*

SCENA ULTIMA

TODOS OS PERSONAGENS

JOSÉ—Aqui os tem!

JULIA—*(a Rosa)* Mulher sem pudor!

MIGUEL—Perdôe aos namorados, e cumpra o testamento de seu irmão.

JULIA—Pois seja.

ROSA e JOÃO—*(beijando-lhe a mão)* Obrigados, pela nossa felicidade!

CAE O PANNO

Digitized by Google

(14)

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

A LOIRA

COMEDIA EM 1 ACTO

REPRESENTADA COM APPLAUSO NO THEATRO BAQUET DO PORTO, EM SETUBAL, AVEIRO, ETC.

PREÇO 140 RÉIS

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1878

Digitized by Google

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha de merito, etc.

UM VOLUME NITIDAMENTE IMPRESSO

CONTENDO OS SEGUINTES ORIGINAES

I **Valei aos desgraçados.**
II **As reuniões do sr. Procopio.**
III **Uma tragedia em familia.**
IV **A navalha.**
V **As filhas da sr.ª Ignez.**
VI **Fiem-se em mulheres.**
VII **Martyrios sociaes.**
VIII **Pena de talião.**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO

Portugal.....	500 réis
Brasil.....	1$000 »

Digitized by Google

A LOIRA

COMEDIA EM 1 ACTO

IMITAÇÃO POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, etc.

REPRESENTADA NO THEATRO BAQUET DO PORTO
EM SETUBAL, AVEIRO, ETC.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA — 1878

Digitized by Google

PERSONAGENS

JAYME
AUGUSTO
ALICE
ISABEL
UMA CREADA
UM CREADO

A scena em Lisboa.—Actualidade.

Typ. de J. G. de Sousa Neves—Rua da Atalaia, 65.

Digitized by Google

A LOIRA

COMEDIA EM UM ACTO

ACTO UNICO

Sala elegante.—Alice e Jayme sentados ao fogão.
Sente-se chover.

SCENA I

ALICE e JAYME

ALICE. Em que pensas, Jayme?

JAYME. Eu! em nada!

ALICE. Estou fallando comtigo e não me respondes!

JAYME. Eu?

ALICE. Tu. Cada dia estás mais distraído.

JAYME. Não; é a digestão. A digestão é a...

ALICE. Eu que gósto tanto de conversar depois da ceia!

JAYME. Sim, eu tambem gósto muito. Foi uma coisa que me encantou sempre.

ALICE. Não estás em ti. Não fazes o menor caso do que te digo.

JAYME. O que é que me dizias?

ALICE. Nada, homem, nada.

JAYME. De modo que me não permittes que eu pense em coisa alguma.

ALICE. Bem, bem, pensa no que quizeres, não fallemos mais n'isso, não quero que me chames importuna.

JAYME. Não, mulher, não.

ALICE. Deveras.

JAYME. Deveras.

ALICE. Como chove! Ouves?

JAYME. Chove?

ALICE. Não ouves?

JAYME. É verdade. Chove a cantaros.

Digitized by Google

ALICE. Ainda bem que não estamos fóra de casa. Queres que deite mais lenha no fogão?

JAYME. Não.

ALICE. Faz gosto passar assim um bocado da noite, ao calor do fogão, não é verdade?

JAYME. De certo. *(Tira o relogio para ver as horas.)*

ALICE. Para que vês o relogio?

JAYME. Para que hade ser? Para saber as horas.

ALICE. Supponho que não sairás com este tempo.

JAYME. Não; isto é...

ALICE. Não saias, homem, não saias; passa esta noite em casa. Aonde irás que a passes melhor? Olha, nós estamos assim, ao calor do lume, conversando no que quiseres, dentro de uma hora vem o *Jornal da Noite;* tu lês todas as noticias; depois faremos aqui mesmo o chá, serves-me uma chavena, eu sirvo-te outra, fumas o teu charuto com todo o socego, contas-me alguma coisa interessante, alguns episodios das tuas viagens, alguma d'essas historias que tu sabes referir com tanta graça, eu toco aquella melodia de Schubert de que gostas tanto, e quando fôr meia noite, vamos dormir. Não será isto um encanto?... Viver um para o outro, não ter em que pensar e passar as horas de inverno em tranquilla e celeste mansão, no lar domestico, felizes e invejados de todo o mundo; ai! Jayme, confesso-te que cada dia bemdigo mais a nossa união... *(Jayme levanta-se rapidamente e passeia preoccupado.)* Mas, homem que maneiras são essas?

JAYME. Hein? O que dizes?

ALICE. Ah, não ouviste nada!

JAYME. O que foi?

ALICE. Isto não se póde soffrer, é uma offensa. *(Chora)*

JAYME. Não, mulher, não; é que... as coisas... eu...

ALICE. Desconsiderar-me assim!

JAYME. Não, querida Alice; eu não te desconsidero.

ALICE. Não é de hoje, já ha dias que te encontro preoccupado... pensativo... Aqui ha coisa, Jayme.

JAYME. Não ha coisa nenhuma, não... escuta... *(Pára de repente sem ouvir o que diz Alice.)*

Digitized by Google

ALICE. Sim senhor, sim; aqui ha o quer que seja. Não posso comprehender o que significa tudo isto. Tu nunca foste tão distraído, nunca saiste de casa a certas horas nem... Emfim estou desesperada!

JAYME. Socega Alice, socega; estás inquieta sem motivo, eu...

ALICE. Deveras que me não occultas nada?

JAYME. Nada.

ALICE. Bem, torna a sentar-te. *(Jayme senta-se machinalmente.)* Vê que temperatura tão agradavel. Ficamos em que não vaes sair, não é assim?

JAYME. Não; não saio.

ALICE. Conta-me a causa das tuas distracções. Foi algum negocio que te saiu mal?

JAYME. Uma coisa assim!

ALICE. Bom, pois não te mettas n'outro; para que queres tu negocios?... Temos um rendimento que faz inveja a muita gente, e não precisas de te incommodar para vivermos com toda a commodidade que desejamos. Não pensemos mais em negocios, fallemos d'outra coisa; da nossa amisade, da nossa affeição, do nosso futuro, da nossa felicidade. Se soubesses quanto gósto de ver-te alegre! Faz-me tanta pena o ver-te triste... muitas vezes dirás que sou importuna, mas acredita que tudo isto é effeito do extremo affecto que te consagro, e por cujo motivo na occasiões em que...

JAYME *(levantando-se repentinamente).* Até logo! *(Põe o chapeu e o sobretudo.)*

ALICE. O que?

JAYME Volto no mesmo instante. *(Sae correndo.)*

SCENA II

ALICE *(levanta-se zangada e vae até á porta. Volta á scena quer fallar e não póde, olha para todos os lados, e começa a chorar comicamente dizendo):* Isto não se póde soffrer!

Digitized by Google

SCENA III

ALICE e AUGUSTO

AUGUSTO. Safa! Por bem pouco que me não deita ao chão.

ALICE. Ai! sr. Augusto!

AUGUSTO. Aonde vae seu marido com semelhante pressa?

ALICE. O senhor encontrou-o?

AUGUSTO. Descendo as escadas, mas de que maneira, por bem pouco, que me não fez rolar até á porta da rua!

ALICE. Porque não lhe perguntou aonde ia?

AUGUSTO. Não me deu tempo para nada. Nem sequer me deu as boas noites.

ALICE. E aonde vae?

AUGUSTO. Não sei!

ALICE. Que irá fazer?

AUGUSTO. Não sei.

ALICE. Nem eu.

AUGUSTO. Estamos no mesmo caso.

ALICE. Ai! sr. Augusto, eu quero morrer.

AUGUSTO. Morrer?

ALICE. Sim senhor; e hade ser hoje mesmo.

AUGUSTO. Mas porque?

ALICE. Porque sou muito desgraçada!

AUGUSTO. Que aconteceu?

ALICE. Ha quantos annos me conhece?

AUGUSTO. Desde que a senhora era assim. (*Marca com a mão a altura de uma creança de seis ou sete annos.*)

ALICE. E a minhas irmãs?

AUGUSTO. Desde que eram assim. (*Marca um pouco mais alto*)

ALICE. E a meu marido?

AUGUSTO. Desde que era assim. (*Idem.*)

ALICE. Muito bem. E quantos namorados me conheceu?

AUGUSTO. Mais nenhum que seu marido.

Digitized by Google

ALICE. E a meu marido quantas namoradas?

AUGUSTO. Mais nenhuma do que a senhora.

ALICE. Foi feliz a nossa união?

AUGUSTO. Assim o julga toda a gente.

ALICE. Tenho dado motivos de queixa a meu marido?

AUGUSTO. Nenhuns!

ALICE. Elle é bom?

AUGUSTO. Excellente.

ALICE. E eu?

AUGUSTO. Excellentissima.

ALICE. Pois bem...

AUGUSTO. E depois?

ALICE Agora é que começa a historia.

AUGUSTO. Qual historia?

ALICE. Qual hade ser?... Elle... ella... emfim... aqui ha grande historia sr. Augusto.

AUGUSTO. Supponho que a senhora não imagina que eu tenha a menor culpabilidade...

ALICE. Não senhor, sei perfeitamente.

AUGUSTO. Sim? Pois eu não comprehendo...

ALICE. Jayme não me ouve quando fallo com elle, não come; não dorme; anda inquieto, não é o mesmo Jayme, meu marido.

AUGUSTO. Agora, agora. Pois senhora já o tinha notado.

ALICE. Sim?

AUGUSTO. Ha um mez que não sei onde traz a cabeça. Esquece se de tudo que diz, e fuma com um desespero...

ALICE. É justamente o que me faz scismar. Acende um charuto no mesmo instante, elle ahi vae, deita-o fóra. Acende outro e outro e todos vão pelo mesmo caminho. Que quer isto dizer?

AUGUSTO. Que anda preoccupado.

ALICE. Sim?

AUGUSTO. De certo! Jayme pensa seja em que for. Hontem quando passeiavamos no Rocio, cumprimentava os amigos de um modo desconhecido. Fallava-lhe e não me respondia.

Digitized by Google

ALICE E a que attribue o senhor uma tal preoccupação?

AUGUSTO. Eu... não sei...

ALICE. Sabe sim. O senhor sabe-o tão bem como eu; o que não tem é o arrojo de m'o dizer, e não sei porque. Parece-me que podemos fallar francamente. Vou dizer lhe o que suspeito. Meu marido tem por ahi alguma affeição.

AUGUSTO. É o mesmo que eu supponho.

ALICE. Sim? *(Chora)* Ai! quanto sou infeliz.

AUGUSTO. Não se afflija minha senhora.

ALICE. Pois não heide affligir-me. Quer talvez que danse alguma polka.

AUGUSTO. N'estes casos a dissimulação é o melhor recurso. Vamos a pensar na maneira de o apanharmos.

ALICE. Justo. De o apanharmos em flagrante.

AUGUSTO. Eu tenho tanto ou mais interesse do que a senhora. Estimo-o como se fôra meu filho, e...

SCENA IV

OS MESMOS *e* **JAYME**

Jayme entra precipitadamente e sem reparar em Alice nem em Augusto; vae direito a uma das portas lateraes e entra.

ALICE. Já viu uma coisa assim?

AUGUSTO. É exquisito!

ALICE. Ai meu Deus, se estará doido?

AUGUSTO. Demonio! *(Desviando-se a um lado.)*

ALICE. Já a noite passada estranhei que se levantasse ás tres horas da manhã, e andasse pela sala fazendo gestos extravagantes?

AUGUSTO. Não lhe dê a loucura para nos accommetter.

ALICE. Não faltava mais nada!

JAYME *(entrando á parte).* Não veio de tarde... deve vir esta noite.

ALICE. Vê, como falla só.

JAYME *(á parte).* Se não vem prega-me uma boa peça.

ALICE *(á parte a Augusto)* Vae sair outra vez.

Digitized by Google

AUGUSTO. Boas noites, Jayme.

JAYME. Olá! Augusto! Como vaes? Eu bem, obrigado, adeus, até logo!

ALICE. Olha!

JAYME. Desculpa, agora é impossivel, é uma coisa urgente! Eu te contarei... eu lhes direi, adeus, adeus! *(Sae correndo.)*

SCENA V

ALICE *e* **AUGUSTO**

ALICE. Meu Deus! Perdeu o juizo!

AUGUSTO. Pois senhor, declaro que não entendo.

ALICE. Que desgraça!

AUGUSTO. Socegue minha senhora, socegue.

ALICE. É impossivel meu amigo. Parece-lhe que não tenho motivos para desanimar? Um homem que nunca teve nada que o inquietasse, que nunca faltou aos seus deveres, que mostrou sempre decidido empenho em comprazer-me e mudar agora completamente.

AUGUSTO. Mas que será isto? Vamos a ver se podemos descobrir... diga-me, seu marido é affeiçoado á politica?

ALICE. Á politica?

AUGUSTO. Póde ser que esteja mettido em alguma combinação ministerial.

ALICE. Não senhor, não.

AUGUSTO. Não ha muito tempo que lhe deram uma commenda. O que fez elle?

ALICE. Nada. Foi por isso que lh'a deram.

AUGUSTO. Ah! Basta! Sabe se perdeu dinheiro em algum negocio?

ALICE. Não sei; tenho-me lembrado d'isso, mas o senhor comprehende que a estas horas não podia ir tratar de negocio algum.

AUGUSTO. Quem sabe!

ALICE. Que classe de negocios são os que se tratam de noite... Elle vae e vem mui preoccupado, entra e sae amiudadas vezes, nunca se demora um quarto d'hora em

Digitized by Google

ir e voltar; o negocio seja qual for deve effectuar-se n'estas proximidades.

AUGUSTO. Vamos a ver. Esta é a rua do Chiado... aonde póde ir? Irá ao Gremio?

ALICE. Não é socio, nem o quiz ser nunca.

AUGUSTO. Irá ao Gymnasio, á Trindade?

ALICE. Não o creio. Bem vê o incommodo que lhe custaria vir a casa em todos os entreactos.

AUGUSTO É devoto... *santanario*?

ALICE. Tambem não.

AUGUSTO. Podia ser que fosse á novena aos Martyres ou ao Sacramento.

ALICE. Não hade ser má novena.

AUGUSTO. Pois então não adivinho.

ALICE. Talvez alguma visinha que lhe tenha posto a cabeça a rasão de juros. Vou contar tudo a minha mãe. Elle respeita-a muito e...

AUGUSTO. Sim?

ALICE. Sim, meu amigo. Diz que tem mais medo d'ella do que d'uma giboia.

AUGUSTO. Porque motivo?

ALICE. Porque minha mãe é temivel.

AUGUSTO. Diga-me, não tem averiguado...

ALICE. Sim, mas sem resultado. Tenho lhe aberto todas as cartas que vem pelo correio, e nada de novo.

AUGUSTO. Nem suspeita se quer?...

ALICE. Nada.

AUGUSTO. Tem visto se no seu quarto ha algum indicio...

ALICE. No seu quarto? Tem rasão; agora mesmo vou remecher tudo.

AUGUSTO. Mas cuidado que eu não...

ALICE. Sim senhor, vou revolver tudo. Ai meu Deus, estes desgostos hão de dar cabo de mim?

Digitized by Google

SCENA VI

AUGUSTO, *depois* **JAYME**

AUGUSTO. A verdade é que Jayme nunca deu o menor motivo... o que será?

JAYME *(entra de repente, pega n'uma cadeira e deixa-a cair ao chão, senta-se, apoia os cotovellos em cima da mesa e a cara entre as mãos, bate com o pé no chão, e puxa pelos cabellos.)*

AUGUSTO. Parece que está doido... e o peior é que sendo tão arrebatado de genio... receio que...

JAYME *(áparte).* Mas que heide fazer? Que heide fazer? Quem podia lembrar-se de que não viria em toda a noite?

AUGUSTO *(áparte).* Se eu podesse...

JAYME *(áparte).* Isto é impossivel!

AUGUSTO. Jayme...

JAYME. E o demonio é que...

AUGUSTO *(áparte).* Não ouviu.

JAYME *(áparte).* Se com o pouco que me resta podesse ir ver se apparecia...

AUGUSTO *(com brandura).* Jayme.

JAYME. Augusto. *(Levanta-se de repente e corre para Augusto, o qual se desvia espavorido.)* Escuta, meu amigo!

AUGUSTO *(de certa distancia).* O que é que tens, homem?

JAYME. Estou perdido!

AUGUSTO. Socega homem, socega, vens suffocado.

JAYME. Estou corado, não é verdade?

AUGUSTO. Parece que acabas de sair d'uma estufa!

JAYME *(vae ao espelho).* É verdade! Que queres, não o posso evitar. Ha na vida fatalidades inevitaveis... Tu não és capaz de duvidar do meu pundonor?

AUGUSTO. Ah! deràm-te alguma bofetada?

JAYME. Augusto!

AUGUSTO. E foi do lado esquerdo.

JAYME. Augusto, não tornes a repetir essas palavras.

Google

Uma bofetada! Não ha ninguem em Lisboa que fosse capaz de m'a dar.

AUGUSTO. Não digo isso homem, eu bem sei que nem em todo o paiz haveria quem se atrevesse a dar-te um bofetão.

JAYME. Nem fóra d'elle. Se estou suffocado... é porque... porque estou suffocado.

AUGUSTO. Deve ser por isso mesmo.

JAYME. Porque estou perdido! Porque estou arruinado!

AUGUSTO. Arruinado, tu Jayme!

JAYME. Falla mais baixo.

AUGUSTO. O que aconteceu? Falla, homem.

JAYME. Não o queiras saber. É uma coisa hórrivel, tremenda!

AUGUSTO. Que desgraça! Mas dize-me... algum negocio...

JAYME. E que infeliz negocio! Toda a minha fortuna, a de minha mulher, a de meus filhos...

AUGUSTO. Que filhos?

JAYME. Os que possa vir a ter, parece-me que não será nenhuma coisa do outro mundo.

AUGUSTO. Não, não.

JAYME. A minha fortuna, a de minha mulher, a de meus filhos, o que heide herdar, tudo, tudo perdi.

AUGUSTO. Mas homem, quem te manda a ti metter n'esses labyrinthos? Tendo meios para viver com todas as commodidades, para que te expões...

JAYME. Eu te digo.

AUGUSTO. Foi em letras?

JAYME. Não.

AUGUSTO. Em acções de companhias?

JAYME. Não.

AUGUSTO. Em commercio miudo?

JAYME. Não.

AUGUSTO. Talvez te acontecesse o mesmo que a mim; negociei uma vez em chapeus de chuva e não choveu em todo o inverno.

JAYME. Não, não, não foi isso. Mas emfim os amigos

Digitized by Google

são para as occasiões. Que Alice não saiba nada do que succede. N'este momento não tenho cinco réis de meu.

AUGUSTO. Devéras?

JAYME. Devéras.

AUGUSTO. E que quantia necessitas de prompto?

JAYME. A que me possas prestar.

AUGUSTO. Recebi hoje as rendas da minha casa da Estrella, e julgo que devo ter comigo umas cem libras em papel, se as queres...

JAYME. Venham. *(Augusto entrega lhas.)* Obrigado, eu t'as pagarei.

AUGUSTO. Quando queiras. O caso é que possam livrar-te da critica posição em que estás. Suppões que poderás conseguil-o?

JAYME. Não sei.

AUGUSTO. Porque me não dizes de que se trata? Não tens confiança em mim?

JAYME. Tenho sim, mas receio dizer-t'o... porque emfim... é uma paixão de tal natureza...

AUGUSTO. Paixão?

JAYME. Furiosa, terrivel.

AUGUSTO. Essa mulher deve comer brilhantes segundo o que despendes com ella.

JAYME. Mais que brilhantes!

AUGUSTO. Deve ser alguma notabilidade.

JAYME. Oh! se é!

AUGUSTO. Alguma d'essas trigueirinhas...

JAYME. Não. É loira!

AUGUSTO. Loira?

JAYME. Sim, loira. Eu venho já.

AUGUSTO. Aonde vaes?

JAYME. Deixa-me. Eu te explicarei tudo. *(Aparte.)* Se ainda não virá d'esta vez! *(Sae.)*

SCENA VII

AUGUSTO, *só*

Ai! minhas ricas cem libras, parece-me que não é d'esta vez que as torno a ver! Mas será possivel que haja mu-

Digitized by Google

lheres capazes de fazerem enlouquecer os homens por tal fórma?

SCENA VIII

AUGUSTO e ALICE

ALICE. Ainda não veio?

AUGUSTO. Já.

ALICE. Aonde está?

AUGUSTO. Acaba de sair.

ALICE. Outra vez?

AUGUSTO. Ai! minha senhora.

ALICE. Ai, meu amigo. Não encontrei nada, absolutamente nada. Tudo vi, tudo remechi e não dei com o menor indicio.

AUGUSTO *(áparte).* Vou contar-lhe o que se passou.

ALICE. Disse-lhe alguma coisa? A que veio a casa? Que significará isto? Poude descobrir?...

AUGUSTO. Sim, minha senhora, descobri...

ALICE. O que?

AUGUSTO. Que... que... emfim a senhora tem razão.

ALICE. Está enamorado?

AUGUSTO. De uma loira!

ALICE. Ai! *(Cae sobre um sophá.)* Que chamem o medico, que chamem o medico.

AUGUSTO. Mas, minha senhora!...

ALICE. Nada, nada, quero morrer... quero morrer, e por conseguinte o melhor é que venha o medico.

AUGUSTO. É uma loucura.

ALICE. Está então enamorado?

AUGUSTO. Assim o disse.

ALICE. Elle mesmo?

AUGUSTO. Elle mesmo!

ALICE. E com que cara o disse?

AUGUSTO. Com a sua!

ALICE. Não póde ser!

AUGUSTO. Não? Pois affianço-lhe que não cortou o bigode para m'o dizer.

Digitized by Google

ALICE. Diga-me, o que deve fazer uma mulher nas minhas circumstancias?

AUGUSTO. Não sei...

ALICE. Viu-o sair?

AUGUSTO. Perfeitamente.

ALICE. Que caminho tomou?

AUGUSTO. O da porta da rua.

ALICE. Ai, que homem este. *(Corre a abrir a janella e olha para a rua.)*

AUGUSTO. Esta mulher é capaz de enlouquecer tambem.

ALICE. Bem o vejo: Volta para casa.

AUGUSTO. Sim?

ALICE. Sim, agora vae o meu amigo presencear o bom e o bonito.

AUGUSTO. Pois até logo,

ALICE *(agarrando-lhe pelas abas do casaco.)* Espere, espere!

AUGUSTO. Mas quem me mandou a mim metter n'estas balburdias?

SCENA IX

OS MESMOS e UM CREADO

CREADO. Minha senhora...

ALICE O sr. Jayme entrou?

CREADO. Entrou, mas tornou a sair.

ALICE.
AUGUSTO. } O quê? *(Admirados.)*

CREADO. Disse que o não esperasse esta noite.

ALICE. Fica fóra de casa!

AUGUSTO. Assim parece.

ALICE *(a Augusto).* Vá depressa, vá depressa!

AUGUSTO. Aonde?!

ALICE. José, Francisca, um chapeu!

AUGUSTO. Vamos sair?

ALICE. Immediatamente!

AUGUSTO. Vamos seguil-o?

ALICE. Vamos. Francisca! *(Gritando e batendo com o*

Digitized by Google

pé no chão. A creada entra correndo com e um chapeu que Alice põe immediatamente.) Vamos por toda a rua acima até ao largo do Camões.

AUGUSTO. A noite está a proposito.

ALICE. Vamos, veja se se meche!

AUGUSTO. Estes meus callos!

ALICE. Vamos. *(Dá o braço a Augusto.)*

AUGUSTO. Ai! minha rica senhora! *(Sae correndo com Alice.)*

ALICE. Malvado!

SCENA X

CREADA, CREADO. e ISABEL

CREADO. O que será que aconteceu aos senhores?

CREADA. Eu sei cá!

CREADO. Parece que andam doidos.

CREADA. Veja se deixou a porta aberta.

CREADO. Está fechada. *(A creada vae á porta do fundo examinar. N'esta occasião apparece Isabel que deve ser uma senhora extremamente loira.)*

ISABEL. O sr. Jayme, está em casa?

CREADO. Não, minha senhora, saiu.

ISABEL. Esperarei que venha.

CREADO. Disse que não vinha esta noite.

ISABEL. Hade vir.

CREADO. Deixou dito que não viria.

ISABEL. Já lhe disse que vem, e eu que lh'o digo...

CREADO. A senhora espera-o?

ISABEL. Espero sim. *(O creado sae.)*

SCENA XI

ISABEL *só*

Deve estar no theatro com Alice. Espero-o? Não sei o que faça. Se soubesse que tinha demora aproveitava este bocado para activar certo negocio... Se terá dinheiro? Elle deve estar endinheirado...Como sairei eu d'isto? Eu sei! Emfim Jayme é um homem de talento, e o seu ta-

Digitized by Google

lento... Que dirá sua mulher quando me vir aqui. Deve surprehender-se! Como poderá imaginar que a estas horas... eu... e elle... e ella... São onze e meia e não pára de chover; que me importa a mim esperar? Vou sentar-me. Que bom lume! Ah! aqui está-se optimamente! *(Senta-se ao fogão e adormece).*

SCENA XII

ALICE, AUGUSTO e ISABEL

(Alice e Augusto entram cansadissimos. Ao chegarem ao meio da scena cada um se deixa cair em sua poltrona distante de Isabel, a quem não devem ver emquanto o não marca o dialogo.)

ALICE. Ai!

AUGUSTO. Ui!

ALICE *(depois de uma longa pausa)*, Parece-me que o melhor é mandarmos um annuncio para o *Diario de Noticias*.

AUGUSTO. Um annuncio?

ALICE. Sim; meu marido não apparece, e por conseguinte não vejo outro meio de o encontrar, se não for por annuncio.

AUGUSTO. Nunca vi um caso similhante.

ALICE. Meu Deus! Meu Deus! *(Chora e occulta o rosto com o lenço.)*

AUGUSTO. Eu enlouqueço! *(Encolhe se na poltrona.)*

ALICE. Não lhe parece isto uma coisa horrivel? *(Augusto começa a dormir.)* O senhor sabe a alegria que reinou sempre n'esta casa? Sabe que nunca houve aqui o mais pequeno desgosto? Jayme foi sempre o mais carinhoso possivel, o melhor homem do mundo. A sua educação é excellente, a sua conversação agradavel, e o seu trato distincto. Sabe que pertence a uma das principaes familias da Beira, e que quer solteiro, quer casado, gosou sempre da fama d'homem de bem? Não digo que não tivesse

Digitized by Google

as suas rapaziadas, mas nunca foi libertino nem jogador, nem homem de tranquibernias. E agora, como explica o senhor o que succede? *(Augusto ressona, Alice levanta-se furiosa.)* Então, não está ressonando, como um porco! Sr. Augusto!

AUGUSTO. O que é?

ALICE. Não sei para que prometteu ajudar-me?

AUGUSTO. Eu? Ui! Onze e meia! A senhora ha-de desculpar, mas, tenho de me retirar, não estou costumado a recolher a minha casa tão tarde.

ALICE. E é nesta situação que me abandona?!

AUGUSTO. Perdão, minha senhora, mas...

ALICE. Bem, vá com Deus; ditosa mulher a que espera por seu marido. Passarei a noite chorando.

AUGUSTO *(áparte)*. Ai! minhas cem libridinhas!

ALICE *(áparte)*. Heide contar tudo a minha mãe.

AUGUSTO *(áparte)*. Quatro centos e cincoenta mil réis!

ALICE. Então não se detenha por minha causa. *(Augusto está pensativo no meio da scena, e dando voltas ao chapeu.)* Agradeço immenso a sua amabilidade. Póde retirar-se, conheço perfeitamente o que é esperar é... *(n'este momento ressona Isabel.)* Então, não se deixou dormir outra vez. *(Volta-se e vê Augusto de pé admirado e olhando para todos os lados.)*

AUGUSTO. Quem é que ressonava? *(Ambos olham por toda a sala com curiosidade.)* Ui! uma mulher ali!

ALICE. Ai, é minha mãe!

SCENA XIII

ALICE e ISABEL

ISABEL. Oh! minha filha! Já suppunha que estavas no theatro! E teu marido? Esperei que viessem porque queria fallar-lhes d'um assumpto que me interessa muito e não quiz esperar para ámanhã. Então vaes bem, dizes-te?

ALICE. Muito! Muitissimo! Se soubesse como estou contente!

Digitized by Google

ISABEL. Ha seguramente quinze dias que não vejo Jayme. É verdade que a ultima vez que esteve em minha casa preguei-lhe um sermãosinho e julgo que ficou amuado comigo. Continuas dominando-o?

ALICE. Muito?

ISABEL. Já sabes o que te tenho dito; com os maridos deve fazer-se o que o meu fazia com os pobres, Poucas palavras e de certa distancia. Mas vamos ao meu negocio. Tenho como sabes um genio especulador. Se fosse homem teria ganho fortuna immensa commerciando. Ha algum tempo que faço certos negociosinhos por segunda pessoa. Tenho um agente, um homem muito laborioso e entendido; caracter probo e honesto, irmão de dez irmandades, o qual tem feito grande fortuna emprestando dinheiro a 40 réis por cada cinco tostões. Chama-se Bento Cordeiro. Desde o mez passado que me administra os meus fundos, e tem-os augmentado consideravelmente!

ALICE Sim?

ISABEL. Hontem me disse elle que tinha feito um emprestimo a uma pessoa distincta que se viu em certos apuros, e de cujo negocio lucrariamos uns 55 por cento, e com toda a segurança porque o tinha apanhado de maneira que ou paga no praso marcado, ou vae direitinho para a cadeia. A este respeito vinha eu consultar Jayme. Aonde está este homem?

ALICE. Jayme! Ai minha querida mãe! Jayme perdeu-se!

ISABEL. O que dizes?

ALICE. Que estou afflictissima minha mãe; esta casa não é o que foi, Jayme ama uma loira!

ISABEL Uma loira! Meu genro tem uma loira! Eu o danjarei! Já déstes parte á justiça?

ALICE. Para que?

ISABEL. Para que lhe deem uma lição. Aonde está esse monstro?

ALICE. Não se sabe d'elle; julgo que anda por ahi.

ISABEL. Com ella?

ALICE. Talvez.

Digitized by Google

ISABEL. E que pensas fazer?

ALICE. O que minha mãe entender..

ISABEL. Em primeiro logar as portas devem desde já fechar-se.

ALICE. Para que?

ISABEL. Para que quando recolha não possa entrar em casa.

ALICE. Mas eu queria que voltasse.

ISABEL. De nenhum modo! Serás tão pateta que lhe perdões?

ALICE. Eu...

ISABEL. Nada, nada! Tudo se acabou! Do contrario provas que consentes em que elle adore por ahi a todas as mulheres.

ALICE. Tem rasão. Não lhe abrirei a porta.

ISABEL. Elle tem necessariamente que recolher para dormir, e quando vier então fallaremos.

ALICE. Mandou dizer que não vinha.

ISABEL. Ah sim? não importa! Põe um challè e o chapeu e acompanha-me.

ALICE. Aonde vamos?

ISABEL. Á policia!

ALICE. Para que o procurem?

ISABEL. Sim. Outro dia sumiu-se-me o totó, e...

ALICE. E quer comparar Jayme com um cão, isso de nenhum modo.

ISABEL. Vamos, vamos sem demora.

ALICE. Que bonita situação! Uma mulher como eu tem que andar por essas ruas procurando o marido!

ISABEL. Uma loira! isto não se póde tolerar! Sabes se a mulher de Augusto é loira?

ALICE. Não, minha mãe, é *gris*.

ISABEL. Vamos, vamos.

Digitized by Google

SCENA XIV

AS MESMAS e AUGUSTO

AUGUSTO. Está uma noite d'agua!

ISABEL. O sr. Augusto!

AUGUSTO. Minhas senhoras!

ALICE. A estas horas!

AUGUSTO. Perdeu-se minha mulher!

ALICE. O que diz?

AUGUSTO. Nada! Tem a bondade de tocar *(offerece-lhe a mão)* estamos em identicas circumstancias.

ALICE. Mas que acontece?

AUGUSTO. Isto mesmo que lhe digo! Quando recolhi a casa disse-me a creada, que minha mulher vendo que eu tardava, saiu como uma fêra em minha procura.

ALICE. Fez muito bem.

AUGUSTO. E graças que me não encontrou, porque é d'aquellas que tem um genio furioso e...

ALICE. E o senhor o que fez?

AUGUSTO. Andei por toda a visinhança indagando, como quando se perde um canario, mas sem resultado, sabe Deus onde irá procurar-me.

ALICE. E que pensa fazer?

AUGUSTO. Passar aqui o resto da noite, se m'o permittem porque eu é que já não entro para casa sem ser dia claro, e sem que um amigo me acompanhe. Agora mesmo encontrei Jayme.

ALICE. Jayme?

ISABEL. Jayme? *(Levanta-se.)*

AUGUSTO. Porque, já o tinham dado por morto?

ALICE. Não. E que disse?

AUGUSTO. Ia com outro.

ISABEL. Diga, diga.

AUGUSTO. Apenas me viu dirigiu-se a mim, pediu-me algum dinheiro e foi andando.

ALICE. Pediu-lhe dinheiro!

AUGUSTO. Cinco libras. É quanto tinha comigo; disse-

Digitized by Google

me que era para um negocio de momento, e... não tive mais remedio que despejar as algibeiras.

ISABEL. Que vergonha!

ALICE. E o outro quem era?

AUGUSTO. Conheço-o muito bem, mas não lhe sei o nome.

ISABEL. Ah! conhece-o?

AUGUSTO. Perfeitamente. Faz agora um anno que me roubou o relogio, á saida do theatro de D. Maria.

ISABEL. Sr. Augusto!

ALICE. Não creio que meu marido acompanhe com essa classe de gente.

AUGUSTO Acompanhe ou deixe d'acompanhar, o que posso asseverar-lhe é que o individuo com quem o acabo de encontrar era o anno passado um d'esses *gatunos* muito conhecidos da policia. Talvez que tenha mudado por dentro, assim como mudou por fóra por que o vejo magnificamente vestido. *(Isabel senta-se no sophá e chora.)*

ALICE. Mas diga-me sr. Augusto, o que é que succedeu a meu marido?

AUGUSTO. Não o sei; mas prevejo que não anda por bom caminho.

ALICE. Porque não lhe perguntou onde ia?

AUGUSTO. Vi que entrava para uma casa do arco do Bandeira.

ISABEL. No arco do Bandeira? Iria visitar-me.

AUGUSTO. V. ex.ª mora ali?

ISABEL. Sim senhor. Quer v. ex.ª ter a bondade de nos acompanhar?

ALICE. Vamos, vamos. Aqui tem o seu chapeu de chuva.

AUGUSTO *(áparte.)* Outra vez em marcha! Não me falta mais do que encontrar-me com minha mulher.

ISABEL. Vamos de pressa. *(Saem.)*

Digitized by Google

SCENA XV

JAYME, *só*

(Entra com o chapeu inclinado para traz, a gravata solta, o chapeu de chuva aberto, e ao hombro pingando agua. Vem distraido e passeia de um a outro lado da sala.) Vinte e dois, trinta e dois, quarenta e dois, cincoenta e dois, sessenta e dois... sessenta e dois por um lado e cincoenta e cinco por outro... sim, é isso mesmo, é isso mesmo... não haja duvida que a fizemos bonita... posso limpar a mão á parede! Parece que já não chove!... Ah! estou em minha casa! Será possivel? Ainda tenho casa! Minha mulher dorme a somno solto; mal poderá imaginar que não tenho *cinco réis* para o dia d'amanhã! E por causa de quem? (*Tira um retrato do bolso.*) Por causa d'esta infame! És uma ingrata, uma perfida. Arruinei-me por tua causa, dei-te toda a minha fortuna, fiei-me em ti como se fôras a minha salvação, e tu... (*Assustado.*) Que é isto? Não se terá deitado ainda minha mulher? E que me importa! Perdido por cem, perdido por mil. O escandalo é inevitavel, que venha, necessito do golpe final! Agora mesmo vou sair e não volto mais! Não tenho casa, não tenho familia, não tenho cinco réis de meu, não tenho nada! Vou por esse mundo de Christo, e que Christo me valha! *(Vae para sair no mesmo instante em que entram. Isabel e Alice pelo braço d'Augusto).* Ui!

SCENA XVI

ISABEL, ALICE, AUGUSTO, e JAYME

ISABEL. Senhor! Felicito-o, e felicito-me de o ter encontrado.

JAYME. Senhora!

ALICE. E em que estado vem!

AUGUSTO. Parece que o socaram!

ISABEL. Senhor!

ALICE. Estará doente?

Digitized by Google

ISABEL. Para o senhor não sou senhora, sou o juiz que deve julgar o seu irregular procedimento, e que o hade condemnar com todo o rigor que merece. Apenas me deram conhecimento do doloroso successo de que esta casa era theatro, tive que intervir como era natural, e vinha exigir-lhe restrictas contas do seu irregular comportamento!

JAYME. Senhora, eu governo em minha casa, e só a minha mulher me cumpre revelar a minha vida privada.

ISABEL. Sua mulher não póde nem deve ouvil-o.

ALICE. Sua mulher, minha mãe, deseja ouvil-o.

ISABEL. Minha filha...

AUGUSTO *(á parte.)* Que bellissima noite!

JAYME. Alice, comtigo é com quem tenho que fallar. *(Alice faz signal a Isabel e a Augusto para que se retirem. Saem pela direita.)*

SCENA ULTIMA

ALICE, JAYME, ISABEL, *e depois* **AUGUSTO**

ALICE. Jayme!

JAYME. Chegaste no momento decisivo. Um instante mais deixaria esta casa para sempre!

ALICE. Tu?

JAYME. Eu que estou louco, que estou desgraçado.

ALICE. E querias abandonar-me?

JAYME. Para sempre.

ALICE. Ai meu Deus! Como são os homens!

JAYME Escuta.

ALICE. Mas que mal te fiz?

JAYME. Escuta.

ALICE. Que motivos te dei para procederes de semelhante modo?

JAYME. Escuta! Não me dejxas fallar?

ALICE. Sem pensares que ficava só no mundo, desgraçada!

JAYME. Mas se estou aqui, se não fui, repara que estou a teu lado.

Digitized by Google

ALICE. Que horror!

ISABEL *(chegando á porta do quarto.)* Saio?

JAYME. Não senhor, não é preciso. Vaes saber toda a verdade.

ALICE. Sei tudo, homem, sei tudo!

JAYME. Tudo?

ALICE. Sim. Sei que já não me amas, que todos os teus affectos são para outra, para outra que te voltou o juizo, que...

JAYME. Então Alice?!

ALICE. Quem me dera deixar este mundo. Para mim já não ha satisfação possivel.

JAYME. Attende...

ALICE. Uma mulher como eu, que não pensava mais que em adorar-te, que te bordava chinellas todos os annos, que o meu maior prazer era acompanhar-te a tôda a parte, ornar-te os lenços d'iniciaes e ler-te o *Diario de Noticias*... Que motivo te dei para que procures o amor d'outras mulheres?...

JAYME. O que dizes?

ALICE. Outras mulheres, sim, imaginas que não sei?

ISABEL *(da porta do quarto.)* Posso sair?

JAYME. Sim senhora, d'ahi para o inferno.

ALICE. Não, minha mãe.

JAYME. Adeus?

ALICE. Jayme, *(Momento de silencio.)*

JAYME. Peço-te que socegues. Vou referir-te com toda a exactidão o que me succedeu. Estamos perdidos.

ALICE. Perdidos?

JAYME. Sim querida Alice, completamente perdidos, arruinados, desgraçados. Ha fatalidades inevitaveis...

ALICE. Dize antes que não soubestes evitar a nossa desgraça. Sei perfeitamente qual é a origem de tal ruina, e não é ella que me faz tremer. Pouco me atormentaria a miseria, se ao mesmo tempo de m'a annunciares me dissesses: Alice, estamos desgraçados, mas amo-te sobre todas as coisas do mundo, e este sentimento me dá valor para recuperar o perdido. Mas tu não me dizes isto, por-

Digitized by Google

que o não sentes. Dizes-me que estamos arruinados e calas-te como se a estas palavras acrescentasses,—estamos em occasião de nos separarmos para sempre!

JAYME. Para sempre?! Que estás dizendo? Imaginas acaso que o meu coração fugiu com a minha fortuna? Estranho a tua linguagem. Pensava encontrar em ti palavras de conforto e encontro recriminações. Julgas que a causa da minha ruina foram mulheres, e...

ALICE. Pertendes negar que outra mulher foi quem cavou o teu infortunio, quem te arrastou ao abysmo?

JAYME. Quem te disse similhante coisa? Quem veio semear a discordia n'esta casa?

ALICE. O melhor dos teus amigos, a quem tu mesmo confessastes quanto se passava.

JAYME. Ah! foi Augusto!

ALICE. E não córas de vergonha! nega! nega a paixão que sentes por essa loira que te fez perder o juizo!

JAYME Perdôa Alice, perdôa, e eu te explico tudo.

ALICE. Perdoar-te quando me não negas que a amas?

JAYME. E se eu t'a fizesse conhecer?

ALICE. Duplicaria a minha cólera!

JAYME. E se ao vel-a me perdoasses?

ALICE. Impossivel!

JAYME. Aqui tens o seu retrato.

ALICE. Ah!!! *(Vendo o retrato que lhe dá Jayme.)*

JAYME. O teu perdão Alice! *(Ajoelha.)*

ALICE. Era esta!...

JAYME. Perdoas-me agora?

ALICE. Que vergonha!...

JAYME. Que ninguem saiba!...

ALICE. A ruina, e talvez o descredito!

JAYME. Amanhã ao meio dia devo pagar quatro contos de réis, se os não pago... posso ir para a cadeia.

ALICE. Para a cadeia!

ISABEL. Para a cadeia!

JAYME. Constitui-me fiel depositario d'esta quantia e o meu credor, o sr. Bento Cordeiro, é um homem inexoravel.

Digitized by Google

ALICE. Bento Cordeiro!

ISABEL. Ai! *(Cae desmaiada n'uma cadeira que deve estar entre a porta do lado direito.)*

JAYME. O que é isto?

ALICE. Minha mãe!

AUGUSTO. Agua, agua! *(abana-a com as abas do casaco.)*

ISABEL. Assassinou-me!

JAYME. O que diz ella?

ISABEL. Esse dinheiro... era o meu!

ALICE. Ah! Bento Cordeiro...

AUGUSTO. Enganares assim tua sogra.

ALICE. Minha mãe não consentirá que o prendam.

ISABEL. Não...

JAYME. Senhora...

ISABEL. Quatro contos de réis! Toda a minha fortuna?

AUGUSTO. Eu conheço alguem que se contentaria com cem libras.

JAYME. Tranquilisem-se. Minha mulher já me perdoou e juro de nunca mais lhe causar o menor desgosto. Amanhã deve sair no *Diario* a minha nomeação de director das obras publicas de S. Thomé, d'onde lhe enviarei as quantias que lhes devo.

AUGUSTO *(áparte.)* Do mal o menos.

ALICE. Juras que não tornas a ir procurar a loira?

JAYME. Juro. E que ninguem saiba o seu nome, que todo o mundo o ignore.

ALICE. Isso não, porque o negro vicio a que rendestes culto, não tem melhor castigo do que o da reprovação da gente de bem. Quero que todos saibam...

JAYME. Então...

ALICE. Que a loira era...

ISABEL. Quem?

JAYME. Que humilhação!

ALICE. Era... a dama de ouros! *(Mostra ao publico a carta de jogar, que indica.)*

Digitized by Google

CANTA

Se a peça acaso agradou,
Duas palmas, mesmo mais
É pedido que vos faz,
O actor em casos taes.

Certo da vossa indulgencia
Com ellas póde contar?
Julga até quasi sentil-as
Aos ouvidos echoár.

Mas se quatro vós nos derdes,
Será o caso melhor,
Levaremos então duas
D'esta peça ao imitador.

CAE O PANNO

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromenho

A doida, drama em 5 actos.
A vida de um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
A orphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena dramatica.
Simplicidade e espertesa, entre-acto.
Por causa de um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Um poeta, comedia em 1 acto.
Aventuras de um gabão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furiosa de amor, comedia em 1 acto.
O amante emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 acto.
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.
No campo da opposição, comedia em 1 acto.
A loira, comedia em 1 acto.
Mestre Barnabé, scena comica, 2.ª edição.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.
O cura Santa Cruz, drama em 1 acto.
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto.

Digitized by Google

Diogo José Seromênho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os SUPERSTICIOSOS, comedia em 2 actos.
A CABRA-CÉGA, zarzuella em 2 actos.

A. R. Palhaes

POR SER ECONOMICA, comedia em 1 acto.

José Romano

TRAVIATA, parodia em 4 actos.

Pedro Cabral

UMA EXTRAVAGANCIA, comedia em 1 acto.

Dr. Rodrigues Loureiro

Os ADVOGADOS, comedia-drama em 3 actos.

NO PRÉLO

Diogo José Seromênho

UM RAPAZ TIMIDO, comedia em 1 acto.
MALDITA CASACA, comedia em 1 acto.
EXEMPLO A CASADOS, comedia em 2 actos.

Pedro Cabral

AS CEREJAS, comedia em 3 actos, representada com applauso no theatro do Gymnasio.

Julio Rocha

O FAVORITO DE AFFONSO VI, drama em 3 actos, representado no theatro de Variedades.
TRIBULAÇÕES D'UMA SOLTEIRONA, comedia em 1 acto, representada no theatro de Variedades.

Jorge Salgueiro

CUPIDO E MERCURIO, comedia em 1 acto.

Julio Howorth

ALUGAM-SE QUARTOS, comedia em 1 acto.

Todas estas peças são proprias para se representar em theatros publicos e particulares.—A' venda em todas as livrarias e agencia dos theatros.

Digitized by Google

(15)

DIOGO JOSÉ SEROMENHO

MALDITA CASACA

COMEDIA EM 1 ACTO

Representada com applauso no theatro da Rua dos Condes em 1870

PREÇO 120 RÉIS

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1879

Digitized by Google

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio litterario portuguez no Pará, etc.

UM VOLUME NITIDAMENTE IMPRESSO

CONTENDO OS SEGUINTES ORIGINAES

I **Valei aos desgraçados.**
II **As reuniões do sr. Procopio.**
III **Uma tragedia em familia.**
IV **A navalha.**
V **As filhas da sr.ª Ignez.**
VI **Fiem-se em mulheres.**
VII **Martyrios sociaes.**
VIII **Pena de talião.**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO

Portugal.....	500 réis
Brasil.....	1$000 »

Digitized by Google

MALDITA CASACA

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito etc.

Representada no theatro da Rua dos Condes em 1870

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1879

Digitized by Google

PERSONAGENS

RODRIGO, estudante de medicina.
JERONYMO, seu amigo.
FRANCISCO, alfaiate.
UM EMPREGADO DE POLICIA.
JOAQUINA, costureira.
ROSA, creada da hospedaria.

A acção passa-se no quarto de Rodrigo, n'uma hospedaria.—Actualidade.

ACTO UNICO

Um quarto com portas ao fundo e lateraes, verdadeiro quarto de estudante, livros, papeis, quadros, um toucador, um cabide com fato, uma commoda pequena, tudo de pouco valor.

SCENA I

RODRIGO *em mangas de camisa examinando as calças que indica ter acabado de vestir*

Não estarão muito más estas calças?... tambem apenas as vesti tres vezes... E a rapariga sem apparecer, e o alfaiate sem vir. *(Vae ao toucador e alisa o cabello.)* O cabelleireiro fará o resto. *(Vae á commoda, tira um lenço, uma gravata e um par de luvas.)* Bello, luvas, gravata, tudo do *trinque*, no lenço é de rigor uma pouca de essencia. *(Deita essencia de um frasco, cheirando.)* Ah! magnifico. E a casaca, senhores, e a casaca! Morro de impaciencia, o coração bate-me apressado, parece querer saltar-me fóra do peito. Vou vel-a, vou fallar-lhe... que me dirá? «Li as suas cartas apaixonadas, amo-o?..., se assim fôr respondo-lhe ajoelhando a seus pés: Luiza, encantadora Luiza! Vejam lá, calças afortunadas! se vão agora romper-se, reparem que vamos ajoelhar diante da mulher mais formosa de Lisboa, de Portugal, da Europa.

SCENA II

RODRIGO *e* **ROSA**

RODRIGO. E não a trazes.

ROSA. Pois se não está prompta...

RODRIGO. Ah! que se não fosse precisa para um tal acto, tinha alma de ir a casa do alfaiate e fazel-o em pedaços.

ROSA. Disse-me que altava passal a a ferro.

Digitized by Google

RODRIGO. Raça d'alfaiates, raça maldita! E não lhe disseste?...

ROSA. Que o senhor tinha pressa, que estava impaciente.

RODRIGO. E que mais? não lhe disseste que já estava vestido?

ROSA. Disse, senhor, disse tudo. *(Á parte.)* Que séca!

RODRIGO. Ha oito dias! é incrivel!

ROSA. Não foi á falta de lhe dar pressa, eu bem via o desejo que o senhor tinha de ir a esse baile. E Deus sabe quanto eu quereria que o não houvesse.

RODRIGO. O que? que tens tu com que eu vá a um baile?

ROSA. Ai! sr. Rodrigo, como o senhor se esquece depressa... ingrato!

RODRIGO. Oh! pequena, calla-te agora com isso.

ROSA. Sim, calla-te, calla-te, logo vi! Querem que uma pessoa tenha coração de pedra, e que nem se quer diga. .

RODRIGO *(indo a ella com ternura)*. Mas menina, não é um baile como qualquer outro, é uma reunião, mas uma reunião scientifica, de medicos... de medicos e nada mais.

ROSA. O senhor engana-me. Pensa que não o ouvi dizer tres ou quatro vezes que ia a um baile? É a um verdadeiro baile, que o meu coração não me engana.

RODRIGO. Pois seja o que quizeres, mas deixa-me...

ROSA *(com malicia)*. E dansam homens com homens?

RODRIGO. Exactamente, é muito melhor, dansa-se mais tranquillamente do que com senhoras, sempre a gente se distrae...

ROSA. Bem te percebo!...

RODRIGO. Faze favor de não me tratares por tu. Para a outra vez deves dizer: Bem percebo a v. s.ª

ROSA *(rindo)*. Pois não, espera por isso.

RODRIGO. Olha, vê tu se me abotoas este colarinho.

ROSA. Promette estar quieto?

RODRIGO. Prometto sim, que lembrança...

ROSA. É que ás vezes perco um tempo infinito com estas cousas... por culpa sua, já se sabe. Prompto.

Digitized by Google

RODRIGO. Agora a gravata.

ROSA. Tambem a gravata?! *(Campainha dentro, Rosa deixa a gravata.)*

RODRIGO. Corre, vôa, vê se é o alfaiate.

SCENA III

RODRIGO e FRANCISCO

RODRIGO. Se não fôr elle, corro a sua casa e faço um escandalo. *(Ao vel-o entrar.)* Ora graças a Deus!

FRANCISCO *(entra apressado com mau modo, e atira de arremesso para cima de uma cadeira a casaca, envolta n'um panno preto).* Ahi tem o senhor a sua casaca.

RODRIGO. Já não é sem tempo!

FRANCISCO. E que quer dizer o senhor com isso?

RODRIGO. Quero dizer que podia ainda demorar-se mais oito dias! pois não...

FRANCISCO. Ah! o senhor imagina que isto é o mesmo que cavar com a enchada?

RODRIGO. Não senhor, mas. .

FRANCISCO. Isto não é atar, dependurar e pôr ao fumeiro.

RODRIGO. Com tudo, oito dias para fazer uma casaca!...

FRANCISCO. Uma casaca, uma casaca! Então pensa que por não ter as abas completas se faz mais depressa?

RODRIGO. O que eu sei é que ninguem mais é tão demorado.

FRANCISCO. Ninguem mais? O senhor falla d'esses estabelecimentos aonde se cose á machina, tudo tão bem cozido que em rebentando um ponto trrr... lá vae tudo. Quer comparar a minha casa com essas quitandas, das quaes disse com rasão, um collega meu que era poeta:

Nunca sáem as cousas ás direitas
De nenhum armazem de roupas feitas.

RODRIGO. Mas eu não comparei...

FRANCISCO *(dramaticamente).* O senhor offendeu-me, ultrajou os meus sentimentos artisticos, e portanto... *(Agarrando na casaca, e dispondo-se a sair.)*

Digitized by Google

RODRIGO. Que vae fazer?

FRANCISCO. Levo-a.

RODRIGO. Nada, nada, ouça cá, mestre.

FRANCISCO. Mestre?! mestre?! eu sou professor do nobre officio d'alfaiate. *(Vae a sair.)*

RODRIGO. Venha cá homem! eu bem reconheço tudo isso...

FRANCISCO. Os senhores fornecem-se d'esses estabelecimentos que teem o fato mettido em prateleiras, em que não ha mais que quatro medidas para toda a humanidade, pura obra de fancaria, tudo torto, tudo mal feito! E quando um dia se veem em apuros e querem uma peça bem talhada, bem cosida, recorrem ao verdadeiro artista, e queixam-se de que elle não trabalhe depressa, e por pouco dinheiro... ah! *(Com sentimento.)*

RODRIGO. Ora vamos lá, socegue. *(Á parte.)* Ah! que se não fosse a precisão?!

FRANCISCO. Olhe para essas calças, não se envergonha de sair com ellas?

RODRIGO. Estas calças...

FRANCISCO. Comprou-as no Nunes?

RODRIGO. Não senhor. *(Á parte.)* Demonios te levem! *(Alto.)* Mas que tem as calças?

FRANCISCO. Parece que as talhou um barbeiro, todas tortas!...

RODRIGO *(zangado)*. Gosto d'ellas assim. Mas a casaca...

FRANCISCO. Bem sei, se os senhores não tem inspiração artistica, como hão de poder apreciar...

RODRIGO *(á parte)*. E elle a dar-lhe com a arte.

FRANCISCO. Sabe o senhor, quantas rectas e curvas tive que traçar para cortar-lhe esta casaca?

RODRIGO *(zangado, á parte)*. Ora a minha vida! *(Alto.)* Eu sei cá!

FRANCISCO. Eu corto por geometria, porque estudei...

RODRIGO *(zombando)*. Pois não, por geometria.

FRANCISCO. Talvez o senhor não a saiba. Sabe acaso o que é um triangulo?

Digitized by Google

RODRIGO *(á parte)*. Este diabo é doido! *(Alto.)* Sei que já tenho a paciencia apurada!

FRANCISCO. Sim? pois então adeus. *(Dá meia volta para sair com a casaca.)*

RODRIGO *(correndo para elle)*. Venha cá sr. professor!...

FRANCISCO. Não me faz favor nenhum. O que quer?

RODRIGO. Então decididamente leva a casaca!?

FRANCISCO. Vá lá, por dó do senhor e amor da arte, ahi a tem! *(Atira-a para cima de uma cadeira).*

RODRIGO. Ora! graças a Deus!

FRANCISCO *(correndo á casaca, desembrulha-a e mostra-a com orgulho).* Abra-me bem esses olhos, veja estes pospontos, examine este caseado, admire esta elegancia de côrte. Mas que estou eu a dizer? O senhor não percebe nada d'isto. Se tivessemos vergonha não trabalhavamos para certa gente. Ahi tem a casaca. Adeus. *(Atira com a casaca e sáe apressado.)*

SCENA IV

RODRIGO e ROSA

RODRIGO. Vae-te, e agradece a Deus o ser-me esta noite a casaca mais precisa do que o ar que respiro, que senão... *(Indo á porta.)* Rosa! Rosa!

ROSA. Aqui estou senhor!

RODRIGO. Anda cá pequerrucha, tens as mãos limpas?

ROSA. Estão puras.

RODRIGO *(careta duvidosa)*. Sim?!... põe-me a gravata.

ROSA *(com malicia)*. E o senhor estará quieto?

RODRIGO. Oh! mulher não me enfades mais que não me causticou pouco esse *artista alfaiate*. Se não fosse precisar da casaca para esta noite!...

ROSA. Para dansar com os medicos... bem sei.

RODRIGO. Não me deixarás tambem! *(Campainha dentro.)* Ai! Ai! *(Agarra na casaca.)* Se fôr o alfaiate diz-lhe que não estou em casa. Salve-se quem poder. *(Sáe.)*

Digitized by Google

SCENA V

ROSA *e* **JOAQUINA**

JOAQUINA *(mulher desenvolta, de* cachenez, *e chaile, todo de* grisette, *com um par de calças no braço).* Então não está em casa?

ROSA *(indifferente).* Não senhora.

JOAQUINA. A menina faça favor de não m'o negar.

ROSA. Não sei para que, que interesse tenho eu com isso?

JOAQUINA. Até agora ainda elle se me não negou... Naturalmente já sabe que entre nós...

ROSA. Não me metto com essas cousas.

JOAQUINA. Já vae para quatro annos que... e não tenho perdido pouco, sim! porque com estes namoricos sempre uma mulher perde.

ROSA. Pois se perde não jogue.

JOAQUINA. Não, é que eu tenho direitos adquiridos, e vendo que talvez não tarde muito que não se porte mal comigo, vim... ah! homens! homens! Mal sabe a menina quantos desenganos tenho soffrido!

ROSA. Pois está visto! Quem anda á chuva molha-se!

JOAQUINA. Tenho-lhe notado ha dias uma certa mudança. Por isso vim para ver se poderia dizer me uma cousa que desejo saber...

ROSA. Eu?

JOAQUINA Pois não sabe o que ha!

ROSA. Pois se m'o não disse!

JOAQUINA. Eu sou costureira d'alfaiate e soube por uma de minhas collegas, que este senhor mandára fazer uma casaca. Mas para que quer elle casaca?! um homem tão commedido!

ROSA. Não acho extraordinario...

JOAQUINA. Sim, como a menina não está ao facto das cousas. Um homem que manda fazer uma casaca e que está nas circumstancias d'elle, é um gastador, um libertino. Que diriam de mim se me vissem de sedas e veludos, de chapéos á moda, rendas, fitas?...

Digitized by Google

ROSA. Eu cá não dizia nada.

JOAQUINA. Heide saber para que é a casaca, olá! se heide saber! Heide fazer tal gritaria que até a hão de ouvir os surdos. Se zombar de mim mando o passear, não supponha elle que me traz pelo beiço.

ROSA. E faz muito bem!

JOAQUINA. E agradeça a Deus não ser eu vingativa, tenho um coração de pomba, senão eu lh'o diria, não havia de faltar quem lhe tomasse contas do seu procedimento. Apesar da minha infelicidade ainda não estou tão abandonada como lhe parece. Finalmente se me não põe tudo em pratos limpos a respeito da casaca, póde ir com Deus, era uma vez!

ROSA. É o que a senhora deve fazer.

JOAQUINA *(despeitada).* A modo que se interessa muito porque o deixe! Teremos mouro na costa?

ROSA *(zangada).* Não tenho que lhe dar satisfações!

JOAQUINA. E mesmo não é preciso, bem se vê por um tal interesse; mas tome conta, tome bem conta.

ROSA. Mas em que?

JOAQUINA. Nada, quem me avisa meu amigo é. Depois d'isto sua alma sua palma.

ROSA. Ora muito agradecida.

JOAQUINA. Deixa-me ir embora que não estou para exaltar-me, senão sobem-me as côres ao rosto, e é um tormento, quando sáio córada, com os endemoninhados dos homens: que bellesa! como vae linda! que bellas côres! e outras que taes tolices... Voltarei mais tarde. *(Vae a sair.)*

ROSA. Viva.

JOAQUINA *(voltando rapida).* Faz-me favor de um copo d'agua. *(De repente.)* Não, não, da sua mão nem um copo d'agua. *(Sáe.)*

SCENA VI

ROSA *e* **RODRIGO**

RODRIGO *(entrando, traz a casaca e põe-a na cadeira.)* Ainda bem que se foi! Julguei que ficaria aqui eternamente!

Digitized by Google

ROSA. Sim senhor, bonitas cousas acabo de saber, e ainda ella não disse tudo... ingrato! monstro! a minha vontade era chorar... mas isso não, que fico com os olhos vermelhos.

RODRIGO. Tens quasi rasão. Mas, que queres, nós homens de sciencia não podemos ter amores fixos, somos como a borboleta, que ora pousa aqui ora acolá... é apenas uma distracção.

ROSA. Que boa peça que o senhor é!

RODRIGO. Ora ainda bem que me comprehendes. *(Vae para abraçal-a.)*

ROSA *(fugindo-lhe)*. Abaixe o leque. *(Apparece o policia. Rosa sáe.)*

SCENA VII

EMPREGADO e RODRIGO

EMPREGADO. Viva meu senhor. Venho fazer-lhe uma pergunta.

RODRIGO. Queira entrar e diga.

EMPREGADO. Ha pouco saíu d'aqui um homem.

RODRIGO. Um homem...

EMPREGADO. Não negue senhor, não negue.

RODRIGO. Cuido que ainda não neguei...

EMPREGADO. Esse homem trouxe-lhe... não negue senhor!

RODRIGO *(á parte)*. Ora esta! *(Alto.)* Pois eu já neguei ou affirmei alguma cousa?

EMPREGADO. Que lhe trouxe esse homem? Umas calças não é verdade? essas... deixe ver... *(Fal-o andar de roda, e examina-lhe as calças.)* Volte-se mais...

RODRIGO. Mas vamos nós a saber, o senhor veio divertir-se á minha custa?

EMPREGADO. O senhor não me conhece, nem suspeita quem eu sou?

RODRIGO. Que me importa!

EMPREGADO. Mais respeito senhor, mais respeito! O que lhe trouxe esse homem?

RODRIGO. Mas que tem o senhor com isso?

Digitized by Google

EMPREGADO. Eu venho em nome da lei, fallo-lhe em nome da lei. Quer que lhe descarregue a espada da justiça como a um receptador.

RODRIGO. E quem foi que lhe disse?...

EMPREGADO. Vamos, que lhe trouxe esse homem?

RODRIGO. Com mil demonios ali está o que elle me trouxe. *(Á parte.)* Então bem! Por acaso mandariam sair os doudos de Rilhafolles?

EMPREGADO *(tira da algibeira um papel, e olhando o vae ao mesmo tempo examinando a casaca).* É isto mesmo. Meu caro senhor, segundo as ordens que tenho, sou obrigado a aprehender esta casaca.

RODRIGO. É o que eu digo. Serão hoje treze e terça feira?

EMPREGADO. Esta casaca foi roubada!

RODRIGO. Ui! com mil demonios! mas ouça, o senhor engana-se.

EMPREGADO. Deram uma queixa no commissariado do roubo de diversos objectos de casa de um alfaiate, e segundo os apontamentos que me deu o meu chefe tenho a convicção de que este é um d'elles. Comprehende agora que está na presença de um empregado de policia.

RODRIGO. Mas senhor... esta casaca mandei eu fazer ha oito dias, tenho testemunhas, posso ir com o senhor a casa do alfaiate, mandei-a fazer para ir esta noite a um baile d'etiqueta, um caso serio. *(Rosa tem ouvido tudo entre portas e faz de lá signal ameaçador e retira-se.)*

EMPREGADO. Tudo isso é muito bom, mas o meu dever obriga-me a levar a casaca.

RODRIGO. Mas... póde haver engano... ha muitas casacas parecidas... e emfim nós poderiamos entender-nos... leve-a o senhor ámanhã... deixe-me servir hoje d'ella.

EMPREGADO. Esse modo de fallar offende-me, o senhor suppõe que um empregado no exercicio de suas funcções possa prevaricar?

RODRIGO. Não digo isso, mas repito, o senhor póde ter-se enganado, supponha que se enganou ou que não veio aqui, e por esse esquecimento, por esse engano dou-lhe...

Digitized by Google

EMPREGADO *(indignação comica).* Oh! isso nunca!

RODRIGO *(olhando-o, e em voz baixa).* Dez tostões!

EMPREGADO. Nunca! eu já disse. .

RODRIGO. Quinze tostões...

EMPREGADO. O senhor está agravando a sua posição! o senhor quer comprar a consciencia de um empregado de policia, o senhor quer abusar do que ha mais sagrado, do dever de cumprir qualquer as funcções do seu cargo. Nunca senhor, nunca

RODRIGO *(á parte).* Tratante! *(Alto.)* Bem, bem, ia a offerecer meia libra, mas desisto.

EMPREGADO *(amenisando-se).* V. s.ª disse, vinte e cinco tostões! E na verdade, tem rasão, ha muitas casacas irmãs, e póde haver engano! Deixo-lh'a agora e se mais tarde tiver conhecimento de que é alguma das roubadas voltarei a buscal-a.

RODRIGO. Ora graças a Deus! *(Dá-lhe dinheiro.)* Maldita casaca, que já me custas cara.

EMPREGADO. Então passe v. s.ª muito bem. *(Sae.)*

SCENA VIII

RODRIGO *só*

E que me dizem a esta! Vamos a sair de casa quanto antes. *(Vê o relogio.)* Mas isto é ainda cedo... meu Deus, meu Deus, que impaciencia! *(Vae ao cabide, tira um casaco e veste-o.)* Esperaremos.

SCENA IX

O MESMO E JERONYMO

JERONYMO Pode-se entrar?

RODRIGO *(dando um pulo na cadeira).* Outro. *(Alto.)* Entra.

JERONYMO. Então como passas?

RODRIGO. Vae-se vivendo, um pouco entregue aos amores, outras vezes aos estudos, esturdiando tambem... e tu?

JERONYMO. Eu? mal, muito mal, o peior que pode ser.

RODRIGO *(Á parte).* A cantiga do costume!

Digitized by Google

JERONYMO. Pois eu já passei alguma vez bem, amigo Rodrigo? passo por ventura bem, meu Rodrigo, virei eu algum dia a passar bem, caro Rodrigo!?

RODRIGO. Pois olha, sinto bastante.

JERONYMO. Por isso nunca me perguntes como passei, pergunta-me se tenho passado ainda peor e seguramente te respondérei que sim.

RODRIGO. Estás então em baixa de fundos?

JERONYMO. Fundos! Eu sei lá o que é dinheiro! Existe dinheiro no mundo?

RODRIGO. Dizem que sim...

JERONYMO. Uma vez, foi ha muito tempo, recebi uns cobres, tinha estado empregado um mez, desde então para cá, se ha dinheiro ignoro-o.

RODRIGO *(á parte)*. Mudemos de conversa. *(Alto.)* E que novidades ha?

JERONYMO. Já disse, não ha dinheiro.

RODRIGO. Não é isso, dizem que vae haver...

JERONYMO. Não o acredites, isso são boatos que os do governo espalham. Ainda hontem para se trocar uma nota foi preciso reccorrer a tres casas bancarias.

RODRIGO *(rindo)*. Sim? tem graça! *(Pausa.)* Participo-te que vou a um baile...

JERONYMO. O mundo é assim, uns sem dinheiro, outros...

RODRIGO. Fiz uma conquista melhor que a conquista do Mexico!

JERONYMO. Era de lá que vinham os galeões carregados de ouro *in illo tempore*...

RODRIGO. Chama-se Luiza, que feições, que olhos, que mãosinhas!

JERONYMO. É rica?

RODRIGO. Não sei, segui-a um dia e ao vel-a entrar para uma escada entendi-me com o guarda-portão, e por algum dinheiro que lhe dei, indicou-me em que andar morava.

JERONYMO. Que porteiro tão feliz! deste-lhe dinheiro.

RODRIGO. Escrevi-lhe, respondeu-me... olha, lê. *(Jeronymo pega na carta e devolve-a sem a ler).*

Digitized by Google

JERONYMO. Nem vejo com fome.

RODRIGO. De modo que lá vou hoje de casaca e luva branca para o baile, onde me concede uma entrevista.

JERONYMO *(áparte)*. A um baile, e de casaca, espera lá... *(Alto.)* Pois amigo, eu vinha pedir-te...

RODRIGO. O que?

JERONYMO. Dinheiro...

RODRIGO. Sinto não te servir, porém hoje...

JERONYMO. Não digas mais, bastantes respostas d'essas tenho eu ouvido... são todos o mesmo!

RODRIGO. Acredita que é verdade, não tenho dinheiro.

JERONYMO. Eu supponho que tu dizes isso deveras, tambem eu t'o peço deveras, já devo tanto!... empresta-me cinco tostões...

RODRIGO. Mas com cinco toscões que diabo queres fazer?

JERONYMO. Nada, que eu não os gasto, faço vista com elles em casa do alfaiate e dar me-ha, vendo que tenho dinheiro, algum fato fiado; faço o mesmo na hospedaria e a dona da casa deixar-me-ha ainda lá dormir esta noite, e na loja de bebidas, bato com elles sobre o balcão e em seguida digo - ámanhã pago o café, não estou para trocar agora. Vês como se vive?!

RODRIGO. Sim senhor, não tens um real e tomas café!

JERONYMO. Não posso passar sem elle...

RODRIGO. Pois filho, n'esta occasião não póde ser.

JERONYMO. Queres que eu passe sem café, e tu, porque não passas sem ir a bailes, sem ter amantes, sem fazer despesas loucas, comprar casacas, luvas, gravatas, perfumes, bugiarias? era melhor que estudasses, que trabalhasses!

RODRIGO. Com a breca! e porque não trabalhas tu, meu parasita!

JERONYMO. Parasita! anda, insulta-me. Não trabalho porque não como, máo amigo! Tens alma de ir para um baile, e de casaca, e deixares estendido com fome no teu caminho, um amigo d'infancia, negando-lhe uns miseraveis cinco tostões! Oh! barbaro! A culpa tenho-a eu que

Digitized by Google

venho humilhar-me a um amigo, para soffrer ainda em cima máos tratos. Nunca assim me portei comtigo!

RODRIGO *(á parte)*. Pois sim, não me commoves.

SCENA X

OS MESMOS *e* **JOAQUINA**

JOAQUINA. Viva, meu senhor!

RODRIGO *(áparte)*. Bravo! agora esta!

JOAQUINA. Sabes a que venho?

RODRIGO. Se ainda não o disseste.

JOAQUINA *(a Jeronymo)*. O senhor é amigo d'elle?

JERONYMO. Era, era, mas agora...

JOAQUINA. Sim, tem rasão, que este perfido não merece ter amigos. Vae ver o bom e o bonito. Para que é a casaca? aonde vaes de casaca? Responde já, olha que estou como uma bicha!

RODRIGO *(á parte)*. Temos escandalo! *(Alto.)* A casaca é... é de Jeronymo.

JERONYMO. É minha?... *(Vendo dinheiro que lhe mostra Rodrigo.)* É minha é, mandei-a eu fazer.

JOAQUINA. E pensam que me enganam, eu não engulo patranhas, a casaca para aquelle? com cara de fome! calças é que elle precisa...

JERONYMO. Isto é pirraça do alfaiate; como lhe devo muito, faz-me o contrario do que lhe peço para eu não ficar com os objectos.

JOAQUINA. Não creio. É sua? pois vista-a a ver se lhe serve.

JERONYMO. Não serve com certesa, pois se o maldito tudo me faz torto.

JOAQUINA *(procurando)*. Aonde está a casaca?... ah! eil-a. *(Agarrando-a.)* Seja ella de quem for não a vestirá sem que eu a pise a pés. *(Deita-a no chão e pisa-a enfurecida.)*

RODRIGO. Jesus! que fazes mulher! *(Levanta-a e sacode-a.)*

JERONYMO *(á parte)*. Agora é que ficou bonita.

JOAQUINA. Não tem vergonha! ultrajar uma mulher

Digitized by Google

como eu! Ah! quer-se embonecar de casaca para parecer bem?! Vista-a-se é capaz e eu irei ver para onde vae assim paramentado!

RODRIGO. Oh! mulher não me faças perder a paciencia!

JOAQUINA *(encontrando a carta que Rodrigo poz sobre a mesa).* Ah! um papel. *(Abre.)* Uma carta!...

JERONYMO *(á parte).* Bom bom, hoje joga-se aqui á unhada!

JOAQUINA. Baile, entrevista... assignada Luiza... ah! malvado, que te arranco os olhos!

RODRIGO. Dá-me essa carta, Joaquina!

JOAQUINA. Perfido! monstro! *sacripanta! (Arremette para elle de murro fechado.)*

RODRIGO. Sacri...

JERONYMO. Panta... leão é ella, irra!

JOAQUINA. Ai! ai! ai! que infamia! *(Chora em alta grita.)* ai! que ingrato! ai que máo homem! nunca eu me fiasse n'elle; ai ai! *(Senta-se em cima da casaca que Rodrigo poz sobre uma cadeira.)*

RODRIGO *(desesperado).* Levanta te d'ahi, que estás em cima da casaca. Demonios levem o baile, a casaca, e as mulheres!

JERONYMO *(á parte).* Dá cá os cinco tostões.

RODRIGO. Homem deixa-me com um milhão de diabos!

JOAQUINA *(que tem estado a chorar).* Levantar-me d'aqui, heide calcal-a. *(Faz o que diz.)* ai! ai! o meu nervoso! *(Desmaia comicamente.)*

RODRIGO *(corre a ella).* Bem, agora faniquito. *(Abana a com a aba do casaco.)*

JERONYMO. Não te esqueças do dinheiro.

RODRIGO. Homem, vê tu se me ajudas a erguel-a para tirar a casaca. Pobre casaca!

JERONYMO. Vá lá mais essa, mas depois venham os cinco tostões.

RODRIGO. Sim, homem, sim, mas ajuda-me. *(Agarra em Joaquina de um lado, e Jeronymo do outro oecupando*

Digitized by Google

cada um as mãos e levantam-n'a.) Agora pucha para fóra a casaca.

JERONYMO. Pucha tu que eu não posso.

RODRIGO. Safa! que peso! Pucha tu que eu tenho as duas mãos occupadas.

JERONYMO. Tambem eu, se a largo cae outra vez em cima da casaca.

SCENA XI

OS MESMOS *e o* **EMPREGADO DE POLICIA**

EMPREGADO *(que tem entrado pouco antes e ouvido o dialogo, vae pé ante pé á cadeira pucha a casaca e exclama).* Ah! ainda consegui apanhar-te! *(Rodrigo e Jeronymo largam Jaaquina e foge cada um para seu lado.)*

RODRIGO Outra vez, senhor? Para graça, já basta.

JERONYMO. Este senhor é...

EMPREGADO. Empregado de policia. Aprehendo esta casaca porque é roubada, tenho agora melhores informações.

RODRIGO *(baixo a elle).* Mas tinhamos combinado... *(Empregado falla-lhe baixo.)*

JERONYMO *(á parte).* A casaca é roubada!... bem bom!

EMPREGADO. Tem de acompanhar-me, e já.

RODRIGO *(exaltado).* D'essa o livrarei eu. Paguei-lhe para me deixar a casaca até ámanhã e hade deixar-m'a, corra por onde correr.

JOAQUINA *(que tem tornado a si).* Ai! ai meu Deus, quem nunca o tivesse acreditado e não me veria agora n'esta situação.

EMPREGADO *(á parte).* O que diz ella.

JOAQUINA. Um homem que eu julgava tão serio ter uns taes instinctos...

EMPREGADO *(á parte).* Bravo, esta mulher póde ajudar-me a desenvolver esta meada.

JOAQUINA *(dando signaes de afflicção).* Ai! que me envenenaste! eu morro.

EMPREGADO *(deitando a mão a Rodrigo).* Assassino! além de receptador de roubos... já para a cadeia.

Digitized by Google

JERONYMO. Ah! ah! ah! complica-se o caso! tem graça.

RODRIGO. Ora diga-me, o senhor está doido ou quer-me endoidecer? Dê cá a casaca. *(Tira-lh'a da mão.)*

JOAQUINA *(levantando se).* Leve-lh'a, ou antes, corte-lhe as abas e que vá assim ver aquella por quem me atraiçoou, pregar-m'a a mim na menina do olho, é caso! *(Finge affliçcão.)* Ai! ai! estou afflicta! agua, deem-me agua.

JERONYMO *(indo ao fundo).* Holá! alguem, tragam um copo com agua.

EMPREGADO *(a Rodrigo).* Diga, o que fez o senhor a esta mulher?

SCENA XII

OS MESMOS e ROSA

ROSA. O que é preciso?

JERONYMO. Agua para aquella senhora que está doente... depressa.

ROSA. Pois que morra que nada se me dá.

JOAQUINA. Quem a chamou cá, menina? entre, pois não!

ROSA. Eu não preciso entrar que já cá estou. Agora a senhora é que precisa sair.

RODRIGO. Então não estou bem divertido!

JOAQUINA. Não ouves aquella delambida! Sahir, eu?!

ROSA *(avança para ella).* Delambida, oh! sua não sei que diga, espere que eu a ensino.

JERONYMO *(mette-se no meio).* Alto lá, se querem brigar e dar dinheiro á justiça, antes a mim que preciso d'elle, e estejam quietas.

JOAQUINA *(a Rodrigo).* E ficas-te ahi como um parvo, e não me acodes vendo que me insulta uma criada!

ROSA *(a Rodrigo).* Pois não, morda-me, trinque-me, engula-me, para agradar ali á senhora.

RODRIGO. Então não estou bem feliz?

EMPREGADO *(que tem conversado com Jeronymo).* É isso, o senhor sae a chamar auxilio e eu fico a tomar sentido n'elle.

Digitized by Google

JERONYMO *(baixo)*. Apoiado. *(Á parte.)* Mas por ora não!

JOAQUINA. Não tem vergonha, ter amores com o bicho de cosinha, e deixei eu as minhas conveniencias para me dedicar a este... *farropilhas*, desci eu até acceitar os mentirosos requebros d'este... cavalheiro.

RODRIGO. Callas-te!

ROSA. Desceu, ah! ah! ah! olhem a figurona!

JOAQUINA *(avança)*. Não me insultes, rapariga.

RODRIGO *(intromettendo-se, a Joaquina)*. Tu está quieta! *(A Rosa.)* E tu lá para dentro.

ROSA. Eu para a rua, nem mais um instante aqui, não me comparo com essa... dama! *(Ameaça a saida)*.

JOAQUINA. Ai! adeus marqueza.

ROSA *(a sair)*. Adeus, princesa. *(Joaquina fica-lhe fazendo mesuras á porta em ar de mofa.)*

SCENA XIII

OS DITOS, *menos* **ROSA**

(Emquanto o dialogo seguinte tem logar entre Jeronymo e Rodrigo, o empregado de policia contracena com Joaquina, indicando fallarem a respeito do envenenamento e da casaca).

JERONYMO. Venha o que me prometteste.

RODRIGO. Pois eu prometti-te alguma cousa?

JERONYMO. Cinco tostões para eu dizer que a casaca era minha.

RODRIGO. Não te dou nada, vae para o diabo!

JERONYMO *(exaltado)*. Não me insultes por eu ser pobre!

RODRIGO. Tu és um debochado!

JERONYMO. Debochado és tu! basde dar-me uma satisfação. Não te lembras já de quantas vezes te vali!

RODRIGO. Mentes, tratante. *(Avançam um para o outro)*.

JOAQUINA *(affasta Rodrigo, e o empregado a Jeronymo)*. Senhor *(A Jeronymo.)* não se deite a perder, vamo-nos embora e tiraremos vingança.

Digitized by Google

JERONYMO *(a Rodrigo baixo)*. Uma, duas, tres, vem os cinco tostões?

RODRIGO. Não, não, e não!

JERONYMO. Bom, vae custar-te caro, envenenador e receptador! *(Dá o braço a Joaquina.)* Vamos senhora.

JOAQUINA. Vingança! oh! que nunca me houvesse eu mettido com tal homem! *(Saem).*

SCENA XIV

RODRIGO *e* **EMPREGADO**

RODRIGO. Vão-se com um milhão de trilliões de diabos!

EMPREGADO *(pondo-lhe a mão no hombro)*. Agora nós, meu amigo! Tem que responder á justiça pelos seus actos.

RODRIGO. Quaes actos, senhor?

EMPREGADO. Os que o condemnam, e aquella casaca... *(Vae para pegar-lhe, Rodrigo adianta-se e pega-lhe primeiro.)*

RODRIGO. Esta casaca, que forjou Satanaz para meu tormento, vae ter o destino conveniente. Veja e admire. *(Rasga-a ao meio.)*

SCENA XV

OS MESMOS *e* **FRANCISCO** *(que tem estado á porta um momento antes e exclama.)*

FRANCISCO. Misericordia! que sacrilegio! que monstruosidade!

RODRIGO. Faltava só o senhor.

EMPREGADO. Acaba de aggravar a sua situação. *(Pucha-o áparte.)* a menos que uma boa recompensa...

RODRIGO. Sim?! pois espere.

FRANCISCO *(que tem pegado nos bocados da casaca)*. Senhor, esta casaca não era a sua, por engano lh'a trouxe e o senhor fez-lhe...

RODRIGO. O que lhe farei ao senhor se me apurar a paciencia.

FRANCISCO. Destruir assim uma obra d'arte e amea-

Digitized by Google

çar-me, quero uma satisfação... sou antes de alfaiate, um cavalheiro!

RODRIGO (*para os dois ameaçador*). Ah! queres um duello? E tu queres mais uma gratificação? Esperem corja de tratantes! (*Vae a um canto traz um chicote ou bengala.*) Fóra d'aqui marotos! rua! rua!

EMPREGADO e FRANCISCO. Ai! ai! ai! (*Saem correndo. Rodrigo cae n'uma cadeira estenuado.*)

SCENA ULTIMA

OS MESMOS e ROSA

ROSA (*com uma trouxa*). Adeus senhor!

RODRIGO. Anda cá, pequena, chegaste a proposito. Olha, eu já não vou ao baile, a casaca ahi jaz desfeita... que a leve a breca e mais á entrevista.

ROSA (*saltando n'elle aos abraços*). Ai! o meu rico patrão da minha alma!

RODRIGO. Eh! eh!, em paga canta ali o couplet final que é do estylo

ROSA (*ao publico*).

Se a casaca o deixou tão massado
Que afinal já não póde cantar,
Para auctor e actores eu venho
Indulgencia, applauso implorar.

Que elle promette discreto e prudente
Inda mais ser em peças futuras,
Não havendo quem queira esta noite
Assentar-lhe á casaca ás costuras.

CAE O PANNO

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromênho

A doida, drama em 5 actos.
A vida de um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
Exemplo a casados, comedia em 2 actos.
A orphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena dramatica.
Simplicidade e espertesa, entre-acto.
Por causa de um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Um poeta, comedia em 1 acto.
Aventuras de um gadão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furiosa de amor, comedia em 1 acto.
O amante emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 acto.
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.
No campo da opposição, comedia em 1 acto.
A loira, comedia em 1 acto.
Maldita casaca, comedia em 1 acto.
Mestre Barnabé, scena comica, 2.ª edição.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.
O cura Santa Cruz, drama em 1 acto.
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto.

Diogo José Seromênho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos.

Digitized by Google

A CABRA-CÉGA, zarzuella em 2 actos.

A. R. Palhaes

POR SER ECONOMICA, comedia em 1 acto.

José Romano

TRAVIATA, parodia em 4 actos.

Pedro Cabral

UMA EXTRAVAGANCIA, comedia em 1 acto.

Dr. Rodrigues Loureiro

OS ADVOGADOS, comedia-drama em 3 actos.

Julio Rocha

TRIBULAÇÕES D'UMA SOLTEIRONA, comedia em 1 acto.

J. R. Chaves

A DUQUEZA POR UM... SABIO, scena comica.

Julio Howorth

ALUGAM-SE QUARTOS, comedia em 1 acto.

Jorge Salgueiro

CUPIDO E MERCURIO, comedia em 1 acto.

NO PRÉLO

Diogo José Seromênho

UM RAPAZ TIMIDO, comedia em 1 acto.
CASADO E SOLTEIRO, comedia em 1 acto.
A GAIOLA DE OURO, comedia em 1 acto.
TEM SOBRE-LOJA, comedia em 1 acto.

A. Cesar de Vasconcellos

PRECIOSIDADES DE FAMILIA, comedia em 1 acto.
SANTOS E COMP.ª, comedia em 2 actos.
O BARRO É FRAGIL, comedia em 1 acto.

Pedro Cabral

AS CEREJAS, comedia em 3 actos.
MARINHEIROS EM TERRA, comedia em 1 acto.

Julio Rocha

O FAVORITO DE AFFONSO VI, drama em 3 actos.

Digitized by Google

MARIDO E MULHER

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, Socio honorario
do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representada com agrado no theatro Garrett, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1861

Digitized by Google

PERSONAGENS

ADELIA ..... BELMIRA
JORGE ..... COSTA

ACTO UNICO

Sala com porta ao fundo e á direita. A' esquerda uma janella. Duas cadeiras, uma mesa, e uma cana para a pesca.

SCENA I

Adelia e Jorge *(sentados)*

ADELIA. Aborreço-te!
JORGE. Odeio-te!
ADELIA. Sou muito desgraçada!
JORGE. Sou muito infeliz! *(voltam as costas um ao outro, e affastam as cadeiras)* Para que me cazaria eu?
ADELIA. Para que me cazaria eu?
ADELIA. Para viver n'este inferno é que cazei!
JORGE. As mulheres são pantheras!
ADELIA. Os homens são tigres! *(levantando-se e atirando com a cadeira)* Não posso mais!
JORGE. *(empurrando a cadeira)* Isto não pode continuar.
ADELIA. Jorge!
JORGE. Adelia!
ADELIA. Não nos zanguemos.
JORGE. Está dito, não vale zangar. Raciocionemos com descanço e socego. *(levantam as cadeiras e sentam-se.)*
ADELIA. *(gritando)* Isto não pode continuar assim.
JORGE. O mesmo digo eu.
ADELIA. És insupportavel!
JORGE. O mesmo digo eu!
ADELIA. Meu Deus quanto sou desgraçada!
JORGE. E eu, quanto sou infeliz! *(Adelia levanta-s de-*

Digitized by Google

sesperada, e dando uma bofetada em Jorge, sae pela direita correndo.) E' o que me faltava !..

SCENA II

Jorge (*só*)

Já viram um azar egual ao meu ! Desde que ha seis mezes me desempreguei, esta casa transformou-se n'um verdadeiro inferno, aonde ha um condemnado só, que sou eu, e um só diabo, que é minha mulher. Actualmente a minha vida é muito divertida, passo os dias á porta da secretaria da fazenda á espera do ministro, sem nunca conseguir encontral-o. Por isso se succedem os ministros, sem conseguir empregar-me, cahiram os progressistas e vieram os regeneradores, e nada, nao vejo meio de me empregar. Todos os dias peço o jornal emprestado ao meu visinho barbeiro, para ver se entre os annuncios vem algum que me faça conta, mas qual historia, não consigo nada. (*fica pensativo, batendo na testa*) Oh ! que ideia ! Eureka ! achei (*pega na pena e escreve*) «Aluga-se um quarto, com comida ou sem ella. No quarto andar, lado esquerdo, se ajusta.» Está dito alugo um quarto ao primeiro que apparecer, e assim arranjarei algum dinheiro. Vou pegar este annuncio á porta da rua. Mas, espera, e se minha mulher se oppõe, nada, vou pôr o annuncio sem lhe dizer nada. (*procurando*) Aonde estarão as obreias ? (*chamando*) Adelia ! Adelia !..

SCENA III

Jorge e Adelia

Adelia. Que queres?

Jorge. Aonde estão as obreias ?

Adelia. (*com naturalidade*) Comi-as.

Jorge. Como ?

Adelia. Comendo-as.

Jorge. Egoista! E depois hasde queixar-te de que não comes. Se ao menos tivesse um bocado de massa.

Adelia. Que massada, massa para que ?

Jorge. Para pegar este papel?

Adelia. Que papel ?

Digitized by Google

Jorge. Um annuncio.

Adelia. Que annuncio?

Jorge. Irra! com tanta pergunta. Não tens precisão de saber o que é. O vizinho sapateiro me dará um bocado de massa.

Adelia. Quero já saber que papel é esse. Do contrario não te deixo sahir.

Jorge. (*querendo sahir*) Adelia, tem prudencia...

Adelia. Não saes.

Jorge. Pois bem, sabes o que este papel contém?

Adelia. Ainda me não disses-te...

Jorge. Contém a nossa salvação! Ora escuta. (*lê*) «Aluga-se um quarto com comida ou sem ella, no quarto andar lado esquerdo se diz.» Comprehendes?

Adelia. Comprehendo! Eu dona de hospedaria!.. Nunca.

Jorge. Só alugaremos um quarto...

Adelia. Não, não e não

Jorge. Bem me importa que tu não queiras, quero eu, e é o bastante.

Adelia. Ah! traidor! Indigno! Não posso mais, morro! (*cae desmaiada.*)

Jorge. (*contemplando-a muito socegado*) Desde que estou desempregado é a primeira vez que estou a seu lado, sem a ouvir ralhar a gritar. Era bem bom que desmaiasses vinte vezes ao dia.

Adelia. (*levantando-se*) Pois não desmaiarei. E oponho-me com todas as forças a que transformes esta caza em hospedaria.

Jorge. Bem me importa com a tua opposição. (*sae batendo com a porta.*)

SCENA IV

Adelia (*só*)

Sempre sou muito desgraçada! E sempre pegará na porta esse annuncio indigno. Como os meus conhecimentos mangarão comigo! Fico sendo hospedeira, estalajadeira, bonitos nomes. Sou bem digna de lastima. (*chora*)

Digitized by Google

SCENA V

Adélia e Jorge

Jorge. Está decretado que não conseguirei o minimo dos meus desejos.

Adelia. Pegas-te o annuncio?

Jorge. Não me foi possivel.

Adelia. Ainda bem.

Jorge. O senhorio a quem devo a renda d'este semestre, estava ahi defronte, e julgo que á minha espera. Nem ao menos já posso sahir á rua!

Adelia. Foi Deus que assim o quiz, ainda bem; para que não pozesses esse infame annuncio, até desejava que os teus credores todos reunidos te esperassem á porta da rua.

Jorge. D'isso não tenho eu medo. A policia os faria despersar como manifestação tumultuaria.

Adelia. Ahi tens as consequencias do teu procedimento. Se não tivesses essas malditas ideias revolucionarias, ainda estarias empregado, e teriamos por conseguinte de comer

Jorge. Ideas revolucionarias! Tens rasão, começo agora a tel-as. Sou socialista e communista. Aborreço todos os governos e amo a anarchia, enthusiasmo-me pela dissolução social. Tomarei uma vingança horrivel da sociedade, e principalmente das auctoridades superiores, que pela sua ignorancia me lançaram na miseria: Eu estava desempregado, como estou agora, quando um amigo se lembrou de me propôr um negocio industrial que me proporcionava o meu bem estar; o negocio era comprar e vender azeite mineral refinado. Vou á camara tirar licença, perguntam-me pela profissão e assim que respondo «petroleiro» põe-me na rua sem me darem a licença; e aqui fiquei outra vez sem recurso algum, e o maldito senhorio sem se tirar da porta. Sinto passos, *(batem á porta)* não abras, fallemos baixo para julgar que não está ninguem em caza. *(tornam a bater mais forte.)*

Adelia. Oh! que ideia, ouve. Se não queres que abra

Digitized by Google

a porta ao senhorio, dá-me esse papel e renuncia a alugar o quarto.

Jorge. Isso não. Estou resolvido a não renunciar á minha ideia

Adelia. N'esse caso vou-lhe abrir a porta. Dás-me o papel?

Jorge. Não.

Adelia. E's teimoso! pois vaes ver como vou abrir a porta! (*sae.*)

Jorge. E' preciso ter coragem para arrostar com o bruto do senhorio.

Adelia. (*entrando*) Era o correio com esta carta para ti.

Jorge. (*pegando na carta*) E' do Custodio, mandei-lhe pedir dez libras emprestadas, e naturalmente agora é que m'as manda. Vivam os amigos. E viva a amizade! (*abre a carta*) E não me manda o dinheiro! Que amigos!.. eu sempre disse que não havia nem amizade, nem amigos. Pois não quero ler a carta. (*colloca-a sobre a meza.*)

Adelia. E quem é esse Custodio?

Jorge. Um homem feliz. Um viuvo.

Adelia. Não dizes senão grosserias. (*sae.*)

SCENA VI

Jorge (só)

Adeus minha ultima esperança. Contava com este dinheiro, como se já o tivesse na algibeira. Sou bem digno de compaixão. (*pegando na carta*) E não mandando dinheiro escreve quatro laudas! Desculpas. «Querido amigo. A tua carta commoveu-me; podéra, até era escripta em estylo de telegramma «Custodio — Estou desempregado. Mulher, furiosa. Casa um inferno. Ameaçado pelo senhorio, manda-me dez libras. Não tenho mais recursos. Se não mandas mato-me com um tiro. Jorge. E não mandou nada! Vamos ver o resto da carta.» Dizes que estás desesperado, e que tua mulher é insupportavel. Tenho a certeza de que o caracter d'ella não é melhor do que o da minha defunta mulher, e sem embargo consegui domestical-a. Vou dar-te um conselho. Se queres mesmo não

Digitized by Google

tendo dinheiro, ter ao menos paz e socego em tua casa, admitte n'ella uma hospeda. E' fresco o teu conselho. D'isso já eu me tinha lembrado, e é o unico recurso que me resta. *(continuando a ler)* «Uma hospeda, que não come, e que paga com uzura a hespedagem que lhe dão. Apresentar-se-ha em tua casa quando quizeres, chama-se D. Prudencia!» Já comprehendo, é uma metaphora; bem estou agora para brincadeira! *(deita a carta para cima da meza.)*

SCENA VII

Jorge e Adelia *(entrando)*

Adelia. Lembraste Jorge, que ainda não almoçamos?

Jorge. Essa pergunta é inconveniente. Nunca se falla em corda em caza de enforcado. Não falles em almoço a quem não ceiou.

Adelia. Já vou perdendo a paciencia.

Jorge. Esta mulher faz-me doido. *(baixo)* Que ideia! Se ella acreditasse que eu estava doido, assustar-se-ia, chamaria os vezinhos, teriam compaixão de mim, dar-me-ia a mania de comer, e provavelmente comeria. Nada. Vou-me fazer maluco. *(rindo alto)* Ah! ah! ah! Que magnifica galinha! Que explendido Bordeus! Dá cá mais dôce.

Adelia. Meu Deus! Que dizes, Jorge?

Jorge. Esse bife tem poucas batatas; quero mais.

Adelia. *(áparte)* A fome faz-o variar.

Jorge. Se me não dás um bacalhau cozido. Vou comel-o crú. *(dançando)* Que bem que almoçei! Viva a pandega!

Adelia. Está doido, e eu fujo. *(sae correndo.)*

SCENA VIII

Jorge (só)

Tenho bôa vontade de dançar! E Adelia fugiu assustada! melhor, assim deixar-me-ha socegado. Se eu ao menos tivesse uma mulher prudente, que me aconselhasse, que chorasse as minhas desventuras; que não augmentasse o meu suffrimento,... bem diz o ditado «caza aonde não

Digitized by Google

há pão... Precizamos prudencia, o meu amigo Custodio tem razão. Pois bem não tenho dinheiro, mas de hoje avante a tal hospeda metaphorica a D. Prudencia viverá sempre aqui ao meu lado. Se minha mulher gritar, deixal-a-hei gritar até se fartar. Heide ser tão prudente e socegado como meu pobre tio o dono d'aquella cana de pesca *(pegando-lhe)* pobre tio, chamavam-te o *engonha*, porque passava os dias á beira do lago, sem nada pescar; mas dizendo sempre que se divertia muito. Uma occazião estive um mez sem o ver, e quando o fui visitar fiz-lhe a pergunta do costume, então pescou alguma couza desde o ultimo dia, que nos encontramos? Sim, filho pesquei uma febre maligna por causa do muito sol, passados dias morreu, deixando-me o objecto que elle mais estimava, a sua cana de pesca. E agora me lembro, porque não heide utilizar a cana porque não heide pescar! Pois está dito vou á pesca. E o senhorio que está á porta. Já vejo que hoje não posso pescar. Aqui só ha uma truta, que é minha mulher, mas essa é má pesca. Se o vizinho me quizesse comprar a cana. *(abre a janella, e chama)* Oh! vezinho? vezinho! Não responde, sahio. Mas agora reparo que bella porção de chouriços que elle tem pendurados ao pé da janella! Oh! suculenta ideia! vou pescal-os. Mãos á obra. *(põe uma cadeira junto á janella)* Se alguem me vir digo que é brincadeira!... *(começa com a cana a fazer o que diz.)* O que me atrapalha é a roupa que está na janella a seccar, agora, agora, é como peza! *(pucha a cana e tráz uma saia de mulher pendurada.)* Bonita pesca.

SCENA ULTIMA

Adelia e Jorge

ADELIA. *(sahindo com precaução, áparte)* Já lhe passaria? *(alto)* Jorge? Jorge?

JORGE. Silencio que me fazes espantar a pesca.

ADELIA. *(áparte)* Não há duvida meu Deus, está doido.

JORGE. Já os apanhei, já os apanhei. *(salta da cadeira trazendo a saia preza á canna.)*

Digitized by Google

Adelia. Pobre Jorge.

Jorge. Já temos almoço, olha vê. (*reparando na saia*) Estava escripto que não almoçariamos hoje. (*aproximando-se da janella e vendo*) Os chouriços embrulharam-se na saia e cahiram ao saguão. E que fome que tenho. (*senta-se n'uma cadeira muito abatido.*)

Adelia. Então já não estás doido?

Jorge. Nunca o estive.

Adelia. Tratante.

Jorge. Parece que tens pena d'eu não estar doido. Pois minha filha, não vejo outro recurso para não morrer-mos de fome, senão deitar-mo-nos da janella abaixo. E cá por mim não lhe acho inconveniente.

Adelia. Bem, de hoje em diante sei o que heide fazer. O marido serei eu.

Jorge. (*zangado*) Adelia!... (*áparte*) Já me esquecia de D. Prudencia.

Adelia. Um tratante!

Jorge. (*áparte.*) Valha-me D. Prudencia.

Adelia. Não soffrerei mais despotismos.

Jorge. (*áparte.*) Socego...

Adelia. Até que encheu a medida. (*Deita a cadeira ao chão, a meza, e parte a canna de pesca.*)

Jorge. (*com voz muito forte*) Adelia, isso é de mais... (*cae sobre a cadeira e por meio d'acionados indica que não póde fallar.*)

Adelia. Que signaes são esses! estás brincando? (*Jorge vae á meza, pega n'um papel escreve e entrega a Adelia, lendo.*) Perdi o uzo da palavra. Temos nova comedia! tú queres mangar comigo. (*Jorge pega-lhe por um braço e obriga-a a ir ler o resto que escreveu*) Não é brincadeira; é um padecimento antigo, quando tenho algum desgosto, mezes antes de cazar, estive assim sem fallar muito tempo o medico aconselha-me, que pelo menos durante um mez, não faça exforço para fallar. Oh! meu Deos, isso é verdade? Não me enganas, Jorge?

Jorge. Já te disse... (*tapando a bocca para não continuar*) Ah!...

Adelia. Trapalhão!

Digitized by Google

Jorge. Sabes porque fingi que não podia fallar. Olha lê esta carta, e depois ralharemos á vontade, e tudo te explicarei (*da-lhe a carta*) Anda lê. (*áparte*) S e ella não toma o conselho do meu amigo Custodio, emigro para o fim do mundo para me ver livre d'ella.

Adelia. (*lendo*) E' possivel! (*muito alegre*) Ah! querido Jorge e não me dizias nada!

Jorge. (*áparte*) Então não está contente! (*alto.*) De hoje em diante mesmo que não tenhamos que comer.

Adelia. E porque não havemos de comer, parece-me que com trinta e seis mil reis mensaes de ordenado.

Jorge. Que dizes?...

Adelia. E' quanto tens de ordenado. Pois não lestes a carta toda?

Jorge. Não. (*tira-lhe a carta da mão, e lê*) « Depois do conselho, vou dar-te uma boa noticia, na caza commercial de meu tio, havia um logar vago de primeiro caixeiro, que consegui para ti, o ordenado são trinta e seis mil reis mensaes. Quando quizeres, podes-te apresentar.» E ainda dirão que não ha amigos! Querida Adelia (*abraçam-se.*)

Adelia. Querido Jorge. (*batem á porta do fundo*) Quem será? Sem duvida o senhorio.

Jorge. Agora pode entrar, porque como estou empregado pagarei tudo. (*Adelia sae voltando logo*)

Adelia. Não era o senhorio.

Jorge. Quem era então?

Adelia. O Seromênho auctor da peça que vinha saber se tinha agradado.

Jorge. (*indicando a platea*) Pergunta aquelles senhores.

Adelia (*canta*)

O auctor d'esta comedia,
Pede-vos por compaixão,
Que antes de descer o panno
Lhe deis um bom alegrão.

CAE O PANNO.

Digitized by Google

(17)

BIBLIOTHECA DOS ACTORES

MARIQUINHAS

A ESTALAJADEIRA

COMEDIA EM 1 ACTO

original de

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

(Representada com geraes applausos)

Preço 100 réis

LISBOA
Typ. travessa da Cruz de Soure n.º 33
1871

Digitized by Google

Digitized by Google

MARIQUINHAS

A

ESTALAJADEIRA

COMEDIA EM 1 ACTO

ORIGINAL DE

Diogo José Seromênho

LISBOA
TYP. TRAVESSA DA CRUZ DE SOUR E N.º 33.
1871

Digitized by Google

MARIQUINHAS A ESTALAJADEIRA

PERSONAGENS

Mariquinhas.—*Estalajadeira*..... 18 annos.
Manuel.—*Sapateiro*..... 25 annos.
Antonio.—*Funileiro*..... 30 annos.

A scena passa-se n'uma estalajem, proxima de Coimbra. Epocha actualidade.

Digitized by Google

Acto unico

A scena representa uma estalajem, portas ao fundo e lateraes. A' esquerda uma chaminé. Ao meio da scena uma banca, com bancos deroda. A' direita um armario, louça pendurada etc.

SCENA I'

Mariquinhas (só)

(Apanhando os cacos d'uma panella de barro.) Bonito!.. estou arranjada!... quebrei a panella: E não tenho onde fazer o jantar; de mais a mais já não tenho tempo d'ir á cidade comprar outra... Só se pedir uma emprestada... porque sem ella não posso dar de comer aos meus hospedes, e principalmente aos senhores Manuel e Antonio, um sapateiro, outro funileiro, ambos apaixonados cá pela pessoa, e que veem cá jantar todos os dias. Se não encontram o jantar prompto são capazes de se zangarem, e eu não os quero zangados... Deus me livre, elles que tanto me amam *(rindo)* E teem um ciume um do outro!.. Até já teem jogado á paneada algumas vezes por minha causa. *(pauza)* Ora não se me dava de apostar que elles se estão recordando agora de mim; hoje é o dia dos meus annos, e é de mais a mais dia de S. Pedro; ha grande festança cá no sitio, fogueiras, sortes, bailaricos; mas agora por bailaricos; se eu tivesse uns sapatos novos, bem bonitos; oh! como eu dançaria, nem d'isso me quero lembrar!... Todos os meus desejos agora eram pussuir uns bonitos sapatinhos, e uma bôa panella que nunca se quebrasse. E então!.. eu a dar á lingua sem me lembrar que tenho de fa-

Digitized by Google

zer o jantar, não tenho outro remedio senão ir pedir a alguma vezinha uma panella emprestada, e de caminho irei comprar hortaliça. *(sae pelo fundo.)*

SCENA II

Antonio (só)

(Entra pelo fundo, com uma panella de folha na mão.) Oh! ella não está cá!... Onde iria ella?!.. O que iria ella fazer?!.. Ella faz-me doido!.. A serpente do ciume dilacera-me o peito; terme-ha supplantado o maldito sapateiro!.. Palavra de funileiro que o faço em postas... Mas não, Mariquinhas, a linda Mariquinhas não podia preferir a mim um sapateiro, um remendão, que nunca lava as mãos do serol. Mas em quanto ella não vem ponhamos n'aquelle prego esta panella que fiz por minhas mãos, para lhe offerecer hoje que é o dia dos seus annos. *(pendura a panella.)* Agora ponho-lhe dentro este raminho!... *(mette o ramo dentro da panella.)* Parece-me que é um presente muito delicado?.. O que dirá ella?!... Agora retiro-me, e volto d'aqui a pouco, para admirar a sua surpreza... Oh! minha querida panella... Sê-me propicia!... *(sae.)*

SCENA III

Manuel (entrando pelo fundo, cantando)

Viva o vinho monarcha do mundo,
Viva o vinho divino licôr,
Só o vinho nos torna felizes,
Só o vinho nos falla d'amor.

Digitized by Google

(Declamando.) Estou certo que Antonio me não tem vencido!.. Bem... agora offereçamos á Deusa do meu coracão estes sapatinhos novos, que fiz para lhe offerecer; por ser hoje o dia do seu anniversario natalicio; mas eu estou fallando bem!.. estou parodiando um meu freguez que é litterato, bello moço!.. com muito talento, mas com muito pouco dinheiro! *(tira um embrulho da algibeira, e põe-no em cima da meza.)* Aposto que ellá logo advinha quem lhos deu. *(sae.)*

SCENA IV

Mariquinhas e depois Antonio

MARIQUINHAS. *(Entrando pelo fundo.)* Ninguem me poude emprestar uma panella!... que miseria, naturalmente como é dia de festa todas as panellas são precizas; aqui trago nabos, couves, cenouras; mas o peior é a panella; que heide fazer? *(reparando na panella.)* Oh! mas que vejo, uma panella nova!.. e de mais a mais de folha. Aqui anda por força obra de Antonio.

ANTONIO. *(entrando)* Advinhou.

MARIQUINHAS. Muito lhe agradeço, que bôa ideia que teve em me fazer tal presente.

ANTONIO. É a imagem do meu coração, e dos meus sentimentos. Aceite tambem os meus parabens por ser o dia dos seus annos.

MARIQUINHAS. Ora não faz senão doudices.

ANTONIO. Eu gosto muito de doudices, e muito mais gostaria que as fizessemos juntos.

MARIQUINHAS. Então!.. é precizo esperar... mais tarde!... mais tarde!

Digitized by Google

ANTONIO. E porque não hade ser já! Não me acha digno de si!?...

MARIQUINHAS. Não digo isso...

ANTONIO. Nada me falta, ganho bom dinheiro, tenho muita força: Olhe antes de hontem por sua causa quebrei os queixos ao José; sim, ao valentão cá do sitio, só lhe deixei tres dentes...

MARIQUINHAS. Eu bem sei que é valente... mas...

ANTONIO. Então que mais lhe é precizo.

MARIQUINHAS. É necessario amar-me.

ANTONIO. Sempre a amei, agora o que eu quero é uma prova do seu amor, basta que me dê um beijo. (*quer agarral-a, ella foge de roda da meza, canta*).

Dê-me um beijo minha roza,
Meu archanjo, minha flor,
Dê-me um beijo minha querida,
Dê me um beijo meu amor.

MARIQUINHAS

Não dou beijos já lhe disse,
Faz favor de me deixar,
Só lhe darei muitos beijos,
Quando comigo cazar.

(*declamando zangada*) Esteja quieto... pode entrar alguem... e eu não quero que se julgue...

ANTONIO. Não importa, venha quem vier, e principalmente que venha Manuel, o maldicto sapateiro, que o faço em bocados e o metto n'algibeira.

MARIQUINHAS. Se lhe tocar, nunca mais o quero ver.

ANTONIO Bem, não lhe farei mal... mas, se se fizer tolo!... (*mostra o punho serrado.*)

Digitized by Google

MARIQUINHAS. Basta de conversa.... Ajude-me a fazer o jantar... Vá buscar o toucinho.

ANTONIO. Onde é que elle está?

MARIQUINHAS. No armario... na primeira prateleira.

ANTONIO. Bem, já sei. (*vae ao armario*)

MARIQUINHAS. (*á parte, deitando agua na panella.*) Este demonio sempre a metter-me medo por causa do Manuel.

ANTONIO. (*tira do armario um embrulho que dá a Mariquinhas*)) Aqui está o toucinho.

MARIQUINHAS. Dê cá (*rindo*) Ah!.. ah!.. ah!... então isto é que é o toucinho?... Isto são vellas.

ANTONIO. Ah! enganei-me... mas isso é mais gostozo.

MARIQUINHAS. Tambem não serve para nada, eu vou buscar o toucinho, mas antes vou buscar outra cousa; já venho. (*sae.*)

SCENA V

Antonio e depois Mariquinhas

ANTONIO. Creio que sou o preferido. Ella sempre me deitou uns olhos. (*vendo o embrulho em cima da meza*) Mas o que é isto? (*examinando*) São uns sapatos. (*tira um do embrulho*) E sapatinhos de senhora, de mais a mais da ultima moda! Aqui anda obra do Manuel, por força! Como hoje é dia de S. Pedro, dá-lhe os sapatos para que ella danse com elle. E se eu os guardasse?... Isso não! Passaria por ratoneiro, mas o que eu não quero é que ella os veja. (*vendo entrar Mariquinhas*) Ella ahi vem. (*esconde os sapatos atraz das costas.*)

MARIQUINHAS. Aqui está o toucinho.

Digitized by Google

ANTONIO. Se ella vê o sapato estou perdido. (*esconde o sapato no panno onde está a hortaliça.*)

MARIQUINHAS. (*pondo o toucinho em cima da meza*) Vamos é precizo trabalhar: deite o toucinho na panella em quanto eu vou escolher a hortaliça. (*agarra no panno.*)

ANTONIO. Sim. (*áparte*) Comtanto que ella não veja o sapato. (*deita as vellas dentro da panella em logar do toucinho.*)

MARIQUINHAS. Vamos a escolher a hortaliça.

ANTONIO. (*áparte*) Ella vae mas é ver o sapato. (*alto*) Para que a hade escolher?... Vae-lhe tirar o melhor!

MARIQUINHAS. (*admirada*) Tiro-lhe o melhor?!...

ANTONIO. E faz menos quantidade.

MARIQUINHAS. Tem razão (*acaba d'arranjar uma parte da hortaliça que deita no panno.*)

ANTONIO. (*áparte*) E não vio o sapato!...

MARIQUINHAS. (*vendo o toucinho ainda em cima da meza*) Então o que é isto ainda não deitou o toucinho.

ANTONIO. (*áparte.*) Ora esta!... deitei as vellas. (*alto*) Esqueceu-me, deito-o já. (*deita-o.*)

MARIQUINHAS. Agora vou deitar a hortaliça.

ANTONIO. Pois deite.

MARIQUINHAS. (*deita na panella tudo que o panno contem.*) Isto deve fazer uma bôa sopa... não lhe falta nada.

ANTONIO. (*áparte.*) Nada... Inclusivamente um sapato o que deve tornal-a mais gostoza.

SCENA VI

Os mesmos e Manuel

MANUEL. (*entrando pelo fundo, e áparte*) Gozemos a sua surpreza. (*alto*) Bons dias menina Mariquinhas.

Digitized by Google

MARIQUINHAS. Ah! é o Senhor! Bons dias.

MANUEL. Sou eu, sou.

ANTONIO. (*áparte*) O meu rival!...

MANUEL. (*áparte*) Aqui o patife do funileiro!

MARIQUINHAS. Vem já para jantar?...

MANUEL. Não... venho para outra cousa. (*áparte*) E não me diz nada.

MARIQUINHAS. Então para que?!...

MANUEL. Para a felicitar pelo seu anniversario... (*áparte*) Se não estivesse aqui o maroto do funileiro, fazia um discurso. (*alto*) Desejando que goze muitos e felizes annos em companhia de quem mais desejar. (*pausa*) Então não me diz nada da prenda que lhe dei?!.. Que tal achou os sapatinhos, gostou d'elles?..

MARIQUINHAS. (*admirada*) Que sapatos?!... Eu ainda não vi sapatos nenhuns.

MANUEL. Pois eu colloquei-os n'esta meza; ah! elles aqui estão embrulhados. (*dirige-se á meza, abre o embrulho, e tira um sapato que dá a Mariquinhas*) Então?

MARIQUINHAS. Está muito bem feito... E' da ultima moda.

MANUEL. (*procurando em cima da meza.*) Mas aonde está o outro?!... Eu não o vejo!...

ANTONIO. Talvez vossê não trouxesse senão um.

MANUEL. Fiz dois, e trouxe dois.

MARIQUINHAS. E' original!... Então onde está o outro?!...

ANTONIO. (*rindo*) Já sei o que foi, é, que elle fez duas vezes o mesmo sapato.

MARIQUINHAS. (*admirada*) Duas vezes o mesmo sapato!

ANTONIO. E' muito possivel, estava dormindo quando o fez, e por isso enganou-se!

MANUEL. Estou certissimo que fiz o par, e que os trouxe para aqui.

Digitized by Google

MARIQUINHAS. Bem, bem, elle apparecerá... nem por isso deixaremos de dançar juntos esta noite.

ANTONIO. E' comigo que hade dançar.

MANUEL. Hade ser comigo.

ANTONIO. (*puxando-o para si*) Hade ser comigo.

MANUEL. (*o mesmo*) Prohibo-te de dançar com ella.

ANTONIO. (*o mesmo*) Eu prohibo-te tambem. (*cada um puxa por Mariquinhas para seu lado.*)

MANUEL. (*encolerizado*) Irra!

ANTONIO. (*zangado*) Larga!

MARIQUINHAS. Olhem que me desmancham os braços.

MANUEL. Qual de nós prefere?...

ANTONIO. Qual de nós quer?...

MARIQUINHAS. (*livrando-se d'elles.*) O que dançar melhor.

MANUEL. Sou eu.

ANTONIO. Não é tal, sou eu.

MANUEL. Vamos já vêr.

MARIQUINHAS. Logo direi o que prefiro para dançar comigo. Vamos primeiro jantar, vou tratar de pôr a meza. (*sae pela direita.*)

SCENA VII

Manuel e Antonio

MANUEL. Não fiquei satisfeito com a resposta.

ANTONIO. Nem eu.

MANUEL. N'esse caso battamo-nos, como fazem os verdadeiros cavalheiros.

ANTONIO. (*àparte*) Elle é mais valente, mas é o mesmo. (*alto*) Battamo-nos.

MANUEL. Como não temos armas, batternos-hemos ao socco. (*preparam-se para jogar o sôcco, na ocazião em que Mariquinhas entra.*)

Digitized by Google

SCENA VIII

Os mesmos e Mariquinhas

MARIQUINHAS. Ai! meu Deus, que se vão matar! (*mettendo-se entre elles*) Fazem favor de se accomodar.

ANTONIO. Pois que me ceda elle o logar.

MANUEL. Pois não! Que m'o ceda elle!

MARIQUINHAS. Prohibo-lhes que joguem á pancada em minha caza. Não ha nada tão mau como dois homens jogarem á pancada n'uma caza d'estas.

ANTONIO. Tem razão. (*a Manuel*) Fica para outra vez.

MARIQUINHAS. Bem, o jantar está prompto; Vamos para a meza.

MANUEL. (*a Antonio*) Vamos primeiro jantar e depois falaremos.

MARIQUINHAS. Vamos.

ANTONIO e MANUEL. Vamos lá. (*assentam-se á meza; Mariquinhas traz a panella, louça etc, e senta-se entre elles.*)

MARIQUINHAS. (*servindo a sopa*) Comam para terem forças.

MANUEL. O que tem a sopa que sabe a ranço? Parece cabedal queimado!

MARIQUINHAS. E' da gordura.

ANTONIO. Está bem bôa!

MANUEL. Não ha ninguem como a menina para fazer comida.

ANTONIO. (*tirando do prato bocados de vellas de cebo.*) Mas o que é isto?...

MANUEL. Ai! Eu sei o que é.

ANTONIO. São vellas de cebo.

Digitized by Google

MARIQUINHAS. Então o sr. deitou as vellas na panella.

ANTONIO. Dá-lhe muito melhor gosto. (*acha um ramilhete no prato, mostrando-o.*) E isto o que é? Um ramilhete! Aqui ha de tudo!... Isto é uma famosa miscellanea.

MARIQUINHAS. Mas como foi isso para ahi parar.

ANTONIO. Fui eu que lh'o trouxe, e que o metti na panella, onde o deixei por esquecimento.

MARIQUINHAS. E' muito galante!... Este ramilhete jámais o deixarei. (*deita-o na meza.*)

MANUEL. (*com colera*) Que demonio é isto! (*tira um sapato do prato.*)

ANTONIO. (*áparte*) Oh! com a breca. (*alto*) Eu sei o que é.

MARIQUINHAS. E' um sapato.

MANUEL. O meu sapato!... reconheço o... Quem foi que o poz aqui?...

ANTONIO. Quem? Talvez fosse eu!...

MARIQUINHAS. Mas isso é muito mal feito.

MANUEL. Foi elle que o escondeu na panella.

ANTONIO. E' verdade que sim .. Fui eu... para que Mariquinhas não dançasse com você.

MANUEL. (*áparte.*) Tratante!....

MARIQUINHAS. Ouçam, não cazarei com um homem, que teve a ousadia de me deitar os sapatos na panella, e que me obriga a ir dançar de chinellos! de chinellos!...

MANUEL. Tem muita razão.

ANTOINO. Sim! pois então vejam.

MARIQUINHAS. (*assustada*) Oh! meu Deus! olhe que me quebra a louça.

ANTONIO. Veja, veja. (*pega nos prátos e attira-os pela janella.*) Hão-de todos ser victimas do meu furor, e da minha vingança...

Digitized by Google

MARIQUINHAS. Que furor!

ANTONIO. Hoje heide dar que fallar cá no sitio, adeus!... (*vae até á porta, e depois volta.*) Não hade ficar com a minha panella. Adeus interessante par, tenham saude e fortuna. (*Agarra na panella e sae correndo.*)

SCENA IX

Mariquinhas, Manuel e depois Antonio

MARIQUINHAS. Então deixa-o levar a minha panella.

MANUEL. (*que estava escondido a um canto*) Eu ia agarral-o, mas elle não me deu tempo.

MARIQUINHAS. Assim foi melhor! Terlhe-hia feito algum mal, mas agora que elle se foi embora só devemos pensar na nossa immediata felicidade.

MANUEL. Sim! sou muito feliz. (*pega-lhe na mão*) Porque te amo muito. (*vae para lhe dar um beijo na mão, quando aparece ao fundo Antonio, com uns poucos de pratos, n'uma das mãos; e uma panella na outra: entra com aspecto triste; Manuel larga a mão de Mariquinhas, e Antonio vae collocar a panella e os pratos em cima da meza.*)

MARIQUINHAS. Então voltou?

ANTONIO. Voltei, assim que d'aqui sahi conheci que tinha feito mal, fui a caza buscar uns pratos para substituir os que lhe quebrei. Aqui tem, tanto os pratos, como a panella, peço-lhe que acceite. E peço-lhe tambem que me perdôe os meus excessos, desejo-lhe muitas felecidades, não era digno de si, por isso o ceu castigou-me... (*dirigindo-se a Manuel*) E tu desculpa-me, e continua a ser meu amigo.

MANUEL. (*dando-lhe a mão, toca.*) Seremos eterna-

Digitized by Google

mente amigos, e para t'o provar serás o padrinho do nosso cazamento; acceitas?...

ANTONIO. (*apertando-lhe a mão*) Está dito, acceito.

MARIQUINHAS. Ora visto que todos estão satisfeitos, vou buscar umas garrafinhas d'um vinho muito bom, para festejarmos alegremente um dia tão feliz para nós todos. (*derige-se ao armario d'onde traz garrafas e copos.*)

MANUEL e ANTONIO. Vamos ao vinho!.. ao vinho!..

MARIQUINHAS. (*enchendo os copos.*) Ao vinho!.. ao vinho!...

ANTONIO. Proponho uma saude. Á saude dos noivos!...

MARIQUINHAS e MANUEL. (*bebendo*) Á vossa, á vossa.

MARIQUINHAS. Um pedido, meu Manuel, venha uma cantiguinha das tuas!.. uma cantiga das bonitas...

ANTONIO. Venha lá uma cantiguinha.

MANUEL. Visto que tanto pedem, lá vae uma canção, á alegria, ao prazer, e á juventude, isto é ao vinho.

MARIQUINHAS e ANTONIO. A' canção!.. á canção!..

MANUEL. Lá vae, mas hão-de fazer-me o acompanhamento. (*cada um toma o seu copo, e battem com elles uns nos outros quando cantam o côro.*)

CANTA

Viva o vinho monarcha do mundo,
Viva o vinho, divino licôr,
Só o vinho nos torna felizes,
Só o vinho nos falla d'amor.

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo.
Viva o vinho divino licôr, etc.

Digitized by Google

E' o vinho o meu roxo ideal,
Só o vinho nos sabe inspirar,
Só no vinho affogamos tristezas
Só no vinho aprendemos a amar.

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo,
Viva o vinho divino licôr, etc.

E' o vinho meu sonho incessante,
Quem nos faz esquecer dissabores,
Só o vinho enebria e dá vida,
Como o orvalho dá vida ás flores.

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo,
Viva o vinho divino licôr, etc.

Só no vinho não ha inconstancias,
Só o vinho nos pode alegrar,
Só no vinho se affogam paixões,
Só o vinho nos faz remoçar.

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo,
Viva o vinho divino licôr, etc.

Só no vinho se apagam saudades,
Só no vinho não ha desalento,
Só o vinho nos guia e dá luz,
Só no vinho se acaba o tormento.

Digitized by Google

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo;
Viva o vinho divino licôr, etc.

E' o vinho remedio efficaz,
Que no mundo nos pode salvar
E' o vinho consolo dos tristes,
Só o vinho nos sabe alegrar.

CÔRO

Viva o vinho monarcha do mundo;
Viva o vinho divino licôr,
Só o vinho nos torna felizes,
Só o vinho nos falla d'amor.

MARIQUINHAS *e* ANTONIO. Muito bem!... muito bem!... Viva o vinho!... e viva a alegria.

TODOS

Viva!... Viva!...

Cáe o panno

Digitized by Google

Digitized by Google

PEÇAS PUBLICADAS

Por causa d'um retrato, comedia em 1 acto, original de Diogo José Seromênho e A. da Silva Carvalho. Preço 100 réis.

Viva o exercito, e Viva o Duque!!... grande bexiga em 1 acto, original de Diogo José Seromênho e Augusto da Silva Carvalho, musica de Apparicio da Matta, representada com geral applauso no theatro do Principe Real em a noite de 28 de maio de 1870, e em differentes terras da provincia. Preço 120 réis.

A noite dos noivados, comedia em 1 acto, imitação, por Diogo José Seromênho. Preço 100 réis.

Mariquinhas a Estalajadeira, comedia em 1 acto, original de Diogo José Seromênho. Preço 100 réis.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

O ultimo idolo, drama n'um acto, versão portuguesa de Carlos Matheus Gonçalves dos Santos. Preço 120 réis.

Simplicidade e esperteza, entre-acto, imitação de Diogo José Seromênho. Preço 60 réis.

Aventuras d'um gabão, comedia em 1 acto, imitação de Diogo José Seromênho. Preço 100 réis.

Digitized by Google

18

A MULHER DO PROXIMO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representada com geraes applausos em differentes theatros

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1881

Digitized by Google

PERSONAGENS

Amelia. Julia. Ernesto. José

EM LISBOA — ACTUALIDADE

ACTO UNICO

Gabinete elegante, com chaminé ou fogão, sobre elle uma cafeteira, livros, albuns, etc.

SCENA I

Julia e Ernesto (sentados)

ERNESTO. Estou hoje mais triste do que um inglez atacado de *seeplend*. Naturalmente é do dia, não tem cessado de chover. Que aborrecimento.

JULIA. Estás hoje de muito mau humor.

ERNESTO. E' verdade, e não sei porque.

JULIA. Que queres que faça para te distrahir. Vou tocar piano?

ERNESTO. Aborrece me.

JULIA. Então lê.

ERNESTO. Fatiga-me a vista. Não quero.

JULIA. Vae dar um passeio.

ERNESTO. Chove muito.

JULIA. E' pouco lisongeiro para mim, aborreceres-te ao meu lado. D'antes eras mais amavel.

ERNESTO. Não me faças aborrecer mais do que estou.

JULIA. E's insupportavel. Que homem! (*sae.*)

SCENA II

Ernesto (*acende um cigarro*)

Oh! minha querida liberdade de solteiro. Como suspiro por ti, como era feliz n'esse tempo, ninguem me apoquen-

Digitized by Google

tava quando estava aborrecido e zangado. N'um bello dia lembro-me de me enamorar de Julia, e zás, entrei para o gremio dos homens cazados. Nos primeiros tempos, durante a famigerada lua de mel, tudo foi bem, mas hoje vou estando saciado de tanta felicidade, e vou-me aborrecendo horrivelmente de ter sempre diante dos olhos a mesma mulher, que me faz sempre as mesmas caricias. Oh! é demais, eu quinze em solteiro não podia aturar uma amante mais de quinze dias, ser obrigado a aturar uma mulher toda a vida. E cada vez chove mais! que dia tão divertido! Agora tenho frio. (*chamando*) Amelia.

SCENA III

Amelia e Ernesto

Amelia. (*entrando*) O sr. chamou?

Ernesto. Deita lenha no fogão, e aviva o fogo.

Amelia. (*depois de deitar lenha*) Deseja mais alguma cousa?

Ernesto Põe essa cafeteira ao pé do calor, para aquecer esse café!

Amelia. (*pondo a cafeteira ao fogo*) Prompto, d'aqui a um momento fica quente.

Ernesto. Mas agora reparo que cara tão azougada que esta rapariga tem. E que bonitos olhos, que cintura tão delgada! de perfil ainda é mais bonita. E a boca tão pequenina está mesmo a pedir beijos...

Amelia. O café está quente, agora vou buscar assucar.

Ernesto. Vae cara bonita.

Amelia. (*voltando-se*) O que!

Ernesto. Nada, nada...

Amelia. Pareceu-me... (*sae.*)

SCENA IV

Ernesto (*só*)

E' muito sympathica, e muito elegante. Tem um certo ar de candura que encanta. Uma doçura de voz tão armonioza que enleva. E sobre tudo que olhos, que dentes, parecem perolas de Ceylão. (*levantando-se*) Até já me passou o aborrecimento.

Digitized by Google

SCENA V

Ernesto e Amelia *(entrando)*

Amelia. Aqui está o assucar.

Ernesto. Põe em cima da meza. Sabes que és muito sympathica.

Amelia. O sr. está mangando.

Ernesto. Não estou brincando. E' a verdade. Estás encantadora.

Amelia. Vou-me embora.

Ernesto. Espera...

Amelia. O sr. está com essas cousas... e eu sou casada.

Ernesto. Então o que tem isso...

Amelia. Retiro-me.

Ernesto. Não, serve-me o café!

Amelia. (*deitando café na chavena*) Prompto...

Ernesto. Dize-me de que terra és tu?

Amelia. De Lisboa, nascida e baptisada na freguezia de S. Lourenço.

Ernesto. Logo se vê que esse typo tão elegante, só podia ser de Lisboa.

Amelia. Não sei para que me diz essas cousas, que me envergonham.

Ernesto. Não sejas creança. (*querendo abraçal-a.*)

Adelia. Senhor, deixe-me.

Ernesto. Parece-me que gostar de ti não é fazer-te mal (*corre em volta da meza e conseguindo agarral-a abraça-a.*)

SCENA VI

Os mesmos e José

José. (*á porta, detendo-se*) Esta é que eu não esperava!

Ernesto. (*largando Amelia*) Não te chamei. Não preciso agora de ti.

José. (*áparte*) Creio perfeitamente que agora não precisava de mim.

Digitized by Google

Ernesto. (*áparte*) Está dito gosto da Amelia. Se o pateta do José terá visto. (*sae pela direita.*)

SCENA VII

Amelia e José

José. Amelia, pelo que vejo tu queres fazer de mim, o que eu não quero ser, mas toma muito cuidado porque vou ficar álerta...

Amelia. Escuta...

José. Sou teu marido, quer dizer senhor absoluto. Tens de me obdecer, porque me jurastes fidelidade e obediencia.

Amelia. Fallas sem razão.

José. Eu bem vi. Não sou cego. Não me faz conta continuar a servir n'esta casa. Por isso contas e rua.

Amelia. Não sejas assim. Com facilidade não arranjaria-mos outra casa em que podessemos servir juntos.

José. Seja como for. Não fico aqui bem, não quero pezadellos, que me façam pezo na cabeça...

Amelia. Desconfias de mim!

José. Não. Mas bem vi o patrão abraçar-te.

Amelia. Sabes, que sou uma mulher honrada.

José. Mas é bom evitar as occasiões.

Amelia. Fica descansado. (*sae.*)

SCENA VIII

José (*só*)

Que é uma mulher honrada sei eu, todas o são, até ao momento em que deixam de o ser. Porem o tal senhor meu patrão, sempre me sahiu uma peça d'encommenda. Mas não tem duvida, estarei álerta. (*pausa*) E se eu me vingasse. Mas como. Oh! que ideia. Elle quer-me namorar a minha mulher, por conseguinte vou namorar-lhe a d'elle. Olho por olho, dente por dente. Elle desce até a mim, eu subo até elle. O meio mais bonito de fazer uma declaração, é escrever uma carta, eu não tenho lá grande geito, mas farei a diligencia. Vou tratar da cartinha. (*sae.*)

Digitized by Google

SCENA IX

Amelia (só)

Afinal não tomou o café; e hia-me compromettendo com meu marido o tal senhor meu amo. E' bem atrevido; eu pouco me importa que me deem abraços, o que não gosto é que m'os vejam dar; fui muito tempo creada d'uma hospedaria, e todos os hospedes me abraçavam, quando lhes hia arranjar os quartos...

SCENA X

Amelia e Ernesto

Amelia. (*reparando em Ernesto*) Ah! O sr. não tomou o café!?

Ernesto. (*aparte*) Cá está ella. (*alto*) Já tomo. (*Amelia enche uma chavena e fáz menção de se retirar*) Tens pressa? Deixa-te estar. Não estás bem ao pé de mim?

Amelia. Nem bem, nem mal.

Ernesto. Isso é que é franqueza. Dá cá a chavena (*senta-se.*)

Amelia. (*da-lhe a chavena de longe*) Aqui tem.

Ernesto. (*aparte*) Está muito arisca. (*alto.*) Aproxima-te.

Amelia. Para que?

Ernesto. Toma uma gota de café!

Amelia. Muito obrigado, faz-me mal aos nervos, não me deixa dormir. (*sae.*)

SCENA XI

Ernesto e depois Jozé

Ernesto. (*sem reparar que Amelia sahio*) Bebe... isso é pieguiçe... Se não fosses tão arisca, fazia a tua felicidade. (*pauza aparte*) Calla-se. Quem calla consente.

Jozé. (*entrando devagar*) Que dirá este senhor...

Ernesto. Toma meia libra para ti (*Jozé agarra o dinheiro com surpreza, olha-o e mete-o na algibeira, baixo*)

Digitized by Google

guardou o dinheiro é bom signal, vae-se amansando. Agora é boa occasião de lhe dar um abraço. (*alto*) Dá cá um abraço. (*dá o abraço em José*) Tu aqui! Toma. (*dá-lhe um pontapé.*)

José. (*áparte*) Deu-me dinheiro, um abraço e um pontapé.

Ernesto. (*áparte*) Teria elle visto. (*sae*)

SCENA XII

José (só)

Este homem está doido! Desconfio que o tal abraço não era para mim, nem a meia libra, agora o pontapé esse é que me pertence com toda a certeza. Naturalmente julgou que era a Amelia que estava aqui. Mas vamos á carta. Comprei uma folha de papel muito bonita, toda arrendada, e com um coração pintado de encarnado, e dois pombinhos a beijarem-se, agora emquanto á escripta ficou obra aceiada. (*lendo*) «Desde o primeiro momento em que a vi, senti logo d'entro do peito um vulcão a arder, que nem toda a agua da companhia seria capaz de apagar. Adoro-a, não posso viver sem a senhora. Responda por Deos a este coração torturado pela duvida, que não pode viver sem a senhora. O seu amor ou a morte, a morte ou o seu amor. D'aquelle que só por si sofre, geme, e chora, sem esperança até á morte e ainda além da morte. José. Parece-me que não ha nada a dizer, está obra fina. Ella ahi vem.

SCENA XIII

José e Julia

José. Minha senhora (*áparte*) Não me atrevo. (*alto*) Minha senhora.

Julia. (*reparando em José*) Que queres.

José. (*áparte*) Animo. (*alto*) Entregaram-me isto para a senhora. (*entrega-lhe a carta e sae.*)

Digitized by Google

SCENA XIV

Julia (só)

Parece carta d'algum saloio ou soldado, papel arrendado, vejamos a assignatura. José. E é para mim, pois foi elle quem m'a entregou. (*lendo*) Tem graça! Por esta é que eu não esperava! Mas não devo consentir tamanho atrevimento. (*chamando*) José.

SCENA XV

Julia e José

José. (*entrando*) A senhora chamou?

Julia. Que significa esta carta?

José. Ella está bem clara. Que a amo.

Julia. E atreves-te a dizer-m'o! Authorisei-te alguma vez, por qualquer modo, a fazeres-me declarações tontas. Sae da minha presença, e se não tiveres juizo ponho-te na rua.

José. Pelo seu amor tudo sofrerei.

Julia. Meu marido vem ahi e elle te ensinará.

José. Repito-lhe que a amo. Dê-me um abraço (*persegue-a em volta da meza, até que consegue abraçal-a.*)

SCENA XVI

Os mesmos e Ernesto

Julia e Ernesto. Ah!..

Ernesto. Que quer isto dizer?!

Julia. Que este homem me acaba de faltar ao respeito.

Ernesto. Canalha!

Julia. (*contendo-o*) Deixa-o, está embriagado.

José. (*áparte*) Julga que estou bebado.

Ernesto. Sae, vae-te deitar. (*Julia sae.*)

SCENA XVII

Ernesto e José

Ernesto. Vae-te deitar.

José. Não tenho somno.

Ernesto. Não me faças perder a paciencia.

José. Julga que estou embriagado, pois engana-se ainda hoje não bebi nada. Veja se dou bordôs. (*passeia muito direito*) Não quer crer que gosto de sua esposa, pois engana-se gosto muito d'ella.

Digitized by Google

Ernesto. Se não estás bebado, estás doido.

José. Admira-se de haver alguem que ache linda a sua esposa, e a razão é ser casado com ella, ninguem repara no thesouro que tem perto, mas todos gostam de descobrir e desviar o thesouro alheio. A galinha da minha visinha é melhor do que a minha, diz o ditado. O patrão nunca tentou seduzir nenhuma mulher casada?

Ernesto. (*áparte*) Oh! que raio de luz. Será por causa da mulher d'elle, que me dirige esta pergunta. (*alto*) Não, e já estou farto de te ouvir.

José. O patrão é muito esquecido, eu conheço uma mulher casada a quem o senhor tentou seduzir n'esta mesma sala. Não se lembra? Era a minha!

Ernesto. O que?

José. Não se admire de eu o saber! O patrão rebaixa-se até á creada; eu elevo-me até á ama.

Ernesto. Mas...

José. Deixe-me concluir. Tanto direito tem a minha mulher a ser respeitada, como tem a sua Em questões de honra não ha criado nem amo. (*outro tom*) Mas sua esposa não tem culpa do que o senhor faz; tudo isto foi uma vingança que eu quiz tomar. Agora vou pedir perdão á patroa. O que quiz simplesmente foi dar-lhe uma lição, e mais uma vez provar-lhe que não ha nada mais digno e respeitavel do que a honra de uma mulher cazada. E para que não tenha mais tentações eu e minha mulher sahimos d'esta casa; tenho pena, porque apezar de tudo nós gostámos dos patrões...

Ernesto. (*áparte*) Hade servir-me a lição.

José. Quando o Sr. tiver essas tentações com as mulheres dos outros, approxime-se da sua que bem merece as suas attenções e o seu amor. Desculpe eu dizer-lhe isto, mas represento aqui a verdade, e essa falla sempre em toda a parte e de cabeça erguida.

Ernesto. Tens razão José, desculpa-me, não saias de minha casa, dá cá a tua mão. Nunca mais me afastarei dos meus deveres.

José. (*dando-lhe a mão*) Oh! senhor... desculpe...

Ernesto. (*apertando-lhe a mão*) Bem, não fallemos mais n'isso, o passado, passado.

Digitized by Google

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Julia e Amelia

JULIA. *(entrando)* Ainda alli estás!

JOSÉ. *(confuso)* Perdão, minha senhora.

ERNESTO. Perdoa-lhe.

JULIA. Bem, visto que já estás em teu juizo, perdoo-te, mas, não torne a acontecer outra, não ha peior vicio que o da bebida. *(a Amelia que entra)* Não deixes que teu marido beba em excesso, pode-lhe ser prejudicial.

AMELIA. *(admirada)* O que!...

JOSÉ. *(baixo a Amelia)* Calla-te, depois te explicarei.

AMELIA. *(aparte)* Começo a comprehender.

ERNESTO. *(baixo a José)* Tanto me serviu a lição que me déstes, que estou achando muito feia a tua mulher e vejo a minha encantadora.

JOSÉ. *(baixo a Ernesto)* Vê a vantagem do meu systema, tambem eu acho a sua muito feia, pois só gosto da minha.

AMELIA. *(baixo a Ernesto)* Está curado da sua paixão?

ERNESTO *(baixo a Amelia)* E para sempre.

JULIA *(a Ernesto)* Já não estás aborrecido?

ERNESTO. Ao pé de ti nunca, anjo querido.

JULIA. *(aparte)* Voltou a lua de mel!

JOSÉ. *(aparte)* Graças a mim.

ERNESTO. *(abraçando Julia no 1.° plano)* Estás encantadora!

JOSÉ. *(abraçando Amelia no 2.° plano)* Dá cá um abraço, porque fiz todos felizes.

AMELIA. Todos! E o pobre auctor, o Seromenho que é tão bom rapaz.

ERNESTO. Lá isso é!

JULIA. Eu me encarrego de pedir por elle aquelles senhores *(indica a platéa.)*

Couplet

O auctor d'esta comedia
Está muito atrapalhado,
Julga ter escripto mal,
E teme ser pateado.

E por isso só vos peço,
Quatro palmas por favor,
Promettendo dividil-as,
Entre nós e o auctor.

CAE O PANNO

FIM

Digitized by Google

O MUZEU DO SR. CUSTODIO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

DIOGO JOZE SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez
no Pará, etc.

Representada com geraes applausos no theatro
da rua dos Condes, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24 2.º
LISBOA — 1882

Digitized by Google

PERSONAGENS

Jayme—Julia — Custodio

ACTO UNICO

O theatro representa um gabinete artistico, portas ao fundo e lateraes, utencilios de pintura pela scena.

SCENA I

Jayme e depois **Julia**

JAYME. A gloria é o mais rico diamante da corôa do artista; mas o amor é a felecidade, é a inspiração!

JULIA. É permettida a entrada no sanctuario da arte?

JAYME. *(áparte)* E' ella! *(alto)* Oh! minha querida visinha, pois não!

JULIA. Estava talvez entregue ao seu trabalho, e vim incommodal-o... não é assim?..

JAYME. E' possivel que uma boca tão gentil profira tal blasphemia!....

JULIA. Lisongeiro!...

JAYME. Não sou lisongeiro.... não póde incommodarme o ente que é uma particula da minha vida...

JULIA. *(envergonhada.)* Olhe, senhor Jayme, se soubesse que estava hoje disposto a cassoar comigo não vinha cá...

JAYME. Não tenho por custume cassoar com aqueiles a quem amo, porque nunca pude mentir ao coração...

JULIA. Coração!... o senhor tem lá coração... ha homem algum n'esta vida que tenha coração...

JAYME. Não ha, não, diz bem. Não ha homem algum que tenha coração, quando encontre uma mulher de gelo como a visinha.

JAYME. Eu amo-a com todas as forças da minh'alma... amo-a como posso adorar a gloria d'artista que tanto ambiciono, mas que nunca alcançarei.

JULIA. Não creio, todos os senhores homens são assim...

Digitized by Google

mâs se uma pobre rapariga cáe na asneira de os acreditar só encontra depois falsidades... e desenganos...

JAYME Muito bem, visinha... é essa uma theoria com que muito hade aproveitar...

JULIA. Não posso acreditar na verdade das suas palavras, sem que o tempo a venha corroborar...

JAYME. Obrigado, ao menos dá-me uma esperança.

JULIA. Veremos, Deus queira que um dia ou não tenha o desgosto de vêr a hypocrisia disfarçada debaixo do dominó da ingenuidade do artista...adeus até logo *(sae.)*

SCENA II

Jayme *(só)*

Que optima escola!... e que experiencia! esta rapariga por mais que me digam ou tem sido uma grande namoradeira... ou é uma victima infeliz de algum crime da mocidade!... *(pensativo)* Oh! mas seja como fôr, o que eu sinto é que a amo. *(batem á porta Jayme vae abrir)* Quem será?..!

SCENA III

Jayme e Custodio

CUSTODIO. Tem a bondade de dizer-me se aqui é que mora um rapaz, que é pintor.

JAYME. *(atalhando)*, Sim senhor. Tem a bondade de entrar.

CUSTODIO. *(entrando)*. Ah! é o senhor?... muito bem pois eu vinha aqui para pedir-lhe um favorsinho...

JAYME. Pois não; meu caro... estou ás suas ordens, tem a bondade de sentar-se... *(indica-lhe uma cadeira)*

CUSTODIO. *(sentando-se)*. Eu venho aqui para pedir ao meu amigo um favorsinho... Sim... eu parece-me que já ainda agora disse isto... mas é a mesma cousa.

JAYME. *(áparte.)* Já vejo que é massador...

CUSTODIO. Ora o que eu quero, é uma cousa muito simples... jámais sabendo eu por tradição que o meu amigo é um perfeito artista...

JAYME. *(interronpendo-o)* Oh! senhor...

CUSTODIO. Não senhor; o seu a seu dono... mas vamos ao que importa; eu preciso d'uma obrasinha. *(puxa por*

Digitized by Google

a caixa do rapé e toma uma pitada.)

JAYME. *(áparte.)* Custa lhe a desembuchar...

CUSTODIO. Ora como eu ia disendo... preciso d'uma obrasinha feita a capricho... quero que o meu amigo empregue com ella todos os seus cinco sentidos.

JAYME. Parece-me que advinho...

CUSTODIO. Sim? então o que é?!... o que é?!...

JAYME. Provavelmente o retrato de v. s.ª

CUSTODIO. Deu no vinte... não, não deu no vinte, chegou só a desanove... inda lhe falta um ponto... é um retrato, é verdade, mas não é o meu...

JAYME. O retrato d'alguma querida do seu coração?...

CUSTODIO. *(levantando-se e abraçando Jayme com alegria).* Ah!... agora... agora advinhou. Já vejo que o meu amigo é um rapaz de espirito, pois effectivamente é o retrato d'uma pequena por quem eu ando louco d'amores, e a quem o desejo offerecer na primeira occasião.

JAYME. Pois emquanto ao meu trabalho, pode v. s.ª ficar descançado. *(áparte)* quando um homem d'esta idade se apaixona, o que deve então fazer um rapaz?!... quem sabe talvez seja mais feiiz do que eu...

CUSTODIO. Obrigado, meu amigo, obrigado; ora agora o que eu tenho a pedir-lhe é muita descripção n'este negocio. *(tirando uma photographia da algibeira)*, Isto são cousas muito simples... é verdade qce não compromettem ninguem, no entanto o segredo sempre é bom quando se prepara uma surpresa... Eis a photographia d'esse anjo que o meu amigo, graças ao seu talento, irá reprodusir n'um quadro primoroso.

JAYME. *(pegando na photographia e vendo. A'parte muito exaltado)*. O retrato de Julia... oh!... não!... não é possivel... estarei eu sonhando, meu Deus... *(affirmando-se)* não, não é um sonho; é a pura realidade... E' o retrato d'ella não ha que duvidar...

CUSTODIO. Ora diga-me uma cousa... o amigo tem alguma cousa?... está tão pallido?... está incommodado?...

JAYME. *(affectando serenidade)*. Não tenho nada, senhor... uma pequena perturbação. *(áparte)* Ainda me

Digitized by Google

custa a acreditar que Julia levasse a sua loucura a ponto de dar o seu retrato a um velho tão imbecil.... Oh! mas se assim é, juro que heide vingar-me.., e a primeira victima da minha vingança... será este monstro.,. *(correndo para Custodio mas detendo-se subitamente).* Mas que vou eu fazer?,..

Custodio. *(áparte)* O rapaz endoudèceu... por mais que me digam... *(alto)* Oh! amigo, agôra com franqueza o senhor não está bom... precisa talvez d'alguma cousa?... Veja lá... não... não faça ceremonia comigo... *(áparte)* Eu estou morto, mas é por me safar...

Jayme. E' verdade; sinto-me um tanto indisposto... e n'esse caso, pedia a v. s.ª o obsequio de cá voltar mais tarde.

Custodio. Pois não .. já podia ter dito isso ha mais tempo... *(apertando-lhe a mão)* então adeusinho até logo... e heide estimar as melhoras.... sim?... *(sáe).*

Jayme. *(áparte)* Ah! que não sei como pósso conter-me...

SCENA IV

Jayme *(só)*

Julia enganar-me d'esta fórma... e eu que a amava tanto... eu... que toda a minha aspiração era grangear do trabalho, inspirado pelo seu amor, um nome brilhante de gloria para um dia lhe depôr a seus pés um futuro risonho de felecidade... vêr agora destruidas n'm momento as illusorias esperanças de toda a minha mocidade... Oh!.... é horrivel.... *(depois de um momento, rindo despropositado)* Ah!... ah!... ah!... insensato que eu sou!... ter a desfaçatez de me apaixonar por uma voluvel que, escarnecendo talvez os meus sentimentos, se rirá á minha custa com o primeiro que lhe appareça... E sobre tudo o papel ridiculo que eu tenho feito em tudo isto... sempre sou muito tolo... em crer no amor das mulheres!...

SCENA V

Jayme e **Julia**

Julia. Está a rir sosinho? o que quer isso dizer?...

Digitized by Google

JAIME. (*á parte*). Mau... ella comigo... vem em boa occasião... (*alto rindo*) Ah!... ah!... ah!... ó visinha, inda me está a parecer impossivel como eu ainda agora sustentei por alguns minutos o papel de apaixonado, sem desatar ás gargalhadas... (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... Tinha cá minhas desconfianças que havia de ser um bello galan dramatico, e quiz fazer uma experiencia com a visinha...

JULIA. Uma experiencia comigo?... pois a declaração que o visinho me fez era...

JAYME. Brincadeira pois a menina acreditou... (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... Parece impossivel que a menina me julgasse tão tolo, a ponto de me crer apaixonado por uma mulher do seculo XIX!...

JULIA. (*zangada*) Senhor!... (*áparte*) bem o prophetizej... e eu que já o amava... em tudo sou infeliz... jámais conhecerei a verdadeira felicidade...

JAYME. Soffrâmos com paciencia... (*á parte*) quer vêr se me sensibilisa...

JULIA. Bem m'o advinhava o coração!...

JAYME. O que?... o que!... (*rindo*) Ah!.. ah!... ah!... coração!... pois a visinha tem coração?!...

JULIA. Não; é talvez o senhor com essas gargalhadas em face da mulher que teve a fraqueza de mostrar-lhe que o ama... é o senhor que tem coração?!...

JAYME. E tenho sim senhora... e a prova que o tenho, é que o sinto aqui bater (*indica o peito*) como nunca o senti!

JULIA. Basta de cassoada, senhor.

JAYME. (*á parte*) Máu... que temos mudança de scena (*alto.*) Mas... visinha, socegue... por dois dias que havemos de viver, não vale a pena a gente alterar-se nem um só momento... é necessario encarar este mundo com o maior sangue frio, para que um dia não tenhamos de sossobrar vergonhosamente n'este oceano de desenganos... um ultimo caso que se deu comigo... a minha unica illusão perdida tornou-me o maior cynico do mundo... se hoje faço uma declaração amorosa a uma mulher... amanhã dou o meu retrato a outra... no dia seguinte (*áparte*)

Digitized by Google

não percebeu!... nem a mais leve perturbação (*alto*) no dia seguinte rojo-me aos pés d'uma terceira... e se apparecer uma quarta... uma quinta... uma sexta... e uma septima... a todas faço a minha declaração amorosa... sem comtudo sentir amor algum por ellas... a isto... visinha, é que se chama cumprir á risca as leis vigentes da moda?...

Julia. Bravo! é essa a theoria do amor?...

Jayme. E' verdade, visinha; porém são as mulheres que fazem com que nós não creiamos no amor... pois no seculo presente a mulher é o synonymo da inconstancia,

Julia. Agradeço-lhe em nome do meu sexo tão lisongeira affirmação...

Jayme. Esta solução nada tem de lisongeira; mas verdadeira e real.

Julia. D'essa forma encara as mulheres por um prisma bem vergonhoso.

Jayme. Que quer, visinha... se eu perdi todas as illusões da mocidade e do amor, n'um só momento, mas paciencia! foi mais um desengano na minha vida.

Julia. Apósto que me não póde provar o que tem dito...

Jayme. Oh! se posso... bastava abrir-lhe o meu coração... mas não... não quero... rir-se-hia de mim.

Julia. Não tem confiança em mim, já vejo...

Jayme. Ter confiança em mulheres que... fraqueza.

Julia. Acreditarmos ainda nos homens... que asneira!...

Jayme. Pois vou provar-lhe a verdade d'esta asserção ouça, foi um caso passado na minha infancia, mas do qual bem me recordo, pois o archivei no meu coração. Perto da casa de meus pais vivia um artista, com quem travei amisade, pobre, mas honrado, sonhando com a gloria, ideal de todo o artista, quando uma manhã reparou que defronte de sua casa, morava uma mulher... amou-a louca e apaixonadamente como se ama aos vinte annos, foi corrospondido... acreditou em seus juramentos... n'uma palavra, só teve uma aspiração, um desejo... desposal-a... para isso trabalhava constantemente para adquerir gloria

Digitized by Google

e nome, para tudo depôr a seus pés... quando n'um dia... soube que um velho feio. ..e ridiculo... possuia o retrato do seu ideal, disendo que era o retrato da mulher que amava... (*fictando Julia e áparte*) Nem o rubor lhe subia ás faces!.... é demais!... (*alto*) ficou louco de pesar... ho soffrimentos na vida que não teem descripção... No primeiro momento teve vontade de descarregar toda a sua colèra sobre o infame velho, mas susteve-se, porque pensou que tal rival era indigno d'elle... Deixou de trabalhar, soffreu muito... pois.. um primeiro amor deixa recordações para toda a vida... passado algum tempo confessou a si mesmo que toda a mulher era falsa e inconstante... e descreu completamente do amor... tornando-se o maior cynico do mundo... Eis uma historia verdadeira. Que diz a isto? terei eu tambem rasão para descrer das mulheres?...

Julia. Creio que não, um facto excepcional não lhe dá o direito de duvidar de duvidar de todas as mulheres. Quem sabe mesmo se essa mulher seria culpada?... quem sabe se seria a fatalidade quem encadeou todos esses factos tenebrosos para condemnar a pobre infeliz? quem me diz que esse velho não passaria d'um fatuo, gabando-se de ser amado por uma mulher de quem unicamente possuia o retrato?...

Jayme. Mas como explica a posse do retrato?...

Julia. Não sei!.. Em todo o caso, senhor Jayme, nunca é bom julgar pelas apparencias, porque ás vezes iludem...

Jayme. Oh! se assim fosse... (*áparte*) Como eu seria feliz!...

Julia (*áparte*) Ha grande mysterio na vida d'este rapaz... (*retira-se dara um canto da sala.*)

SCENA VI

Os mesmos e **Custodio**, sem reparar em **Julia**

Custodio. Ora eis-me aqui outra vez....

Jayme. (*á parte*) Oh! ainda bem; chegou em boa occasião!

Digitized by Google

Custodio. *(vindo até ao meio da scena.)* Então como vai o meu amigo? sente-se melhor?

Jayme. *(com affectação.)* Um pouco melhor... muito obrigado...

Julia. *(á parte)* Melhor?!... pois elle estava doente? Percebo... a historia que me contou... o enfado que mostrou quando me viu..., aquelle mysterioso cynismo... *(chorando.)* Adeus meus sonhos de felicidade!... *(sae a correr pelo fundo, semque Jayme a veja.)*

SCENA VII

Os mesmos, menos **Julia**

Custodio. Pois creia que estimo tanto as suas melhoras como se fossem para mim...

Jayme. Mas vamos ao que importa. Chegou n'uma bella occasião para tratarmos do que lhe diz respeito.

Custodio. Sim? ainda bem, ainda bem...

Jayme. É verdade... *(á parte)* vou desmascaral-a. *(voltando-se para o logar em que tinha ficado Julia, como surprehendido de a não vêr.)* Oh!... *(á parte)* já se foi!... é uma prova convincente da sua criminalidade!...

Custodio. *(á parte.)* Está-me parecendo que o pobre rapaz ainda não está de todo curado... *(alto)* Pois n'esse caso, meu amigo, desejo saber em primeiro lugar, qual o preço, que tenho de pagar pela minha obra...

Jayme. O preço da sua obra!... *(á parte.)* Eu mato este maroto... *(alto, ironicamente.)* Oh! pois não... muito barato... levar-lhe-hei o modico preço... *(enfurecido)* d'um duello...

Custodio. D'um duello?!... *(á parte)* Não ha que ver... está doido... Pobre rapaz... *(alto)* Ora o amigo deu-lhe agora para cassoar commigo?!...

Jayme. Não cassôo, senhor, fallo sério... Repito-lhe... ha de bater-se commigo n'um duello de morte...

Custodio. *(muito assustado.)* De morte!... *(á parte.)* Então, hein?... não querem lá ver em que bons lençoes estou mettido!... *(alto)* Mas, venha cá... isso é impossivel.., bem vê que...

Jayme. Já disse... senhor... Não admitto réplicas.

Digitized by Google

Custodio. Pois sim, sim... eu não ponho duvida alguma, mas... mas... mas guarde isso lá para mais tarde...

Jayme. Não, ha de ser hoje mesmo, se não quer que lhe chame tão vil, como cobarde...

Custodio. Pois sim, sim... serei lá o que o amigo quizer... mas ha de concordar que...

Jayme. Hesita?... pois bem, vou assassinal-o!...

Custodio. Assassinar-me? mas, senhor, o corpo do cidadão é inviolavel... e isto é uma barbaridade. . uma traição..,

Jayme. Nem mais uma palavra, senhor... (*abrindo uma yaveta da meza.*)

Custodio. Assassinar-me... que atroz situação a minha... que traição... Quem me acode... oh da guarda...

SCENA VIII

Os mesmos e **Julia**, entrando pelo fundo, muito assustada

Julia. Que é isto?... senhor Jayme?... que é isto?... que aconteceu?...

Jayme. (*á parte*) Meu Deus! que fiz eu!...

Custodio. (*encarando Julia.*) Ai! que estou perdido!... Agora percebo tudo... A rapariga de quem eu tinha o retrato... é provavelmente a mulher do pintor... (*lançando-se aos pés de Jayme.*) Perdão, senhor... perdão... mas quem teve a culpa de tudo isto foi aquelle maldito retratista...

Jayme. O retratista?!...

Custodio. O retratista, sim, senhor... (*de mãos postas.*) Mas perdôe-me, sim?... perdôe-me?...

Jayme. Pois sim, homem, está perdoado; mas explique-se...

Custodio. Ora lá vai: eu sou muito curioso em possuir retratos de carinhas bonitas... e tanto assim que tenho um museu lá em casa, p'ra onde destinava o quadro que lhe encommendei... Ora, a semana passada fui a casa do meu retratista, e vi lá o retrato d'esta menina... ora eu não o queria trazer... mas o maldito retratista começou

Digitized by Google

metter-m'o á cara... e eu não tive remedio senão comprar-lh'o....

Julia. (*á parte*) O meu retrato?...

Custodio. Ora já vê que eu não tive culpa alguma.

Jayme. (*á parte*) Julia innocente!... e eu que procedi tão precipitadamente!...

Julia. Mas, senhor Jayme, eu não comprehendo.

Jayme. Perdão, Julia... eu lhe conto tudo... Este senhor apresentou-se-me aqui com o seu retrato, para eu lhe fazer uma reproducção a oleo...

Custodio. Era p'ra figurar lá no museu...

Jayme. Dizendo que estava extremamente apaixonado pelo original, e por isso lh'o queria offerecer.

Custodio. Mas isso era brincadeira

Jayme. Imagine como eu ficaria, ao ouvir uma tal revelação, que me roubava o ideal da minha felicidade...

Julia. E o visinho acreditou que eu fosse capaz de...

Jayme. Perdão, fui muito precipitado, é verdade... mas a luta terrivel que se travou na minh'alma era mais forte do que a voz da minha consciencia....

Julia. Agora percebo. N'esse caso, a historia que me contou...

Jayme. Era a historia dos nossos amores, que eu julgava perdidos para sempre... Agora sou mais feliz do que nunca... porque sei que me ama...

Custodio. Pois, senhores, se eu soubesse o mal que havia d'aqui vir fazer com aquelle maldito retrato, nunca mais queria retratos lá no museu...

Jayme. Socegue, senhor, é verdade que me fez bastante mal, mas ás vezes ha males que veem por bens... Este facto veiu destruir todas as suspeitas que eu ousei fazer recahir sobre o amor de Julia, e hoje julgo-me feliz por vê coroado este sentimento que em breves dias nos unirá para sempre...

Custodio. O senhor não é ainda o marido d'esta menina?

Jayme. Em muito pouco tempo lhe darei esse nome.

Custodio. Uma vez que fui o causador de o meu amig

Digitized by Google

ter suspeitado d'esta senhora, que, em compensação... ser o padrinho do casamento... Acceitam?...

Jayme. Boa lembrança... Será o padrinho do nosso casamento.

Custodio. Mas olhem que é com uma condição...

Jayme. Qual é?...

Custodio. A de me darem os seus retratos lá p'r'o museu.

CÁE O PANNO

FIM

Digitized by Google

NOVE RETRATOS DOIS TOSTÕES

APROPOSITO EM UM ACTO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, Socio honorario
do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representado com applausos em differentes theatros

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24 2.º
LISBOA — 1882

Digitized by Google

PERSONAGENS

Uma senhora.—Uma vendedeira.—Uma velha.—Um rapaz.—Um soldado de cavallaria.—Um creado.—O photographo.—Um sujeito.—Uma creança de 6 annos.—Uma ama de leite. — Uma creada. (As duas ultimas não fallam.)

ACTO UNICO

A scena representa uma galeria photographica, com todos os seus pertences, machina, etc.—Um letreiro em uma moldura dizendo: «Pagamento adiantado.»

SCENA I

O PHOTOGRAPHO. *(com um jornal na mão)* Agora com este annuncio, é que os freguezes vão apparecer aos milhares! Está explendido! *(lendo)* «Grande revolução photographica», retratos economicos e inalteraveis.— Preços nunca vistos! Nove retratos, dois tostões! E' uma verdadeira maravilha esta invenção! Entra o freguez, senta-se, tira o retrato, assoa-se e fica prompto. Mais depressa não é possivel. Se d'esta vez não consigo grande freguezia, então deixo-me d'isto e vou tratar d'outra vida.

SCENA II

O photographo. Um rapaz,
depois uma **senhora** e uma **Creada**

RAPAZ. Tenho a honra de o cumprimentar.

PHOTOGRAPHO. Egualmente.

RAPAZ. Não está cá ninguem?

PHOTOGRAPHO. Sim senhor, estou eú.

RAPAZ. Ninguem a tirar o retrato, é que eu queria dizer.

PHOTOGRAPHO. Isso é outro caso.

Digitized by Google

Rapaz. Então vou-lhes dizer que podem entrar. *(chega á porta e diz.)* Entrem, estamos sós.

Senhora. *(entrando com a creada, cumprimenta com acanhamento e susto.)* Diga-me, virá alguem?

Photographo. O que desejam?

Rapaz. Tirar o retrato.

Photographo. Para isso não é preciso tanto mysterio, tanto segredo! Não é nenhum crime.

Rapaz. O senhor ainda não comprehendeu a historia, esta menina tem um pae...

Photographo. Como todas as meninas.

Rapaz. Que se soubesse que tinha vindo comigo tirar o retrato, era capaz de me matar. E' um malvado.

Senhora. Não digas isso do papá!

Photographo. Querem tirar em grupo?

Rapaz. Sim, em grupo.

Photographo. Pequeno ou grande?

Rapaz. Para nós é o mesmo, a questão é que seja mais barato.

Photographo. Então pequeno.

Rapaz. E' mais elegante.

Photographo. Pois então podem sentar-se, e entreterem-se com os albuns, que eu já venho. *(sae.)*

SCENA III

Os mesmos, menos o Photographo

Senhora. Vae-se fazendo muito tarde!

Rapaz. Não tenhas pressa meu anjo. Olha fallemos do nosso amor.

Senhora. Calla-te, por causa da creada.

Rapaz. Mas dize que me amas.

Senhora. Para que t'o hei-de repetir. Bem o sabes.

Rapaz. *(folheando o album.)* Repara que cara tão bonita.

Senhora. Não gosto que deante de mim elogies outras senhoras.

Rapaz. Ciumenta... Bem sabes quanto te amo. *(dão as mãos.)* Desejava passar assim a vida, a contemplar-te.

Digitized by Google

Senhora. Está-se fazendo tarde, o photographo não apparece e a mamã á minha espera!

Rapaz. Pouco se pode demorar.

Senhora. Que horas são?

Rapaz. *(á parte)* Estou arranjado! *(alto)* São 11 horas pouco mais ou menos. *(volta as costas e finge ver o relogio.)* Bem disse, são 11 horas e cinco minutos.

Senhora. Devéras, não me enganas?

Rapaz. Ora essa!

Senhora, Desconfio que me enganas, deixa ver o relogio.

Rapaz. *(áparte.)* O relogio está empenhado no Vidal. *(alto.)* Pois duvidas de mim!

Senhora. *(puchando-lhe pela corrente.)* Duvido sim, os homens são todos falsos. *(quando lhe pucha a cadeia apparecem logar de relogio, uma caixinha redonda de papelão.)* Que é isto?...

Rapaz. Eu te explico, é uma caixa de obréias,

Senhora. Mas para que a trazes?

Rapaz. Porque tenho o relogio a concertar, adiantava-se muito, está no prego do relojoeiro, e para segurar a corrente puz esta caixa. *(vendo que ella quer abrir a caixa, tira-lhe da mão rapidamente.)*

Senhora. Deixa ver o que está dentro da caixa.

Rapaz. *(áparte.)* Valha-me Deus, é a cautella do Vidal. *(alto.)* Não está nada.

Senhora. Não me enganas, deixa-me ver.

Rapaz. Isso é capricho!

Senhora. Já disse que quero ver.

Rapaz. Não te zangues.

Senhora. Aposto que é alguma carta de amor.

Rapaz. Que tolice!

Senhora. *(zangada)* Pois como não quéres que eu veja. Já não tiro o retrato. E's um monstro. *(para a creada.)* Vamo-nos...

Rapaz. Mas escuta...

Senhora. Nada quero ouvir...

Digitized by Google

SCENA IV

Os mesmos e o **Photographo**

PHOTOGRAPHO. Quando quizerem estou ás ordens.

SENHORA. *(baixo ao rapaz.)* Agora pode-se retratar sósinho.

RAPAZ. Não sejas má!

SENHORA. Deixe-me.

PHOTOGRAPHO. Colloquem-se como quizerem.

SENHORA. Eu não quero tirar.

PHOTOGRAPHO. Como este senhor disse que queria grupo, preparei o cliché maior.

SENHORA. Pois já me passou a vontade de tirar o retrato.

PHOTOGRAPHO. V. Ex.ª devia-me ter dito isso antes de preparar o cliché, porque me causa transtorno e differença estar a trabalhar debalde.

RAPAZ. *(á senhora.)* Vamos, faz-te condescendente:

SENHORA. Já disse que não. Se quer grupo, tire-o com a creada.

RAPAZ. Isto faz perder a paciencia. *(vão sentar-se nos dois extremos da scena, ella abanando-se e elle batendo com a bengala no chão.)*

PHOTOGRAPHO. Então, estou a espera.

RAPAZ. *(levantando-se.)* Vamos ao grupo. *(á creada.)* Anda cá rapariga, senta-te aqui e não te mexas. *(senta a creada na cadeira em frente da maquina, e elle fica ao lado d'ella.)*

PHOTOGRAPHO. N'um instante fica prompto.

RAPAZ. *(á creada.)* Não te rias estupida. *(a creada põe-se muito direita e muito séria.)*

PHOTOGRAPHO. Vão ver que grupo tão artistico.

RAPAZ. *(á parte.)* Eu saio-me e não pago.

PHOTOGRAPHO. Não se mexam.

SENHORA. Uma carta de amor. E' indigno!

PHOTOGRAPHO. Ficou magnifico!

SENHORA. *(ao rapaz.)* Está tudo acabado entre nós. Adeus para sempre.

Digitized by Google

Rapaz. *(ao photographo.)* Posso vir amanhã buscar os retratos? *(dirigindo-se para a porta.)*

Photographo. Póde... mas antes tem a bondade... *(indica-lhe o quadro.)* de ler o que está escripto.

Rapaz. *(depois de ler.)* E' previdente. *(aparte.)* Ainda em cima tenho de pagar. *(alto, dando-lhe dinheiro.)* Aqui tem.

Photographo. Muito obrigado, até amanhã. *(baixo.)* Estimo que façam as pazes.

Rapaz. Obrigado. *(Saem ralhando um com o outro.)*

SCENA V

Photographo. *(só.)* E' preciso paciencia, para exercer a minha profissão. Temos que aturar um grande numero de ridiculos, que nos desesperam, ou nos fazem morrer a rir. Um que é vesgo, quer ficar no retrato com os olhos direitos, outro que é pellado, quer ficar com uma grande trunfa, outro que traz ao peito um alfinete com pedras falsas, quer que ellas brilhem no retrato. Emfim não me admira que algum dia veja em qualquer kalendario: São Fulão de Enzóes, photographo e martyr.

SCENA VI

O Photographo e a Vendedeira

Vendedeira. *(entrando.)* Haja saude e patacos.

Photographo. O mesmo lhe desejo.

Vendedeira. Venho buscar os meus retratos.

Photographo. Meia duzia, não é?

Vendedeira. Deixe ver se me chegam. *(contando pelos dedos.)* Um para o Pedro, outro para o Manuel cocheiro, dois, outro para o Custodio das escas, tres, outro para o Torto da Ribeira Nova, quatro, outro para o Vicente Bugalho, cinco, e um para mim. seis. Está bem, não preciso mais.

Photographo. *(dando-lh'os.)* Ora veja lá como sairam.

Vendedeira. Que cara é esta?

Photographo. A sua.

Digitized by Google

Vendedeira. Isso não pode ser, voce enganou-se, eu sou trigueira, não sou mulata, e este retrato é de uma mulata, e bem escura, parece a cara d'um carvoeiro! Fiquei com um bocadinho da saia levantada para mostrar o meu pé, que todos dizem ser muito pequeno, e aqui representa um pé enorme, um verdadeiro pé inglez.

Photographo. *(interrompendo-a.)* Ficou um pouco escuro, mas isso não é defeito, está até muito parecido...

Vendedeira. *(idem.)* Não diga isso, que me dá vontade de rasgar o retrato. *(vendo os retratos que estão pelas paredes)* Veja, se encontra aqui um retrato tão queimado como está o meu! *(affirmando-se n'um retrato.)* Meu Deus!

Photographo. O que foi?

Vendedeira. Estou vendo, e parece que é mentira!

Photographo. Mas o que é?

Vendedeira. E' o seu retrato! E com outra mulher! Canalha! Miseravel! Tratante! Vou-te partir um braço.

Photographo. Mas a quem?

Vendedeira. *(apontando um retrato.)* A esse miseravel! A esse canalha! Ai! eu morro, eu abafo, não posso mais. *(cae suffocada a chorar sobre o sophá.)*

Photographo. Mas, rogo-lhe me explique...

Vendedeira. Vá para o diabo!

Photographo. Mas...

Vendedeira. Deixa-me desabafar...

Photographo. Pois desabafe! *(áparte)* Acho-lhe graça...

Vendedeira. Quando foi que elle veio tirar esse o retrato?

Photographo. Qual retrato?

Vendedeira. O Pedro.

Photographo. Qual Pedro.

Vendedeira. *(indicando-lhe o retrato pendurado.)* Aquelle maroto que alli está, ao lado d'aquella delambida. *(chorando.)*

Photographo. Já percebo. Veiu ha quinze dias pouco mais ou menos.

Vendedeira. E veio buscar os retratos? Quantos tirou?

Photographo. Dois. Então conhece-o?

Digitized by Google

Vendedeira. Até de mais. Eu lhe conto. Ha dois annos e meio que nos amamos, e não imagina os sacrificios que tenho feito por elle. O pouco que tenho pertence-lhe, tenho-lhe dado tudo... *(dando um socco na moldura.)* Canalha!

Photographo. Olhe que me parte o vidro, e eu não tenho culpa...

Vendedeira. Tem rasão; desculpe, estou fora de mim... um maroto que tanto tenho amado, fazer-me uma partida d'estas... E' para rebentar de desespero. Mas deixa estar que não as perdes. Nunca me passou pela ideia que fosse tão malvado que me enganasses, e então com quem, com a vadia da Alexandrina, que não tem habilidade para nada, e que é a vendedeira mais pelintrona que freqüenta a praça. Mas eu me vingarei... Canalhas. Venda-me os retratos d'aquelles monstros.

Photographo. Não posso, não me authorisaram a venda; é prohibido.

Vendedeira. Vou procural-os e hei-de dar que fallar, não sabem ainda quem eu sou.

Photographo. Aqui tem os seus retratos.

Vendedeira. *(guardando-os.)* Não prestam, mas paciencia, ficarei com elles assim. Agora emquanto aquelles dois *(indica o quadro com o punho fechado.)* Vamos ajustar as nossas contas.

Soldado. *(á porta.)* Posso penetrar?

Photographo. Penetre.

Vendedeira. Não é feio o penetra do soldado. *(sae.)*

SCENA VII

O Photographo e o Soldado

Photographo. Dessa?

Soldado. Tirar o retrato.

Photographo. Vamos á isso.

Soldado. Dos mais baratos.

Photographo. Busto.

Soldado. Busto é bom?

Digitized by Google

Photographo. *(á parte.)* Que grande estupido. *(alto.)* E' só meio corpo.

Soldado. Não quero. Hade ser todo inteiro que é para a minha noiva.

Photographo. Pois tambem se arranja.

Soldado. E quero ser retratado a cavallo.

Photographo. Isso não pode ser.

Soldado. Ora essa! O Pintagrilho cabo lá de meu regimento tirou o retrato a cavallo, e o animal ficou tão bom que só lhe falta fallar.

Photographo. Quem o Pintagrilho?

Soldado. Não o cavallo.

Photographo. *(á parte.)* Já viram um bruto assim? *(alto)* Bem sei que se tiram retratos a cavallo; mas aqui o local não se presta para esse trabalho; por isto só lh'o posso tirar a pé!

Soldado. Visto não poder ser d'outra maneira... mas então quero ao fundo um castello com a bandeira portugueza, á direita uma barraca de campanha, e aos meus lados uns obuzes. Um verdadeiro retrato de militar em campanha, assim como o retrato de Napoleão da França, n'um quadro que se vende no bazar da rua Augusta.

Photographo. Tambem não póde ser, porque não tenho aqui esses apetrechos de guerra. *(á parte.)* E' bruto e estupido! *(alto, mostrando-lhe uma photographia.)* Só lhe posso tirar o retrato como está este soldado da guarda municipal.

Soldado. Visto não poder ser como eu quero. Vá lá assim.

Photographo. *(collocando-o em posição.)* Agora hade estar quieto.

Soldado. Você está a medir-me. Não se encommode, tenho um metro e vinte. E tenho crescido muito desde que sou militar, especialmente quando estou a cavallo.

Photographo. *(compondo-o.)* Esteja quieto. Essas mãos mais atraz, a cabeça mais alta.

Soldado. Assim?

Photographo. Está bem, agora não se mova.

Soldado. E fallar posso?

Digitized by Google

Photographo. Não, esteja callado! Olhe para cá. *(cobrindo-se com o pano.)*

Soldado. E diga-me pode-se rir?

Photographo. Quieto.

Soldado. Estou a suar, não posso estar assim, muito tempo até tenho comichão no nariz.

Photographo. Não se mova, não pestaneje.

Soldado. Estou farto...

Photographo. Prompto. Agora vou mettel-o no banho. *(sae pela E.)*

Soldado. *(despindo a fardeta.)* Bem, vou-me despindo para o banho, eu não sabia que quem tirava o retrato tinha de se banhar, aprender até morrer.

Photographo. *(entrando.)* Que é isso, agora despe-se?!

Soldado. Então quer que entre no banho vestido!

Photographo. Qual banho, nem qual diabo, o banho é para o retrato. Agora só o que lhe resta é pagar e vir depois buscar o retrato.

Soldado. O que quero é que fique bom. *(paga.)* Adeus vou para o quartel. *(sae.)*

SCENA VIII

O **photographo**, uma **velha**, um **sujeito**, uma **criança** e uma **ama** com outra ao collo

Velha. *(com um cão preso por um cordel.)* Com licença.

Photographo. Podem entrar. *(á parte.)* Que collecção! Era digna de figurar no museu d'arte ornamental.

Sujeito. Queremos tirar os retratos.

Velha. *(ao photographo.)* Não faça bulha, para não acordar o menino. *(á ama.)* Ama, abafe bem esse anjinho. *(á creança.)* Zi, zi, não mechas em nada.

Photographo. E' grupo que querem.

Velha. Sim, grupo, mas que não custe muito caro.

Photographo. Isso é segundo o tamanho.

Velha. Tamanho natural.

Sujeito. Não mulher, isso é muito caro. E em grupos não se usa.

Digitized by Google

Velha. Ora adeus, não teimes. As Silvas do Arco do Marquez de Alegrete, dão-se muito com a familia do conselheiro Pinto, que é da marinha, e essa tem um sobrinho casado com uma senhora que lhe trouxe uma boa fortuna, e foi a semana passada tirar um grupo só de pessoas de familia, em que entrou a ama do pequeno, o professor de piano da D. Constança, o major Pimenta, e o dr. Sequeira, aquelle que tu dizias namorava a Prudencia. Lembras-te?

Sujeito. Não me lembro.

Velha. Oh! homem de Deus, o Sequeira que era socio do gremio, e que em casa das Paschoaes, da rua dos Cavalleiros, cantava modinhas á viola, no dia da procissão dos Passos. Estás mesmo desmemoriado...

Sujeito. (*á parte.*) Se lhe digo que não me lembro, é capaz de me tirar os olhos... (*alto.*) Agora, agora lembro-me perfeitamente.

Velha. E o grupo que tiraram foi em tamanho natural.

Photographo. Corpo inteiro é que a senhora quer dizer.

Velha. Exactamente. E quanto custa?

Photographo. São cinco pessoas.

Velha. (*mostrado o cão.*) Seis.

Photographo. Não tinha reparado. (*mostrando-lhe um grupo photographico.*) Assim n'este gosto custa a primeira prova tres mil réis.

Velha. Isso é muito caro!

Photographo. As seguintes são a dez tostões.

Velha. Pois está dito, o senhor fica com a primeira prova para pôr em exposição, e nós levamos a segunda.

Photographo. Já vejo que não comprehendeu. O primeiro retrato que levar custa-lhe tres mil réis.

Velha. Agora entendo. E ficará com polimento?

Photographo. Fica gelatinado. E' o systema mais moderno.

Velha. Ainda assim acho muito caro.

Photographo. E' por causa das crianças, nunca estão quietas...

Velha. Os meus ao contrario estão muito bem educa-

Digitized by Google

dos, sabem obedecer que é a primeira obrigação dos filhos. *(á creança que tem subido a uma cadeira.)* Tira-te d'ahi menino.

Creança. *(deitando a lingua de fóra.)* Não quero... não quero...

Photographo. *(á parte.)* Bem se vê, que está bem educado!

Velha. Estas creanças são capazes de fazer perder a cabeça um santo. *(ao sujeito.)* Oh! homem parece que estás a dormir, faze descer essa creança.

Sujeito. Menino, já para baixo.

Photographo. Já venho, vou preparar o cliché, não me demoro, no entretanto podem-se entreter com o seu album. *(dá-lhe o album e sae.)*

SCENA IX

Os mesmos, menos o **Photographo**

Velha. Muito se parece este photographo com o Polycarpo de Corroios.

Sujeito. Não acho...

Velha. E' a cara d'elle. Logo heide-lhe perguntar...

Creança. Quero ver os bonecos.

Velha. Anda aqui para o meu lado e está quieto. *(senta-se junto ao pequeno e começam a ver as photographias.)* Olha cá está o retrato da Quiteria.

Sujeito. Qual Quiteria?

Velha. A de Cacilhas que ia todos os dias aos banhos á Margueira, e que namorava o Chico, a quem puzeram o alcunha de Gaveta.

Sujeito. Não me lembro.

Velha. Oh! homem de Deus. Aquella rapariga alta, picada das bexigas, que dava bailes ameudadas vezes, e que frequentava á noite o cães trazendo á trella um enorme cão da Terra Nova.

Sujeito. Agora, agora lembro-me.

Velha. Olha cá está a Januaria?

Sujeito. Qual Januaria?

Velha. A que andava muito com a Quiteria, e que na-

Digitized by Google

morava aquelle rapaz gago, que andava sempre montado n'um burro todo preto.

Sujeito. *(á parte.)* Quer por força que me lembre. *(alto.)* Sim lembro-me perfeitamente.

Velha. Olha aqui tens o major Sousa, que foi do 7 e hoje está reformado, esse era muito teu amigo.

Sujeito. *(á parte.)* Nunca o vi mais gordo.

Velha. Está muito parecido. Elle ainda namorará a Germana, aquella pequena, com cara de alvar e dentes ruidos pela carie?

Sujeito. Eu sei cá.

Velha. Tambem não sabes nada, nem serves para nada.

Sujeito. Em compensação tu sabes tudo, e lembras-te de tudo.

SCENA X

Os mesmos e o **Photographo**

Photographo. *(entrando.)* Estou ás ordens, quando quizerem ..

Velha. Vamos! *(deixa o album á creança que começa a a arrancar as folhas.)* Ora diga-me uma cousa. o sr. não se chama Polycarpo e não é de Corroios, e não tem um filho que é compositor, e anda sempre de botas de montar e esporas.

Photographo. Não minha senhora.

Sujeito. Eu bem te disse.

Velha. Pois parece se muito. Diga-me como se chama.

Photographo. Caetano Leal, para servir a v. Ex.ª e a todos que se queiram photographar.

Velha. E de que terra é?

Photographo. De Constana.

Velha. Já vejo que me enganei. Pois julgava que era de Corroios, e que pertencia a uma familia muito da minha amisade. A familia Polycarpo é como é conhecida. O mais velho era muito rico, tinha tido uma loja de pannos de linho na rua Augusta, parece-me que o estou vendo com as suas grandes barbas louras, sempre vestido de preto e com toda a gravidade. A irmã era viuva de um

Digitized by Google

official de veteranos, valente militar que deixou um braço n'uma campanha, um olho n'uma acção, e uma perna n'uma tomada. Era um heroe, mas muito feio...

Sujeito (*á parte, sentando-se.*) Temos conversa para duas horas.

Velha. E que pessima vida que elle dava á mulher, era damnado com ciumes o mafarrico do homem, assisti a scenas tormentosas entre os dois. Coitada pobre mulher, só acabou de soffrer quando o marido morreu. Ha casamentos bem desgraçados. Emfim cousas d'este malfadado mundo.

Photographo. (*á parte.*) E não se cala.

Velha Todas estas recordações me vieram aproposito da sua parecença com a familia da minha amisade.

Photographo. Pois nada tenho com essa familia.

Velha. (*reparando na creança.*) Que estás fazendo, menino? (*a creança foge e esconde-se agarrado ás saias da ama.*) Vou dar-te uma tareia.

Sujeito. O que foi?

Velha. (*mostrando-lhe o album.*) Olha!...

Photographo. Não faça caso, foi o album que o menino rasgou, são creanças... Mas, então vamos ao grupo.

Velha. Vamos.

Photographo. Querem que eu o faça?

Sujeito. Sempre fica melhor.

Photographo. Então venham cá! (*todos se agrupam em volta do photographo que os vae collocando.*) A ama aqui, em pé, com o menino nos braços... (*a ama sempre embalando a creança.*) A outra creança aqui no banco. (*ao sujeito.*) O senhor aqui encostado a esta cadeira, a senhora sentada com o cão no collo. A ama olhando a creança. O menino do outro lado fazendo festas ao cão, e o senhor olhando sua esposa, com ar prazenteiro, como quem diz: que felicidade, que encanto.

Sujeito. Sahirei com pouca expressão?

Photographo. Ao contrario, fica um grupo verdadeiramente artistico.

Velha. Pois eu tinha-o imaginado d'outro modo. (*levantando-se.*)

Digitized by Google

Photographo. Então tenha a bondade de o dizer.

Velha. Não gosto que fiquem uns olhando de frente e outros de lado. Desejo tudo a olhar para a frente, mesmo que olhem uns para cima e outros para baixo.

Photographo. Será como a senhora quizer.

Velha. *(ao marido.)* Tu lembras-te como as Gonçalves tiraram o grupo photographico, que teem na sala pendurado por cima do piano?

Sujeito. *(á parte.)* Nem de tal cousa me lembro. *(alto.)* Sim, lembro-me perfeitamente.

Velha. *(ao photographo.)* O pae estava assim *(indicando com o gesto.)* em pé. A senhora ao lado d'elle em pé tambem. As filhas sentadas adeante em um sofá com as mãos dadas, e ao lado esquerdo Felismino, um sobrinho, que elles tem, que é boticario inventor d'umas pilulas para desembaraçar o estomago, e que esteve para casar com uma das primas, qual d'ellas não sei...

Photographo. *(á parte.)* Pois é pena!

Velha. Ora assim é que estava o grupo. Todos de frente.

Photographo. Pois seja assim, ficarão todos de frente *(colloca-os.)* O sr. aqui, a ama aqui, agora a senhora aqui, quietos e olhem a machina. *(Todos ficam muito direitos, menos a ama que continua a embalar a creança.)*

Velha. Espere um instante.

Photographo. Que deseja.

Velha. Vejo que Pancracio não fica de frente.

Photographo. Mas qual Pancracio.

Velha. O meu filho. Acha o nome raro, pois foi gosto do padrinho, que é um homem de muito talento, até escreve peças para os theatros.

Photographo. *(á parte.)* Por isso elle poz ao afilhado um nome de comedia. *(alto.)* Pois volte para cá o menino.

Velha. *(á ama.)* Cuidado não o acordes. *(a ama volta-o com todo o cuidado.)* Assim, fica perfeitamente.

Photographo. Tornem-se a collocar e sentido. *(collocam-se como estavam.)* Bem, agora quietos.

Velha. *(á creança.)* Não te mechas menino.

Digitized by Google

Photographo. Não se mexam. *(colloca-se por detrás da maquina e cobre-se com o panno preto.)*

Creança. *(esconde-se nas saias da mãe a chorar.)* Tenho medo.

Velha. Está quieto.

Photographo. *(á parte.)* Maldito. *(alto.)* Assim não pode ser. Já me vão aborrecendo.

Velha. Assustou-se, como o vio tapado com o panno. Não tenhas medo, este senhor não faz mal.

Photographo. *(fazendo-lhe festa.)* Coitadinho! *(á parte.)* Parece um macaco. *(torna para a machina.)* A ama que esteja quieta.

Velha. Não pode, senão acorda a creança.

Photographo. Assim é impossivel tirar retratos.

Velha. Mas se a creança acorda, começa a chorar, e não fica bom o retrato.

Photographo. Chorando, tambem não o posso tirar.

Velha. O sr. é muito exigente. *(levantando-se.)*

Sujeito. *(á mulher.)* Mas, menina.

Velha. Calla-te.

Sujeito. Já estou callado.

Photographo. Se não estão quietos renuncio a tirar-lhes o retrato. Estou farto.

Velha. Lembro-se que está fallando com uma senhora.

Photographo. Pois minha senhora vae-me faltando a paciencia. Ha que tempos que lhe estou escutando uma grande quantidade de historias, a que não ligo a minima importancia.

Velha *(ao marido)* Ouves o que diz este homem?

Photographo. Sabe que mais, minha senhora, se seu marido lhe atura tudo, eu é que não estou resolvido a atural-a.

Velha. Homem, não vez que me estão insultando. És um cobarde! *(ao photographo)* Se eu fosse homem...

Sujeito *(ao photographo)* Não faça caso.

Velha. Havia de me dar uma satisfação. Ama, vamo-nos embora; se me demoro mais rebento.

Photographo. Vão com Deus. *(á parte)* E com todos os diabos que os carreguem.

Digitized by Google

Velha *(ao filho)* Anda menino.

Creança Não quero sahir, quero que me tirem o retrato.

Velha *(ao marido)* Pega-lhe ao collo ou dou-lhe um puchão d'orelhas. *(o sugeito pega na criança que chora e esperneia)* Anda.

Sujeito *(ao photographo)* Vivo assim ha doze annos.

Photographo. Tenho dó do senhor.

Sujeito *(idem)* Muito obrigado.

Velha *(saindo)* Anda *(para o photographo)* Eu o arranjarei, heide contar isto nos jornaes *(sahem.)*

SCENA ULTIMA

Photographo, *(só)* e depois a **Vendedeira** e o **Creado**

Photographo. Não torno a tirar retratos de familias em grupos, senão pelo dobro do preço, são os que dão mais massada e interesse nenhum. Fizeram-me perder um tempo preciozo, para nada...

Vendedeira *(entrando com o Creado)* Boas tardes.

Photographo. *(áparte)* Outra vez!

Vendedeira Ora aqui estou eu já de volta.

Photographo Então, que ha de novo?

Vendedeira Ora o que hade haver. Aonde está o retrato?

Creado Sim, aonde está o retrato? Sempre o quero vêr.

Vendedeira Pois julgas que sonhei! *(mostrando-lhe o retrato)* Olha alli o tens, malvado.

Creado Olha que eu não sou para graças, cuidado com esses modos.

Photographo *(áparte)* Bonito, temos outra questão.

Creado *(ao photographo)* Tire d'ahi esse grupo, e de-mo cá. *(o photographo dá-lhe o retrato. Rasga o retrato)* Aqui tens o cazo que faço d'elle, estás satisfeita?

Vendedeira *(muito alegre)* Muito contente! *(abraça-o).*

Creado Tens ahi dinheiro?

Digitized by Google

VENDEDEIRA Tenho.

CREADO Dá-me todo o que tiveres.

VENDEDEIRA *(dando-lho)* Aqui tens, não fico nem com cinco réis.

CREADO *(ao photographo)* Agora tire-nos o retrato em grupo. Pago eu tudo.

PHOTOGRAPHO *(áparte)* Podera, com o dinheiro d'ella. Ainda as ha!

VENDEDEIRA Agora estão as pazes feitas. Tú gostas muito de mim? *(abraça-o)*.

CREADO Muito, quero-te muito, havemos de ser muito felizes. Mas agora vamos ao retrato.

PHOTOGRAPHO Perdão, agora hão de esperar um pouco, porque todos aquelles senhores e senhoras estão primeiro, *(indicando o publico)* e querem tirar o retrato pelo systema moderno *(colloca a machina frente para o publico)* Não se mecham... para os retratos ficarem bons. Assim ficam magnificos, e sobre tudo muito baratos, nove retratos 200 réis. *(Ao publico)*

COUPLETS

Esta comedia parece,
Tão sómente um bom reclame,
Mas não creio que ao artista
A concorrencia elle chame.

Não foi obra d'encommenda,
É fructo d'observação,
De muitas couzas ratonas,
Que por esse mundo vão.

O author quiz-vos mostrar,
De typos a galeria,
Que podem ser encontrados
Em uma photographia.

Fazendo sobresahir
Dos typos originaes
Os ridiculos de que soffre
Certa casta de mortaes.

Digitized by Google

Se não conseguio com arte
Provocar a gargalhada,
Sêde indulgentes com elle,
E não lhe deis pateada.

E aos artistas que os exforços,
Fizeram por agradar,
Vos roga aqui submisso
Que palmas lhes queiraes dar.

D'esta sua petição
Elle espera se lhe dê
Redondo deferimento
E receberá mercê.

CAE O PANNO.

Digitized by Google

Digitized by Google

21

DIOGO JOSÉ SERÔMÊNHO

A ORPHÃ

DRAMA EM UM ACTO

(Representada com applauso no theatro Gil Vicente)

PREÇO 160 RÉIS

LISBOA
TYP. EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMP.ª
Praça de D. Pedro, 67
1873

Digitized by Google

Digitized by Google

C

DIOGO JOSE SEROMÊNHO

A ORPHÃ

DRAMA EM UM ACTO

Representado no theatro Gil Vicente

Offerecido ao meu particular amigo Augusto Cesar de Vasconcellos

DIOGO SEROMENHO—EDITOR
Escriptorio, rua do Crucifixo n.º 61, 2.º
LISBOA

Digitized by Google

PERSONAGENS

MARIA	Guilhermina.
DOROTHEA	Julia.
AMBROZIO	Lara.
MARTINHO	Ferreira.
JULIO	Castro.
ANDRÉ	Pinto.

Côro, d'aldeãos e aldeãs

A scena passa-se n'uma aldeia do Minho

ACTO UNICO

A scena representa uma sala terrea mobilada ao gosto aldeão, portas e janellas

SCENA I

DOROTHEA e MARIA (bordando o manto)

Dorothea. Que serão tão grande, se não tivesses que acabar esse manto, para Nossa Senhora, ha que tempos estaria dormindo. Já pouco te deve faltar?

Maria. Está quasi prompto, porém tenho tanto somno que mal posso continuar, sinto pouco a pouco serrarem-se-me os olhos, e se não fosse para a Virgem Santa... mas, minha tia, que tal lhe parece? (*mostra-lhe o manto*).

Dorothea. Lindissimo!

Maria. Martinho teve muito bom gosto, não é verdade? Pobre rapaz, quantos sacrificios lhe custou esta piedosa promessa...

Dorothea. E' verdade, todo o anno, andou juntando para comprar essa seda, e elle é tão pobre.

Maria. Muito pobre, mas muito honrado.

Dorothea. Quem diz o contrario...

Maria. Eu, que sou orphã e pobre, nunca pen-

Digitized by Google

saria em poder levar á egreja, este manto, sem o generoso auxilio d'aquelle que ha seis annos é metade da minha vida...

Dorothea. Queres-lhe muito?

Maria. Sim, minha tia, penso n'elle, como se estivesse sonhando em prazeres, em thesouros e em deslumbrantes palacios, lembro-me constantemente da sua imagem, e creio que os nossos suspiros se abraçam no espaço. A tia não gosta que o ame; mas é-me impossivel occultal-o.

Dorothea. Enganas-te Maria, eu cuido sómente do teu futuro, e emprego os meios de cumprir pontualmente a vontade de teus pais. E para que t'o hei-de occultar, entre o amor de Martinho, que nada tem, que vive de mesquinho trabalho, passando horas e horas nas fainas do campo, entre esse amor que não me recorda como ouvi chamar-lhe... platonico, me parece que dizia o boticario, pois entre esse amor... platonico, que não te assegura pão, nem te offerece um bom futuro, e o do sr. Julio, que cada dia está mais louco d'amor por ti, e que é n'esta terra, o mais rico proprietario, não vacillo nem duvido afastar-te de Martinho, porque não quero que soffras mais pobreza, nem mais trabalhos. Estou velha Maria, tenho soffrido muitos desenganos, e sei de mais, que n'este malfadado mundo, se conta a felicidade pelo dinheiro.

Maria. A felicidade não é essa!

Dorothea. Entretanto não é possivel desprezar o filho do sr. Ambrozio. E' nosso senhorio, e teu tio... enfim... teu tio deve-lhe...

Maria. Bem o sei.

Dorothea. Vamos! seria uma ingratidão da sua parte e...

Digitized by Google

Maria Percebo! A ingrata seria eu, esquecendo que depois da morte de meus paes, vossemecês me perfilharam. A fatalidade foi o ter inspirado ao sr. Julio esse amor tão ardente, e tão vulcanico, como a tia diz.

Dorothea. E assim é... Pois não o vês todas as noites rondando-te a porta. A' pouco me disse João, o seu jardineiro, que por ordem d'elle, tinha feito dois ramos coisa soberba! creio que são d'um tamanho immenso! E como sabe que te fizeram mordoma da festa, tal presente não póde vir em melhor occasião...

Maria. Pois bem não lh'os aceitarei.

Dorothea. Ora essa! E aceitarás os que te estão preparando os moços como costumam todos os annos? Isso seria bonito! Tomariam Martinho, por teu apaixonado, e um escandalo seria certo, logo que o sr. Julio soubesse, que tu não lhe correspondias ao seu amor. Depois seu pae, se vingaria, mandando aqui a justiça, embargar tudo a teu tio, para cobrar as rendas atrazadas. E' isto que queres?

Maria. Minha tia...

Dorothea. Digo-te sem rodeios, que vejas o que fazes. Eu é que não posso desfeitear o sr. Julio...

Maria. Santo Deus!

Dorothea. Nem tão pouco, tenho culpa de que se namorasse de ti. *(levantando-se)*. Pensa bem, e verás que não te aconselho mal. E o manto está prompto?

Maria. Agora mesmo.

Dorothea. Vou lá dentro arranjal-o, e logo iremos á egreja.

Maria. Aqui a espero.

Dorothea. Jesus, não posso mecher-me... uma

Digitized by Google

noite inteira trabalhando! Olha como teu tio ressona! Já o faço espertar. (*Sahe pela porta lateral esquerda, levando o manto, Maria fica abatida*).

Maria (canta)

Ninguem diga que á riqueza
Felicidade o céu dar quiz,
Nós vivemos na pobreza,
Vida alegre e mui feliz.

(*Declamando*). Hoje vejo tudo por outro prisma differente.

Canta

Sonhos queridos,
grata illusão,
que acariciava
meu coração.

Ai doces illusões
de virginal amor
murchas são já
com infernal pallor.

SCENA II

AMBROZIO e MARIA

Ambrozio (*áparte*). Não me enganei. (*alto*). Maria! hoje madrugou muito!

Maria. Ah! está rompendo o dia... comecei a trabalhar á noite...

Ambrozio. Tanto?

Maria. Devia acabar o manto para Nossa Senhora.

Ambrosio. Bem sei! pois eu vou á quinta... fezme madrugar um pedido de meu filho.

Maria. Do senhor...

Ambrosio. Sim. (*áparte*). Sabes dissimular. (*alto*). Vamos, já deves saber dos ramos, eu mesmo t'os trarei, passando agora por aqui, ri-te... e como ha bastante tempo que te desejo fallar.

Maria. A mim?

Ambrosio. Sim... porém sem testemunhas, porque o assumpto é grave, mas querendo tu... quem sabe, talvez fiquemos amigos!

Digitized by Google

Maria. Como?

Ambrozio. Já te zangas?

Maria. Eu! Não comprehendo... meu Deus!

Ambrozio. Vamos mulher! acaso te importuno?

Maria. Não senhor.

Ambrozio (*áparte*). Aproveitemos a occasião de sahir de duvidas. (*alto*). Vamos a ver se me ajudas a exclarecer uma questão, sentemo-nos. (*sentam-se*).

Maria (*áparte*). Jesus?

Ambrozio. A occasião não é opportuna, no entanto decido-me visto, encontrar-te só! (*pausa*). Maria, dizem que és uma deslumbrante formosura, e quem te ouve fallar, ou te vê, deseja logo amar-te. Orphã desde os primeiros annos, e obscura na pobreza, possues todavia dois preciosos thesouros, a formosura, e a virtude! ós que te contemplam, tão pura e bella, deviam levantar um throno regio á tua belleza, e um altar á tua virtude!

Maria. Senhor!

Ambrozio. Attende Maria! Tenho um filho a quem quero muito, e em seu nome, te peço que me escutes. Julio desde que concluiu em Coimbra os seus estudos, mais cêdo talvez do que eu queria, veiu para esta aldeia, onde te encontrou mais formosa do que nunca, e pensa em chamar-te sua esposa. Desde logo notei quanto sentia por ti, e pouco tempo depois tive ocasião de observar, que estava apaixonado, louco. Quiz cortar o mal pela raiz, mas tudo foi inutil, porque só obtendo a tua mão se considera feliz. Pois bem, exigo que com toda a franqueza me digas a verdade, esquecendo-te de que é meu filho, e deixando fallar francamente o coração. Já dei as ro-

Digitized by Google

nhecer quaes são as minhas ideias, resta-me agora saber as tuas.

Maria. Senhor... eu quizera fallar... mas não posso.

Ambrozio. O que te detem?

Maria. O mêdo de responder, e o de callar.

Ambrozio. Já te disse que attendas ao coração, e não disfarces os teus sentimentos, fazes mal, em vacillar, acaso te obrigo? não. Diz-me a verdade Maria... não conheces o motivo porque dou este passo. E dizem que tenho um coração rude... enganam-se. Diz-me pois, com toda a franqueza ha obstaculos?...

Maria (*com decisão*). Pois bem.

Dorothea (*entrando*). O sr. Ambrosio aqui!

Ambrozio (*com aspereza*). Sim senhora!

Dorothea. Desculpe sr. Ambrozio... eu julgava... (*com intenção*). Mas, que é isto Maria, ainda te não trouxeram os ramos? Já tardam. (*Indo á janella*).

Ambrozio (*áparte*). Que diabo de mulher!

Dorothea. São os moços do logar (*olhando maliciosamente para Ambrozio*) julguei que era...

Martinho (*fóra*). Toca a cantar!...

Maria (*áparte*). Ah! que prazer é Martinho. (*Ambrozio falla da janella com os moços. Maria approxima-se*).

SCENA III

Os mesmos, MARTINHO (*e côro á janella*)

(Cantam)

Ha já dias que na aldeia,
a seu tempo o sol não sahe;
como ha de elle madrugar
se de teu lado se vae.

Duas rôlas se escaparam
do sitio do seu ninho,
depois de fugir vieram
a buscar o teu carinho.

Digitized by Google

(Côro)

Abre essa janella,
que o sol brilha já,
e se tu não vens
do céu se irá.

Martinho

Lembras-te Maria
Quando te abraçava
Nas dias felizes
Que são testemunhas,
De como te amava.

Então minhas delicias,
Eram teus amores,
Dedicar-te affectos,
E colher-te nos jardins,
As mais bellas flores.

Linda joia,
Candida flôr,
Acceita,
O meu amor.

SCENA IV

Os mesmos, e JULIO (entrando com um ramo)

Maria (*aparte*). Ah! o seu ramo!

Julio. Eu peço desculpa...

Ambrozio. Porque te retiraste da quinta antes de eu ir como te havia dito?

Julio. Disse-me o João que era costume ir pela madrugada offerecer os ramos e presentes á mordoma da festa... (*Maria approxima-se da janella, com distracção*).

Dorothea. Assim é... esta é a hora em que se costumam trazer os ramos (*Maria pegando n'um dos ramos*). Vê... vê... que bem que cheiram.

Ambrozio (*aparte*). Tem o pensamento n'outra parte!

Maria. Estava-me despedindo do rancho... (*fixando Julio*) ainda aqui!...

Julio. Cada dia mais formosa, e não hei de...

Maria (*sempre á janella*). Já tudo vem ás janellas.

Digitized by Google

Ambrosio. E' natural... já é dia...

Dorothea. E a quem não despertaram as cigarras?

Ambrosio (*ao homem que trouxe os ramos*). João vae á egreja, e entrega esses ramos ao sr. padre Thomé.

Maria. Ah! sim e não te esqueças de dar este... (*o homem sahe pelo fundo levando os ramos*).

Dorothea. E o sr. Julio não se assenta? (*dá-lhe uma cadeira*). Assente-se. O sr. Ambrosio ainda não viu o presente que minha sobrinha offerece á Virgem? Venha ver.

Ambrosio. Vamos lá, esperem aqui.

Dorothea. Talvez tenham alguma coisa que dizer, e assim não teem quem os estorve.

Maria (*áparte*). Meu Deus, só com elle!

Ambrosio (*a Maria*). Meu filho saberá respeitar a virtude, e quando o não saiba, aqui virá quem lh'o ensine.

Dorothea (*áparte*). Que lhe estará dizendo, se podesse advinhar. (*Alto*). Não vem sr. Ambrosio?

Ambrosio. Vamos... (*sahe pela porta lateral*).

Maria (*áparte*). Se vem Martinho! (*pausa, Julio approxima-se de Maria, falla a meia voz*).

SCENA V

JULIO e MARIA

Julio. Gostou das flôres, Mariquinhas?

Maria (*com timidez*). São muito bonitas!

Julio. Mas não tanto, quando deveriam sel-o para egualarem, as rosas que em seu semblante nascem, de cada sorriso, puras como o céu.

Maria. Ah! (*querendo retirar-se*).

Digitized by Google

Julio. Acaso a incommodo! Pertenderá que me cale, quando occulto um amor que por mais tempo não posso abafar? Já o deve saber, não é segredo, o que meus suspiros, respondem a esses olhares que me queimam. Eu não supputnha que o homem ao atravessar o mundo, tivesse que curvar-se, sem escusa ao amor, que para mim tem sido até agora um sonho! Amo a Maria, e entrego a minha ventura, nas suas mãos.

Maria. Julio!... Julio!... E' impossivel! Ha um obstaculo immenso que póde mais, muito mais! a gratidão que devo a meus nobres protectores, que me perfilharam desde tenra idade!

Julio. Para o verdadeiro amor não ha obstaculos Maria! A forte corrente que formam as chuvas de inverno precipita-se de brenhas, e serras, salta por toda a parte, envolve-se em suas rencolhas limpbas com gigantesco impulso, e nada a detem! Essa corrente é o meu amor, que longe de poder acalmar-se, marcha impetuoso, soberbo, e só uma palavra sua poderá subjugal-o, anniquilando seu estrondoso rugido, uma palavra sua Maria... e...

Maria. Não!... O coração d'onde nasceu esse affecto, deixa-se sem duvida guiar por um desejo estranho. O sr. Julio não deve procurar a sua companheira d'alma, n'uma humilde choupana! Nós... ás aldeãs, pensamos d'outro modo.

Julio. De outro modo? Não comprehendo...

Maria. Basta, o senhor é livre, e eu não o sou.

Julio. Não o é? Quem é pois o dono de seu coração, que me rouba o seu amor.

Maria. Um juramento.

Julio. Que nunca se cumprirá! Nasci com altivez, e antes que o destino, me obrigue a vel-a nos bra-

Digitized by Google

ços de outro homem, ou eu, ou elle morreremos. (*apparece Martinho ao fundo*).

Maria. Essa sangrenta ameaça, mostra o veneno da sua ira...

Julio. Sim, a ira... o despeito... tudo quanto entender.

Martinho (*interrompendo-o*). A cobardia!... a infamia!...

Maria. Martinho!

Martinho. Maria!

Julio. Meu Deus!

SCENA VI

MARIA, MARTINHO e JULIO.

(Musica e cantam)

Martinho

Não é homem de bem,
aquelle que a uma mulher,
com taes ameaças,
seu amor, impôr quer.

Julio

A colera me cega,
sinto aqui um vulcão,
seu amor é d'outro,
dispôz do seu coração.

Maria

O que é de nobre berço,
e sente assim o amor,
é muito mais plebeu,
que o pobre trabalhador.

Martinho, oh! meu bem
minha vida, minha illusão,
não assusta minha alma,
sua criminal paixão.

Martinho

Maria, oh! meu anjo,
minha vida, minha illusão
não assusta tua alma
sua criminal paixão.

Eu te amo, eu te adoro,
serei teu defensor,
não ha para mim thesouro,
maior que o teu amor.

Maria

Eu te amo, eu te adoro,
meu nobre defensor,
não ha para mim thesouro,
maior que o teu amor.

Digitized by Google

Julio

Eu sinto que em minh'alma,
não existe outra illusão,
e me roubou a alma
esta fatal paixão.

Eu a amo, eu a adoro,
meu céu, está em seu amor,
maldito seja o ouro,
se triumpha o trabalhador.

(no fim do terceto, desapparece pelo fundo)

SCENA VII

Os mesmos, menos JULIO, AMBROZIO, DOROTHEA e ANDRÉ depois

Martinho. Que fuja da nossa presença. Talvez nem mesmo seu pae saiba, como eu, o que elle será capaz de fazer para vingar-se.

Maria. E tu soffrerás por minha causa Martinho.

Martinho. Não, Maria, este moço está doido. Lembrou-se um dia de ser teu noivo, mas dentro em pouco ha de esquecer-se. d'esse amor tão forte como o... fumo. Fomos creados um com outro, e se elle não perdeu as manhas da cidade eu o arranjarei. E' muito atrevido! Faz hoje um anno teve tambem uma questão... não te recordas... por occasião da festa do lugar?...

Maria. Ah! sim!... Com o filho do Marques...

Martinho. Justamente! era outro estouvado. Assim que viu a Rosinha, que Deus tenha em santa gloria...

Maria. Para que me recordas a minha boa amiga. *(Ambrozio apparece).*

Martinho. O seu nome vem muito a proposito n'esta occasião, e já que por casualidade fallei n'ella, não hei-de occultar-te.

Maria. Que queres dizer Martinho?

Martinho. A verdade.

Ambrozio *(a Martinho).* Silencio, Martinho.

Dorothea *(entrando).* O sr. Julio não está?...

Digitized by Google

André (*entrando*). Não posso advinhar.

Maria. Revella-me esse segredo por Deus te peço Martinho.

Martinho (*aparte*). Isso é que nunca. (*olhando Ambrozio*). Já me ia esquecendo a promessa... (*aparte*). Não receie sr. Ambrozio.

Ambrozio. Vamos, Maria!... A' egreja!... (*sente-se ao longe o côro das mulheres*).

Dorothea. Veem buscar a festeira!...

André. Eia que turba de cachopas!... venham... venham... são mais de duas duzias!...

Ambrozio. Vem commigo Martinho... (*aparte*). A lição que vou dar a meu filho ha de ser terrivel, e exemplar. (*Sahem pelo fundo ao mesmo tempo que entra o côro de mulheres, com ramos de flôres. Durante o côro, Dorothea que tem sahido pela direita, entra com o manto n'uma bandeja, e põe a Maria, um chaile. Ao terminar o côro, todos, menos André, sahem pelo fundo*).

SCENA VIII

MARIA, DOROTHEA, ANDRÉ, e côro de aldeãs

(Cantam côro)

Maria linda Maria,
E's cachopa mui gentil.
E's mais bella que a rosa
Em fresca manhã d'abril.

Maria tu és um anjo,
Tens corpo de seraphim,
Tens olhos que encantam,
E lindos dentes de marfim.

Vem até á egreja,
adorar,
A Santa Virgem,
no altar.

Vamos á egreja
adorar,
A Santa Virgem,
no altar.

(*sentem-se tocar os sinos*)

SCENA IX

ANDRÉ, JULIO e depois AMBROZIO

André. Que dia de folgança deve ter hoje mi

nha sobrinha! não poderei sequer dormir a sesta... qual... pois bem o desejava. Olá, alguem se approxima. (*apparece Julio*).

Julio. Sou eu sr. André! desejava fallar-lhe.

André. Commigo? (*aparte*). Que quererá este estroina. (*alto*). Parece que vens assustado! Que tens?

Julio. Diga-me uma coisa. Recorda-se da totalidade das suas dividas?

André. Perfeitamente, isso não se esquece!...

Julio. E... existe algum documento? alguns recibos?

André. Já se vê! e em todos escarrapachei a minha firma, e devo... devo...

Julio (*tira da bolsa uns papeis e examina-os*). Esta operação é mais simples... E' crescida a conta... cincoenta e sete libras... e vinte e tres saccos de trigo! Que faria vossemecê em favor da pessoa que um dia lhe dissesse: «Sr. André póde ver-se livre d'essa enorme divida.»

André. Offerecer-lhe-hia a minha vida, mas isso é possivel?

Julio (*pausadamente*). E' se, em troca de similhante favor, vossemecê fizesse outro...

André (*meditando*). Eu, a ti? Oh! calla-te quererias talvez... Não!... que é um crime... miseravel! (*depois de pequena lucta, arrança-lhe os papeis*). Pobre Maria. (*apparece ao fundo Ambrozio*).

Julio (*voltando-se*). Meu pae!

Ambrozio. Sim, teu pae, que de perto segue os teus passos.

SCENA X

Os mesmos e AMBROZIO

Ambrozio. Não me enganei infame! tudo sei,

Digitized by Google

desde que te segui pela senda do vicio, e das falcidades, até conhecer os teus planos.

André. Tome estes papeis! o infame pedia-me a deshonra de Maria!

Ambrozio. Cobarde! Rosa morreu, era um anjo como Maria, acreditou no falso amor d'um criminoso imbusteiro, e antes que o mundo tivesse conhecimento da sua deshonra, succumbiu aos pesares...

André. Pobre pae. (*sahe*).

SCENA XI

ANDRÉ e JULIO

Ambrozio (*fixando-o*). Minhas pobres cans, branco espelho da minha honra, estão manchadas, traidor! e és tu, quem as profanas. (*rapido*). Tua mãe levei-a pura ao altar, e honrada te fez nascer. Os teus erros foram muito longe, mas os teus desejos não se cumpriram.

Julio. Meu pae! Oh! por piedade!

Ambrozio. Chora Julio nos braços paternaes, que estão abertos... um pae perdoa sempre os erros de seus filhos. (*abraçam-se*). Eis aqui, como eu sentenceio as tuas faltas. (*sente-se ruido proximo*).

Ambrozio. Silencio! oculta essa emmoção. (*entra Maria, André, Martinho e Dorothea*).

SCENA XII

Os mesmos MARIA, ANDRÉ, MARTINHO e DOROTHEA

Dorothea. Ora até que cumpriste a tua sagrada promessa.

Ambrozio. Vamos Maria, e tu tambem Martinho, já ambos devem saber, que d'esta vez me fizeram irmão thesoureiro da irmandade da Santa Virgem...

Dorothea. E' verdade, agora temos que pedir-lhe um presente.

Digitized by Google

Ambrozio. Quero dar-lhe um dote... a minha casa da Ribeira, e um conto de reis, para casar com o Martinho.

Maria. Meu querido Martinho.

Martinho. Maria!

Maria (*a Ambrazio*). Tudo devemos ao sr. Ambrozio.

Ambrozio. Não faço mais que reparar as culpas que outro commetteu, meu filho delinquiu, é justo que eu remedeie seus erros... André... aqui tem... quei-me esses papeis.

André. Oh! sr. Ambrozio! muito obrigado...

Ambrozio. Meu filho já foi perdoado, agora abraçem-se, e sejam todos felizes. (*abraçam-se*).

Maria (*chorando*). Oh! como sou feliz.

(Martinho canta)

Não chores anjo querido
Enxuga depressa esse pranto,
Para o anno bordarás,
A' Virgem Santa outro manto.

Maria. Choro, mas são lagrimas de felicidade.

(Canta)

Ninguem diga que á riqueza,
Felicidade o céu dar quiz,
Temos vivido na pobreza,
Viva alegre, e seja feliz.

(CAHE O PANNO)

A propriedade d'esta peça theatral, pertence no Brasil, ao Ill.mo sr. Antonio Alexandre Lopes do Couto.

TYP. EDITORA—Praça de D. Pedro, 67

Digitized by Google

Digitized by Google

PEÇAS DO MESMO AUCTOR JÁ PUBLICADAS

Por causa d'um retrato.
Viva o exercito! E viva o Duque!
A noite dos noivados.
Mariquinhas, a estalajadeira.
Simplicidade e esperteza.
Aventuras d'um gabão.
A ultima crença.
O que faz o medo.
Restauração de Portugal.
Doidos... politicos.
O legado.
Um poeta.
A orphã.

NO PRÉLO

A vida d'um rapaz rico, drama em 3 actos.
A doida, drama em 5 actos.

Todas estas peças são proprias para representar em theatros publicos e particulares. Á venda em todas as livrarias.

Digitized by Google

POR CAUSA D'UM RETRATO

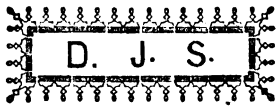
COMEDIA ORIGINAL EM UM ACTO

POR

DIOGO J. SEROMÊNHO E A. DA SILVA CARVALHO

Representada com geraes applausos no theatro de D. Maria II em beneficio, pela sociedade ingleza The Gaiety Dramatico Club; *no theatro do Principe Real, nas provincias, taes como Porto, Braga, Coimbra; etc; na ilha da Madeira, no theatro «Esperança», e em Madrid nos theatros* Circo *e* Luzon, *traduzida para hespanhol por Augusto Cesar de Vasconcellos.*

2.ª EDIÇÃO CORRECTA



THEATRO CONTEMPORANEO
BIBLIOTHECA FUNDADA EM 1869
DIOGO SEROMÊNHO — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24, 2.º
LISBOA — 1884

Digitized by Google

PERSONAGENS

JORGE DE MELLO, pintor	27	annos.
PANTALEÃO, proprietario	50	»
ELVIRA, modista	22	»

A scena passa-se em Lisboa. — Actualidade.

Digitized by Google

ACTO UNICO

O theatro representa um atelier *de pintura, portas ao fundo e lateraes, alguns quadros na parede sem symetria. Um cavalete á esquerda, uma meza á direita, e varios utensilios de pintura espalhados pela scena.*

SCENA I

JORGE *(pensativo recostado sobre a meza)*

Illusões da vida! o que valem esses filhos da arte, atrelados ao carro da gloria, sem o sentir do coração? o que valem todas as grandes aspirações sem um atomo d'essa vivificante luz do amor, coada pelas floridas esperanças de uma alma de vinte annos?!... Nada!... A gloria é o mais rico diamante da corôa do artista, mas é o diamante tosco e sem brilho, quando lhe não venha resplandecer o reflexo d'esse sol tão querido da mocidade... Quem ha ahi filho do trabalho, que não tenha o seu anjo salvador, que lhe ajude a tecer a corôa gloriosa do futuro, na madrugada da existencia?... quem ha?... ninguem!... Todo o homem que fôr verdadeiro artista, deve ter coração... e todo o homem de coração, deve inevitavelmente amar... quantas e quantas vocações ainda no alvorecer, naufragam desanimadamente no occeano da arte, porque lhes falta alem o fulgorar da sua estrella, que lhes aponte o caminho da salvação e da gloria... Mas quantos e quantos tambem trilhando apenas os primeiros passos na senda do tra-

Digitized by Google

balho, deparam com uma corôa no primeiro degrau da vida, magneticamente tecida pelos vôos do coração... O que o estudo muitas vezes não consegue, consegue-o o amor, que é a verdadeira inspiração do artista.

SCENA II

JORGE e ELVIRA

ELVIRA—*(empurrando a porta do fundo)* E' permittido a uma simples mortal transpôr os umbraes do santuario da arte?

JORGE—*(áparte)* E' ella!... *(para Elvira)* Oh! minha querida visinha, pois não! madrugou hoje bastante...

ELVIRA—E' verdade, mas... agora reparo, estava talvez entregue ao seu trabalho, e vim incommodal-o, não é assim ?...

JORGE—Incommodar-me, visinha!... é possivel que uma bocca tão gentil profira tal blasphemia !...

ELVIRA—Lisongeiro !...

JORGE—Não; não sou lisongeiro... pois crê que me possa incommodar o anjo que envergando o manto mysterioso de mulher baixou á terra para dar alma ao obscuro artista... que me anima e engrandece a meus proprios olhos... que me engrinalda a vida n'uma cadeia suspirosa d'amor... que me conduz docemente para o caminho da gloria... que com um sorriso me deixa antever o paraizo! Oh! não póde incommodar-me esse ente, que é uma particula da minha vida.

ELVIRA—*(envergonhada)* Olhe, senhor Jorge, se soubesse que estava disposto a cassoar comigo, não vinha cá...

JORGE—Não costumo cassoar com aquelles que amo, porque nunca pude mentir ao coração...

ELVIRA—Coração!... o senhor tem lá coração... ha homem algum que tenha coração?...

JORGE—Diz bem, não ha homem algum que tenha coração, quando encontre uma mulher de gelo, como a visinha, insensivel a todas as commoções d'uma alma apaixonada...

EMILIA—*(rindo)* E quem é que está apaixonado ? O senhor talvez?...

JORGE—Eu, sim, que a amo com todas as forças da mi-

Digitized by Google

nha alma... que a amo como posso adorar a gloria de artista que tanto ambiciono, mas que nunca alcançarei.

ELVIRA—Não creio! Todos os homens são assim... apaixonam-se com muita facilidade... dizem-nos phrazes muito bonitas... mas se uma pobre rapariga cae na asneira de os acreditar, só encontra falsidades e desenganos...

JORGE—Muito bem, é essa uma theoria com que muito hade aproveitar. *(pegando-lhe na mão)* Ora diga-me, nunca amou? nunca teve mesmo quem lhe consagrasse uma particula de amor verdadeiro? não porque se assim fôsse, faria mais justiça a esta minha sincera revelação Quando se é victima de pungentes illusões, não se acredita nem na propria realidade!...

ELVIRA—Assim é; mas muitas vezes é o dever que nos instiga a não acreditarmos nas primeiras impressões... a rosa que colhemos uma manhã, ostentando as suas gallas, tambem ás vezes occulta os espinhos com que nos fere...

JORGE—Quer dizer...

ELVIRA—Quero dizer que não posso acreditar na verdade das suas palavras, sem que o tempo a venha corroborar.

JORGE—Obrigado, Elvira. Dá-me ao menos uma esperança, que será a imagem feiticeira dos meus sonhos d'amor e de gloria, e feliz então me julgarei se o tempo conseguir fazel-a comprehender as aspirações da minh'alma...

ELVIRA—Veremos; Deus queira que um dia não tenha o desgosto de ver a hypocrisia disfarçada debaixo do dominó da ingenuidade do artista. Adeus, até logo. *(sae)*.

SCENA III

JORGE *(só)*

JORGE—Bravo! Elvira, muito bem... que optima escola! e que experiencia... esta rapariga ou tem sido uma grande namorada, ou é victima infeliz d'algum crime da mocidade! *(pensativo)* Mas seja como fôr, o que sinto é que a amo loucamente! O intimo prazer que se apodera de mim quando a vejo, é prova sufficiente de que não posso já viver sem ella... *(batem á porta, Jorge vae abrir)* Quem será?

Digitized by Google

SCENA IV

JORGE e PANTALEÃO

PANTALEÃO—*(assomando á porta do fundo)* Tem a bondade de me dizer se móra aqui um rapaz que é pintor, chamado Jorge de... de... de... esqueceu-me o resto.

JORGE—*(atalhando)* E' este seu creado, tem a bondade de entrar.

PANTALEÃO—*(entrando)* E' o senhor? muito bem, pois eu vinha para lhe pedir um favorsinho... já se vê, pagando aquillo que fôr justo...

JORGE—Estou ás suas ordens, tem a bondade de sentar-se. *(indica-lhe uma cadeira)*.

PANTALEÃO—*(sentando-se e puxando por uma caixa de rapé, que offerece a Jorge)* Quer servir-se?

JORGE—Agradeço.

PANTALEÃO—Pois olhe, não sabe o que perde... e principalmente se o meu amigo... sim, porque isto... rapazes todos nós fazemos o que podemos... quero dizer, se o meu amigo tambem se costuma apaixonar com facilidade... Isto é optimo para desenvolver as ideias... mas vamos ao que importa. Eu venho aqui para pedir ao meu amigo um favorsinho... Sim, eu parece-me que já disse isto... mas é o mesmo.

JORGE—*(áparte)* E' massador!

PANTALEÃO—Ora o que eu quero, é uma cousa muito simples... jamais sabendo por tradição que o meu amigo é um perfeito artista... muito natural e consciencioso nas suas obras... muito...

JORGE—*(interrompendo)* V. S.ª confunde-me.

PANTALEÃO—Não senhor; o seu a seu dono... eu gosto de elogiar o merecimento do artista, pois sou um grande enthusiasta pelas artes... olé! ver uma obra artistica é todo o meu filé!... mas vamos ao que importa: preciso de uma obrasinha. *(puxa pela caixa do rapé e toma uma pitada)*

JORGE—*(áparte)* Custa-lhe a desembuchar.

PANTALEÃO—Como ia dizendo... preciso d'uma obrasinha... mas uma obrasinha feita a capricho... quero que o meu amigo empregue com ella todos os cinco sentidos.

JORGE—Parece me que adivinho...

PANTALEÃO—Sim? Então o que é?! o que é?...

Digitized by Google

JORGE—Provavelmente o seu retrato.

PANTALEÃO—Deu no vinte... não, não deu no vinte, chegou só a dezenove ; inda lhe falta um ponto... E' um retrato, é verdade, mas não é o meu.

JORGE—N'esse caso é o retrato da sua querida...

PANTALEÃO—*(levantando-se e abraçando Jorge com alegria)* Agora... agora adivinhou. Já vejo que o meu amigo é um rapaz de espirito ; pois effectivamente é um retrato d'uma pequena por quem eu ando louco de amor, e a quem o desejo offerecer na primeira occasião.

JORGE—Pois quanto ao meu trabalho póde ficar descançado, que farei o que estiver nos escassos limites dos meus recursos artisticos. *(áparte)* Quando um homem d'esta idade se apaixona, o que deve então fazer um rapaz?... Quem sabe, talvez seja mais feliz do que eu.

PANTALEÃO—Obrigado, meu amigo, obrigado ; peço-lhe tambem muita discrição n'este negocio *(tirando uma photographia da algibeira)* E' um negocio muito simples, que não compromette ninguem; no entanto o segredo é sempre bom, quando se prepara uma surpreza... Eis a photographia d'esse anjo que o meu amigo, graças ao seu talento, irá reproduzir n'um quadro primoroso.

JORGE—*(pegando na photographia e vendo Áparte, muito exaltado)* O retrato de Elvira !... Não é possivel... Meu Deus, estarei sonhando !... *(affirmando-se)* Não é um sonho, é realidade ; não me resta a menor duvida, é o retrato d'ella!

PANTALEÃO—Ora diga-me, tem alguma cousa ?... está tão pallido! Está incommodado ?

JORGE—*(affectando serenidade)* Não tenho nada, uma pequena perturbação occasionada por... pela friagem da manhã talvez...

PANTALEÃO—E está, está uma manhã bem doentia...

JORGE—*(áparte)* Custa me a acreditar que Elvira levasse a sua loucura a ponto de dar o seu retrato a um velho tão imbecil!... Mas se assim é, juro que heide vingar-me, e a primeira victima será este monstro! .. *(correndo para Pantaleão e detendo-se subitamente)* Mas que vou fazer ?...

PANTALEÃO—*(áparte)* O rapaz endoudeceu... *(alto)* Com franqueza, o sr. não está bom Veja se precisa de alguma cousa, em que lhe possa ser util, não faça ceremonia commigo. *(áparte)* Estou morrendo mas é por me safar...

JORGE—E' verdade, sinto-me indisposto... e n'esse caso

Digitized by Google

pedia a V. S.ª o obsequio de cá voltar mais tarde, para tratarmos do seu trabalho.

PANTALEÃO—Ora essa... pois não... Já podia ter dito isso ha mais tempo. *(apertando-lhe a mão)* Então adeusinho, até logo... e heide estimar as melhoras, sim?...

JORGE—Obrigado. *(áparte)* Não sei como possa conter-me...

PANTALEÃO—*(sahindo e áparte)* Que tal está, hein?... se o rapaz endoudecia effectivamente, e lhe dava para tocar a rebate n'esta freguezia... Safa! *(sae)*.

SCENA V

JORGE (só)

JORGE—Elvira enganar-me d'esta forma... amava-a tanto... toda a minha aspiração era grangear do trabalho inspirado pelo seu amor um nome brilhante de gloria para um dia lhe depôr a seus pés um futuro risonho de felicidade. Apenas aprecio a vida para lh'a offerecer em holocausto do seu amor. Vêr n'um momento destruidas as illusorias esperanças de toda a minha mocidade... È horrivel! *(depois d'um momento, rindo despropositadamente)* Insensato que sou! Ter a desfaçãtez de ligar importancia, de me apaixonar... por uma voluvel que escarnecendo talvez os meus sentimentos, ridicularisar-me-hia, rindo-se á minha custa com o primeiro que lhe apparecesse. E sobre tudo o papel ridiculo que tenho feito em tudo isto... sempre sou muito tolo!... em crer no amor das mulheres. *(continua a rir)*.

SCENA VI

JORGE e ELVIRA

ELVIRA—Está a rir sóinho? o que quer isso dizer?

JORGE—*(áparte)* Ella comigo... vem em boa occasião... *(rindo sarcasticamente)* Ainda me está parecendo impossivel como ainda agora sustentei por alguns minutos o papel de apaixonado, sem desatar ás gargalhadas.

ELVIRA—Não entendo...

JORGE—Tinha desconfianças que havia de ser um bom galã dramatico, e quiz fazer uma experiencia com a visinha.

Digitized by Google

ELVIRA—Uma experiencia ! ? pois a declaração que me fez era...

JORGE—Brincadeira... pois acreditou ? *(rindo)* Parece impossivel que a menina Elvira me julgasse tão tolo, a ponto de me crer apaixonado por uma mulher do seculo 19!...

ELVIRA—*(zangada)* Senhor !... *(á parte)* Bem o prophetizei, e já o amava tanto ; em tudo sou infeliz... nasci em má hora... jamais conhecerei a verdadeira felicidade... *(canta)*

Desde o berço que a sorte adversa
Me tem feito chorar e soffrer.
Tudo é magoa no trilho da vida,
Nem um sonho sequer de prazer!...

Se no peito alimento uma esp'rança
E' qual triste, vaporosa illusão...
Se em minh'alma renasce uma crença,
E' bem cedo pisada no chão...

Quem mais triste? quem mais desditosa,
D'esta vida no lucido alvor?...
Nem um breve sorrir da ventura
Nem sequer um momento d'amor.

Malfadada vegeto no mundo
Minha estrella não tem esplendores.
Tudo são inconstancias na vida,
Tudo são desenganos... e dôres !... *(chora)*.

JORGE—*(canta)*

Visinha, não lamente a sua sorte,
Victima de perdidas illusões...
Todos temos mais ou menos que soffrer,
Anda tudo n'esta vida aos trambulhões...

Inconstante é até o proprio mundo
Que nos rouba a todos nós a felicidade !
Inconstante é o sol quando escurece,
Inconstante pr'a o captivo a liberdade !...

Inconstante é a florinha sem arôma...
Inconstante a primavera sem verdores !...

Digitized by Google

Té a propria natureza é inconstante...
Inconstante a mulher em seus amores...

Não creia pois visinha n'esta vida,
Onde tudo são amargas illusões!...
Todos somos mais ou menos inconstantes,
Anda tudo n'este mundo aos trambulhões!

(declamando) Vamos, Elvira, soffrâmos com paciencia... *(áparte)* Quer vêr se me sinsibilisa... Eu que tão cedo soffri o desengano...

ELVIRA—Bem m'o adivinhava o coração.

JORGE—*(rindo)* Coração!... pois a visinha tem coração?

ELVIRA—Não, é talvez o sr. com essas gargalhadas satanicas em face da mulher que teve a fraqueza de mostrar-lhe que o ama... é o senhor que tem coração!?...

JORGE—E tenho, sim senhora... e a prova é que o sinto aqui bater *(indicando o peito)* como nunca o senti.

ELVIRA—Basta de cassoda, senhor, a minha condemnavel credulidade não lhe dá o direito de escarnecer-me d'essa forma.

JORGE—*(áparte)* Mau... que temos mudança de scena... *(alto)* Mas... socegue... por dois dias que temos que viver, não vale a pena a gente alterar-se nem um momento... é necessario encarar este mundo com o maior sangue frio, para que um dia não tenhamos de sossobrar vergonhosamente n'este occeano de desenganos... Um ultimo caso que se deu comigo... a minha unica illusão perdida... tornou-me o maior cynico do mundo... se hoje faço uma declaração amorosa a uma mulher... amanhã dou o meu retrato a outra... no dia seguinte... *(áparte)* não percebeu!... nem a mais leve perturbação. *(alto)* no dia seguinte rojo-me aos pés d'uma terceira... e se apparecer uma quarta... uma quinta... uma sexta... e uma setima... a todas faço a minha declaração amorosa... sem comtudo sentir amor algum por ellas... a isto, visinha, é que se chama cumprir á risca as leis vigentes da moda!...

ELVIRA—Bravo, senhor Jorge!... é essa a theoria do amor?...

JORGE—E' verdade, visinha; porem são as mulheres que fazem com que nós não creiâmos no amor... pois no seculo presente a mulher é o synonimo da inconstancia e volubilidade...

Digitized by Google

ELVIRA—Obrigada, senhor Jorge... obrigada: agradeço-lhe em nome do meu sexo tão lisongeira affirmação...

JORGE—Não tem que agradecer, visinha, esta solução nada tem de lisongeira; mas verdadeira e real.

ELVIRA—D'essa forma encara as mulheres por um prisma bem vergonhoso.

JORGE—Que quer... se eu perdi todas as illusões da mocidade e do amor n'um só momento, mas paciencia! Foi mais um desengano na minha vida, sempre cheia de obstaculos a vencer.

ELVIRA—Aposto que não me póde provar o que tem dito.

JORGE—Se posso... bastava abrir-lhe o meu coração... mas não, não quero... rir-se-hia de mim.

ELVIRA—Juro-lhe.

JORGE—Não posso...

ELVIRA—Não tem confiança em mim...

JORGE—Ter confiança em mulheres... que fraqueza!

ELVIRA—Acreditar nos homens... que asneira!...

JORGE—Sim!?... pois vou-lhe provar a verdade d'esta asserção...

ELVIRA—Peço-lhe.

JORGE—Pois bem, ouça: Foi um caso passado na minha infancia, mas do qual bem me recordo, pois o archivei no meu coração. Perto da casa de meus paes vivia um artista, com quem travei amisade, pobre, mas honrado, sonhando com a gloria, ideal de todo o artista, quando uma manhã reparou que defronte de sua casa, morava uma mulher... uma fada de celestial formosura. Vendo-a, amou-a louca e apaixonadamente, como se ama aos vinte annos; foi correspondido... acreditou em seus juramentos, n'uma palavra, só tinha uma aspiração, um desejo... desposal-a; para isso, trabalhava constantemente, para adquirir gloria e nome para tudo depôr a seus pés... quando n'um dia, oh! fatalidade! soube que um velho feio e ridiculo, possuia o retrato do seu ideal, dizendo que era o retrato da mulher que amava. *(fitando Elvira e áparte)* O rubor não lhe subiu ás faces!... é de mais! *(alto)* Ficou louco de pesar; ha soffrimentos na vida que não tem discripção... No primeiro momento teve vontade de descarregar toda a sua cólera sobre o infame velho, mas susteve-se porque tal rival era indigno d'elle. Deixou de trabalhar, soffreu muito, pois um primeiro amor deixa recordações para toda a vida... Passado algum tempo confessou a si mesmo que to-

Digitized by Google

da a mulher era falsa e inconstante, e descreu completamente do amor, tornando-se um grande cynico... Eis uma historia verdadeira. Que diz a isto, Elvira? Terei eu tambem razão para descrer das mulheres?...

ELVIRA—Creio que não; um facto excepcional, não lhe dá o direito de duvidar de todas as mulheres.

JORGE—*(áparte)* Finge não perceber.

ELVIRA—Quem sabe mesmo se essa mulher era culpada? Se seria a fatalidade quem urdiu todos esses factos tenebrosos para condemnar a pobre infeliz? quem me diz que esse velho não passaria d'um fatuo, gabando-se de ser amado por uma mulher de quem unicamente possuisse o retrato?...

JORGE—*(olhando-a fixamente)* Convenho n'isso; mas como explica a posse do retrato?

ELVIRA—Não sei!... Em todo o caso, nunca é bom julgar pelas apparencias, porque ás vezes illudem...

JORGE—Se assim fôsse... *(áparte)* Como seria feliz!...

ELVIRA—*(áparte)* Ha grande mysterio na vida d'este rapaz... *(retira-se para um canto da sala).*

SCENA VII

Os mesmos e PANTALEÃO, *(assomando á porta sem vêr Elvira)*

PANTALEÃO—Eis-me aqui outra vez.

JORGE—*(áparte)* Ainda bem, chegou em boa occasião!

PANTALEÃO—*(descendo á scena)* Então como vae o meu amigo? Sente-se melhor?

JORGE—*(com affectação)* Um pouco melhor, muito obrigado...

ELVIRA—*(áparte)* Melhor!... pois elle estava doente? percebo... a historia que me contou... o enfado que mostrou quando me viu... aquelle mysterioso cynismo... *(chorando)* Adeus, meus sonhos de felicidade!... *(sae a correr pelo fundo sem que Jorge a veja).*

SCENA VIII

JORGE e PANTALEÃO

PANTALEÃO—Pois creia que estimo tanto as suas melhoras como se fôssem para mim...

Digitized by Google

JORGE—Mil vezes obrigado... mas vamos ao que importa. O que lhe digo, meu caro senhor, é que chegou n'uma bella occasião para tratarmos do que lhe diz respeito.

PANTALEÃO—Sim! ainda bem.

JORGE—E' verdade. *(áparte)* vou desmascaral-a. *(procura Elvira com o olhos e não a vendo fica surprehendido. Áparte)* Já se foi... é uma prova convincente da sua criminalidade!...

PANTALEÃO—*(áparte)* Está-me parecendo que o pobre rapaz ainda não está completamente restabelecido... *(alto)* Pois meu amigo, n'esse caso desejo saber em primeiro logar, qual o preço que tenho de pagar pela minha obra...

JORGE—O preço da sua obra? *(áparte)* Mato esse maroto! *(alto, ironicamente)* Pois não... muito barato, baratissimo, levar-lhe-hei o modico preço... *(infurecido)* d'um duelo...

PANTALEÃO—D'um duelo!? d'um duelo!... *(áparte)* Não ha que vêr... está doido... pobre rapaz... *(alto)* Ora o amigo deu-lhe agora para cassoar comigo, hein?...

JORGE—Não cassôo, fallo serio, muito serio; repito, hade bater-se comigo n'um duello de morte!

PANTALEÃO—*(muito assustado)* De morte!... de morte?! *(áparte)* Então, hein? não querem lá vêr em que bons lençóes estou mettido... *(alto)* mas venha cá, isso é impossivel... bem vê que...

JORGE—Já disse, não admitto replicas.

PANTALEÃO—Pois sim, sim... não ponho duvida alguma, mas, mas... mas guarde isso lá mais para diante.

JORGE—Não, hade ser hoje mesmo, senão quer que lhe chame tão vil como cobarde!

PANTALEÃO—Pois sim, sim... serei o que o amigo quizer, mas hade concordar que...

JORGE—Hesita, não é assim? pois bem, vou assassinal-o!

PANTALEÃO—Assassinar-me! assassinar-me! Senhor, o corpo do cidadão é inviolavel... isto é uma infamia, uma traição.

JORGE—Nem mais uma palavra, senhor... *(abrindo uma gaveta da meza)*.

PANTALEÃO—Assassinar-me!... que atroz situação a minha! que traição!.. Oh! da guarda!... quem me acode... Oh! da guarda!...

Digitized by Google

SCENA ULTIMA

Os mesmos e ELVIRA

ELVIRA—*(entrando pelo fundo muito assustada)* Que é isto, sr. Jorge? que aconteceu?

JORGE—*(áparte)* Meu Deus, que fiz eu!

PANTALEÃO—*(encarando Elvira)* Estou perdido!... percebo tudo; a rapariga de quem eu tinha o retrato... é provavelmente a mulher do pintor. *(lançando-se aos pés de Jorge)* Perdão, senhor, perdão... mas quem teve a culpa de tudo isto foi aquelle maldito photographo.

JORGE—O photographo?!...

PANTALEÃO—O photographo, sim senhor. *(de joelhos)* Perdôa-me, sim, perdôa-me?...

JORGE—Levante-se; está perdoado. mas explique-se...

PANTALEÃO—Ora lá vae: sou muito curioso em possuir retratos de carinhas bonitas, e tanto assim que tenho lá em casa um muzeu, para onde destinava o quadro que lhe encommendei... Ora, a semana passada fui a casa do meu photographo e vi lá o retrato d'esta menina; não o queria trazer... sim, eu não o queria trazer; mas o maldito photographo ateimou, e não tive remedio senão comprar-h'o...

ELVIRA—*(áparte)* O meu retrato?

PANTALEÃO—Ora já ve que n'isto não tive culpa alguma; mas sim aquelle maldito photographo, que heide amaldiçoar toda a minha vida.

JORGE—*(áparte)* Elvira innocente!... E procedi tão precipitadamente!

ELVIRA—Senhor Jorge, não comprehendo uma palavra de tudo isto.

JORGE—Perdão, Elvira, vou contar-lhe tudo... Este senhor apresentou-se-me aqui com o seu retrato para eu lhe fazer uma copia a oleo...

PANTALEÃO—Era para figurar lá no museu...

JORGE—Dizendo que estava extremamente apaixonado pelo original, e por isso lh'o queria offerecer como prova do seu amor...

PANTALEÃO—*(áparte)* Mau... *(alto)* Mas isso era brincadeira, então o amigo não percebeu? Ora, ora...

JORGE—Imagine como eu ficaria, querida Elvira, ao ou-

Digitized by Google

vir uma tal revelação, que me roubava para sempre, o ideal da minha felicidade.

ELVIRA—E o sr. Jorge acreditou que eu fôsse capaz de...

JORGE—Perdão, Elvira, perdão; fui muito precipitado, é verdade... mas a lucta terrivel que se travou na minh'alma era mais forte do que a voz da minha consciencia.

ELVIRA—Agora percebo tudo. N'esse caso a historia que me contou...

JORGE—Era a historia dos nossos amores, que eu julgava perdidos para sempre.

ELVIRA—Louco... e acreditou?

JORGE—Não, Elvira... agora sou mais feliz do que nunca... porque sei que me ama.

PANTALEÃO—Pois senhores, se soubesse o mal que aqui havia de vir fazer com aquelle maldito retrato, nunca mais queria retratos lá no muzeu.

JORGE—Socegue: é verdade que me fez bastante mal, mas ás vezes ha males que veem por bens. Até aqui vivia n'uma cruel incerteza, por não saber se era verdadeiramente amado. Esse facto, porem, veio destruir todas as suspeitas que ousei fazer recair sobre o amor de Elvira... e hoje julgo-me feliz por ver coroado este sentimento que em breves dias nos unirá para sempre. *(tomando as mãos de Elvira)* Não é assim?

PANTALEÃO—Como? pois o amigo não é ainda o marido d'esta menina?

JORGE—Ainda não; mas Deus hade permittir que dentro em pouco tempo lhe possa dar o nome de esposa...

PANTALEÃO—Pois senhores, visto isso, uma vez que fui o causador de o meu amigo ter suspeitado d'esta senhora, quero em compensação... ser o padrinho do casamento... acceitam?...

AMBOS—Acceitamos.

JORGE—Boa lembrança... será o padrinho do nosso casamento.

PANTALEÃO—Mas olhem que é com uma condição...

JORGE—Qual é?...

PANTALEÃO—E' a de me darem os seus setratos lá para o muzeu.

JORGE—Está dito.

Digitized by Google

PANTALEÃO—(*canta*)

COUPLET FINAL

Meus senhores, vou ser o padrinho
D'este tão desejado hymeneu;
Ai, fiquei a chuchar no dedinho,
Ninguem ha infeliz como eu.

Mas embora! que sejam felizes,
Já que a esp'rança de amor feneceu
Vou pedir-lhes... não sei se me atreva,
Quatro palmas tambem p'ra o muzeu.

CAE O PANNO

Typ. da Livraria Economica.

Digitized by Google

POR CAUSA

D'UMA PERDIZ

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

Diogo José Seromênho

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representada com applausos

THEATRO CONTEMPORANEO
BIBLIOTHECA FUNDADA EM 1869
DIOGO SEROMÊNHO — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, RUA NOVA DO ALMADA, 24, 2.º
LISBOA — 1883

Digitized by Google

Digitized by Google

PERSONAGENS

JOÃO—JAYME—EMMA—MIGUEL, creado.

ACTO UNICO

A scena passa-se n'uma casa de campo; jardim ao fundo, portas lateraes, etc.

SCENA I

EMMA, MIGUEL, depois JAYME

EMMA—Abre todas as janellas, preciso ar, sinto-me hoje muito aborrecida.

MIGUEL—Ahi vem o sr. Jayme.

EMMA—Não me larga, é a minha sombra.

JAYME—*(com um ramo de flores)* O meu coração offerece estas flores a v. ex.ª, perguntando-lhe ao mesmo tempo quando faz a minha felicidade?

EMMA—Está com muita pressa... Ainda não sabe bem quem eu sou. Se sou viuva, casada, ou solteira...

JAYME—V. ex.ª é viuva.

EMMA—Engana-se. Casaram-me muito nova na minha terra, na America do Sul. No fim d'um mez nem eu nem meu marido podiamos viver um com o outro. Descobrimos então que quando nos casaram tinham faltado a uma formalidade indispensavel; e aproveitando este pretexto, o papa annulou o nosso consorcio. Separamo-nos e nunca mais vi meu marido.

JAYME—E' uma verdadeira excentricidade americana... viuva com marido vivo!

EMMA—Era meu dever contar-lhe tudo, antes do nosso casamento. Agora rogo-lhe que jante cá, e se demore um bocadinho emquanto vou dar algumas ordens. *(sae).*

SCENA II

JAYME, depois JOÃO

JAYME—Bem me importa a mim que seja viuva ou casada, o que eu quero é apanhar a grande fortuna que possue. *(ouve-se um tiro)* Um caçador no jardim!

JOÃO—*(entra com uma espingarda e uma perdiz)* Até que

Digitized by Google

a matei! *(reparando em Jayme)* Tu aqui? Desculpa ter entrado assim, mas ando ha mais de duas horas atraz d'ella... *(mostra a perdiz)* Até que a matei no teu jardim! Está muito calor; manda-me dar alguns refrescos, e depois jantarei comtigo...

SCENA III

Os mesmos e MIGUEL

MIGUEL—*(entrando)* V. ex.ª chamou?

JOÃO—*(dando-lhe a perdiz)* Arranja depressa essa perdiz. Jantaremos ás cinco horas.

MIGUEL—Farei a diligencia. *(sae)*.

SCENA IV

JOÃO e JAYME

JAYME—Homem, tu estás enganado; esta casa não é minha, mas sim da sr.ª D. Emma.

JOÃO—E eu que tão arrebatadamente dei ordem para o jantar! E' o mesmo; se a dona da casa não me der de jantar, quero que me restitua a minha perdiz.

SCENA V

Os mesmos e EMMA

EMMA—*(entrando e áparte)* Valha-me Deus! Meu marido!

JOÃO—*(cumprimentando, áparte)* Bonito! Minha mulher! *(a Emma)* Minha senhora, andava caçando e vim atraz d'uma perdiz, até dentro do seu jardim, depois julgando-me em casa do meu amigo, mandei fazer a perdiz para o jantar, convidando-me.

EMMA—Agora sou eu que o convido.

JOÃO—Acceito. *(áparte)* Tem graça! Jantar com minha mulher!

JAYME—Vou escrever uma carta de importancia; já volto. *(sae)*.

Digitized by Google

SCENA VI

João e Emma

João—Então que tal tem passado durante estes cinco annos que nos tem separado?

Emma—Perfeitamente.

João—Fizemos muito bem em nos separarmos; os nossos genios eram incompativeis... V. ex.ª era insupportavel.

Emma—E o sr. insoffrivel!

João—Apesar d'isso estou para casar.

Emma—Tambem eu.

João—Tem graça!

Emma—Muita graça!

João—Em quinze dias caso com a menina Gloria Pimenta.

Emma—Conheço perfeitamente... Desejo-lhe que seja feliz. Ahi vem o seu amigo; agora retiro-me, até logo. *(sae.)*

SCENA VII

João, Jayme e depois Miguel

João—E' muito sympathica.

Jayme—Amo-a loucamente, e em breve será minha esposa.

João—*(áparte)* Espera por isso. *(alto)* Não sabes que é casada?

Jayme—Já o não é.

João—E com um marido terrivel, arrebatado, ciumento! O teu casamento é impossivel!

Jayme—Não sabes o que dizes.

João—E' verdade; nem eu sei o que digo. *(áparte)* Então não me vou apaixonando por minha mulher?... *(alto)* Vamos dar uma volta?

Miguel—*(entrando)* A perdiz já está ao lume.

João—*(áparte)* Oh! que ideia! *(alto)* A quinta tem algum pombal?

Miguel—Tem, no fundo do jardim.

João—Vem d'ahi. *(saem).*

Digitized by Google

SCENA VIII

MIGUEL e EMMA

EMMA—*(entrando)* Aonde estão os meus convidados?

MIGUEL—No jardim. *(sae)*.

EMMA—Com que então meu marido vae casar com a menina Gloria! E o major Polycarpo, que ella namorava ha tantos annos! Se não casar com o major, com meu marido não casa tambem. Mas que tenho eu com isso! *(sae)*.

SCENA IX

JOÃO, MIGUEL, depois EMMA

JOÃO—*(entrando)* Estou coberto de ridiculo! Amo minha mulher! E' verdade que não me pertence; só se tornar a casar com ella... E' o que me resta fazer... *(entra Miguel)* Chegas a proposito. Preciso fallar á senhora.

MIGUEL—Até á hora de jantar, a sr.ª não falla a ninguem.

JOÃO—Olha cá, tua ama nunca te disse que me amava?

MIGUEL—Não senhor.

JOÃO—Vou fazel-a apparecer. *(pega na espingarda e dá um tiro pela janella)* Vae-te embora... *(Miguel sae)*.

EMMA—*(entrando)* Que aconteceu! *(vendo João com a mão embrulhada n'um lenço)* Está ferido? Bateu-se?

JOÃO—Socegue... Jayme não está ferido.

EMMA—Que me importa Jayme? O sr. é que está ferido soffre...

JOÃO—Bati-me por sua causa, queria livrar-me do meu rival. Ha uma hora que estou soffrendo, por não a ter sabido apreciar.

EMMA—Então não ama a menina Gloria?

JOÃO—Da mesma forma que v. ex.ª ama Jayme.

EMMA—Então arranjo-lhe um meio de se descartar da Gloria.

JOÃO—Diga.

EMMA—Se ella lhe perguntar a razão ds seu rompimento, diga-lhe que é por causa do major Polycarpo.

JOÃO—Quando deve ser então o casamento?

EMMA—Qual casamento?

JOÃO—O nosso.

EMMA—Dei a minha palavra a Jayme.

Digitized by Google

JOÃO—Vou matal-o!

EMMA—Não consinto!

JOÃO—Se eu lhe apresentar um pretexto para se ver livre d'elle, acceita?

EMMA—Acceito.

JAYME—*(fóra)* E' uma infamia! Miguel, dá-me rhum!

JOÃO—*(áparte)* Rhum! Já achei o pretexto. Deixe-nos a sós. *(Emma sae).*

SCENA X

JOÃO, JAYME, depois EMMA

JAYME—*(entra zangado)* E' uma indignidade!

JOÃO—O que foi?

JAYME—Não tens sentido chover? Pois tenho estado fechado no pombal, com o telhado todo roto e a chover-me em cima. Estou molhado até aos ossos! E foste tu o auctor da peça!

JOÃO—Naturalmente foi o vento que fechou a porta. *(Miguel entra com um frasco de rhum empalhado, copos, e torna a sahir)*

JAYME—*(enchendo os copos)* E' bem bom.

JOÃO—Ainda bem, porque vamos beber toda a garrafa. E' preciso que te embriagues. *(bebem).*

JAYME—Não percebo.

JOÃO—Já vaes perceber. Amo Emma, e quero casar com ella; mas para isso preciso ver-me livre de ti, e assim embriagando-te, obrigo-te a fallar, e tu descobres uma data de patifarias que vou logo contar a Emma... ella manda-te embora, e eu caso com ella.

JAYME—Fizeste mal em fallar. Não bebo mais.

JOÃO—Cahiste! Não bebes, porque tens segredos que não queres dizer! Vou já dizer a Emma que não bebes para não revelar os teus segredos.

JAYME—Queres por força, beberemos... Tenho a consciencia tranquilla.

JOÃO—*(enchendo os copos)* Á tua saude. *(bebem).*

JAYME—Não posso mais, sinto o inferno no estomago... *(cae muito embriagado no sophá e adormece)*

Digitized by Google

SCENA ULTIMA

João, Emma, e Jayme *(dormindo)*

EMMA—*(entrando)* Em que estado, meu Deus!

JOÃO—Todos os defeitos e vicios!

EMMA—Que horror!

JOÃO—Desejava um pretexto, creio que este...

EMMA—E' sufficiente... *(meiga)* Mas não me dirá como tanta raiva se transformou em amor?

JOÃO—Não a tinha conhecido bem; era um louco!

EMMA—Agora adeus.

JOÃO—Tinha-me convidado para jantar, mas visto que quer que me retire, hade ao menos dar-me metade...

EMMA—Metade de que?

JOÃO—Da minha perdiz, que está ao lume.

EMMA—Qual perdiz?

JOÃO—A que fez a minha felicidade, pois foi ella que para aqui me conduziu.

EMMA—N'esse caso comel-a-hemos juntos. *(sente-se resonar)* E o que havemos de fazer de Jayme?

JOÃO—Escreva-lhe um bilhete de despedida, para o receber quando acordar.

EMMA—Está dito. Agora vamos jantar.

CAE O PANNO

Digitized by Google

Seromenho, Diogo José

THEATRO CONTEMPORANEO

EMPREZA FUNDADA EM 1869

Diogo Seromênho—editor

Escriptorio da Empreza — Rua Nova do Almada, 21, 2.º

LISBOA

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, no Porto na Bibliotheca do Cura d'Aldeia, rua do Almada, 217, em Vianna do Castello na Livraria Esperança, rua de S. Sebastião, 291, no Rio de Janeiro, Pará, etc.

Pedidos das provincias acompanhados da sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromênho

A DOIDA, drama em 5 actos, 5 h. 3 m. 400
A VIDA DE UM RAPAZ RICO, drama em 3 actos, 3 h. 2 m. 300
SCENAS DO BRAZIL, drama em 3 actos, 6 h. 1 m. 300
EDUCAÇÕES MODERNAS, comedia em 3 actos, 4 h. 2 m. ... 400
UMA SOGRA MODELO, comedia em 2 actos, 4 h. 3 m. ... 240
EXEMPLO A CASADOS, comedia em 2 actos, 4 h. 2 m. ... 240
VIAJAR INCOGNITO, comedia em 2 actos, 7 h. 2 m. 240
DESCRENÇAS, drama em 1 acto, 2 h. 1 m. 160
A ORPHÃ, drama em 1 acto, 4 h. 2 m. 160
A ULTIMA CRENÇA, drama em 1 acto, 2 h. 1 m. 120
POR CAUSA DE UM RETRATO, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m. 2.ª edição 160
VIVA O EXERCITO! E VIVA O DUQUE! comedia em 1 acto 4. h. 1 m. 160
DOIDOS POLITICOS, comedia em 1 acto, 4 h. 1 m. 120
A NOITE DOS NOIVADOS, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m. ... 120
MARIQUINHAS A ESTALAJADEIRA, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m. 2.ª edição 120
UM POETA, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m. 120
AVENTURAS DE UM GARÃO, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m. 120

Digitized by Google

O que faz o medo, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
O legado, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m..... 120
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto, 3 h. 4 m..... 120
A. M. O., comedia em 1 acto, 3 h. 6 m..... 120
Somma e segue, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m..... 120
Os primos, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
A furiosa d'amor, comedia em 1 acto, 5 h. 2 m..... 120
O amante emprestado, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
Casar ou morrer, comedia em 1 acto, 5 h. 2 m..... 120
A mosquinha morta, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto, 4 h. e 1 m..... 120
No campo da opposição, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m. 120
A loira, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m..... 120
Um rapaz timido, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m..... 120
Maldita casaca, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
Casado e solteiro, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m..... 120
A gaiola de ouro, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120
Meias solas e tacões, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
Oh! da guarda... ladrões, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m. 120
Tem sobre-loja, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
O dentista, comedia em 1 acto, 4 h. 1 m..... 120
Tres sacramentos, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
Marido e mulher, comedia em 1 acto, 1 h. 1 m..... 120
A mulher do proximo, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m..... 120
Uma aposta, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120
Por causa d'uma perdiz, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m. 120
Em roupas brancas, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120
O fado classico, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
A visinha do 5.º andar, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m. 120
A estanqueira do Loreto, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m. 120
Os doidos fingidos, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120
Astucias de namorada, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
O livro amarello, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
Uma casa para alugar, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m. 120
Continua... comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
Uma casa de doidos, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
Nove retratos dois tostões, comedia em 1 acto, 6 h. 3 m..... 120
O museu do sr. Custodio, comedia em 1 acto 2 h. 1 m. 120
Os dois rivaes, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
N'um hotel, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
Os encantos de Narciza, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m. 120
Casamento ás escuras, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m.. 120
Por causa de Julio Verne, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m. 120
Casamento desigual, comedia em 1 acto, 1 h. 1 m.... 120

Digitized by Google

POR CAUSA DE JULIO VERNE

COMEDIA EM UM ACTO

POR

Diogo José Seromenho

Condecorado com a medalha de merito,
Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez do
Pará, da Associação dos Escriptores, etc.

Representada com geral applauso no theatro
Luiz de Camões, em Belem, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
Empreza fundada em 1869
DIOGO DE SEROMENHO — EDITOR
Escriptorio da Empreza—Rua Nova do Almada, 24, 2.º
LISBOA—1886

Digitized by Google

AO MEU AMIGO

JOSÉ GOMES DE MENEZES

OFFERECE

Diogo José Seromenho.

Digitized by Google

PERSONAGENS

Euzebio.....	25 annos	Mr. Castenet..	40 annos
Joaquim.....	47 annos	Maria.....	20 annos
Julio...	50 annos		

ACTO UNICO

A scena passa-se n'uma casa de pasto na Perna de Pau. No primeiro andar ha uma janella deixando ver a cabeceira d'uma meza, em roda da qual estão os convidados festejando um casamento; a parte do jardim está illuminado com balões. Os convidados fazem grande bulha.

SCENA I

Joaquim e Maria

JOAQUIM—Divirtam-se, meus amigos, bebam, comam, façam despeza, que é o que eu quero.

MARIA—Accendi os balões porque se espera o sol-e-dó da travessa das Almas, para com as suas musicas fazerem dançar a boda.

JOAQUIM—Deve ser festa rija! muito melhor!

MARIA—Que tal lhe parece a minha illuminação, meu pae?

JOAQUIM—Obra aceiada! Os noivos e seus convidados devem ficar de boca aberta. Mesmo por que é gente pouco acostumada a estas festas, de tudo se admiram... até mesmo da horrivel michordia, a que eu chamo vinho.

Digitized by Google

MARIA—E' verdade, são muito estupidos! Perguntaram-me d'onde era o vinho, e eu respondi-lhes que era de Torres Novas!

JOAQUIM—Tem graça! E' preciso serem muito tapados! E segundo disseram vieram para aqui guiados pela fama dos meus bons petiscos! E modos agradaveis! E' enorme a minha fama! Por isso tenho ganho tanto dinheiro. E' para o teu dote, Maria, se cazares a meu contento.

MARIA—A musica já se demora. E' tão bom um dia de noivado!

JOAQUIM—Para os entreter, vou levar-lhes vinho do Porto. Aposto que já pensas em casar.

MARIA—Bravo o luxo! Olá se penso.

JOAQUIM—Deixa estar que eu te cazarei, mas primeiro preciso arranjar-te o noivo.

MARIA—Não é preciso, já o arranjei. E' um bom rapaz, terno, amavel, e com um genio de pomba sem fel.

JOAQUIM—E como se chama essa *avis raris?*

MARIA—Euzebio Pimenta.

JOAQUIM—Não conheço.

MARIA—Admira. Elle vem aqui passar todos os domingos.

JOAQUIM—Aposto que é um todo peralta, que gosta muito de fallar de politica, e com quem costumo cavaquear.

MARIA—E' esse mesmo.

MARIA—Pois é um bréjeiro bem dissimulado, por que nunca me disse que te amava, nem que queria casar comtigo!

Digitized by Google

MARIA—E' porque tem acanhamento, e um tio, de quem elle depende, é que não quer que elle caze.

JOAQUIM—Começam as difficuldades. E o tio tem dinheiro?

MARIA—Tem uma grande fortuna, mas é um grande maniaco que parece fugido de Rilhafolles.

JOAQUIM—E não dá ao sobrinho nem ao menos o seu consentimento. Estás feliz, rapariga!

MARIA—E' um grande uzurario, por isso é tão rico!

JOAQUIM—Deixa lá, eu fallarei ao teu namorado, e se me agradar, fica o resto por minha conta.

MARIA—Obrigada, meu pae; elle não póde tardar por ahi, soube que vinha hoje cá tocar o sol-e-dó, e vem para dançar comigo.

JOAQUIM—Sim senhor, vocês teem tudo bem combinado, o peior é se não estou pelos ajustes. (*Uma voz dentro—Oh tio Joaquim*). Lá vou, lá vou. (*sáe*)

SCENA II

Maria e Euzebio

EUZEBIO—(*entrando*) Aqui me tens, anjo querido.

MARIA—Esperava-te com impaciencia. Tenho uma boa noticia para te dar.

EUZEBIO—E eu uma noticia tristissima.

MARIA—Fallei a meu pai e não se oppõe ao nosso casamento

EUZEBIO—O nosso casamento é impossivel!

MARIA—Meu pae fallará a teu tio.

Digitized by Google

JOAQUIM—Não o poderá ir procurar.

MARIA—Porque, aonde está elle?

EUZEBIO—Na lua!

MARIA—Endouceste?

EUZEBIO—Para doudo pouco me falta; mas quem está doudo não sou eu, é meu tio. D'antes tinha a mania da musica, tocava clarinete como qualquer padeiro; depois poz de parte o clarinete, e assim que leu o romance de Julio Verne, «Da Terra á Lua», não pensa senão na astronomia. Ha mezes que está rodeado de todos os livros que tratam d'astronomia, e não faz senão gritar:—Julio Verne tem razão, a lua é habitada, e preciso lá ir, quero ver o que lá se passa.»

MARIA—Não tem que ver, está doido!

EUZEBIO—E' como te digo, dá-me muito cuidado a sua mania, já me convidou para o acompanhar á lua! imagina! Quem mais lhe tem desenvolvido a mania é Mr. Castenet, um areonauta que tem feito ascensões no Campo de Sant'Anna, no seu balão—Cidade de Lisboa;—para o disfructar e divertir-se com a sua mania, tem-lhe mettido na cabeça taes ideas com referencia á lua, que o traz mesmo perdido de cabeça. Por fim hoje convenceu-o a partir com elle para a lua no seu balão.

MARIA—Que grande cassoada!

EUZEBIO—Não é cassoada, é especulação. Approveitando-se da monomania de meu tio, convenceu-o a que partia para a lua com elle no seu balão, mandou fazer uns cartazes enormes, com um grande balão pintado, annunciando em letras garrafaes, que levaria por

Digitized by Google

esses ares, em sua companhia, um cavalheiro bem conhecido em Lisboa, e obtem assim, excitando a curiosidade publica, uma enchente real na praça do Campo de Sant'Anna, o que nunca lhe tem acontecido, porque o povo vê de toda a parte a ascensão de graça, escusa d'ir gastar dinheiro á praça. Mas d'esta vez, como já disse, por curiosidade, enche-se tudo, é uma enchente real.

MARIA—Vai então para a lua, abandonando-te.

EUZEBIO—Infelizmente é verdade.

MARIA — Que importa, já não precisamos do consentimento de teu tio, meu pae resolverá o assumpto.

EUZEBIO—E' impossivel, sou menor, e meu tio é meu tutor.

MARIA—Então faze a diligencia para seres maior o mais depressa possivel.

EUZEBIO—Tratarei d'isso.

SCENA III

Os mesmos e Joaquim

JOAQUIM—(*dentro chamando*) Maria! Maria!

MARIA—Meu pae chama-me, vamos contar-lhe tudo.

JOAQUIM — (*entrando*) Não ouves chamar, Maria? (*reparando em Euzebio*) Olá! temos mouro na costa! Não é preciso ser muito esperto para adivinhar que o sr. é o tal pretendente á mão de minha filha.

EUZEBIO—Sou eu mesmo.

JOAQUIM—Antes de resolver o assumpto, preciso

Digitized by Google

tirar algumas informações a seu respeito. E' verdade, qual e a sua profissão?

EUZEBIO—Sou litterato.

JOAQUIM—Litterato? não sei o que é!

EUZEBIO—Escrevo para os jornaes e para o theatro, e sou tambem poeta.

JOAQUIM—Bem, experimentarei o seu talento, pedindo-lhe me faça um annuncio em verso, recommendando o meu estabelecimento. Mas antes preciso fallar com seu tio; leve-me ao sitio onde elle está. Tenho que lhe dizer.

EUZEBIO—Isso é impossivel, porque meu tio... (*aparte a Maria*) Será preciso dizer-lhe que está na lua?

MARIA—Isso não.

JOAQUIM—Aonde está? explique-se...

EUZEBIO—N'este momento, com franqueza, não sei aonde elle está! (*ouve-se musica*)

MARIA—Bem, ahi chega o sol-e dó.

JOAQUIM—Já que deseja ser meu genro, deve ajudar-me nos meus trabalhos, e para começar venha comigo á adega para me ajudar a encher as garrafas, e se ficar satisfeito com o seu trabalho, darei licença a minha filha para dançar comsigo. Tu, vae lá acima e dize aos noivos e convidados que já chegou o sol-e-dó e que o baile póde começar quando quizerem. (*Ouve-se a bulha de instrumentos a afinar*). E nós vamos para a adega. (*A's janellas chegam os convidados, muito alegres, vozes—Vamos á dança, á dança*).

MARIA—Vou-me fartar de dançar! (*olhando para o*

Digitized by Google

céo) Meu Deus! Que será isto?! Meu páe, acuda-me! (*Os convidados descem das janellas e fogem atravessando a scena e gritando muito. Começa a descer um enorme aereostato, trazendo na barquinha Mr. Castenet e Julio. Maria foge tambem*).

SCENA IV

Mr. Castenet e Julio

MR. CASTENET—Senhor Julio, acorde que já chegámos.

JULIO—(*olhando espavorido*) Não vejo nada!

MR. CASTENET—Olhe bem, não vê tantas cazas?

JULIO—E' verdade, lá estão. E ainda haverá quem duvide de que a lua é habitada? E diga-me, mr. Castenet, em que parte da lua estamos?

MR. CASTENET—Estamos ao sul. (*áparte*) Pobre homem, julga-se na lua! E' um maniaco divertido. E o caso é que não sei qual é o sitio em que viemos cahir! (*O balão toca no chão, mr. Castenet salta e prende-o com uma corda a um tronco de arvore; Julio salta tambem*).

JULIO—Meu caro amigo, não posso explicar-lhe a satisfação que sinto em ter chegado á lua, sem pensar nos perigos da viagem, porque dormi admiravelmente.

MR. CASTENET—(*áparte*) Mal sabes que fui eu quem te deu um narcotico, n'um copo de vinho, temente alguma tolice tua. (*alto*) E que grande somno! Ha tres annos que está a dormir!

Digitized by Google

JULIO — Está cassoando! Ainda não ha uma hora que nós partimos do Campo de Sant'Anna! E não era possivel dormir tanto tempo, sem acordar de vez em quando, ao menos para comer e...

MR. CASTENET—Em se passando das regiões ordinarias, e chegando ao vacuo, não é preciso comer!

JULIO — D'aqui á terra deve ser um bom bocadinho!

MR. CASTENET—Já lhe disse. São noventa e quatro mil novecentas e setenta e sete leguas e meia. Quer ver a terra de longe?

JULIO—Quero.

MR. CASTENET—(*mostrando-lhe a lua*) Está ali.

JULIO—E' celebre, parece a lua!

MR. CASTENET — A distancia produz essas miragens, e além d'isso este globo é muito parecido com o nosso.

JULIO—Isso é verdade. Estou com curiosidade de vêr os habitantes da lua. (*começa a procurar por todos os cantos*).

MR. CASTENET—(*áparte emquanto Julio se affasta*) Pobre louco! Como elle imagina estar na lua! Deixemol-o n'esse erro que lhe não pode ser funesto, e voltemos a Lisboa a contar o resultado da ascensão, depois venho buscar o balão. O meu fim está brilhantemente preenchido; o nome do rico capitalista Julio Pimenta, posto no alto dos cartazes, produziu uma enchente real, e deu-me em resultado muito bom dinheiro. (*alto*) Sr. Julio, eu já venho.

JULIO—Então deixa-me só?

Digitized by Google

MR. CASTENET—Vou cuidar nos descobrimentos que havemos de fazer.

JULIO—Não se demore, imagine os embaraços em me veria se algum habitante me viesse fallar... não sabendo eu a lingua lunatica!

MR. CASTENET—Não tenha esse receio, que o hão de entender perfeitamente. Em toda a parte se falla portuguez, e na lua então perfeitamente.

JULIO—Então não se demore.

MR. CASTENET—O menos possivel. (*sáe*)

SCENA V

Julio (*só*)

Até que emfim consegui o meu grande desejo! Estou na lua! E quando voltar a Lisboa, dizendo que vi a lua! Com certeza não me acreditam, sucia de estupidos! Obrigado, Julio Verne, meu querido Julio Verne, se não fosse o teu celebre romance não me achava eu agora aqui. Hei-de escrever a historia dos costumes da lua. Tomara já ver os habitantes. (*senta-se em um banco*)

SCENA VI

Julio, Joaquim, Euzebio e Maria

(*Joaquim e Euzebio sáem da adega com uma lanterna e um cesto com garrafas.*)

JOAQUIM—Não ouço a musica!

EUZEBIO—Não vejo ninguem!

Digitized by Google

JOAQUIM—Para onde iriam? (*chamando*) Maria! Maria!

MARIA—(*chegando á janella*) Que é, meu pae?

JOAQUIM—Aonde estão os noivos, convidados e o sol-e-dó?

MARIA—Não sei, não os vejo, nem os sinto. Fugiram!

JOAQUIM—Estamos roubados, safaram-se sem pagar. E' uma ladroeira! Vamos, Euzebio, põe-te a caminho, vê se os agarras, ainda não podem ir muito longe; vê se ao menos agarras um, que esse pagará por todos. Anda, safa-te, cuida nos intereses da familia.

EUZEBIO—Bem, lá vou. (*sáe correndo*)

JOAQUIM—Não havia nada melhor, comer, beber, gritar e dançar, e depois porem-se ao fresco, sem pagar Que patifes!

MARIA—Olhe, meu pae, ali sentado debaixo da parreira está um homem!

JOAQUIM—Fallei antes de tempo. Ha-de ser algum dos convidados.

MARIA—E está escrevendo. (*retira-se da janella*)

JOAQUIM—Naturalmente está calculando a despeza, vamos a ver se estamos d'accordo... (*cumprimentando-o*) Meu caro senhor...

JULIO—(*áparte*) Quem será este homem? Bom typo!

JOAQUIM—(*áparte*) Não tenho idéa de o ter visto na boda. Vamos com alguns rodeios saber o que elle faz. (*alto*) Então está satisfeito?

Digitized by Google

JULIO—(*áparte*) E falla portuguez! Mr. Castenet tinha razão. (*alto*) Até agora não tenho razão de queixa.

JOAQUIM—Então deixaram-n'o só?

JULIO—Por pouco tempo, d'aqui a pouco veem-me buscar. Pois é verdade, este seu planeta é bem bonito!

JOAQUIM — Planeta! Eu chamo-lhe — «Retiro dos Amadores».

JULIO—Tem graça! O sr. é um homem d'espirito; lá pela terra não ha d'isso, é tudo estupidez!

JOAQUIM—(*áparte*) De que terra será elle?

JULIO—Tenciono escrever uma obra em vinte volumes, e o meu amigo ha-de me dar os apontamentos, quero que me dê conta de tudo.

JOAQUIM—(*áparte*) Elle que pede a conta, é porque tenciona pagar. (*alto*) Está dito, dar-lhe-hei a conta. Não quer tomar nada?

JULIO—Venha lá um pequeno petisco, seja o que fôr, que eu não sou de cerimonias.

JOAQUIM—Tenha a bondade de entrar.

JULIO—Espero que me venham buscar, por isso comerei aqui mesmo.

JOAQUIM—Está dito, como lhe agradar

JULIO—Uma comida leve, seja o que fôr, mesmo porque me veria em embaraços para lhe dizer o que queria; era capaz de lhe pedir alguma producção da terra, que o sr. não conhece.

JOAQUIM—(*admirado*) Pois o sr. não tem comido producções da terra?

JULIO—Tenho, mas aqui não quero pedir impossi-

Digitized by Google

veis. Dê-me do que tiver melhor sobre a superficie do seu globo.

JOAQUIM—Do meu globo!

JULIO—Sim, o que o seu planeta produzir de mais saboroso.

JOAQUIM—(*admirado*) O meu planeta!

JULIO—A sua bola, e olhe que é bem grande, vê-se de longe.

JOAQUIM—(*áparte*) Cada vez percebo menos! (*sáe*)

JULIO—O homem parece tapado. Se todos os habitantes forem assim!

SCENA VII

Joaquim, Julio, e Maria

MARIA—(*trazendo o almoço*) Aqui está o almoço!

JULIO—Boa noticia. (*áparte*) A lunatica, é bem boa!...

JOAQUIM—(*baixo a Maria*) Eu vou acabar a conta, não percas de vista este original, que me parece ter pancada na mola. (*alto*) Eu já volto, vou acabar a conta que me pediu. (*sáe*)

JULIO—Pois sim, vá. Tem graça! Bife!... ovos frictos!... exactamente como na terra!... O' lunaticasinha, esqueceu-lhe vinho!

MARIA—(*áparte*) Que me chamou elle?! (*alto*) Que vinho quer?

JULIO—Do melhor. (*Maria sáe*) Entretanto lancemos algumas notas no meu livro de lembranças—«Na lua comem-se bifes e ovos frictos».

Digitized by Google

SCENA VIII

Joaquim e Julio

JOAQUIM—(*trazendo um papel na mão*) Aqui está o que me pediu.

JULIO—Eu não pedi nada.

JOAQUIM—Nada de chalaças, leia e pague.

JULIO—Leia e pague! Que quer dizer?

JOAQUIM—E' a conta das despezas que fez na minha casa de pasto!

JULIO—Não ha de ser grande a tal conta, só comi dois ovos e meio bife. Vejamos a somma... 37$140 réis... Isso é engano?

JOAQUIM—Eu nunca me engano!

JULIO—Pelo menos um erro de 36$900 réis.

JOAQUIM—O sr. está mangando comigo! Ora examine as parcellas.

JULIO—(*lendo*) Illuminação, 2$400; louça e vidros, 4$500; jantar no salão, 30$000; almoço, 240 réis.—Não fui eu que mandei accender os balões, risque; não quebrei nada, nem fui ao seu salão, risque tudo; agora emquanto ao almoço...

JOAQUIM—Tambem risco?

JULIO—Não, pago, aqui tem cinco tostões, pague-se.

JOAQUIM—Nada de chalaças, venha o resto.

JULIO—O' homem, deixe-me, você é imprudente; devia respeitar os estrangeiros. Vá para o diabo que o carregue.

JOAQUIM—Você é um ladrão e vae já ser preso.

Digitized by Google

JULIO—Ladrão é você! Veja como falla!

SCENA IX

Os mesmos, Euzebio e Maria

EUZEBIO—(*entrando a correr*) Sr. Joaquim, sr. Joaquim!

MARIA—E's tu, querido Euzebio?

EUZEBIO—Boas noticias. Primeiro que tudo saiba que meu tio está aqui, e os noivos e os convidados veem ahi. (*vendo Julio, corre para elle e abraça-o*) Meu querido tio!

JOAQUIM—(*a Julio*) Queira perdoar o meu erro e as minhas palavras, não o conhecia!

JULIO—Bem, está perdoado. (*a Euzebio*) Então que balão te trouxe para aqui?

EUZEBIO—Vim no *char-á-banc* do Silvestre, que faz carreiras para a Perna de Pau.

JULIO—Que dizes tu! Para a Perna de Pau?!

EUZEBIO—Sim, meu tio. Nós estamos na Perna de Pau, e o meu querido tio foi victima d'um especulador, qne á custa da sua credulidade, conseguiu ter uma enchente real no Campo de Sant'Anna.

JULIO—Isso não é possivel, tu não sabes o que dizes!

EUZEBIO—Quer-se convencer? Leia o que diz o *Jornal da Noite* a seu respeito. (*dá-lhe um jornal*)

JULIO—(*lendo*) «Viagem do sr. Julio Pimenta á lua!» (*interrompendo*) Ouçam com attenção. «Julio Pimenta, depois de ter feito as mais patheticas despedidas ao

Digitized by Google

povo de Lisboa, offerecendo-lhes os seus serviços na lua, partiu no balão de mr. Castenet e na sua companhia, ás 4 horas da tarde, da praça do Campo de Sant'Anna, e um quarto de hora depois caiu no quintal da bem conhecida casa de pasto na Perna de Pau, aonde assustou e poz em fuga um casamento que se estava festejando. Elle, pobre maniaco, julga-se na lua e está no Hotel da Perna de Pau!»—Oh! que grande pouca vergonha!

JOAQUIM —Console-se, sr. Julio; enganaram-n'o, isso póde acontecer a muita gente boa.

JULIO—Patife!

JOAQUIM—Olhe, meu caro sr. Julio, seu sobrinho ama minha filha, e eu pedia-lhe o seu consentimento para este casamento, que fará a felicidade de ambos.

JULIO—Pois sim, casem-se e deixem-me. Que vexame! escarnecido! ludibriado! E ainda por cima os jornaes mangando comigo! Estou furioso! (*canta*)

(COUPLET FINAL)

Se cahi n'esta arriosca,
E puz tudo em confusão;
Dai me ao menos duas palmas
P'ra alegrar meu coração.

Cae o panno

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O artigo 1:204, comedia em 1 acto, 1 h. 2 m..... 120
Entre conjuges, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
Um dente por amor, comedia em 1 acto, 4 h. 1 m..... 120
Amor e interesse, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120
Enredos d'amor, comedia em 1 acto, 4 h. 1 m..... 120
Todos enganados, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120
Simplicidade e esperteza, entre-acto, 1 h. 1 m..... 120
Restauração de Portugal, scena dramatica, 1 h..... 60
Mestre Barnabé, scena comica, 2.ª edição..... 60

Augusto Cesar de Vasconcellos

Consequencias de inconsequencias, comedia em 3 actos, 5 h. 2 m..... 400
A mascara verde, comedia em 2 actos, 6 h. 2 m..... 300
Santos & C,ª comedia em 2 actos, 7 h. 2 m..... 300
O cura Santa cruz, drama em 1 acto, 4 h. 1 m..... 120
O pagem rei, comedia em 1 acto, 6 h. 2 m..... 120
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m.... 120
Preciosidades de familia, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m. 120
O barro é fragil, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m..... 120
O mestre de dança, comedia em 1 acto, 2 h, 2 m..... 120
A cabelleira de minha mulher, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120
O ultimo figurino, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m..... 120

Diogo José Seromênho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos, 4 h. 3 m..... 300
A gabba-céga, zarzuella em 2 actos, 3 h. 2 m..... 300

Alfredo de Sarmento

O que fazem romances, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m.. 120
Uma morte n'um saguão, comedia em 1 acto, 2 h. 1 m. 120
Uma casa com escriptos, comedia em 1 acto, 2 h. 2 m. 120
Paulo e Virginia, comedia em 1 acto, 1 h. 2 m..... 120
A quarentena, comedia em 1 acto, 4 h. 1 m..... 120
Travessuras de cupido, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m.. 120
Casar por ter fome, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m.... 120
Amor teimoso, comedia em 1 acto, 4 h. 2 m..... 120

Dr. Rodrigues Loureiro

Os advogados, comedia-drama em 3 actos, 9 h. 2 m... 300
Um tiro feliz, comedia em 1 acto, 2 h. 3 m..... 120
Por falta de franqueza, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m. 120
Não se foge ao destino, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m. 120
Em Vidago, comedia em 1 acto, 3 h. 3 m..... 120
Feliz ao jogo..., comedia em 1 acto, 5 h. 3 m..... 120

Digitized by Google

Pedro Cabral

As cerejas, comedia em 3 actos, 3 h. 3 m..... 300
Marinheiros em terra, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m.. 120
Uma extravagancia, comedia em 1 acto, 2 h. 3 m..... 120

Julio Rocha

Tribulações d'uma solteirona, comedia em 1 acto, 2 h. 3 m..... 120
Uma victima da tragedia, comedia em 1 acto, 1 h. 1 m. 120
Sem amor e sem cochicho, comedia em 1 acto, 3 h. 1 m. 120

José Romano

A Traviata, parodia em 4 actos, 9 h. 3 m..... 400

A. R. Palhaes

Por ser economica, comedia em 1 acto, 3 h. 2 m..... 120

Julio Howorth

Alugam-se quartos, comedia em 1 acto, 1 h. 1 m. 2.ª edição..... 160

Jorge Salgueiro

Cupido e mercurio, comedia em 1 acto, 4 h. 3 m..... 120

J. R. Chaves

A duqueza por um... sabio, scena comica, 1 h..... 60

Carlos de Almeida

O policia civil, cançoneta comica, 1 h..... 60

F. Jacobetty

Fantoches, (sem cordel), cançoneta, 1 h..... 60
Os heroes, poesia, 1 h..... 40

E. Rocha

O prégo, cançoneta comica, 1 h. 2.ª edição..... 60

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ SEROMENHO

Um volume nitidamente impresso contendo os seguintes originaes

I Vallei aos desgraçados.
II As reuniões do sr. Procopio.
III Uma tragedia em familia.
IV A navalha.
V As filhas da sr.ª Ignez.
VI Fiem-se em mulheres.
VII Martyrios sociaes.
VIII Pena de Talião.

PORTUGAL 500 RÉIS=BRAZIL 1$000 RÉIS

Digitized by Google

25

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

UM RAPAZ TIMIDO

COMEDIA EM 1 ACTO

Representada com applauso no theatro de Variedades

PREÇO 120 REIS

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1879

Digitized by Google

CONTOS SEM POESIA

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio litterario portuguez no Pará, etc.

UM VOLUME NITIDAMENTE IMPRESSO

CONTENDO OS SEGUINTES ORIGINAES

I **Valei aos desgraçados.**
II **As reuniões do sr. Procopio.**
III **Uma tragedia em familia.**
IV **A navalha.**
V **As filhas da sr.ª Ignez.**
VI **Fiem-se em mulheres.**
VII **Martyrios sociaes.**
VIII **Pena de talião.**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO

Portugal.....	500 réis
Brasil.....	1$000 »

Digitized by Google

UM RAPAZ TIMIDO

COMEDIA EM 1 ACTO

IMITAÇÃO

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio litterario portuguez no Pará, etc.

THEATRO CONTEMPORANEO
DIOGO SEROMÊNHO
EDITOR
LISBOA—1879

Digitized by Google

A.

Para te provar que nunca de ti me esqueço, dedico-te esta simples comedia, escripta nos poucos ocios do meu lidar constante. Acceita-a e desculpa a mesquinhez da offerta.

Ao teu

Povoa de Santo Adrião.
Setembro de 1877.

Diogo.

Digitized by Google

UM RAPAZ TIMIDO

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

AMELIA.	CARLOTA.	JOAQUIM.
AUGUSTA.	JOSÉ.	GERMANO.

Actualidade

ACTO UNICO

Sala decentemente mobilada, portas ao fundo e lateraes, carteira com livros, tinteiro, uma caixa com charutos. Campainha com o competente cordão, etc., etc.

SCENA I

JOAQUIM, *e depois* **AMELIA**

JOAQUIM. Nada, não está aqui, não a vejo!... Aonde diabo metteria eu a minha ditosa carteira!... Querem ver que a perdi!... Mas ainda esta manhã a metti na algibeira d'este casaco com a carta de Antonia, pedindo-me uma entrevista... talvez a perdesse na casa de jantar. Se cáe em poder de minha mulher estou arranjado!... Vou perguntar á criada... não seja o diabo negro! *(Pucha a campainha com força, não apparece ninguem, e continua a tocar até que parte o cordão da campainha.)* Esta não é má, estará surda!...

AMELIA *(entrando)*. Porque fazes tanta bulha?

JOAQUIM. Pois nem assim mesmo, Carlota apparece. Naturalmente está á janella fallando com o derriço! não ouve! parece incrivel, tem os ouvidos tapados...

AMELIA. Para que a queres?

JOAQUIM. Para lhe perguntar se encontrou a minha carteira na casa de jantar.

Digitized by Google

AMELIA. E para uma coisa tão insignificante fazes tanta bulha! Por uma simples carteira!

JOAQUIM. Não é pelo que a carteira vale, mas sim pelo que tem dentro. Mas isto é de mais. *(Continúa a chamar.)*

AMELIA. Muito mais rasoavel era ires procural-a em logar de fazeres tamanho berreiro!

JOAQUIM. E para que lhe pago eu dois mil réis por mez? É para servir-me, ou é para estar todo o dia á janella fallando com o estupido ali de defronte. *(Parte o cordão da campainha)*. Bem, agora parti o cordão da campainha!... Antes ella partisse uma perna.

AMELIA. É verdade com esse maldito genio que tens eras capaz...

JOAQUIM. Nunca me queixo com rasão? Sim, Carlota faz muito bem em não vir quando a chamo?

AMELIA. Não digo isso... porém tu queres que n'um momento em que dás uma ordem sejas logo servido com a velocidade do caminho de ferro.

JOAQUIM. Pois olha parece-me que a Carlota, corre ao meu chamamento n'um char-à-banc.

AMELIA. Ahi a tens.

SCENA II

OS MESMOS *e* **CARLOTA,** *entrando*

CARLOTA. Os senhores chamaram?

JOAQUIM. Não, não chamámos, toquei a campainha até partir o cordão!... Aonde estavas mettida?

CARLOTA. Na cosinha.

JOAQUIM. E porque não viestes assim que te chamei?

CARLOTA. Então eu não vim correndo?...

JOAQUIM. Sim? Pois previno-te que se continuas a correr assim ponho-te na rua.

CARLOTA. Pois eu dou causa a isso?!

JOAQUIM. Estás todo o dia na janella fallando com o carvoeiro ali de defronte, e não cumpres com a tua obrigação, ainda achas pouco?

Digitized by Google

CARLOTA. Isso não é assim, eu faço tudo que posso. O visinho carvoeiro é meu patricio, e está-me sempre a perguntar noticias da terra, hei de responder-lhe, bem vê...

JOAQUIM. Menos conversa e mais obediencia. Dize-me, vistes uma carteira que me ficou ainda agora na casa de jantar?

CARLOTA. Uma carteira? Aonde o senhor guarda os cigarros?

JOAQUIM. Isso é uma cigarreira.

CARLOTA. Não vi.

JOAQUIM. Mas aonde poria eu a tal carteira?

AMELIA. Talvez a perdesses na rua.

JOAQUIM. Não póde ser, porque ainda não saí. Vistes bem debaixo da mesa?

CARLOTA. Espere um bocadinho.

JOAQUIM. O que; sabes aonde ella está?

CARLOTA. A carteira?

JOAQUIM. Sim.

CARLOTA. Não senhor. Porém esta manhã, quando varria, encontrei este papel no chão, proximo da sua cadeira. *(Dando-lhe uma carta.)*

JOAQUIM *(áparte)*. Será a carta de Antonia.

AMELIA. Que papel é esse?

JOAQUIM. É a conta do alfaiate. Retira-te e procura a carteira por toda a parte. E quando a encontrares traze-m'a logo.

CARLOTA. E se não a encontrar, que farei?

JOAQUIM. Continuar a procural a.

CARLOTA. Vou já. *(Áparte.)* Vou, mas é fallar com o meu noivo, que a carteira apparecerá quando quizer, que eu com isso me não importa. *(Sáe.)*

SCENA III

AMELIA *e* **JOAQUIM**

AMELIA. Deixa-me ver essa conta.

JOAQUIM *(áparte)*. Valha-me Deus. *(Alto.)* Que capricho! E para que a queres ver?

Digitized by Google

AMELIA. Tu achas que é capricho, pois seja, dá-a cá.

JOAQUIM. Está muito mal escripta... não a entendes.

AMELIA. Não importa.

JOAQUIM. Pois sim, já t'a dou... porém filha, quem te fez esse vestido? Está muito mal feito.

AMELIA. Quem havia de ser? a modista.

JOAQUIM. Pois é preciso tomar outra immediatamente, que máo gosto no talhe e nos enfeites, decididamente deves mudar para outra. Porque não mandas chamar a de tua prima, que dizem ter mãos de fada...

AMELIA. Sim, e a conta?

JOAQUIM. A da modista?

AMELIA. Não, a do alfaiate...

JOAQUIM. Do alfaiate... ah! já me esquecia... Mas... aonde a puz... *(Procurando nas algibeiras.)* Aqui não está... nem aqui... querem ver que a perdi... Isto faz zangar um santo!... Tenho a memoria perdida!... Nunca sei aonde ponho as coisas.

AMELIA. Vê na algibeira do peito.

JOAQUIM. Não me lembrava de similhante algibeira.

AMELIA. Que casualidade!

JOAQUIM. Parece-me que perdi a memoria... N'outro dia aconteceu-me uma coisa muito ratona... Imagina tu que eu estava...

AMELIA. Bem, bem, logo me contarás... agora dá-me a conta...

JOAQUIM. A historia é pequena... Imagina que eu estava no café Martinho...

AMELIA. Joaquim! a tua insistencia em não me dares esse papel, faz-me suspeitar que me enganas. Dá-me já essa conta...

JOAQUIM *(áparte).* Vae rebentar a bomba. *(Alto.)* Enganar-te eu!... toma a conta... *(Dá-lhe a carta.)*

AMELIA. Uma carta!... mas não dizias que era uma conta? Desgraçado de ti, se as minhas suspeitas se transformam em realidades.

JOAQUIM *(áparte).* É a carta de Antonia, estou arranjado!

Digitized by Google

AMELIA *(lendo)*. «Querido amigo.» Com que franquesa te trata o teu alfaiate! «Quando receberes esta já haverá chegado meu filho a Madrid.»

JOAQUIM. Ai! que não é...

AMELIA. O que?...

JOAQUIM. A conta! Essa carta é do meu amigo Roberto, que recebi esta manhã.

AMELIA. Ao mesmo tempo que a conta?

JOAQUIM. Exactamente, por isso confundi. *(Áparte.)* Respiro, d'esta escapei eu...

AMELIA. Talvez tenhas a conta no fundo da algibeira, deixa ver?...

JOAQUIM. Procura o que quizeres... Julgas-me capaz de te enganar?... *(Amelia procura nas algibeiras do casaco.)* Vamos, estás convencida?

AMELIA. Por emquanto estou, toma a tua carta, porém não deixo de desconfiar de ti, o teu proceder faz-me suppor que me enganas. Por agora adeus.

JOAQUIM. Vaes sair?

AMELIA. Vou fazer umas compras, mas não me demoro.

JOAQUIM. Então, até logo.

AMELIA. Até logo.

JOAQUIM *(áparte)*. É preciso cautella, não descubra ella alguma coisa.

AMELIA *(dando-lhe uma pancada no hombro)*. Previno-te que sigo os teus passos... Cuidado comigo!... *(Sae.)*

SCENA IV

JOAQUIM *só*

Minha mulher sabe alguma coisa! Ou então desconfia mas de que? Dava o que quizessem para o saber. É conveniente estar prevenido e não apparecer por estes dias em casa de Antonia. Agora o que mais me interessa é encontrar a minha carteira, e cumprir o encargo que me fez meu sobrinho antes de morrer. Devolver o maço de cartas a Augusta, sem que o marido o saiba. A commissão é

Digitized by Google

delicada, e se não fosse meu sobrinho, não me encarregava d'ella... E agora me lembro, tenho que ir saber se já chegou o filho do meu amigo, e pôr-me á sua disposição. Devo acompanhal o aos divertimentos, e mostrar-lhe tudo quanto ha de notavel na capital, pois o tal menino nunca veio a Lisboa, tenho de ser o seu mentor. Segundo me diz o pae, é muito innocente, e muito ignorante. Heide-me divertir com elle, mas agora vou ao meu escriptorio ver se encontro a carteira! Ainda que tenho a certesa que a deixei na casa de jantar. *(Sae.)*

SCENA V

CARLOTA *e* **JOSÉ**

CARLOTA *(entra atraz de José que se senta)*. Posso saber por quem pergunta?

JOSÉ. Estou muito cançado, não se póde andar em caminho de ferro.

CARLOTA *(áparte)*. Gósto da franquesa!...

JOSÉ. Agradeço a tua amabilidade, minha pequerrucha.

CARLOTA. Não sou pequerrucha, sou Carlota.

JOSÉ Carlota, bonito nome.

CARLOTA. V. s.ª quer-me dizer quem procura?

JOSÉ. Pois ainda te não disse?...

CARLOTA. Não, senhor.

JOSÉ. Não faças caso, este meu genio timido... *(Collocando as pernas em cima d'uma cadeira.)* é necessario um gancho para me pescar as palavras... E se não fosse assim ha muito tempo que estava deputado, ministro, que sei eu!... Porém esta maldita timidez faz com que nunca possa sair da esphera em que estou collocado, e pôr mais esforços que a minha familia, e os meus amigos façam!... nada consigo, falta-me o principal, a ousadia, o descaramento, e sem estes predicados nada se consegue n'este mundo. *(Tirando um charuto da caixa e accendendo-o.)*

CARLOTA. Então o que faz?

Digitized by Google

JOSÉ. Não vês, fumo.

CARLOTA. Mas, esses charutos são do patrão.

JOSÉ. Bem sei, então acreditas que se fossem d'outro dono, eu me atreveria... bonito genio tenho para isso... sou capaz de morrer de fome, só para não pedir... E são bem bons charutos, vou tirar outro para logo. *(Tira outro charuto que guarda na algibeira.)*

CARLOTA. Olhe que eu chamo o senhor!

JOSÉ. Não te zangues, minha bella, tu não sabes quem eu sou, se soubesses, não te zangavas. Eu tenho direito a tudo quanto esta casa tem, sem que seu dono com isso se importe. Ora, anda cá e fallemos como bons amigos. Tens namorado?

CARLOTA. Isso nunca se pergunta.

JOSÉ. E que tal, é bonito?

CARLOTA. É o carvoeiro ali de defronte.

JOSÉ. Que provir tão negro te espera! Pois para veres como sou franco, toma, dá-lhe estes dois charutos da minha parte. *(Tira-os da caixa e dá-lh'os.)*

CARLOTA. Só dois! quatro tiro eu todos os dias para elle sem que o patrão dê por isso.

JOSÉ. Boa idéa. *(Áparte.)* Estes genios atrevidos é que eu invejo. *(Alto.)* Mas não estejas de pé assenta-te a meu lado. *(Baixo.)* Tem bonitos olhos... *(Offerece-lhe a cadeira em que tinha os pés.)*

CARLOTA. É que tenho lá dentro que fazer. *(Assenta-se.)*

JOSÉ. Não tenhas pressa, que todo o tempo que ao pé de mim estiveres não o perdes. E em paga toma lá, não quatro charutos como costumas tirar a teu amo, mas seis. *(Tira-os da caixa e dá-lh'os.)*

CARLOTA. Muito obrigado; mas se meu amo dá por isso...

JOSÉ. Já te disse que eu posso fazer o que quizer. Sabes que tenho muita pena que as tuas mãos se estraguem na cosinha! São muito bonitas!... *(Apertando-lh'as.)* Como foi que teu namorado se declarou?

CARLOTA Um dia que fui comprar carvão, pegou-me

Digitized by Google

na mão, e disse-me: Carlota, gósto muito de ti, quero-te muito...

José. Uma coisa que eu não fazia, dizer a uma mulher que gostava d'ella. *(Passa a mão por detraz de Carlota, e abraça-a.)*

Carlota *(deixando-se abraçar)*. Que faz, senhor?

José. Não faças caso, continua...

Carlota. O senhor é muito máo!...

SCENA VI

Os mesmos e Joaquim

Joaquim *(entrando)*. Muito bem.

Carlota *(levantando-se)*. Meu amo!...

Joaquim. Que escandalo é este... Posso saber senhor, com que direito...

José. Tenho a honra de estar fallando com o sr. Joaquim Vicente?

Joaquim. Um seu criado... mas antes queria saber...

José. De cá um abraço.

Joaquim. O que?

José. Pois não me conhece?

Joaquim. Eu não.

José. Pois não conhece o filho do seu amigo Roberto?

Joaquim. Ah! então o senhor é o José, não o via desde pequeno... Então como está o meu amigo Roberto?

José. Perfeitamente, encarregou-me repetidas vezes de lhe dar um abraço da sua parte. Isso mesmo estava eu contando á sua criada quando o senhor entrou, e para que o comprehendesse bem...

Joaquim. Abraçava-a...

José. Exactamente... Recebeu a carta de meu papá?

Joaquim. Recebi, e agora mesmo ia ao caminho de ferro offerecer-lhe os meus serviços.

José. Muito obrigado.

Joaquim. E tu Carlota, sem me avisares...

José. A culpa não foi d'ella, mas sim minha, que com este genio tão timido que tenho... receei importunal-o.

Digitized by Google

JOAQUIM. De modo nenhum. Que fazes ahi Carlota, Safa-te, e vê se me procuras a carteira.

CARLOTA *(áparte).* Se não apparecer senão quando eu a procurar. *(Sae pela esquerda.)*

SCENA VII

JOAQUIM *e* **JOSÉ**

JOAQUIM. Assente-se, meu querido José!

JOSÉ. Com licença. *(Assenta-se.)*

JOAQUIM. Então que tal foi a viagem?

JOSÉ. Muito encommoda porque não pude fechar os olhos em toda a noite. Imagine o meu amigo que tinha á minha esquerda um republicano, e á minha direita um monarchico

JOAQUIM. Discussão segura. E então gosta de Lisboa?

JOSÉ. Gósto muito, apesar de que ainda pouco vi.

JOAQUIM. Pois em cá estando algum tempo ha de gostar. Aqui ha muito que admirár, a frontaria da academia real das sciencias, o mercado da praça da figueira, as grades do passeio publico, o bairro da Alfama, etc., alugue um trem, e com uma lista que eu lhe der, vá ver tudo. *(Áparte.)* Assim me livro de o acompanhar.

JOSÉ. Eu tinha pensado outra coisa.

JOAQUIM. Diga.

JOSÉ. Que o meu amigo me acompanharia, para me dar as explicações necessarias...

JOAQUIM. Com muito gosto. *(Áparte.)* Estou apanhado...

JOSÉ. E tambem me parece, que em logar d'irmos de trem, é melhor irmos a pé, para admirarmos tudo que se encontrar no caminho.

JOAQUIM. D'accordo. *(Áparte.)* Que grandes estafas vou apanhar.

JOSÉ. Fica combinado, todos os dias depois de almoço passeio... voltamos a casa, jantamos, e depois toca a passeiar... e á noite...

JOAQUIM. Tambem passeiar?

Digitized by Google

José. Á noite, aos theatros. Cada noite iremos a um, principiaremos por S. Carlos e acabaremos pelas Variedades.

Joaquim. Boa idéa.

José. Por esta fórma em poucos dias vê-se em Lisboa tudo que ha de notavel. Depois o meu amigo apresentar-me-ha a todos os seus conhecimentos, levar-me-ha a todas as reuniões, e todas as semanas dará um baile, a ver se por esta fórma consigo mudar de genio, perder esta minha timidez...

Joaquim *(áparte)*. Deixa estar que eu te arranjarei, tu na tua casa e eu na minha, e depois não te appareço...

SCENA VIII

Os mesmos, Carlota *e depois um moço com alguns objectos*

Carlota. Patrão.

Joaquim. O que é, appareceu a carteira?

Carlota. Não senhor.

Joaquim. Então o que queres, eu não te chamei.

Carlota. Está ahi um moço que traz uma bagagem.

Joaquim. Bagagem! É engano, dize-lhe que não é para aqui.

José. Ao contrario, dize-lhe que entre.

Joaquim. O que!...

José. Essa bagagem é a minha... Percebi que o meu amigo me destinaria aposentos em sua casa, que não consentiria que eu fosse para uma hospedaria, e comprehendendo os seus desejos, mandei vir a bagagem.

Joaquim. Sim... é verdade... *(Áparte.)* Que tal está a intallação!...

José. A não ser assim, nunca me tinha atrevido, bonito genio tenho eu para isso... Agora o meu amigo diga-me qual é o quarto que me está destinado, para eu collocar a minha bagagem...

Joaquim. O que?

Digitized by Google

JOSÉ. Nada de incommodo, em qualquer parte me arranjo... e como sou um cavalheiro...

JOAQUIM. A minha casa é tão pequena...

JOSÉ. Qualquer cantinho me serve, em tendo uma sala, ou um quarto com janellas me basta...

JOAQUIM *(áparte).* Assim mesmo não é exigente...

CARLOTA. Que digo ao moço?

JOAQUIM. Que ponha a bagagem n'aquella casa.

CARLOTA. Vou já!... *(Sae.)*

JOSÉ. Então o meu amigo, não me apresenta a sua senhora? Tenho muitos desejos de a conhecer.

JOAQUIM. Saiu ha um quarto de hora, mas não se póde demorar. *(Entra Carlota, e o moço com a bagagem.)*

CARLOTA. Por aqui. *(Indicando a porta da direita ao moço, por onde entra.)*

JOSÉ Cuidado com essa caixa, que vae dentro uma cousa muito delicada.

JOAQUIM. É algum objecto d'arte?

JOSÉ. É um cornetim.

JOAQUIM *(assustado).* O senhor, toca cornetim?

JOSÉ. Não senhor, é um remedio para as grandes friagens que eu padeço.

JOAQUIM. E receitaram-lhe um cornetim?

JOSÉ. O medico disse-me que todas as vezes que sentisse frio, tocasse no cornetim com todas as minhas forças, que logo me vinha o calor.

JOAQUIM. E costuma ter frio muito a miudo?

JOSÉ. Duas ou tres vezes por dia.

JOAQUIM *(áparte).* Estou bem arranjado. *(Entra Carlota pela direita com o moço.)*

CARLOTA. Está tudo arrumado.

JOSÉ. O meu amigo faz favor, paga ahi ao moço, que eu não tenho dinheiro trocado.

JOAQUIM *(áparte).* Ainda mais isto. *(Alto.)* Toma, e vae-te embora. *(Dá dinheiro ao moço que sae, áparte.)* Parece-me que não está cá por muitos dias. *(A Carlota, alto.)* Não deixes de me procurar a carteira, e se a encontrares não a entregues á senhora.

Digitized by Google

CARLOTA. Fique descançado. *(Sae.)*

SCENA IX

JOSÉ e JOAQUIM

JOSÉ. Parece-me que tem grande interesse em achar a carteira?

JOAQUIM. Está cheia de papeis importantes.

JOSÉ. Cartas amorosas, não é verdade?

JOAQUIM. Nada, recibos, procurações, escripturas.

JOSÉ. Que o meu amigo não quer que a sua esposa veja, vamos, seja franco comigo. N'essa carteira tambem ha uma carta escripta por uma mulher...

JOAQUIM. O que?

JOSÉ. Meu pae disse-me que o senhor era muito apaixonado pelo sexo gentil. Aposto que é alguma modista, é genero muito travesso...

JOAQUIM. Mas...

JOSÉ. Não tenha medo de me confessar a verdade. Eu não digo uma palavra, faça de conta que tudo que me disser caiu a um poço. E de mais o meu amigo bem vê o meu genio, que é preciso picar-me para eu fallar.

JOAQUIM. É verdade, bem vejo...

JOSÉ. Então o meu amigo diz-me que é uma modista.

JOAQUIM. Eu não lhe disse nada...

JOSÉ. Mas deu-o a entender, que é o mesmo. E ha muito tempo que o senhor tem relações com essa mulher?

JOAQUIM. Falle mais baixo.

JOSÉ. Mas, diga ha muito tempo...

JOAQUIM *(áparte)*. Este homem é o diabo. *(Alto.)* Promette guardar segredo, olhe que d'isso depende a minha tranquillidade...

JOSÉ. Póde ficar descançado.

JOAQUIM. Sendo assim, digo-lhe que haverá seis annos dancei no baile de mascaras da Trindade uma walsa com ella.

JOSÉ. Com a modista?

JOAQUIM. Outra vez! Não é modista. Resultou d'a-

Digitized by Google

quella walsa o amor... e como era de esperar, d'ali a tempo era pae, um anno depois morreu a creança. Quiz acabar com aquellas relações, mas não tive animo para o fazer. E imagine que para evitar um escandalo, passo por solteiro para com essa mulher. Eu desejava romper com ella mas tenho medo que venha aqui e diga tudo a minha mulher.

JOSÉ. Aonde mora?

JOAQUIM. Aqui perto, na rua do Outeiro 310, 3.º

JOSÉ. Eu o livrarei d'esse compromisso.

JOAQUIM. De que fórma.

JOSÉ. Ainda o não sei, porém hei de livral-o.

JOAQUIM. Faz-me o senhor um grande favor... porém peço-lhe o maior segredo... sobre tudo que minha mulher não o saiba...

JOSÉ. Fique descançado. Segredo que a mim se confia... Olhe ainda hontem no caminho de ferro um viajante, a quem eu inspirei confiança, me contou uns amores que teve com uma mulher que hoje está casada com um velho, e elle tem um maço de cartas e alguns retratos, e o tal chama-se Germano das Neves...

JOAQUIM. Conheço perfeitamente.

JOSÉ. Pois confiou-me o segredo e eu prometti guardal-o. O que me não lembro é o nome d'ella.

JOAQUIM. E diz o senhor que chegou hontem a Lisboa?

JOSÉ. É verdade.

JOAQUIM *(áparte)*. Esta só pelo diabo. Já não posso ir a sua casa entregar o maço de cartas a sua mulher.

SCENA X

OS MESMOS *e* **GERMANO**

GERMANO. Dá licença.

JOAQUIM. Póde entrar, amigo Germano.

JOSÉ. O meu companheiro de viagem!...

GERMANO. Por aqui, meu amigo!...

JOAQUIM. Estavamos precisamente fallando do meu amigo.

GERMANO. De mim?...

Digitized by Google

JOSÉ. Estava contando ao nosso amigo os seus amores, com certa dama que está hoje casada.

GERMANO *(áparte)*. Esta só pelo diabo. *(Alto.)* Então o amigo disse...

JOSÉ. Tudo ménos o nome d'ella, que n'este instante me não lembra.

GERMANO *(áparte)*. Respiro! Se o soubesse dizia ao marido!...

JOSÉ. Tem o meu amigo a bondade de dizer o nome?

GERMANO. Eu!... *(Aparte.)* Este homem compromette-me. *(Alto.)* Desculpe-me, mas é uma coisa seria, e eu não posso...

JOSÉ. Não tenha receio. Exactamente aqui ao nosso amigo lhe acontece uma coisa egual.

GERMANO. Deveras?...

JOAQUIM *(baixo a José)*. Calle-se!... *(Alto.)* Não faça caso.

JOSÉ. Tem relações com uma mulher ha muito tempo, e trata de devolver-lhe as cartas.

JOAQUIM *(a José baixo)*. Calle-se homem *(Alto.)* Posso saber a que devo a honra da sua visita amigo Germano.

JOSÉ. Porém d'estes amores existe um filho.

JOAQUIM. É brincadeira do nosso amigo. *(Áparte a José.)* Cale-se com um milhão de diabos.

JOSÉ. Não tenha cuidado que por mim não saberá nada.

JOAQUIM *(áparte)*. Já se vê. *(Alto.)* Então o que manda Germano?

GERMANO. Tinha que consultal-o sobre uma questão judicial que tenho ha cinco annos.

JOAQUIM. Então vamos para o meu escriptorio.

GERMANO. Como quizer. Até logo meu amigo. *(Baixo á José.)* Não diga nada do que fallámos no caminho de ferro.

JOAQUIM. Até logo, faça de conta que está em sua casa.

JOSÉ. Muito obrigado.

JOAQUIM *(áparte)*. Maldita hora em que apparecestes cá. *(Alto.)* Vamos Germano. *(Saem pela esquerda.)*

Digitized by Google

SCENA XI

JOSÉ, *depois* **CARLOTA**

JOSÉ. É bom homem este Joaquim... É pouco communicativo... mas isso é uma virtude... Eu embirro com as pessoas que não podem guardar um segredo... Mas eu n'esse ponto estou bem, por causa do meu genio acanhado... *(Entra Carlota com um chambre.)* Aonde vaes encantadora Carlota?

CARLOTA. Levar ao patrão, o chambre, que lhe esqueceu na casa de jantar.

JOSÉ. Agora tem elle muito que fazer, e se lá fosses podia ralhar comtigo, e eu não quero que soffras desgostos. Olha, dá cá o chambre, visto-o eu, que é o mesmo. *(Tira-lhe o chambre e veste-o.)*

CARLOTA. Mas senhor...

JOSÉ. De mais a mais não trouxe o meu, e fazia-me falta. Repara como me fica bem?...

CARLOTA. E o que dirá o patrão?

JOSÉ Nada, absolutamente nada. Estou certo que m'o offereceria!... Olá! uma carteira!... Deve ser a que procura com tanto afan.

CARLOTA. Dê cá que eu lh'a dou.

JOSÉ. Espera. *(Abre-a.)* Notas do banco... e na verdade eram-me bem precisas... Se aqui estivesse offerecia-m'as logo. *(Guarda-as.)* Um masso de cartas... São sem duvida da mãe do pequeno. Oh! que idéa! Eu prometti acabar-lhe com essas relações, e este é o meio. Ouve cá lindinha, manda este masso de cartas á rua do Outeiro, 310, 3.º Porém immediatamente que é negocio urgente. *(Dá-lhe o maço das cartas.)*

CARLOTA. E por quem perguntarei?

JOSÉ. Perguntas pela senhora do menino.

CARLOTA. É alguma virgem, nossa senhora.

JOSÉ. Não, esta, não é virgem. Dize-lhe que o senhor Joaquim morreu de repente, e que lhe envia as suas cartas, e as suas despedidas.

Digitized by Google

CARLOTA. O que? morreu!... Quando?

JOSÉ. Agora mesmo. Matei-o eu!...

CARLOTA. O senhor! Assassino! Soccorro!... Soccorro!...

JOSÉ. Callas-te maldita!... Teu amo não morreu, está vivo.

CARLOTA. Então porque disse...

JOSÉ. Porque convem dizer a essa senhora que morreu.

CARLOTA. Já entendo, digo-lhe que meu amo morreu, mas que passa de perfeita saude.

JOSÉ. Não, que morreu e nada mais. Vae-te e não te demores. *(Carlota sae.)*

SCENA XII

OSÉ. *e depois* **JOAQUIM.** *pela esquerda*

JOSÉ. É verdade, é uma idéa magnifica. Quanto me vae agradecer.

JOAQUIM *(entrando)*. Aonde poria o livro?

JOSÉ. Venha de lá um abraço.

JOAQUIM. Logo, agora tenho muita pressa.

JOSÉ. Tenho que lhe participar uma noticia que lhe ha de dar muito prazer.

JOAQUIM. O que! Seu pae escreveu-lhe, e manda-o regressar já?

JOSÉ. Nada d'isso, eu vim para ser o seu salvador.

JOAQUIM *(áparte)*. Antes não viesses. *(Alto.)* Emfim que aconteceu?

JOSÉ. Que estão acabadas as suas relações com a senhora do menino.

JOAQUIM. Falle baixo. O que diz?...

JOSÉ. Que está livre d'esse encargo.

JOAQUIM. E como fez isso?

JOSÉ. Admiravelmente. Em primeiro logar appareceu a sua carteira.

JOAQUIM. Ainda bem, e aonde estava?

JOSÉ. Na algibeira do seu chambre.

JOAQUIM *(áparte)*. Então não vestiu o meu chambre!...

Digitized by Google

José. Aqui a tem. *(Dá-lhe a carteira.)* Em segundo logar, mandei dizer a essa senhora que o meu amigo tinha morrido de repente...

Joaquim *(áparte)*. Que tolice!...

José. E lhe mandava entregar as suas cartas.

Joaquim. Que cartas?

José. As suas. Um masso que estava dentro da carteira.

Joaquim *(áparte)*. Valha-me Deus. *(Alto.)* E mandou-lh'as?

José. Á rua do Outeiro.

Joaquim. Comprometteu-me! *(Áparte.)* As cartas de Augusta, que lhe direi quando m'as pedir? E que dirá a outra quando as receber, julga que mango com ella, e é capaz de vir aqui. *(Alto.)* Mas quem o mandou?...

José. Para o obsequiar...

Joaquim. Mas, se essas cartas... *(Tocam á campainha com muita força, da direita.)* Talvez seja ella! Bonito escandalo!... *(Continúa a campainha.)*

José. Mas o amigo não queria acabar com as relações?...

Joaquim. Sim. Eu safo-me. Convença-a a que se vá embora.

José. Fie-se em mim que eu arranjarei tudo.

Joaquim. Diga-lhe que não estou em casa.

José. Fique descançado. *(Sáe Joaquim pela esquerda.)*

SCENA XIII

José *e depois* **Amelia**

José. Tenho que andar com toda a diplomacia. A tranquillidade do meu amigo, depende do meu bom exito. É preciso salval-o, e eu o salvarei.

Amelia *(áparte)*. Fartei-me de tocar, e a porta aberta!... Olá! um estranho com o chambre de meu marido!... *(Alto.)* Senhor...

José *(cumprimentando)*. Minha senhora... *(Áparte.)* E vem muito socegada!... Mas é muito feia.

Digitized by Google

AMELIA. A quem tenho a honra?...

JOSÉ. Sou intimo amigo do Joaquim. V. ex.ª naturalmente esperava encontral-o em casa?

AMELIA. Porque? não está?...

JOSÉ. Não, minha senhora, acaba de sair n'este momento, com o seu amigo Germano.

AMELIA. Pois está cá o Germano?

JOSÉ. Sim, minha senhora.

AMELIA *(áparte)*. Naturalmente vem devolver-me as cartas.

JOSÉ. Fallemos com claresa, minha senhora. Eu estou encarregado de tudo.

AMELIA. De tudo!...

JOSÉ. É necessario que arranjemos isto amigavelmente.

AMELIA. Não o entendo.

JOSÉ. Pois é muito simples. Sei que o meu amigo Joaquim caiu na tolice de lhe dizer que a amava.

AMELIA. Senhor!... *(Áparte.)* Será doido!...

JOSÉ. Ouviu o que eu disse?

AMELIA. Ouvi, mas não entendo...

JOSÉ. Pois bem, as circumstancias tem variado muito.

AMELIA. O que?

JOSÉ Sempre tem que o saber, por conseguinte é inutil occultal-o por mais tempo. Saiba que o meu amigo Joaquim... *(Áparte.)* Rebenta a bomba. *(Alto.)* Não é solteiro.

AMELIA *(rindo)*. Serio... ah! ah! ah!...

JOSÉ *(áparte)*. E ri-se!

AMELIA. E conta-me isso a mim...

JOSÉ. Então já o sabia?

AMELIA. Naturalmente! Mas diga-me uma coisa, sabe com quem falla?

JOSÉ. Então não havia de saber!

AMELIA. Pois admira-me!...

JOSÉ. Se lhe fallo d'este modo, é porque estou auctorisado pelo meu particular amigo para romper para sempre as suas relações com elle.

AMELIA. O que diz?...

JOSÉ. Vamos, não se zangue, e attenda as razões que

Digitized by Google

a isso o obrigam. Elle é um homem casado e, póde chegar um dia aos ouvidos da mulher...

AMELIA. Mas de que mulher?...

JOSÉ. Da esposa d'elle.

AMELIA. Então eu o que sou?

JOSÉ. A senhora!... sua esposa... apparentemente...

AMELIA. Então tem outra mulher?...

JOSÉ. Então não lh'o disse já?

AMELIA. Infame!... Hei de tirar-lhe os olhos!

JOSÉ *(áparte)*. Rebentou a trovoada!... *(Alto.)* A senhora o que deve fazer é esquecel-o; e unir-se a outro homem.

AMELIA. Que diz!...

JOSÉ. Elle não a quer, confesson-m'o ha poucos momentos!...

AMELIA. Então ama outra?...

JOSÉ. Naturalmente. Ha muito tempo que já teria dado este passo, se não fosse o pequenito.

AMELIA. Que pequenito?...

JOSÉ. Ora adeus, o que ella teve ha seis annos.

AMELIA. Então ella tem um filho d'esse homem?

JOSÉ. Não, da senhora.

AMELIA. De mim!... O senhor está doido.

SCENA XIV

OS MESMOS E CARLOTA

CARLOTA *(entrando)*. Senhor, já fiz o que me mandou, ficou furiosa, e disse-me que vinha cá.

JOSÉ. E já veio, vê se a conheces.

CARLOTA. O que? Esta é minha ama.

JOSÉ. O que? a esposa do Joaquim?

CARLOTA. A mesma.

JOSÉ. Ah! desculpe-me, minha senhora, tomei-a por outra... *(Áparte.)* Oh! valham-me todos os santos, e eu que lhe fui dizer... *(Toca fóra a campainha.)*

CARLOTA. Estão tocando, vou abrir. *(Sae pela direita.)*

JOSÉ *(áparte)*. Deve ser a outra, Jesus se se encontram

Digitized by Google

aqui as duas! *(Alto.)* Tenha a bondade de se recolher ao seu quarto.

AMELIA. Mas preciso que antes me explique...

JOSÉ. Tudo que quizer, mas retire-se primeiro. *(Empurra-a para a porta da esquerda.)*

AMELIA. De modo nenhum. Quero esperar por meu marido, para saber a verdade...

JOSÉ *(áparte).* Isto vae ser bonito! *(Alto.)* Pois bem, seu marido está ali dentro. *(Empurra-a para a primeira porta da esquerda.)*

AMELIA. Vou tirar-lhe os olhos! *(Sae.)*

JOSÉ. É preciso entretel-a em quanto a outra se safa. *(Sae.)*

SCENA XV

AUGUSTA, CARLOTA, *e depois* **JOAQUIM**

CARLOTA *(entrando).* Vou já chamal-o. *(Sae.)*

AUGUSTA. Aqui o espero. É necessario que me entregue as cartas que podem transtornar a minha tranquillidade, e esquecer para sempre o desgraçado. Germano é tão ciumento, que nunca me atrevi a dizer-lhe nada. *(Entram Carlota e Joaquim; em seguida Carlota sae.)*

JOAQUIM. É a sr.ª D. Augusta? procurava-a.

AUGUSTA. Sou eu. Talvez seja uma indiscrição da minha parte, porém agora mesmo é necessario que me entregue as cartas que lhe deu seu sobrinho.

JOAQUIM. Com muito gosto lh'as dáva, porém... não estão em meu poder!...

AUGUSTA. Não estão em seu poder?!

JOAQUIM. Não, minha senhora. Um amigo meu, commetteu a estupidez de as mandar para a rua do Outeiro.

AUGUSTA. Estou perdida. Todos vem a saber o que conteem as cartas, e por fim chegará aos ouvidos de meu marido, que é um Othello.

GERMANO *(fóra).* Joaquim? Oh! Joaquim? aonde te mettestes?...

AUGUSTA. A voz de meu marido!... Se me encontra aqui estou perdida. Esconda-me por Deus!...

Digitized by Google

JOAQUIM. Entre aqui n'este gabinete. *(Augusta sae pela direitá.)*

SCENA XVI

JOAQUIM, AMELIA, JOSÉ *e depois* **GERMANO**

AMELIA Apanhei-te!...

JOAQUIM *(áparte)*. Ui! minha mulher... *(Fugindo.)*

JOSÉ *(áparte)*. Não a pode conter.

AMELIA. Que mulher é essa que escondestes n'aquelle quarto? Responde.

JOAQUIM. Eu... sim.

AMELIA. Naturalmente é a mãe do tal filho?

JOAQUIM. Que filho?...

AMELIA. O teu. Sei tudo, infame. Enganaste-me muito tempo, porém hoje, graças a este senhor, descobri a verdade.

JOAQUIM. Este senhor não sabe o que disse. *(Áparte.)* Maldita a hora em que veio a minha casa.

JOSÉ. Em quanto a isso, permitta-me que lhe diga que o amigo mesmo m'o disse.

JOAQUIM. Eu!... *(Áparte.)* Este homem quer-me perder.

JOSÉ. E se esta senhora o sabe, a culpa é sua, fez com que eu a tomasse por sua amante.

JOAQUIM *(áparte)*. Cada vez enreda mais o caso.

AMELIA. Negue-o agora.

JOAQUIM. Já se vê que nego.

GERMANO. O que é isto? Que ha de novo?

JOAQUIM *(áparte)*. O marido! isto acaba mal.

AMELIA. É meu marido, que tem uma mulher escondida n'aquelle quarto.

GERMANO. Que diz?...

JOAQUIM. Não faças caso, Germano, são illusões de minha mulher.

JOSÉ *(áparte)*. É preciso salvar o Joaquim.

AMELIA. Pois se são illusões deixa-me entrar.

JOAQUIM. De modo nenhum.

AMELIA. Bem vê que é verdade.

Digitized by Google

JOAQUIM *(áparte)*. Acaba-se o mundo.

JOSÉ *(a Germano baixo)*. Diga que é sua mulher. *(Alto.)* Pois bem, é certo, n'esse quarto está uma senhora...

JOAQUIM *(áparte)*. Este homem quer que o mate.

GERMANO *(a José, baixo)*. Porém, eu...

JOSÉ *(baixo a Germano)*. É a mãe do filho, em que lhe fallei ainda agora, já vê que é preciso salvar o Joaquim. *(Alto.)* Essa senhora é ..

AMELIA. Sua amante!

JOSÉ. Não, senhora. A mulher d'este cavalhero.

JOAQUIM. O que?

AMELIA. Não é possivel.

JOSÉ. É a pura verdade. E para convencel-a vou apresental-a a seu esposo, e elle lhe dirá se minto. *(Passa á direita.)*

JOAQUIM. Porém, que vae fazer.

JOSÉ *(a Joaquim)*. Calle-se que o estou salvando. *(Entra pela direita.)*

JOAQUIM *(áparte)*. Gósto da maneira de me salvar!...

JOSÉ. Tem a bondade de sair, minha senhora. Aqui a tem. *(Baixo a Augusta.)* Tenha serenidade...

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, AUGUSTA *e depois* **CARLOTA**

JOAQUIM *(áparte)*. Vou resar o credo...

GERMANO. Minha mulher!

JOSÉ. Então é verdade. *(Baixo a Augusta.)* Dissimule por Deus...

AUGUSTA. Meu marido!...

GERMANO. Raios e coriscos. Senhor, está certo que esta senhora é a mãe do menino? *(Tomando-lhe a mão e fallando-lhe baixo.)*

JOSÉ. Certissimo. Porém continue fingindo.

JOAQUIM. Amigo Germano, é preciso que eu lhe explique.

GERMANO *(pucha uma pistola)*. Miseravel!... vou matar-te... *(aponta a Joaquim.)*

Digitized by Google

JOAQUIM. Acudam!... Soccorro!...

AMELIA. Sr. Germano!...

AUGUSTA. Maridinho!...

JOSÉ. Que lhe aconteceu?... Socegue! Perdeu o juizo?...

GERMANO. Então eras o amante de minha mulher?

JOAQUIM. Eu?...

AUGUSTA. O que dizes!...

JOSÉ. É verdadeiramente seu marido?...

JOAQUIM. Sim, homem, sim, o senhor perdeu-me. Germano, aqui ha um equivoco.

GERMANO. Tenho provas. Este senhor affirma-o...

JOSÉ. Porque elle mesmo m'o disse...

AMELIA. Será possivel... Já são dois!...

AUGUSTA. Sr. Joaquim, semelhante calumnia...

JOAQUIM. Mas eu não disse tal coisa...

JOSÉ *(a Germano)* Não disse? Intentará negal-o? Exactamente eu contei-lhe depois os amores que elle teve com uma mulher que está hoje casada...

AUGUSTA. O que?...

AMELIA *(áparte)*. Grande Deus!...

JOSÉ. Com... Amelia de Sousa... Até que emfim me lembrou o nome.

JOAQUIM. Com minha mulher!

AUGUSTA. E apoquentava-me com ciumes!...

JOSÉ. O que? Esta senhora é?...

JOAQUIM. Senhor, necessito uma explicação.

GERMANO. Pois bem, é verdade que esta senhora e eu nos amámos, porém foi antes de ser casada com o senhor. E para convencel-o, lhe entregarei umas cartas que estão em meu poder. Porém minha mulher...

JOAQUIM. Veio receber umas cartas que me tinha dado meu sobrinho antes de morrer... Haviam-se amado...

CARLOTA *(entrando a Joaquim)*. Senhor. Trouxeram isto da parte da senhora do menino. *(Dá-lhe um maço de cartas atado e uma em separado.)*

JOAQUIM. Venham as cartas. Aqui tem a innocencia de sua esposa. *(Dá-lhe as cartas.)*

Digitized by Google

AUGUSTA. A minha unica falta, foi não te contar a verdade. Mas temia os teus crimes...

GERMANO *(áparte)*. Vou lel-as para me convencer.

AMELIA. De modo que tu...

JOAQUIM *(que tem estado a ler a carta)*. Fui culpado, porém um sincero arrependimento tudo remedeia.

AMELIA. Porém esse filho...

JOAQUIM. Morreu, e sua mãe me escreve dizendo-me que parte para Elvas com um tenente de cavallaria.

JOSÉ. No fim todos se entenderam. Mas bom trabalho tive para isso... *(Ao publico.)*

CANTA

Se não fosse a timidez
E tão acanhado ser,
N'esta balburdia havieis
D'admirar meu proceder.
Mas assim estou vexado,
E só vos posso dizer:
Que nos animeis com palmas
Para a timidez vencer.

CAE O PANO

Digitized by Google

THEATRO CONTEMPORANEO

OBRAS PUBLICADAS

Diogo José Seromênho

A doida, drama em 5 actos.
A vida de um rapaz rico, drama em 3 actos.
Scenas do Brasil, drama em 3 actos.
Exemplo a casados, comedia em 2 actos.
A orphã, drama em 1 acto.
A ultima crença, drama em 1 acto.
Restauração de Portugal, scena dramatica.
Simplicidade e espertesa, entre-acto.
Por causa de um retrato, comedia em 1 acto.
Viva o exercito! e viva o duque! comedia em 1 acto.
Doidos... politicos, comedia em 1 acto.
A noite dos noivados, comedia em 1 acto.
Mariquinhas a estalajadeira, comedia em 1 acto.
Um poeta, comedia em 1 acto.
Aventuras de um gabão, comedia em 1 acto.
O que faz o medo, comedia em 1 acto.
O legado, comedia em 1 acto.
Portugal e Hespanha, comedia em 1 acto.
A. M. O., comedia em 1 acto.
Somma e segue, comedia em 1 acto.
Os primos, comedia em 1 acto.
A furiosa de amor, comedia em 1 acto.
O amante emprestado, comedia em 1 acto.
Casar ou morrer, comedia em 1 acto.
A mosquinha morta, comedia em 1 acto.
V. Ex.ª desculpe, comedia em 1 acto.
No campo da opposição, comedia em 1 acto.
A loira, comedia em 1 acto.
Maldita casaca, comedia em 1 acto.
Um rapaz timido, comedia em 1 acto.
Mestre Barnabé, scena comica, 2.ª edição.

Augusto Cesar de Vasconcellos

O pagem rei, comedia em 1 acto.
O cura Santa Cruz, drama em 1 acto.
Dispa essa farpella, comedia em 1 acto.

Digitized by Google

Diogo José Seromênho e Augusto Cesar de Vasconcellos

Os supersticiosos, comedia em 2 actos.
A cabra-céga, zarzuella em 2 actos.

A. R. Palhaes

Por ser economica, comedia em 1 acto.

José Romano

Traviata, parodia em 4 actos.

Pedro Cabral

Uma extravagancia, comedia em 1 acto.

Dr. Rodrigues Loureiro

Os advogados, comedia-drama em 3 actos.

Julio Rocha

Tribulações d'uma solteirona, comedia em 1 acto.

J. R. Chaves

A duqueza por um... sabio, scena comica.

Julio Howorth

Alugam-se quartos, comedia em 1 acto.

Jorge Salgueiro

Cupido e Mercurio, comedia em 1 acto.

NO PRÉLO

Diogo José Seromênho

Casado e solteiro, comedia em 1 acto.
A gaiola de ouro, comedia em 1 acto.
Tem sobre-loja, comedia em 1 acto.
Meias sollas e tacões, comedia em 1 acto.
Oh! da guarda... ladrões. comedia em 1 acto.

Augusto Cesar de Vasconcellos

Santos e comp.ª, comedia em 2 actos.
A mascara verde, comedia em 2 actos.
Preciosidades de familia, comedia em 1 acto.
O barro é fragil, comedia em 1 acto.
O mestre de dança, comedia em 1 acto.

Pedro Cabral

As cerejas, comedia em 3 actos.
Marinheiros em terra, comedia em 1 acto.

Julio Rocha

O Favorito de affonso vi, drama em 3 actos.

Carlos de Almeida

O policia civil, cançoneta comica.

Digitized by Google

UMA SOGRA MODELO

COMEDIA EM 2 ACTOS

POR

DIOGO JOSÉ SEROMÊNHO

Condecorado com a medalha ao merito, Socio honorario do Gremio Litterario Portuguez no Pará, etc.

Representada com applausos no theatro da Rua dos Condes, e por distinctos curiosos no theatro Garrett

D. J. S.

THEATRO CONTEMPORANEO

DIOGO SEROMÊNHO

EDITOR

LISBOA = 1881

Digitized by Google

PERSONAGENS

D. Aurelia — D. Augusta — D. Julia — Ernesto — Dr. Costa (advogado) — **Dr. Manoel d'Azevedo** (medico) — **Um creado.**

LISBOA — ACTUALIDADE

ACTO I

A scena representa uma sala em qualquer hotel de primeira ordem. Duas portas de cada lado, outra ao fundo da direita, á esquerda baixa uma janella aberta d'onde se vê o jardim. Mobilia elegante, sofás, divanz etc.

SCENA I

Ernesto e Augusta

Ernesto. (*entrando pela esquerda.*) Não consegui dormir nem um momento, e tenho medo de adoecer. Tambem a culpa é minha, quem me manda ser condescendente. Ora Deus queira que a minha complacencia não traga funestas consequencias.

D. Augusta. (*entrando.*) Olá, estavas aqui! Agradeço-te muito, o comprazeres com o meu pedido! Quando hontem á noite me disseste que não, tive um grande desgosto. Mas emfim comprehendeste que era pouco delicado não a hires esperar. Mas anda vae-te vestir, que se faz tarde.

Ernesto. Estás enganada minha querida, não me levantei mais cedo, para ir comtigo; é que me fazia mal o calor da cama, e sinto-me doente com febre.

D. Augusta. Queres que mande chamar o medico? Vê lá, n'esse cazo tambem eu não saio.

Ernesto. Não faças nada. Era bonito chegar a mãe e não encontrar nenhum de nós na estação a esperar-a. Anda váe, quando regressares já me acharás restabelecido.

D. Augusta. Se assim o queres, vou, até logo. (*sae.*)

Digitized by Google

SCENA II

Ernesto e depois o creado

Ernesto. Que será de mim! Eu não sei fingir, vae-me conhecer na cara que a aborreço. Augusta deseja que a estime como se realmente fosse minha mãe, mas é impossivel; não só se tem uma na vida. (*senta-se pondo a cabeça entre as mãos*)

Creado. (*entrando com uma chavena de café.*) Aqui está o café!

Ernesto. (*sem ver o creado*) E' horrivel!

Creado. Aqui está o café!

Ernesto. (*vendo o creado*) Deixa-a em cima d'essa meza. (*o creado sáe*) O melhor é safar-me antes que ellas voltem, assim retardarei o momento de a conhecer. Deixo meia dúzia de linhas para a Augusta, dando-lhe uma desculpa qualquer, por exemplo que vou almoçar com qualquer amigo; ou que vou tratar de um negocio urgente. (*vae á meza e molha umas poucas de vezes a penna na chavena do café*) Augusta conheço logo que é um pretesto, e a mim tambem. Mas deixal-o, digam o que quizerem, vou almoçar tranquillo a qualquer loja de bebidas. (*escreve*) Tem graça! Tenho a cabeça tão transtornada, que estou a escrever com café! Tenho medo de endoidecer!

Dr. Costa. (*dentro*) Não precizo que me annuncies.

Ernesto. Ahi vem o Dr.

SCENA III

Ernesto e o dr. costa

Ernesto. Grande surpreza! Tão cedo aqui?

Dr. Costa. Sahi a dar uma volta, e ao regressar lembrei-me de te vir abordar. Mas estou admirado de te ver levantado a esta hora! Que milagre é esse?

Ernesto. Não me foi possivel dormir.

Dr. Costa. E tua mulher?

Ernesto. Sahiu.

Digitized by Google

Dr. Costa. Homem estás com um modo esquisito. Empanou-se o brilho á tua lua de mel. Tiveste scena domestica?

Ernesto. Estou porque me cazei com a Augusta?

Dr. Costa. Tem graça a pergunta! Naturalmente porque gostavas d'ella, que é sympathica, airosa, intelligente e digna de todos os respeitos e homenagens.

Ernesto. Pois enganaste, não foi por isso. Cazei com ella, porque sempre julguei que não tinha mãe.

Dr. Costa. Sempre a mesma mania!

Ernesto. Escuta, quando comecei o conhecer a Augusta, vivia ella com um tio, e sempre que fosse orphã, deixando por esse motivo caminhar a minha paixão de tal maneira que quando soube que sua mãe ainda vivia, não pude arrancar do coração a sua imagem e cazei-me, apezar da mãe!

Dr. Costa. Tudo isso já eu sei! Mas nada me explica.

Ernesto. Não comprehendes? Pois vaes comprehender. (*levanta-se e passeia agitado*) Chega hoje, rebentou a tempestade, que ha muito tempo temia.

Dr. Costa. Tu não estás bom, mas chega hoje quem?

Ernesto. Quem? minha sogra!

Dr. Costa. A mãe d'Augusta?

Ernesto. Já se vê quem hade ser a minha sogra, senão a mãe de minha mulher! E está a chegar não tarda nada!

Dr. Costa. E o que tem isso de notavel?

Ernesto. Não tem nada; parece-te couza de pouca importancia a chegada d'um inimigo semelhante; bem se vê meu amigo que não és cazado. Olha, eu vivia muito feliz com minha mulher, a mãe de Augusta não pensava em cá vir. Minha mulher tinha projectado um passeio para a irmos vezitar, passeio que ficou em projecto. Eu sabia que ella não podia vir, porque os seus padecimentos não deixavam. Em conclusão, contava com uma sogra a oitenta leguas de distancia. Tinha feito da minha caza um paraizo; porem como me faltava a serpente, chega hoje.

Dr. Costa. Não sejas ridiculo, que mania é essa,

Digitized by Google

em que te fundas para julgares tão mal tua sogra.

Ernesto. Em que me fundo? na regra geral, já diz o ditado sogra nem de barro á porta.

Dr. Costa. Mas tua sogra póde ser uma excepção.

Ernesto. Não creio, são todas o mesmo, acredito muito nos proverbios, porque são a sabedoria das nações.

Dr. Costa. Deixa-te de asneiras, estás nervoso. Dize-me conheces tua sogra?

Ernesto. Felizmente não a conheço.

Dr. Costa. Não sabes que tal será, e a julgal-a por sua filha, não se pode formar d'ella má opinião. Não tens algum retrato, não tens cartas, por isso podiamos fazer uma ideia do seu caracter.

Ernesto. Minha mulher tem muitas cartas e a julgar por ellas tem um caracter belhissimo e um genio conciliador. Porem não me fio. A minha desgraça é certa. Lancei mão de todos os meios para ver se conseguia que não viesse; mas nada, teimou e cá a temos. Fazes-me um favor?

Dr. Costa. Dize.

Ernesto. Fica para almoçares comnosco, assim ao menos com o teu apoio não terei tanto medo.

Dr. Costa. Pois sim, mas como não conheço essa senhora, não me posso apresentar com este fato, vou a casa mudal-o e volto.

Ernesto. Pois sim, vae, mas não te demores.

Dr. Costa. Até logo. (Sae.)

Ernesto. Até logo. Agradeço-te muito.

SCENA IV

Ernesto, o creado, e o dr. Azevedo

Creado (*annunciando*) O sr. dr. Manoel d'Azevedo.

Ernesto. Entre entre dr.

Doutor. Então como está, como vae sua esposa?

Ernesto. Muito bem estou desconfiado que minha mulher o mandou chamar, pois encomodou-o sem precizão

porque estou de perfeita saude... foi desconfia d'ella porque não quiz sahir esta manhã.

Doutor. Não sabia que me tinham mandado chamar, vinha fazer-lhe uma vizita d'amigo e não de medico.

Ernesto. Ainda bem, porque será mais comprida.

Doutor. Ha oito dias que sou seu vizinho.

Ernesto. Então mudou-se doutor.

Doutor. Não me mudei, porem á uma semana que vivo aqui ao lado, no palacio do Marquez de Sette Rios, a marqueza desde que sentiu os primeiros simptomas de dar á luz, quiz que estivesse ao seu lado, e aqui estou á oito dias.

Ernesto. Deves ter passado um tempo muito devertido.

Doutor. Imagina. Não querem que eu saia, mas agora disse que viesse para aqui e não tarda que me venham chamar, aposto que não passa meia hora. Quer um charuto. (*dá-lhe um charuto, Ernesto acende-o distrahido, queimando-se com um fosforo*) O meu amigo está muito distrahido!

Ernesto. Nem por isso.

Doutor. Está um tempo lindo.

Ernesto. (*distrahido*) É verdade.

Doutor. O que ha de publica?

Ernesto. (*distrahido*) Nada. Ha sogras!

Doutor. O quê! Sogras não entendo!

Ernesto. Desculpe, não faça caso tenho a cabeça em agua.

Doutor. (*áparte*) Que terá elle! (*alto*) Fallemos de qualquer couza.

Ernesto. Fallemos do que quizer, agradou-me muito a sua vizita; pois é precizo distrahirme. E percizo mesmo a sua opinião.

Doutor. Sobre que?

Ernesto. Sobre as sogras.

Doutor. Isso é chalaça!

Ernesto. Não é chalaça, peço-lhe me de a sua opinião sobre o assumpto.

Doutor. Ninguem mais competente do que eu, porque

Digitized by Google

dentro; fui casado quatro vezes, e todas as minhas as tinham mãe.

Ernesto. E como viveu com ellas?

Doutor. Perfeitamente.

Ernesto. É um valente (*apertando-lhe a mão*)

Doutor. Todas as minhas mulheres já morreram, porem as sogras vivem todas.

Ernesto. As sogras nunca morrem.

Doutor. Eu fui muito feliz com as minhas.

Ernesto. Isso admira!

Doutor. É conforme a maneira de viver com elles nunca lhes mostrar os dentes, nada de condescendencias, proclamar sempre o absolutismo, o estado sou eu. E nunca as tomar a serio, se lhe mostrarmos medo estamos arranjados. (*sente-se parar um trem*)

Ernesto. Meu Deus! é ella?

Doutor. Ella quem?

Ernesto. Minha sogra, que chega de viagem, e que vou ver pela primeira vez. (*deixa-se cahir n'uma cadeira*)

Doutor. Amigo não passe por grosseiro, vá recebel-a á porta.

Ernesto. *levantando-se e sahindo*) Tem rasão, vou recebel-a.

Doutor. Este homem não tem animo para nada.

SCENA V.

Dr. Azevedo, Ernesto, D. Augusta, D. Aurelia e D. Julia

D. Augusta, (*entrando*) Que arrumem as bagagens (*reparando no doutor*) Como está doutor, como achou meu marido?

Doutor. Perfeitamente.

D. Augusta. Doutor apresento-lhe minha mãe.

Doutor. Tenho muito prazer em conhecer v. ex.ª

D. Aurelia. E eu tambem doutor.

D. Augusta (*apresentando D. Julia*) E esta sr.ª, que é como dissesse a minha segunda mãe, conhece-me e estima-me desde que nasci. (*comprimentam-se*)

Digitized by Google

Ernesto (*aparte ao doutor*) Não se retire, não me deixe só.

D. Augusta. Vou tirar-lhes os chapeus (*Tiram todos os chapeos, D. Aurelia com os cotovellos encostados aos joelhos analisa com impertinencia todos os objectos*).

Ernesto (*baixo ao doutor*) Que tal lhe parece?

Doutor. Deve ser de nariz arrebitado.

D. Julia. Parece-me muito bonita esta casa, não teremos saudades da que deixámos.

D. Aurelia. Sim, não é feia.

D. Augusta. Devem trazer vontade de almoçar, e vou dar ordem para adiantar a hora da nossa refeição.

Ernesto (*a Augusta*). O meu amigo dr. Costa vem almoçar comnosco, e não se pode demorar.

D. Aurelia. Quem é esse doutor.

Ernesto. Um amigo meu.

D. Augusta. E o doutor não almoça comnosco?

Doutor. Almoçarei, se antes não me vierem chamar.

D. Augusta. (*toca a campainha, ao criado que entra.* Que arranjem o almoço quanto antes, e que ponham mais dois talheres. (*o creado sae.*)

Ernesto (*olhando de lado para D. Aurelia*). Está bem conservada para a idade.

D. Aurelia. Já notei filha, que teu marido falla pouco, ainda não disse mais que meia duzia de palavras! Está com cara apoquentada, desagostal-o-hia a minha vinda para sua casa?

Ernesto. Não diga isso; que ideia!

D. Aurelia. Nem ao menos nos perguntou que tal foi a viagem!

Ernesto. E' verdade, que tal foi a viagem?

D. Julia. Magnifica.

D. Aurelia. Vinham comnosco uns noivos, e a mãe d'ella, que pelo que vi é bem infeliz. Bonito papel veio fazendo todo o caminho! Eu não soffreria tanta inconveniencia! Os noivos não querem comprehender o quanto lhes é precisa a auctoridade de uma mãe, que os guie, que os aconselhe, apartando-os dos abysmos aonde a sua inexperiencia os possa conduzir. Não pensam como eu?

Ernesto. Pensamos! (*aparte*) Estou arranjado!

Digitized by Google

D. Aurelia. (*a Ernesto*) Aposto que o sr. forma das sogras uma opinião semelhante á que tem a maioria dos casados. A sogra é um ser insupportavel, um espião do marido, uma mulher que se mette em tudo, que nada lhe agrada, rabugenta, falladora... Um tyranno de saias e cuia, de cujo dominio é necessario fugir a todo o transe. Não me diga o contrario. Pois bem, tenho um proposito de o convencer do contrario, e ha de amar sua sogra com todo o amor e carinho. Eu lhe desvanecerei qualquer prevenção que tenha contra mim. E basta de discurso, Augusta, querida filha vem sentar-te ao pé de mim (*Augusta senta-se.*) Sabes que te encontro mais magra? Tens algum desgosto? Basta-me tudo, lembra-te que sou tua mãe.

D. Augusta. Nada tenho, sou completamente feliz.

D. Aurelia. Deus queira que me não enganes. (*a Ernesto*) Não se escandalise do que eu disser. Não acredito no que Augusta diz.

Ernesto. Porquê?

D. Augusta. Mamam!

D. Aurelia. As mulheres occultam sempre ás mães os defeitos dos maridos, para que ignorando-os, os tenham em mais apreço do que merecem. Tenho no Porto uma amiga que não pode ser mais infeliz com o marido, e quando sua mãe com interesse natural, lhe pergunta se é feliz, ella responde: Sou completamente feliz! Meu marido é o homem mais carinhoso do mundo. E alem d'este exemplo posso citar muitos. Por isso não estranhe que duvide do que minha filha disse. Todos os homens são maus, pessimos.

Ernesto. Muito obrigado.

Doutor. Mil vezes agradecido.

D. Aurelia. Eu fallo em geral.

Doutor. Por isso agradecemos os dois.

Ernesto (*á parte.*) A uma carraça d'estas é que eu não resisto.

D. Aurelia. Que tal se dão n'esta casa?

Ernesto. Perfeitamente.

D. Aurelia. E' impossivel passarem aqui bem, devem-se mudar.

Digitized by Google

Ernesto. Esta casa é muito boa, é a opinião do nosso medico.

D. Aurelia. Não duvido da opinião do medico, mas elles enganam-se muitas vezes.

Doutor. E' verdade que por desgraça nem sem prescrevemos.

D. Aurelia. Já vejo que tenho a desgraça de não serem da minha opinião.

Ernesto. (*á parte*) São boas as taes opiniões.

D. Aurelia. Que pessimo gosto tivestes na mobilia d'esta casa, é horrivel, quem escolheu estes moveis?

Ernesto. Fui eu.

D. Aurelia. Logo o tinha adivinhado. São horriveis!

D. Julia. A mim parecem-me lindos.

Ernesto. Gosto mais da sua opinião, e agradeço-lh'a.

SCENA VI

Os mesmos, um creado, e dr. Costa

Criado. O sr. doutor que vá immediatamente a casa do sr. marquez.

Doutor Azevedo. (*despedindo-se de todos*) Logo vi que não me deixavam almoçar, adeus (*sáe*).

Dr. Costa. (*entrando*) Sinto muito se os fiz esperar. (*comprimenta todos*).

Ernesto. Hia-mos agora para a mesa.

D. Aurelia (*reparando no dr. Costa*) Meu Deus! Elle!

Dr. Costa (*reparando em D. Aurelia*). Meu Deus! Ella!

Criado. O almoço está na mesa.

D. Aurelia. (*áparte*) E' elle! Não tem duvida!

Dr. Costa. (*áparte*) Não tem duvida! E' ella!

D. Augusta. Para a mesa.

D. Aurelia. (*a Ernesto*) Offereça-me o braço, seja delicado.

Ernesto. Com muito gosto. (*áparte*) Que castigo, se podesse mandava-a empalhar. (*O dr. dá o braço a D. Augusta e D. Julia, Ernesto dá o braço a D. Aurelia que o leva quasi arrastado*).

CAE O PANNO

Digitized by Google

ACTO II

A mesma decoração do primeiro acto

SCENA I

D. Aurelia, D. Julia, Dr. Azevedo, Ernesto, Dr. Costa, (sentados) D. Augusta, (servindo-lhes café.)

Ernesto. Deviamos tomar o café no jardim.

D. Aurelia. Bonita idéa! Com um sol ardentissimo!

Dr. Costa. (*baixo a Ernesto.*) Tenho que te dizer.

Ernesto (*idem.*) Arranja meio pretexto para sahirmos.

Dr. Costa. Preciso estar aqui depois te explicarei.

D. Augusta. (*ao dr. Azevedo.*) E julga que a marqueza terá hoje o seu herdeiro.

Dr. Azevedo. Nada posso prever. Tenho passado uma semana divertida!

Criado (*entrando*). Sr. doutor o sr. marquez manda dizer se tem a bondade de chegar lá immediatamente.

Dr. Azevedo (*levantando-se e largando a chavena.*) Não disse, bem me deixavam tomar café. (*cumprimentando todos.*) Vou n'um instante, até logo. (*vae.*)

SCENA II

Os mesmos menos o dr. Azevedo

D. Aurelia. Não perde nada por não tomar este detestavel café. (*larga a chavena.*) Porque não vaes dar um passeio pelo jardim, tu que gostavas tanto de flores. Pode-te acompanhar este cavalheiro (*indicando o dr. Costa*) e assim fallaremos sós em assumptos de familia, que cansam de ouvir.

Ernesto (*aparte.*) Muito maldecida é esta mulher.

Dr. Costa. Tenho muito gosto em acompanhar v. ex.ª (*dá-lhe o braço e saem*).

Ernesto. Eu tambem tenho de sair.

Digitized by Google

D. Aurelia. Peço-lhe que o que tenho que lhe dizer.

SCENA II

D. Amelia, D. Augusta e Ernesto

D. Amelia. (*sentando-se*) (*Ainda* eu ter de ouvir, meu filho, que não te agrada o que fazes, que formas tu de um mau má ideia; mas pouco me importa com isso, o que eu não quero é que as coisas continuem n'este pessimo estado.

Ernesto. Não entendo.

D. Amelia. Já vas entender. Eu quero viver junto de minha filha, quero guial-a, aconselhal-a. N'uma palavra, quero viver aqui, e nada decidida a fazel-o.

Ernesto (*acendendo um charuto e á parte*). Por esta é que eu não esperava.

D. Aurelia. O meu filho não me conhece bem, eu não me demovo por nada. Sou independente. Sou inimiga dos que se mettem em negocios alheios. Mas agora repito: Que está fazendo?

Ernesto. Estou fumando.

D. Amelia. E tu consentes?

D. Augusta. Consinto, até gosto do cheiro do charuto.

D. Aurelia. Eu é que não consinto; deita esse charuto fóra.

Ernesto. Senhora... Isso é demais.

D. Aurelia. (*tirando-lhe o charuto da boca*) E demais a mais charuto de vintem? Deve gostar bem bom cheiro. (*deitando o charuto fóra*) Trinta annos fui casada, e nem uma vez consentiu que meu marido fumasse na minha presença.

Ernesto. (*Aparte*) Isto está bonito!

D. Amelia. Como eu ia dizendo, podem viver socegados que eu não me meto em nada.

Ernesto. Bem se vê.

D. Amelia. Ora diga-me, quanto dá por mez a sua esposa para seus alfinetes.

Ernesto. O que ella me pede.

D. Aurelia. O que! Não lhe dá uma quantia certa?

Digitized by Google

Isto não pode continuar. Na sua posição deve dar a sua mulher trinta mil réis por mez, para os seus alfinetes.

Ernesto. Isso parece-me muito.

D. Aurelia. E o sr. quanto gasta?

Ernesto. Eu sei cá quanto gasto.

D. Aurelia. Não sabe quanto gasta, isso é prodigalidade, pois bem, de hora avante terá para os seus gastos particulares e mensaes a quantia de dois mil réis, e já é de mais; tem tudo em casa não precisa gastar por fóra.

Ernesto. E' engraçado o que diz.

D. Aurelia. Acha graça, pois veremos. Quem é que governa a casa?

D. Augusta. E' meu marido.

D. Aurelia. Teu marido! E' admiravel! E tu consentes? Bem se conhece que és um anjo, que tens um carácter de pomba, que soffres tudo sem te queixar. Era bem feito que tivesse dado com uma d'essas mulheres que comprehendem em que consiste a belleza do casamento, que sabem que o dinheiro nas mãos do marido, é um perigo constante para a felicidade conjugal. Por isso o melhor, sempre o melhor, é minha filha ter a chave do cofre, assim já não pode com o dinheiro do casal sustentar vicios, e talvez, sustentar alguma mulher.

Ernesto. Senhora?.. (*Aparte*) Eu rebento.

D. Augusta. (*baixo a Ernesto*) Tem paciencia, peço-t'o eu.

D. Aurelia. Bem, vejo que está convencido. De hoje em diante minha filha tomará conta de todo o governo da casa. E' um homem razoavel.. Vou continuar. Outra calamidade que aflige o matrimonio, são os amigos do marido. Já vi que tem um amigo, é o que acabou ha pouco de sahir. Terá por acaso outro?

Ernesto. Tenho muitos.

D. Aurelia. Pois eu estou disposta a cortar pela raiz taes abusos. Os amigos do marido não servem para nada bom. Não admitto replicas, quando o homem se casa deve separar-se para sempre dos seus amigos de solteiro, e adquirir outros mais sérios, de mais edade. Vou dar-lhe um exemplo.

Digitized by Google

Ernesto. (*aparte*) Eu perco a cabeça.

D. Aurelia. Estão os dois juntos, n'uma tarde d'inverno, em que faz muito frio, nenhum tem vontade de sahir. A chuva é a torrentes, sentem-se felizes um junto do outro, um raio de lua de mel illumina o sanctuario. De repente chega um amigo, como aquelle que cá esteve ainda agora e diz: Ernesto, vamos dar uma volta... tu respondes: Não tencionava sahir. O que? ficas aqui mettido toda a tarde? Ora anda d'ahi, e tu levantas-te, deixas tua mulher e sahes com o teu amigo. Chega a hora de jantar e o teu amigo convida-te a jantares n'uma casa de pasto, depois vão ao theatro etc, emfim recolhe de manhã, em quanto que a pobre mulher o espera impaciente, temendo que lhe tenha succedido alguma desgraça, chora, desespera-se. (*levantando-se e indo abraçar D. Augusta*) Ai! minha filha, minha querida filha, para que te casaste! Para que te uniste a um homem que te deixa abandonada!

Ernesto. Senhora... é de mais!...

D. Aurelia. (*com toda a naturalidade*) Nada, supprimem-se os amigos.

Ernesto. Está completamente enganada minha senhora, eu não estou disposto a aturar a sua tirannia. Em minha casa hei de fazer o que quizer. Aqui só eu mando.

D. Aurelia. Que modos sao esses!

Ernesto. São os modos que me competem, depois de a ter ouvido fallar...

D. Aurelia. Quer então dizer, que não admitte conselhos de ninguem, que quer viver a seu modo, livre como antes de casado, e entregue a todos os excesssos...

Ernesto. E de mais!...

D. Augusta. Calla-te, peço-te eu.

D. Aurelia. Quem tem a culpa é Augusta que o atura, e que o deixa fazer a sua vontade; porém eu lhe prometto que d'aqui em diante não será assim. Felizmente chegou a tempo de evitar maiores desgraças. Minha filha, tu não podes soffrer tamanho...

D. Augusta. Ao contrario, mamã, posso e muito bem.

Digitized by Google

D. Aurelia. Tu enganas-me, conheço na tua cara quanto tens soffrido. Tu és muito desgraçada.

Ernesto. Ouves, Augusta?

Augusta. Não sou desgraçada, ao contrario, mamã.

D. Aurelia. Oh! Comprehendo tudo, pobre martyr. Eu não posso ver o teu martyrio, hoje mesmo me retiro.

Ernesto. Isso é que era uma felicidade.

D. Aurelia. Ah! quer que eu me vá, pois não vou.

Ernesto. (*áparte*) Valha-me Deus!

D. Aurelia. Nada, nada, sempre vou, não quero mais te soffrer. Que desgraçado casamento! ponham aqui os olhos oh! vós mães de familia e vejam se ha dor egual á minha.

Ernesto (*áparte*) Parece a Maria da Veronica!

D. Aurelia. (*chorando*) Retiro-me, e deixo a victima na mão do carrasco, não te torno a ver filha querida. Retiro-me para sempre, adeus até ao dia do Juizo.

Ernesto. Os meus presentimentos, não me tinham enganado. E' uma sogra.

D. Aurelia. Aborreço-o, despreso-o, não o posso ver.

Ernesto. Idem na mesma data; quem a chamou cá; pode ir pelo mesmo caminho (*sae cada um por seu lado, Augusta ri-se.*)

SCENA IV

D. Augusta e depois Ernesto

D. Augusta. Tem graça, isto é melhor do que uma comedia.

Ernesto. (*apparecendo á porta*) Foi-se embora a serpente? Isto não se pode tolerar.

D. Augusta. Que remedio, é minha mãe.

Ernesto. Visto isso estás disposta a atural-a! Parece-te natural que eu consinta a repetição de scenas d'estas Pois olha para isso é que não estou resolvido.

SCENA V

Os mesmos, D. Julia e o dr. Costa

D. Julia. (*entrando.*) O jardim é magnifico!

Ernesto. (*abanando-se com um leque que lhe dá D. Augusta*) Outra!..

Digitized by Google

Dr. Costa. (*a Ernesto*) Tens tanto calor?!

Ernesto. Estou ardendo.

D. Julia. Está encommodado?

Ernesto. Não tenho nada, muito obrigado a v. ex.ª

Dr. Costa. Estás alterado, o que houve?

D. Augusta. (*a D. Julia*) Teve uma questão com a mamã.

D. Julia. Já comprehendo tudo, com o genio que ella tem!

Ernesto. Ora ainda bem que v. ex.ª conhece que ella tem um genio insupportavel! Não é mulher é... é... uma sogra! está dito tudo. Foi infelicidade minha, o não ter casado com uma orphã.

D. Augusta. Obrigado.

D. Julia. Não diga isso, a sogra é uma segunda mãe.

Ernesto. Assim devia ser, mas não é.

D. Julia. Pois hade sal-o, eu não me considero uma excepção, e comtudo sou a mãe do meu genro. O sr. tem mãe?

Ernesto. Infelizmente já não tenho.

D. Julia. Pois bem, deve encontrar uma substituta na mãe de Augusta; e ella deve amal-o como filho.

Ernesto. Assim devia ser.

D. Julia. A minha amiga tem mau genio, é verdade...

Ernesto. Pessimo!..

D. Julia. E naturalmente quer-se metter nos seus negocios particulares.

Ernesto. E' exacto!

D. Julia. Pois muito bem, eu evitarei tudo isso, eu lhe farei comprehender, que a sua missão a seu lado, deve unicamente reduzir-se a estreitar cada vez mais o laço que os une, e a dissipar todas as nuvens que obscurecerem o céo da sua ventura. Socegue, que eu arranjarei tudo.

Ernesto. Muito obrigado. (*áparte*) Muito bondosa é esta senhora.

D. Julia. (*tirando um charuto de cima da mesa*) Fume um charuto.

Ernesto. Não a encommoda o fumo?

D. Julia. Ao contrario. (*Dando-lhe um fosforo.*)

Digitized by Google

Ernesto. Muito obrigado. (*aparte*) Em muito delicada.

D. Julia. E tu minha filha venha d'ahi comnsigo, vamos socegar um não.

D. Augusta. Vamos. (*Saem.*)

SCENA VI

Ernesto e dr. Costa

Dr. Costa. (*aparte*) Se elle soubesse.

Ernesto. Vês como eu tinha rasão?

Dr. Costa. Em que?

Ernesto. Em dizer que todas são o mesmo. Não imagi nas a scena que se deu aqui ha pouco. Essa mulher é uma fera.

Dr. Costa. Não digas isso, tu não sabes o que dizes...

Ernesto. Minha sogra é um demonio.

Dr. Costa. Tua sogra é a mulher mais encantadora que eu conheço, e pela qual estou loucamente apaixonado.

Ernesto. Tu estás doido!

Dr. Costa. Sim, Ernesto, é ella, é ella que eu amo, essa mulher de quem mil vezes te tenho fallado, a viuva com quem fiz uma viagem no caminho de ferro, a unica mulher que me tem feito pensar seriamente no casamento.

Ernesto. Está doido varrido.

Dr. Costa. Sim, é a mesma. Preciso fallar com ella. Nunca mais a tornei a ver desde que foi minha companheira n'uma carruagem de 1.ª classe. Já decorreram nove mezes. E ella é capaz de julgar que não a procurei, que a esqueci, é preciso que lhe falle para lhe declarar que nunca deixei de a amar.

Ernesto. E' impossivel tudo quanto estás dizendo.

Dr. Costa. Juro-te, que é verdade. Como havia de suppôr que essa senhora era tua sogra! Eu que não sonhava senão em tornar a vel-a. Sou feliz, completamente feliz, abraça me...

Ernesto. Custa-me a acreditar, com aquelle genio, com aquella idade?

Digitized by Google

Dr. Costa. Tem o genio de uma pomba; e a idade não é grande deve ter trinta e seis annos.

Ernesto. (*rindo.*) Genio de pomba! Coração d'anjo! Ahi meu pobre amigo que vaes para Rillafolles. Tem cincoenta annos, parece-me que minha mulher bem o deve saber.

Dr. Costa. Que me importa com isso, se não parece ter tal idade.

Ernesto. Isso é verdade, está muito bem conservada, não o nego, é uma sogra á prova de dynamite, uma sogra que não morrerá nunca.

Dr. Costa. Pois gosto tanto d'ella, que estou resolvido a casar.

Ernesto. Tu meu sogro! Passava a odiar-te. Ella ahi vem, safo-me.

Dr. Costa. Sim, safa-te que te quero fallar.

Ernesto (*áparte.*) Pobre doutor é bem digno de lastima. (*Sáe.*)

SCENA VII

Dr. Costa e D. Aurelia

Dr. Costa. Fingiu não me conhecer. Veremos.

D. Aurelia (*áparte.*) Elle! meu Deus.

Dr. Costa (*comprimentando.*) Minha senhora.,.

D. Aurelia (*comprimentando-o.*) E meu genro não está aqui?

Dr. Costa. Sahiu agora mesmo. Sei tudo. Desejava fallar com v. ex.ª

D. Aurelia. Senhor...

Dr. Costa. Será possivel que v. ex.ª não se recorde de mim. Bastaram nove mezes de separação para esquecer aquelle a quem jurou amar toda a vida!

D. Aurelia. Não me posso recordar d'um homem que depois de me jurar um amor eterno, desapparece quando menos se pensa. Vou procurar meu genro.

Dr. Costa. Escute-me, e com certeza depois me perdoará. Na ultima noite que tive o prazer de a ver, recebi um telegramma de meu pae chamando-me a toda a pressa, em consequencia de minha mãe estar em perigo de vida

Digitized by Google

escrevi um bilhete a v. ex.ª participando-lhe o occorrido, e parti...

D. Aurelia (*interrompendo-o*) E como está sua mãe?

Dr. Costa. Boa, muito obrigada. Quando regressei depois de minha mãe completamente restabelecida. Acabava v. ex.ª de se mudar e ninguem me soube dizer para aonde. Fiquei desesperado como deve suppor. E só hoje tive o prazer inesperado de a tornar a ver. E agora concede-me o meu perdão

D. Aurelia. Visto ter sido caso de força maior, está perdoado.

Dr. Costa. Obrigado. Ainda bem, posso então ainda aspirar á ventura da sua mão?

D. Aurelia. Pode, mantenho as minhas promessas; agora vou ter com meu genro.

Dr. Costa. Não é preciso, porque elle ahi vem.

SCENA VIII

Os mesmos e Ernesto (*que entra fumando.*)

D. Aurelia. E vem fumando!

Ernesto. Exactamente.

D. Aurelia. Já vejo que não quer comprazer comigo em nada.

Ernesto. Como dono da casa heide sempre fazer o que quizer. (*atirando-lhe fumo para a cara.*)

D. Aurelia. Muito bem. Eu vinha procural-o para fazer-mos uma transacção que evitasse maiores desgostos, mas vejo que nada farei porque cada vez está mais teimoso e menos ratoavel. Por isso não me é possivel continuar a viver n'esta casa, tenho que abandonar minha filha, e abandonal-a em seu poder que a faz tão desgraçada. Vou com o coração dilacerado, o sr. será o responsavel pela minha morte, porque eu pouco posso durar depois d'este desgosto. (*cae sobre o soffá fingindo-se desmaiada.*)

Dr. Costa. Homem, repara...

Ernesto. A senhora está sonhando desventuras que não

Digitized by Google

existem, senão na sua imaginação; minha mulher é, completamente feliz.

D. Aurelia. *(chorando)* Pobra filha!.. Desgraçada!.. *(ao outra vez, na soffá, fingindo um ataque nervoso.)*

Ernesto. Estamos arranjados. *(ao dr. Costa)* Dize ao creado que vá chamar o medico *(o dr. Costa sae, e volta pouco depois)* Torne a si, beba alguma cousa *(com a atrapalhação pega no tinteiro para lhe dar a beber.)* Ai! é o tinteiro! Esta mulher faz-me doido. *(deita-lhe agua na cara.)*

D. Aurelia. *(gritando)* Ai! ai! ai!

Ernesto: Felizmente torna a si.

D. Aurelia. Ai! estou melhor, não digam nada a minha filha, quero-lhe poupar mais este desgosto.

SCENA IX

Os mesmos, D Augusta e D. Julia

D. Aurelia. Minha querida filha, chegou o momento de te fallar com toda a franqueza. Eu e teu marido não cabemos na mesma casa. Lamento do coração a pessima escolha que fizeste, mas o que não tem remedio, remediado está. Eu é que não tenho coragem para assistir ao teu infortunio... retiro-me...

D. Augusta. Então mamã...

D. Aurelia. Escusas de me pedir, estou resolvida...

Ernesto. Bem ouves, está decidida.

D. Aurelia. E' uma separação eterna. Mas antes de partir, ouça-me e não se esqueça nunca d'estas palavras *(a Ernesto.)* Entreguei-lhe minha filha para que a fizesse feliz; mas já que isso não pode ser, procure ao menos reprimir esse caracter violento e irrascivel.

Ernesto. *(áparte)* Tem graça!

Aurelia. Não esqueça estas palavras d'uma mãe, que lhe entregou o seu thesouro mais querido, a filha de suas entranhas. *(abraçando D. Augusta)* Ai! querida filha.

Dr. Costa *(baixo a Ernesto)* Homem, não se te parte o coração.

Digitized by Google

Ernesto. (*baixo ao dr.*) Tambem tal...

SCENA ULTIMA

Os mesmos e o dr. Azevedo (*que entra apressado*)

Dr. Azevedo. O que aconteceu? Quem está doente?

Ernesto. Já não está ninguem, felizmente. Mas esta sr.ª teve á pouco um grande ataque de nervos.

Dr. Azevedo. E já está restabelecida?

D. Aurelia. (*chorando*) Já estou boa.

Dr. Azevedo. (*baixo a Ernesto*) Mas o que foi isto?

Ernesto. (*baixo ao dr.*) Que se retire para o inferno.

D. Aurelia. Não quero demorar-me mais aqui (*a D. Augusta*) Dá-me o chapeu. (*a D. Julia*) Vamo-nos embora.

D. Julia. (*a Ernesto*) Deploro de todo o coração que se deem estes factos...

Ernesto. (*a D. Julia*) Mas v. ex.ª não se deve retirar, rogo-lhe...

D. Aurelia. Tem de se retirar, porque veio commigo.

Ernesto. Eu é que não posso consentir. Se deixasse partir assim esta senhora, podia ficar crendo, que trato mal minha mulher. Necessito que esta senhora fique, para me fazer justiça, para ser testemunha da felicidade de minha esposa...

D. Aurelia. A minha amiga tem de vir comigo, porque assim o quero.

Ernesto. Não se retire, novamente lhe peço.

D. Julia. Em parte tem rasão...

D. Aurelia. Pois bem, retiro-me só. Já vê que seu condescendente, e quando me rouba o amor de minha filha, e a companhia da minha amiga. O sr. é-me fatal.

Ernesto. Senhora...

D. Julia. (*baixo a Ernesto*) Prudencia...

D. Aurelia. (*a D. Julia*) Fica, fica para te convenceres da maldade d'esse homem. Não preciso que me acompanhes. O sr. dr. Azevedo me fará esse favor.

Dr. Azevedo. Com muito gosto. (*pega no chapeo e offerece-lhe o braço que acceita.*)

Digitized by Google

D. Aurelia. Adeus minha filha. E ao sr, aborreço-o, detesto-o, é um monstro, que matará minha filha com desgostos. Malvado. *(Sua rapidamente arrastando Manuel. Ernesto que está desesperado, vae á porta que fecha com violencia, collocando-lhe duas cadeiras encostadas.)*

Ernesto. Graças a Deos!..

D. Aurelia. *(apparecendo á janella do jardim)* Ouça, cá, ouça cá. Previno-o que está fechado com sua sogra.

Ernesto. O que diz?

D. Augusta e D. Julia. A verdade.

Ernesto. Expliquem-se. *(abrem a porta e entra o dr. Azevedo e D. Aurelia rindo.)*

D. Aurelia. A explicação é que o temos enganado.

Ernesto. Será possivel! *(a D. Julia)* A sr.ª minha sogra!

D. Julia. *(abraçando-o)* Não, tua mãe, meu filho.

D. Augusta. Sim, Ernesto, é a nossa querida mamã.

D. Aurelia. *(a Ernesto)* A Augusta tinha-me dito a aversão que o sr. tinha ás sogras, fizemos esta comedia, para não começar a odiar a sua.

Ernesto. Comprehendo que é verdade. A sr.ª não tem cara de sogra.

D. Aurelia. Obrigada pela galanteria.

Criado. *(entrando)* Sr. dr., da parte do sr. Marquez venho dizer-lhe...

Dr. Azevedo. *(interrompendo)* Vou já! Não me deixam um momento.

Criado. Que a sr.ª marqueza acaba de dar á luz uma menina com toda a felicidade.

Dr. Azevedo. Quando eu não estava presente! E para este resultado estou aqui preso á oito dias! Agora já não sou preciso, retiro-me.

D. Aurelia. Espere um pouco. *(Couplet:)*

Com esta troca de sogras,
Se desmentiu o ditado,
Que de todos é sabido,
E com razão applicado.

Que nada ha certo no mundo
Mais uma vez se provou,
Justiça faça ás sogras
Quem já tanto as odieu.

Mas para tal conseguir,
Do sexo amavel a astucia,
Mais uma vez empregou,
Sua finissima argucia.

Resta pois vêr se approvaes,
O expediente tomado,
Demonstrae com applausos,
Se foi do vosso agrado.

CAE O PANNO — FIM

Digitized by Google

VIAJAR INCOGNITO...

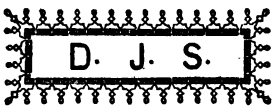
COMEDIA EM DOIS ACTOS

POR

Diogo José Seromênho

Condecorado com a medalha ao merito,
Socio honorario do Gremio Litterario portuguez
do Pará, da Associação dos Jornalistas e
Escriptores, etc.

Representada com geraes applausos nos theatros do Gymnasio, Rua dos Condes, Camões, em Belem, no Porto, ilha da Madeira, no Pará, etc.



THEATRO CONTEMPORANEO
EMPREZA FUNDADA EM 1869
DIOGO SEROMÊNHO, — EDITOR
ESCRIPTORIO DA EMPREZA, R. NOVA DO ALMADA, 24, 2°
LISBOA—1884

Digitized by Google

PERSONAGENS

ANNICA—BRAZIA—GERVASIO DE SALLES—LEONARDO
JULIO—JOSÉ PINTO—FRANCISCO—REGEDOR—VEREADOR

A scena passa-se na provincia.

ACTO PRIMEIRO

Uma estalagem de provincia, pouco asseiada. Portas ao fundo e lateraes, janellas, etc.

SCENA I

BRAZIA, FRANCISCO, depois JULIO

FRANCISCO—Vê se te avias. A diligencia está a chegar, quero pois tudo em ordem.

BRAZIA—Isto é um instante.

FRANCISCO—Não esqueças as minhas recommendações. Se algum passageiro pedir comida, dá-lhe da peor, mas grande porção, não esqueça. Eu não quero que me chamem ladrão. Agora vou á sessão extraordinaria da Camara municipal; não esqueçam as minhas recommendações. Olha, para os freguezes da diligencia, dá-lhe do vinho azedo, que os mais freguezes não querem.

BRAZIA—Não precisa dizer mais nada, porque segundo o costume, os freguezes só pedem agua fresca e escova para escovar o fato.

FRANCISCO—Tens razão, com as diligencias não se ganha vintem! Mas dentro de pouco tempo a cousa hade cantar d'outra maneira. O governo prometteu-nos um caminho de ferro, que em breve aqui teremos. E então tu verás aqui todos os dias mais de cem mil passageiros.

BRAZIA—Cem mil!

FRANCISCO—Ou mais. Admiras-te, porque nunca viste um caminho de ferro.

BRAZIA—Tambem vocemecê não viu.

FRANCISCO—Mas imagino. São muitos trens amarrados

Digitized by Google

uns aos outros, e que andam cem legoas por minuto, puchados pelo vapor.

BRAZIA—Mas isso o que é ?

FRANCISCO—O vapor? Pois não sabes ? é o mesmo que a electricidade magnetica. Muito te custa a comprehender as cousas ! Tudo que sei foi o sr. Julio que m'o ensinou. Sabe muito; é um «engenhista», anda sempre a tomar medidas por onde hade passar a linha. *(vendo Julio)* Fallae no mau...

BRAZIA—Olhae para a porta.

JULIO—*(entrando com muitos papeis nas algibeiras e um rolo immenso na mão)* Ora Deus esteja n'esta casa.

FRANCISCO—E o diabo em casa dos frades. Vae então dar o seu giro?

JULIO—Vou á estrada levantar uns perfis. Isto em mim já é vicio.

FRANCISCO—A gente da companhia deve lembrar-se de si com algum logar.

JULIO—Assim o espero. A Direcção hade dar todo o valor aos meus trabalhos. Aos olhos fechados conheço toda a linha.

FRANCISCO—O' sr. Julio, se está de maré, queria-lhe pedir um favorsinho.

JULIO—Diga lá. *(áparte)* Temos estopada.

FRANCISCO—E' ensinar a minha sobrinha o que é o caminho de ferro. Julga ella que eu lhe minto.

JULIO—*(áparte)* Todos os dias lhe explico. *(alto)* Imagine uma serie de wagons, puxados por uma machina locomotora animada por vapor, que rapidamente atravessa os *rails*.

FRANCISCO—Tal qual eu te dizia.

BRAZIA—*(áparte)* Não percebi nada!

FRANCISCO—*(áparte)* Não entendi patavina. *(alto)* Não ha como o sr. Julio para explicar estas cousas exquisitas e difficeis. Vamos, sr. Julio, vem d'ahi?

JULIO—E' para já, saude e patacos.

BRAZIA—E vagar para os contar. *(saem)*. O sr. Julio falla de maneira que só os anjos o podem entender, é só para quem está em graça ! Eu acredito tanto no vapor e no tal caminho de ferro, como em cousa nenhuma. O que se quer, é que venham bastantes freguezes na diligencia e que não peçam só agua fresca para o bofe. e escova para o fato. *(ouve-se ao longe bulha de giseiras que se aproximam)* Ahi a temos. *(corre á janella, com alegria)* E vem cheia-

Digitized by Google

sinha de gente! Entraram dois sujeitos; vou ver o que elles querem.

SCENA II

BRAZIA, GERVASIO, e LEONARDO *(trazem muitas malas de varios tamanhos e feitios).*

BRAZIA—Por aqui, entrem por aqui.

GERVASIO—Oh! pequerrucha!

LEONARDO—*(áparte)* E' bem boa a pequena!

GERVASIO—Quero dois quartos confortaveis.

BRAZIA—Tencionam demorar-se aqui muitos dias?

GERVASIO—Apenas dois ou tres dias.

LEONARDO—*(áparte)* Que olhos! que par d'olhos, que dois olhos tem esta rapariga! Os olhos são os luzeiros d'alma, que grande alma ella deve ter!

BRAZIA—*(áparte)* Graças a Deus que ficam dois hospedes. *(alto indicando o quarto da E.)* Vou preparar tudo. O seu quarto é aquelle, é o melhor que temos cá em casa.

LEONARDO—O melhor que ha cá em casa é a menina. *(colloca as malas no quarto).*

GERVASIO—*(olhando pela porta do quarto)* Parece mais um salão do que um quarto de cama.

BRAZIA—Os senhores querem comer alguma cousa?

GERVASIO—Só desejo uma escova para o fato.

LEONARDO—Pois eu comerei qualquer cousa; um presunto ou um paio, por exemplo.

GERVASIO—*(áparte)* Forte alarve! Sempre a comer. *(alto)* Tambem me preciso lavar.

BRAZIA—Tudo se hade arranjar.

LEONARDO—*(áparte)* Cada vez me parece melhor a pequena! Deviam ser prohibidas estas carinhas bonitas, que roubam a tranquilidade á gente! Não sei como não me tirou a vontade de comer!

SCENA III

GERVASIO e LEONARDO

GERVASIO—Que fazes com essa cara de tolo?

LEONARDO—Contemplo a belleza d'essa creadinha.

Digitized by Google

GERVASIO—Não sejas asno e lembra-te das minhas recommendações, esquece o meu nome.

LEONARDO—Parece que andamos a conspirar, ou que fugimos da policia.

GERVASIO—Para não rebentares de curiosidade, vaes saber tudo. Viajo para casar... eis tudo explicado.

LEONARDO—Já percebi; a sua noiva está aqui.

GERVASIO—Não, o meu anjo, o meu ideal, o meu seraphim não está n'esta terra. *(suspirando comicamente)* Como eu te amo, mulher incomparavel! Estou apaixonado!

LEONARDO—Já sei, são duas paixões, ella tambem está apaixonada. E' sempre assim.

GERVASIO—Não tenho a certeza da sua paixão. Apenas a visitei oito annos, tres mezes e nove dias, sempre com respeitosa e digna amisade. Nunca lhe declarei o meu amor senão com os olhos... Com esses espelhos d'alma, é que lhe disse o quanto a amava! Oh! lingoagem sublime das olhadellas! Ve como a contemplava. *(põe os olhos em alvo, fazendo caretas).*

LEONARDO—O patrão parece um carneiro mal morto.

GERVASIO—Cala-te, não profanes tão sublime lingoagem.

LEONARDO—Lingoagem que nem o diabo entende.

GERVASIO—Tu não a entendes porque és parvo! Uma vez estava no muro d'um lindo jardim uma trigueirinha seductora, com o olhar pedi-lhe uma formosa camelia que tinha na cabeça, e o marido, que do outro lado lia um jornal, tambem comprehendeu o meu pedido...

LEONARDO—Que o desafiou?...

GERVASIO—Não, atirou-me com um vaso d'amores perfeitos e quebrou-me a cabeça.

LEONARDO—Olhe que brincadeira! Por uma mulher pode-se morrer, mas não ficar com a cabeça partida!...

GERVASIO—E' uma lingoagem sublime. *(fazendo muitas caretas e trejeitos com os olhos)* Assim, quer dizer: «amo-te» assim, «cá te espero»; assim, «até logo». Voltando assim os olhos...

LEONARDO—Ficam olhos de goraz cosido.

GERVASIO—Jura pelas estrellas a verdade e a pureza do nosso amor.

LEONARDO—Até um cego deve comprehender tão boa lingoagem. Mas o patrão ainda me não disse, como posso eu n'essa lingoagem perguntar ao meu ourello «se no domin-

Digitized by Google

go vae á missa das 9», «se está melhor dos callos», ou «se quer ir jantar ao Antonio das caldeiradas?»

GERVASIO—O melhor é fazer as perguntas quando lhe fallares. Pois afianço-te que as mulheres entendem tudo quanto dizemos com os olhos. Dou como testemunha a Valeria.

LEONARDO—Não conheço.

GERVASIO—Valeria, o meu namoro, aquella por causa de quem fazemos esta viagem, disse-me antes de partir com o padrinho: «Temos v. ex.ª na maior consideração». Não se declarou por estar na presença do padrinho. E eu, depois de suspirar, levei a mão ao coração, e disse-lhe com os olhos. *(fazendo gestos com os olhos)* «Mil prosperidades lhe desejo na sua viagem.»

LEONARDO—Percebi perfeitamente.

GERVASIO—Depois mandei-lhe uma carta, declarando-lhe o meu sincero amor.

LEONARDO—E veio resposta?

GERVASIO—D'ahi a dias, dizendo não ter recebido a minha carta.

LEONARDO—Grande admiração! Ainda hoje o *Diario de Noticias* trazia uma columna de reclamações contra o serviço do correio.

GERVASIO—A sua carta acompanha-me sempre; podes lêr.

LEONARDO—Estou á espera que o professor d'instrucção primaria lá da terra receba o ordenado, para aprender a ler.

GERVASIO—Então nunca aprenderás. *(lendo a carta)* «Ex.mo sr. Estimo que esteja de perfeita saude. Eu e o padrinho vamos vivendo com este calor; elle tem outra vez o callo muito inflammado, e tem tido um tumor no pescoço, que só hontem rebentou com papas de linhaça; eu tenho soffrido muitas dores de dentes; não respondo á sua carta de 5 do passado, porque infelizmente não me foi entregue. Sou com toda a consideração—Valeria.» N'estas poucas palavras se conhece o imperio que tenho sobre ella, e o amor que me dedica...

LEONARDO—Gostando ella tanto do sr., o que devia ter feito era dirigir-se ao ponto aonde ella está, e pedil-a...

GERVASIO—Não sou rico, sou apenas remediado; Valeria tambem é pobre, casar já, seria um sacrificio para ambos.

LEONARDO—Mas isso não me explica esta viagem mysteriosa.

Digitized by Google

GERVASIO—Já vaes comprehender. (*com intenção, ferindo s palavras*) Disseram-me no Porto que existe n'esta terra m velhote pôdre de rico, por nome Jacintho Gouvêa, que nha feito um testamento em que deixava tudo á Valeria. qui tens decifrados os mysterios da nossa viagem. Por orte do Gouvêa fica a minha futura com uma fortuna ollossal. E para isso aqui estamos.

LEONARDO—(*áparte*) Assassinar o Gouvêa! (*alto*) Pense m, não se compromettal

GERVASIO—Indaguemos; se fôr verdade, dá-se o ultimo salto.

LEONARDO—(*áparte*) Tem ideias sanguinarias!

GERVASIO—O homem está velho, tem os dias acabados.

LEONARDO—E' horrivel, é um crime monstruoso!

GERVASIO—Monstruoso és tu!

LEONARDO—Case, mas não mate o Gouvêa! E' um crime onstruosissimo!

GERVASIO—Tu és um grande bruto! Matar o Gouvêa!... is eu cahia n'essa! O que quero é indagar se o velhote rico e se deixa tudo á Valeria. Matar o bicho, ou quero zer, matar o homem, nunca. Nosso Senhor lhe conserve vida... por poucas horas...

LEONARDO—Já aqui não está quem fallou. Agora percebo lo. Tambem em questões de segredos, em me dizendo o e é, adivinho logo... Ah! patrão, sinto uma sensação lingoa em dizendo a palavra *advinho* antes da ceia; sendo dizia um amigo meu, são duas palavras latinas que erem dizer *hade haver vinho*, e eu estou com uma fome ma sêde!...

GERVASIO—Cada vez estás mais tolo! Toma bem sentido que te disse, que ninguem sonhe quem eu sou, nem em tu és. O que te disse é um segredo para todos.

LEONARDO—Menos para nós dois, que já o sabemos.

GERVASIO—Se o Jacintho Gouvea deixar tudo que tem á leria, e eu casar com ella, ficas administrador dos meus is

LEONARDO—Passarei a ser o sr. *administrador!* Viva a *alhoça!*

SCENA IV

Os mesmos e BRAZIA

GERVASIO—E' negocio para muitos contos de ...

BRAZIA—(*áparte*) Contos de reis!

Digitized by Google

LEONARDO—Vamos ter muita riqueza!

BRAZIA—Os senhores estão servidos; tudo do melhor.

GERVASIO—Vamos lá *(a Leonardo)* Nem uma palavra *(a Brazia)* A agua?

BRAZIA—Está no quarto.

LEONARDO—E a comida?

BRAZIA—Está prompta.

GERVASIO—Vou-me lavar. *(sae).*

LEONARDO—Vou á trincadeira. *(áparte)* Ah! que olhos de rapariga. *(sae).*

SCENA V

BRAZIA e JULIO

BRAZIA—Estes fidalgotes não fallam senão em contos de reis. Serão ricos? melhor, apanharei grande propina.

JULIO—*(entrando muito alegre)* Viva a alegria!

BRAZIA—Sahiu-lhe a sorte grande? Vem tão contente!

JULIO—Venho louco de alegria *(encostando-se ás costas d'uma cadeira e tomando attitudes de orador)* E' hoje o dia mais feliz e glorioso da nossa terra! Esta dacta deve ser lavrada com pagmas d'ouro no livro da historia! O progresso, caminhando de braço dado com a sciencia... Mas deixemo-nos de discursos... Escuta o que diz o «Seculo», que o boticario acaba de me emprestar. «Um dos homens mais eminentes do paiz, pelo seu saber e pela sua fortuna, o talentoso engenheiro, pela escóla de Pariz, o commendador Gervasio de Salles, partiu para a florescente provincia do Minho, afim de estudar a linha do novo caminho de ferro, que as camaras acabam de conceder á empreza organizada pelo mesmo senhor. O distincto engenheiro parte em companhia d'um grande capitalista, seu amigo.» Então não te alegras!

BRAZIA—Não percebo patavina.

JULIO—O commendador Gervasio tem a concessão do governo para o caminho de ferro, que hade passar por esta villa! Espera-se a toda a hora. Quero ver se o apanho para lhe servir de *cicerone*, e mostrar-lhe os meus estudos sobre o traçado já approvado pelo governo. Espero que se lembrará de me dar um logarsinho de confiança... Ainda não percebeste?

BRAZIA—E se for mentira?

JULIO—O' filha, os jornaes não mentem, especialmente

Digitized by Google

de Lisboa. Teu tio logo que soube a noticia, safou-se para a Camara, e lá estão em sessão extraordinaria, discutindo os festejos com que devem ser recebidos tão importantes personagens. Teremos discursos, jantares, bailes, muzicas, fogo de vistas, salvas de morteiros, o diabo!

BRAZIA—Que grande festança! Mas quando virão esses homens grandes?

JULIO—Podem chegar d'um momento para o outro. Podem vir na diligencia; prepara bem esta casa, podem vir hospedar-se para aqui.

BRAZIA—*(afflicta)* Valha-me Deus! E eu que não percebi logo. Já aqui estão.

JULIO—Que dizes?

BRAZIA—Já aqui estão hospedados por alguns dias!

JULIO—Será verdade?

BRAZIA—Ha pouco fallavam em contos de reis, em bons negocios. Basta olhar para elles, para se ver que são fidalgos ou grandes figurões.

JULIO—Por esses signaes são elles. Que grande pechincha. Olha, vae já á camara contar ao teu tio, ao regedor e ao boticario. Que resolvam depressa a festa, visto que já chegaram...

BRAZIA—Vou n'um pulo! *(sae a correr e aos pulos)*

SCENA VI

JULIO, depois GERVASIO

JULIO—E' preciso que esteja com muito azar, para não abichar boa posta. Os meus projectos das pontes de ferro, hão-de agradar. Assim que agarrar algum d'elles, não o largo, mostre-lhe a minha competencia no assumpto. Elle ahi vem; tem cara de homem celebre! Tenho a honra de o cumprimentar.

GERVASIO—A honra é minha.

JULIO—*(áparte)* Tem cara de talento. *(alto)* Tenho a maior honra em saudar aquelle a quem esta terra mais serviços vae dever.

GERVASIO—Que diz?

JULIO—Tenho a honra de cumprimentar o banqueiro mais rico e honesto do paiz.

GERVASIO—*(áparte)* Bravo!

JULIO—Logo que soube da sua chegada senti um grande prazer. E toda a villa está em festa, pela chegada de v. ex.ª.

Digitized by Google

GERVASIO—Toda a villa!

JULIO—Mas o meu jubilo é maior, por saber o motivo que traz v. ex.ª aqui.

GERVASIO—Pois sabe! *(áparte)* Com tanto segredo, e já aqui sabem os meus amores com a sympathica Valeria!

JULIO—Sabemos perfeitamente.

GERVASIO—Rogo-lhe o obsequio...

JULIO—Comprehendo; desejam guardar o incognito.

GERVASIO—Deve comprehender... n'um negocio tão melindroso...

JULIO—V. ex.as vieram palpitar...

GERVASIO—Adivinhou, viemos virificar a verdade do que se diz.

JULIO—Contem comigo, estou ás suas ordens. Explicarei a v. ex.ª tudo quanto desejar.

GERVASIO—*(áparte)* E' muito delicado. *(alto)* E será verdade ter muito? *(áparte)* Saberei se tem grande fortuna.

JULIO—O terreno são mil kilometros.

GERVASIO—*(áparte)* Que pechincha! *(alto)* E os terrenos rendem bem?

JULIO—Quasi todos podem ser aproveitados para as construções.

GERVASIO—Bem bom.

JULIO—N'este negocio deve ganhar muitos contos de reis.

GERVASIO—Muito agradeço as suas informações.

JULIO—Nada tem que agradecer, a respeito d'ella tudo lhe explico.

GERVASIO—O sr. conhece-a?

JULIO—Perfeitamente, estudo-a ha muito tempo; o melhor são as curvas e o perfil!

GERVASIO—O perfil é bom?

JULIO—Magnifico! Se eu tivesse dinheiro, tinha-me atirado, mas v. ex.ª está, por todas as razões, primeiro.

GERVASIO—Agradeço do coração.

JULIO—Até cheguei a ter inveja de v. ex.ª.

GERVASIO—*(áparte)* Está mais ao facto das cousas do que eu.

JULIO—Houve muitos concorrentes?

GERVASIO—Muitos...

JULIO—Sim, mas v. ex.ª garante o resultado...

GERVASIO—Com certeza. *(áparte)* Imaginam-me rico; antes isso. Terá mais valor o meu amor.

JULIO—E' uma pechincha! Com um resultado magnifico!

Digitized by Google

GERVASIO—*(áparte)* Em o Gouvêa morrendo... *(alto)* Então entende que devo já casar?

JULIO—*(áparte)* Não entendo o que elle diz. *(alto)* O mais depressa possivel. *(áparte)* Pode ser que a garantia da empreza seja o seu casamento...

GERVASIO—Fico-lhe muito grato.

JULIO—Para ganhar mais depressa deve fazer os contractos por empreitadas... E fazer alterações no contracto do governo.

GERVASIO—Contracto do governo!

JULIO—Mostrarei a v. ex.ª o meu projecto. Refiro-me aos trabalhos do kilometro 19.

GERVASIO—*(áparte)* Este diabó tem telha.

JULIO—Deve-lhe fazer conta.

GERVASIO—Mas qual conta?

JULIO—Fazer um ramal.

GERVASIO—*(áparte)* Aturem-n'o lá. *(alto)* De que falla?

JULIO—Do projecto da sessão Z, aterro B.

GERVASIO—*(áparte)* E' o que eu digo, é maluco. *(alto)* O sr. sabe o que diz?

JULIO—Perfeitamente.

GERVASIO—E quem lhe disse o que me traz aqui?

JULIO—O «Seculo».

GERVASIO—Qual seculo, o presente ou o passado?

JULIO—*(dando-lhe o jornal)* Pelo «Seculo», jornal que ainda agora li. Aqui o tem, pode ler. *(áparte)* Aposto que apanho boa *posta*.

GERVASIO—*(áparte)* Até que percebi... Julga-me director do caminho de ferro! Boa ideia; assim saberei tudo que me convem, sem que ninguem o imagine. *(alto)* Não se pode dar um passo sem que os jornaes o declarem. São os besbilhoteiros da vida alheia. Desejava viajar incognito, mas os jornaes...

JULIO—O que peço a v. ex.ª é que veja com attenção o meu projecto.

GERVASIO—*(áparte)* Agora é que vae ser o bom e o bonito. *(alto)* Com muita satisfação. *(áparte)* Vou prevenir o asno do Leonardo. *(alto)* Já venho.

JULIO—Peço a v. ex.ª a fineza de apresentar os meus respeitos ao seu socio.

GERVASIO—*(áparte)* Meu socio! *(alto)* Ah! sim, com muito gosto. Passe muito bem; o que precisar de mim...

JULIO—Agradeço a v. ex.ª. Chamo-me Julio de Mello, de-

Digitized by Google

senhador d'obras publicas, e actualmente sem emprego. *(com acanhamento)* Desejava fazer um pedido a v. ex.ª

GERVASIO—*(áparte)* Temos encosto! *(alto)* Diga lá.

JULIO—Estou desempregado...

GERVASIO—*(áparte)* E' o que eu digo. Não me apanha mais de cinco tostões.

JULIO—Eu não sou ambicioso, fico satisfeito com 500: ou 600:000 réis...

GERVASIO—*(áparte)* Talvez ainda ache pouco. *(alto)* Uma tal exigencia...

JULIO—Só se ja tem dado todos os logares... o meu maior desejo era ser empregado da confiança de v. ex.ª.

GERVASIO—Percebo agora. Deseja ser meu empregado.

JULIO—Deixo a escolha do logar ao seu justo arbitrio.

GERVASIO—Será servido, conte com um bom logar. Engenheiro, inspector, fiscal, qualquer d'elles...

JULIO—Beijo as mãos de v. ex.ª.

GERVASIO—*(áparte)* Sou um rei. Até já me querem beijar as mãos! *(alto)* Eu já venho, adeus.

JULIO—Tenho a honra de cumprimentar a v. ex.ª.

GERVASIO—Adeus... adeus... *(sae)*.

SCENA VII

JULIO, depois BRAZIA

JULIO—E digam lá que não ha dias abençoados! Este é um d'elles. Apanhei posta, e posta graúda. Vou botar figura; vou ser um personagem importante.

BRAZIA—Já todos o sabem.

JULIO—Estou muito satisfeito. Sou engenheiro director da companhia. Que palavra! até faz inchar a gente!

BRAZIA—Felicito-o pela sua nomeação; mas tome conta não inche muito, lembre-se da rã da fabula.

JULIO—Adeus, vou trabalhar. *(sae)*.

BRAZIA—Ficou tolo tolo com o emprego!

SCENA VIII

BRAZIA e LEONARDO

LEONARDO—*(vestido ridiculamente)* Estou mais janota que o deputado cá do circulo. *(reparando em Brazia, áparte)*

Digitized by Google

Olá, a pequena da estalagem, e é bem boa! Se eu me atirasse... Nada, na minha elevada posição seria ridiculo. *(alto)* Vem cá. *(áparte)* Adoro esta pequerucha: vou-me declarar, já me não importa com a minha posição. *(faz-lhe trejeitos com a cara)* Sabes o que eu quero dizer? *(pisca os olhos)* Repara bem...

BRAZIA—Tem comichão nos olhos.

LEONARDO—*(áparte)* E' estupida, não entende! *(alto, elevando os olhos ao tecto)* Entendes agora?

BRAZIA—Entendo, o tecto precisa caiado.

LEONARDO—*(áparte)* O tal systema do patrão, póde ser muito bom, mas não me entendo com elle. *(alto)* O que eu te queria dizer é que és muito bonita, e que gosto muito de ti. *(dá lhe um grande abraço)* Viva a rainha da belleza!

BRAZIA—Deixe-me, que meu tio está-me a chamar. *(ouve-se chamar Brázia em altos berros).*

LEONARDO—Vae, anjo adorado. *(Brazia sae).*

SCENA IX

LEONARDO e JULIO

LEONARDO—*(áparte)* Por causa da creada ainda fáço asneira. *(vendo Julio)* Quem será este typo?

JULIO—*(áparte)* Este é o socio. *(alto)* Já tive a honra de cumprimentar o seu companheiro, que julgo terá fallado com v. ex.ª a meu respeito.

LEONARDO—Já me disse tudo.

JULIO—*(dando-lhe os papeis)* Aqui trago os desenhos para lhe mostrar e pedir-lhe a sua opinião. Aqui tem o relatorio sobre as escavações nos pontos elevados...

LEONARDO—*(vendo os papeis e áparte)* Deus queira elle não perceba que não sei ler. *(alto)* Está tudo muito bem feito; o sr. é um talento. *(dá-lhe os papeis)* Reparei em tudo...

JULIO—*(estendendo um grande mappa sobre a meza)* Queira ver aonde se devem fazer modificações no traçado.

LEONARDO—*(áparte)* Que grande estopada! Mas eu raspo-me. *(sae nos bicos dos pés, sem Julio dar por isso).*

JULIO—Este mappa de toda a linha divide-se por zonas. O terreno dá-nos mais facilmente... *(reparando que está só)* Safou-se! não me parece muito delicado. Dou-me melhor com o outro, a quem tudo explicarei.

Digitized by Google

SCENA X

JULIO, o REGEDOR, o VEREADOR, depois FRANCISCO

JULIO—Ora viva o sr. regedor.

REGEDOR—*(dando-lhe pouca importancia)* Viva, sr. Julio. Cá estamos em commissão, falta apenas o Francisco para apresentarmos os nossos respeitos aos dois benemeritos que honram hoje a nossa terra com a sua presença.

JULIO—Fiquem sabendo que fui nomeado director em chefe da construcção.

VEREADOR—Muitos parabens.

REGEDOR—Apanhou, seu brejeiro! O nosso Julio merece-o, porque é um rapaz de muito merecimento. Disponha sempre do meu fraco prestimo. *(áparte, a Julio)* Conto com o amigo para uma pretençãosinha... Não serei ingrato. *(alto)* Ora até que chegou o sr. Francisco.

FRANCISCO—*(entrando)* Saude, paz e patacos, que não sejam falsos.

REGEDOR—Está prompta a grande e patriotrica commissão. Fiz um discurso digno de Richelieu; mas para não me esquecer escrevi-o aqui no punho. *(mostra o punho escripto)*

FRANCISCO—Boa ideia. *(áparte)* Ha de ser bom o tal discurso, escripto por tal alarve!

REGEDOR—Fiz isto, para não se tornar o dar a troca que se deu o anno passado, no meeting por causa das eleições, que em logar de dizer que acataria o governo constitucional, disse que o atacaria. *(gargalhada geral)*.

JULIO—Elles ahi vem. *(áparte)* O regedor vale um dinheirão.

SCENA ULTIMA

Os mesmos, GERVASIO e LEONARDO

GERVASIO—*(entrando áparte)* Elles comigo. *(alto)* Tenho a honra de o cumprimentar...

JULIO—São as auctoridades da terra, que veem...

GERVASIO—*(áparte)* Metter-nos na cadeia.

JULIO—Apresentar os seus respeitos a v. ex.ª em nome d'esta população digna, honrada e leal.

GERVASIO—*(áparte)* Isto hade ser bonito. *(alto)* O prazer que sinto é immenso, assim como o jubilo que me inunda a alma...

Digitized by Google

FRANCISCO—Nós é que sobremaneira estimamos...

REGEDOR—*(áparte)* Falo eu, ou chia algum carro! *(alto)* Cavalheiros dignos *(olha para o punho da camiza)*.

GERVASIO—*(áparte)* Temos asneira...

REGEDOR—O povo d'esta povoação popular...

LEONARDO—*(áparte, rindo)* Que data de asneiras...

GERVASIO—*(baixo a Leonardo)* Queres que a gente vá parar á cadeia! Calla-te com um milhão de diabos!

REGEDOR—*(com fogo, gesto largo e voz grossa)* Popularisando os homens celebres, que presentes se acham entre nós, e com jubilo, que os abraça, e lhe deseja todas as venturas de que são dignos, em companhia das illustres familias, se as teem, e se são celibatarios, então em companhia da patria, que é a mãe, e por conseguinte a parenta mais proxima de todos nós... *(limpando o suor)* Esta patria que tão desprezada tem sido, esta patria de heróes... esta patria...

TODOS—Bravo, bravo! Viva o sr. regedor!

GERVASIO—*(áparte)* Estamos arranjados.

REGEDOR—Obrigado pela ovação. Mas como ia dizendo... esta patria que eu aqui represento como primeira auctoridade... esta patria determina, que sendo eu o representante d'ella, venham todos na minha companhia...

GERVASIO—Mas para onde?

REGEDOR—Para a minha pobre choupana, onde serão tratados como meus filhos dilectos.

FRANCISCO—Sr. regedor, eu tambem sou filho da patria, e acho injusto que me queiram palmar os meus illustres hospedes.

VEREADOR—A casa da Camara está ás ordens de v. ex.ª.

REGEDOR—Eu sou aqui a primeira auctoridade, represento el-rei o sr. D. Luiz, e visto que aqui não ha palacio real, é em minha casa que se devem hospedar. E toca a marchar, que são horas; a ceia nos espera. *(agarra Gervasio e Leonardo, cada um por seu braço)* Vamos, é marchar!

FRANCISCO—Então o sr. regedor leva-me os hospedes?

REGEDOR—Em nome d'el-rei, em nome da patria, em nome do povo, levo-os comigo, para assistirem ás grandes festas que vão ser dadas em sua honra. Vamos a caminho! *(grande balburdia, todos querem sahir ao mesmo tempo; o panno desce com rapidez)*.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

Digitized by Google

ACTO SEGUNDO

Uma sala regular á antiga, em casa do regedor; portas ao fundo, janellas e portas á direita e á esquerda. Mobilia tosca e antiga, etc.

SCENA I

ANNICA, GERVASIO, LEONARDO, REGEDOR JULIO, FRANCISCO e VERREADOR *(estão todos á meza comendo e bebendo. Muita algazarra. Fallam todos).*

FRANCISCO—A' saude dos nossos illustres hospedes! *(todos bebem).*

GERVASIO—Agradeço, meus senhores.

REGEDOR—Bebo á saude dos regeneradores d'esta terra.

JULIO—Bebo á saude dos progressistas d'esta terra.

GERVASIO—Bebo á saude dos republicanos d'esta terra.

FRANCISCO—Bebo á saude dos constituintes d'esta terra.

GERVASIO—Alto, estão incluidos nos regeneradores. Já vejo que n'esta meza estão representados todos os partidos politicos. *(muita animação; bebem todos).*

REGEDOR—São horas de partirmos.

GERVASIO—*(áparte)* Estou arranjado. *(levantam-se todos, menos Leonardo que continua a comer)*

FRANCISCO—Ás ordens de v. ex.ª está um cavallo purissimo.

GERVASIO—*(áparte)* Temos trambulhão!

REGEDOR—Vamos a isto meus senhores, até já. *(sae com Francisco e o vereador).*

GERVASIO—Até já.

JULIO—Agora era tão boa occasião de v. ex.ª examinarem os meus trabalhos; pouco falta para concluir.

GERVASIO—*(áparte)* Excommungado. *(alto)* Só verei quando estiver concluido.

JULIO—Como quizer. Agora retiro-me por alguns minutos. *(sae).*

15

ANNICA—Sr. Gervasio, estou completamente ao seu dispôr. *(levantam a meza)* Tenho muito prazer em o servir, é só pedir por boca... *(áparte)* Sinto o meu facatás por este homem. *(sae direita).*

Digitized by Google

SCENA II

GERVASIO e LEONARDO

GERVASIO—Eu rebento! Dou um estoiro maior do que uma peça d'artilheria!

LEONARDO—E sabe alguma cousa do sr. Jacinto de Gouvêa? O que descobrio?

GERVASIO—Nada! E que tempo temos nós, se temos passado a vida a comer. Volta e meia, a meza posta! Esta gente imagina que as pessoas ricas levam toda a vida a comer. Se ao menos a comida fosse boa, mas nada! Carne de porco assada ao almoço, ao lanche, ao jantar, á merenda e á ceia. Detesto o tal porco.

LEONARDO—Qual porco?

GERVASIO—O que nós comemos a todas as horas.

LEONARDO—D'esse gosto eu.

GERVASIO—E por epilogo d'esses banquetes pantagruelicos, uma passeiata a cavallo, eu que nem mesmo sei montar um burro! Vou ficar com os ossos n'um feixe.

LEONARDO—Isso é cobardia! Aperte-lhe bem as pernas.

GERVASIO—Fallas bem, mas eu é que não me entendo com cavallos! Nada, decididamente não monto...

LEONARDO—Com essa teimosia vae fazer com que descubram que não somos quem elles julgam; e que nos vão ao pello.

GERVASIO—Tens razão! Tenho que me sujeitar a tudo, por amor das costellas...

SCENA III

GERVASIO, LEONARDO e REGEDOR

REGEDOR—A comitiva espera respeitosa e anciosa a presença de v. ex.ª. Infelizmente os deveres afficiaes do meu cargo não me permittem que o acompanhe. Recebi diversos officios importantes, e entre elles um que me diz que o Governador Civil, meu augusto chefe, chega em breve a esta terra. Que honra! Que! immensa honra!

GERVASIO—E' verdade, que altissima honra para esta terra. *(á parte)* Cada vez se torna mais horrivel a minha situação!

REGEDOR—Que determina v. ex.ª?

Digitized by Google

GERVASIO—A caminho! *(áparte)* Offereço-te o sacrificio da minha vida, Valeria, vida minha! *(baixo, a Leonardo)* Se eu morrer, manda enterrar o meu cadaver e vae contar a Valeria que arrisquei a vida por causa d'ella.

LEONARDO—*(baixo)* Não tenha medo! Os homens são brutos, mas boas pessoas.

GERVASIO—Não tenho medo dos homens, mas sim dos cavallos. *(sae com o regedor)*.

SCENA IV

LEONARDO (só), depois ANNICA

LEONARDO—Que consideração com que nos tratam; parece que somos pessoas reaes! Se elles advinhassem... Isso sim, temos typos de homens sérios, ninguem é capaz de desconfiar...

ANNICA—*(entrando)* O seu amigo sahiu?

LEONARDO—Ha pouco tempo.

ANNICA—O sr é muito amigo d'elle. Diga-me, é casado?

LEONARDO—Quem, eu?

ANNICA—Não, o seu amigo.

LEONARDO—Estamos aqui para isso... *(áparte)* Bonito, lá me ia descozendo.

ANNICA—E' solteiro?

LEONARDO—*(com emphase)* Temos a honra de ser solteiros. Até logo, minha senhora, vou estudar uma operação bancaria... *(áparte)* Isto é uma rica vida, comer e dormir; já comi, agora vou dormir. *(cumprimenta com importancia e sae)*.

SCENA V

ANNICA e REGEDOR

ANNICA—Que talento! Que elegancia! Que maneiras! A legua se conhece que são homens da mais alta posição social. *(pondo comicamente a mão sobre o coração)* Ah! coração indiscreto! palpitas com violencia!... amas o sympathico e ideal Gervasio.

REGEDOR—*(entrando)* Isto de ser o primeiro entre os primeiros cá da terra, tem que se lhe diga. Tenho sempre que fazer, não chego para as encommendas. Se me chamarem, estou no meu gabinete. *(sae, D.)*.

Digitized by Google

ANNICA—Pois sim. Oh! Deus queira não se demore o meu adorado.

SCENA VI

ANNICA e JOSÉ PINTO

PINTO—*(entrando)* Preciso fallar ao sr. regedor.
ANNICA—Está trabalhando no seu gabinete.
PINTO—Tenho que lhe dizer.
ANNICA—Vou já. *(áparte)* Tambem não desgosto d'este. *(sae, D.)*.

SCENA VII

PINTO (só), depois REGEDOR

PINTO—Tenho pena que saibam da minha vinda. Naturalmente hesbilhotice d'algum jornal. Segundo disseram ao meu cocheiro, preparam-se grandes festas! Embirro com estes espalhafatos que nada significam. Pedirei ao regedor para que nada se faça.
REGEDOR—*(entrando)* Desculpe a demora. Com as festas ando n'uma dobadoira, não tenho um momento de meu.
PINTO—Procurei-o por causa dos festejos.
REGEDOR—Já percebo, vem ver as festas. Com franqueza hade gostar. Desde que chegaram os directores, ainda não parei...
PINTO—Os directores! E quando vieram?
REGEDOR—Hontem.
PINTO—*(áparte)* Apoderaram-se do meu nome, os patifes!
REGEDOR—Foram ver o terreno.
PINTO—*(áparte)* Essa não é mal.
REGEDOR—V. ex.ª é amigo d'elles?
PINTO—Muito. *(áparte)* Que grandes patifes!
REGEDOR—Em pouco tempo devem estar de volta. Agopeço desculpa, preciso d'ir á Camara.
PINTO—Irei tambem dar uma volta. *(áparte)* Estou morrendo por conhecer o meu outro *eu*, o meu *socia*.
REGEDOR—Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são; por isso escusado é dizer que estou ao seu dispôr.
PINTO—Penhora-me a sua delicadeza. Até logo. *(sae, F.)*.

Digitized by Google

SCENA VIII

LEONARDO (só), depois GERVASIO *(com o fato sujo, chapeu amachucado e a calça rota no joelho).*

LEONARDO—Sonhei que estava na cadeia.

GERVASIO—*(entrando)* Os diabos levem o caminho de ferro e todos estes brutos!

LEONARDO—Estão que foi?

GERVASIO—Aconteceu o que eu tinha dito. Escarrancharam-me n'um cavallo preto, que parecia deitar fogo pelas ventas; um cavallo ao qual o dono tinha posto o engraçado nome de vapor. Partimos; no fim de meia duzia de passos perdi os estribos e tive que me segurar ás crinas. D'ali a instantes estava esteniddo n'um enorme lodaçal. d'onde sahi como vês. Á vista d'isto trocaram-me o cavallo por um burro cego e coxo, mas ainda assim cahi uma duzia de vezes. E aqui estou eu mais morto do que vivo. Depois aquelles excommungados sempre a comer; no caminho offereceram-me quatro banquetes. Vi-me tão desesperado, que estive quasi a declarar que não era o que parecia.

LEONARDO—Estavamos felizes.

GERVASIO—Olha, sabes que mais, vae arranjar as bagagens, porque nos safamos já. Estou farto de arriscar a vida sem graça nenhuma.

LEONARDO—Vou n'um pulo. *(sae, E.).*

GERVASIO—Se escapo d'esta, muito heide contar. *(reparando em Annica que entra)* V. ex.ª por aqui!

SCENA IX

GERVASIO e ANNICA

ANNICA—Então gostou do passeio?

GERVASIO—Nem por isso.

ANNICA—Estava anciosa pelo seu regresso. *(aparte)* Não está mais na minha mão; sinto por este homem o coração aos tombos.

GERVASIO—*(áparte)* Sempre me deita uns olhares tão ternos! *(alto)* Muito obrigado.

ANNICA—V. ex.ª gosta d'esta terra?

GERVASIO—Muito.

ANNICA—Pois admira, costumado a Lisboa.

Digitized by Google

GERVASIO—Lisboa é uma cidade como qualquer outra.

ANNICA—Não diga isso, Lisboa são os meus encantos, o meu ideal. Quem me dera lá viver...

GERVASIO—E' possivel que v. ex.ª ainda para lá vá, na companhia d'um esposo adorado.

ANNICA—*(olhando-o com ternura)* Oh! quem dera.

GERVASIO—E' o que eu digo.

ANNICA—Porque não casa, sr. Gervasio?... Deve haver uma mulher que o ame muito...

GERVASIO—Eu, casar... *(chamam dentro por Annica)* Chamam por v. ex.ª.

ANNICA—Naturalmente é por causa da ceia.

GERVASIO—*(áparte)* Mais comida. E' impossivel que não apanhe alguma indigestão. *(alto)* Podeis ir, nada de incommodos por minha causa.

ANNICA—Então adeusinho, até logo.

GERVASIO—Ás ordens de v. ex.ª.

ANNICA—*(áparte)* E' encantador este homem; sinto o coração aos pulos. *(sae, fundo).*

SCENA X

GERVASIO, LEONARDO, depois REGEDOR

GERVASIO—Estava a ver quando ella me declarava o seu amor. E' verdade que não tem mau gosto; eu não sou para desperdiçar. Mas silencio, coração rebelde, só devo pensar na virgem dos meus sonhos, na adoravel Valeria.

LEONARDO—*(entrando)* Tudo prompto.

GERVASIO—Toca a safar, antes que nos impinjam a ceia.

LEONARDO—A minha opinião é que devemos esperar pela ceia.

GERVASIO—Já queres comer outra vez? Safa! que bruto!

LEONARDO—*(áparte)* Bem o vejo.

REGEDOR—*(entrando)* Estou louco de alegria! Que festa, que grande festa! Só foguetes comprei dez duzias! Ban leiras por toda a parte! Arcos de buxo, galhardetes! Nem as festas do Camões e do Marquez de Pombal em Lisboa! Eu cá sou assim. Esperam-se grandes ovações! Aluguei cem homens com vozes valentes para darem vivas a quem determinar.

GERVASIO—Com immensa magoa lhe declaro que nego-

Digitized by Google

cios da mais alta importancia me chamam immediatamente a Lisboa...

REGEDOR—Isso não consentirei eu. Depois de se ter gasto um dinheirão nos festejos! Espero que se demorem ea tres ou quatro dias. Não o deixaremos partir de maneira nenhuma. Os festejos são já tão fallados, que ha pouco chegou um seu amigo de Lisboa, para assistir a elles.

GERVASIO—Um amigo meu!

REGEDOR—Sim senhor, disse que era muito seu amigo.

GERVASIO—*(áparte)* Estou arranjado!

REGEDOR—*(áparte)* Olhe, elle ahi vem. *(apparece Pinto ao fundo).*

GERVASIO—*(áparte)* Se me podesse safar!

REGEDOR—V. ex.ª póde entrar. Aqui está o sr. Gervasio.

SCEÑA XI

Os mesmos e PINTO

PINTO—Como está, sr. Pinto, amigo velho.

GERVASIO—*(muito assustado)* Graças a Deus, menos mal, obrigado...

PINTO—*(a Leonardo)* Estimo... e o amigo bem?

LEONARDO—Muito bem, muito obrigado.

GERVASIO—*(baixo a Leonardo)* Não desconfia de nada.

PINTO—Estimo encontral-o, pensei já não me conhecesse...

GERVASIO—Ora essa!

PINTO—Aquelles nossos negocios na praça.

GERVASIO—*(áparte)* Só se foi na praça da Figueira!

PINTO—Venha um abraço. *(abraça-o).*

REGEDOR—São muito amigos?

PINTO—Muito. Já sei que vieram percorrer o caminho.

GERVASIO—Viemos. *(áparte)* Dizem elles.

PINTO—*(áparte)* Estou com dó d'elles, parecem pouco espertos. *(alto)* Eu desejava alguma empreitada, ou concorrer ao concurso, se o abrirem

GERVASIO—*(áparte)* Valha-me Santo Antonio! *(alto)* Nós não abrimos concurso.

PINTO—Desejava a empreitada do kilometro 18.

LEONARDO—*(baixo, a Gervasio)* Veja o que lhe responde.

GERVASIO—*(idem)* Deixa-o comigo. *(alto)* Pensarei sobre o seu pedido, pois um pedido de tal ordem, é pedido que

Digitized by Google

precisa maduramente pensado... pedido que... pensarei... pensaremos...

PINTO—Desejava tambem saber se terá de se fazer algum tunel?

GERVASIO—*(mais atrapalhado)* Sim, terá de se fazer um tunel debaixo do chão, afim do comboy passar por cima do tunel, ou quer dizer por debaixo do chão...

REGEDOR—Tenho que dar algumas ordens, e logo venho. *(áparte)* Vou escrever uma correspondencia para o «Diario de Noticias», narrando as festas. *(sae).*

PINTO—Abaixo as mascaras,

GERVASIO—*(assombrado)* Que diz?

PINTO—Conheço o seu infame proceder!

GERVASIO—Falle baixo, senhor.

PINTO—O seu procedimento é indigno!... Não calculam quem eu seja?!

GERVASIO—Não podemos imaginar. *(caindo de joelhos)* E' o Governador Civil?

PINTO—O sr. e eu somos um só.

GERVASIO—Chama-se?...

PINTO—José Pinto.

GERVASIO—Agora comprehendo tudo. Sr. Pinto, perdôe pelo amor de Deus.

LEONARDO—Perdôe, seu Pinto.

GERVASIO—A culpa não foi nossa...

PINTO—*(rindo-se)* Percebo, tomaram-n'os por mim.

GERVASIO—E' verdade, mas...

PINTO—Devem-lhe ter feito muita festa.

GERVASIO—Immensa, teem-me posto em salada... Eu digo a v. ex.ª como tudo se passou.

PINTO—Não é preciso; advinho tudo. Rogo-lhes a fineza de continuarem a fingir que sou eu. Quero guardar o incognito...

GERVASIO—E faz muito bem. Senão obrigam-n'o a comer a todo o momento, e sempre a mesma cousa, carne de porco.

PINTO—E eu então que padeço dô estomago. E' preciso muito cuidado que não descubram a marôsca; senão iriam parar á cadeia.

GERVASIO—Valha-me Deus!

PINTO—Eu em vista de negocios importantes parto hoje para Lisboa.

GERVASIO—*(áparte)* Que pechincha!

Digitized by Google

PINTO—Amanhã á noite devo estar em Coimbra.

GERVASIO—Tambem eu preciso ir, vou casar.

PINTO—Tem graça! Pois eu casei lá ha um mez.

GERVASIO—Em Coimbra?

PINTO—Sim, com uma senhora de Lisboa, chamada Valeria da Silveira.

GERVASIO—*(áparte)* Estou morto! *(desmaia em cima de Leonardo).*

LEONARDO—Não serei mordomo.

PINTO—Affligiu-se?

GERVASIO—*(tornando a si)* Já passou!... E' do calor!... *(áparte)* Tinha graça, se lhe digo o fim da minha viagem.

PINTO—Estimarei as melhoras, e até logo. *(sae).*

GERVASIO—Adeus... sou muito desgraçado! E' preciso fugir immediatamente.

LEONARDO—Ahi vem a sr.ª D. Annica.

GERVASIO—Toca a safar! *(vendo Annica)* Até já, vou com muita pressa. *(saem ambos pela E.).*

SCENA XII

ANNICA, REGEDOR, e GERVASIO *(espreitando da porta)*

REGEDOR—Annica!

ANNICA—Que manda?

REGEDOR—Está tudo prompto? E' preciso matar os patos para amanhã.

ANNICA—Tenho muito dó!

REGEDOR—Deixa-te de pieguices.

ANNICA—Mato só um?

REGEDOR—Faze lá o que quizeres. Eu vou sahir; acabo de saber que alguns descontentes me preparam um dissabor. Mas cuidado comigo, que sou feroz! *(dando um murro na meza)* Comigo ninguem brinca!

GERVASIO—*(áparte)* Valha-me Santo Antonio.

REGEDOR—Juro que me heide vingar. A mim ninguem me engana impunemente. Já sei quem são os taes malandros.

GERVASIO—Vão-me ao pello.

REGEDOR—Adeus; não esqueça o nossa combinação.

GERVASIO—*(áparte)* Que combinação será?

REGEDOR—Como tens dó, mata só um.

GERVASIO—*(áparte)* Malvado!

Digitized by Google

REGEDOR—Mata o mais velho.

GERVASIO—*(áparte)* O mais velho sou eu!

REGEDOR—Da-lhe bastantes copos d'aguardente de Hespanha, e depois...

ANNICA—E eu que lhes queria tanto.

GERVASIO—Coração d'ouro.

REGEDOR—Deixa-te de asneiras, é preciso matal-o. Homens como estes merecem até muito mais.

GERVASIO—*(áparte)* Canalha! *(esconde-se).*

REGEDOR—Adeus. *(sae, F.).*

SCENA XIII

Gervasio e Leonardo

GERVASIO—*(assustado)* Fujamos, sem perda de tempo!

LEONARDO—E' verdade o que disse?

GERVASIO—Estás em perigo de vida. Querem matar o mais velho.

LEONARDO—Então é o sr.

GERVASIO—O melhor é fugirmos já. *(olha por todas as portas)* Não vejo ninguem, toca a safar, sem demora. *(dirige-se ao F.).*

LEONARDO—Por ahi apanham-nos...

GERVASIO—Tens razão. Fugiremos por aquella janella que deita para o pateo.

LEONARDO—E para já! *(vae para saltar).*

GERVASIO—Não, primeiro eu.

LEONARDO—Não se demore, que nos podem apanhar... *(Gervasio salta, Leonardo quer imital-o. Ouve-se ladrar um cão).*

GERVASIO—Larga, urso, larga. *(torna a entrar pela janella)* Por aqui não se faz nada, o cão parece ter fome, quer-me devorar.

LEONARDO—E agora por onde fugiremos?

GERVASIO—Por aquella porta, descemos ao jardim e passemos o pé.

LEONARDO—Tomara já ver-me na rua...

GERVASIO—E dois. Toca a safar. *(vão para a porta quando apparece Annica com uma garrafa e copos).*

Digitized by Google

SCENA XIV

Os mesmos e Annica

ANNICA—Eis-me de volta.

GERVASIO—*(áparte)* Que grande lesma!

LEONARDO—*(áparte)* Maldita!

ANNICA—Aposto que já tem appetite.

LEONARDO—*(áparte)* Eu tenho.

GERVASIO—Agora não tomo nada, agradeço. *(áparte)* Se, mostrando-me apaixonado, podesse escapar á sorte que me espera. Experimentemos...

ANNICA—Só um copinho... Sr. Gervasio, rogo-lhe que aceite.

GERVASIO—*(baixo a Annica)* Sereis capaz de tal, querida Annica?

ANNICA—Que diz? Querida Annica?

GERVASIO—Sim, querida, porque te amo, não posso viver sem ti.

ANNICA—Oh! meu Deus! Como sou feliz.

GERVASIO—Sei tudo.

ANNICA——Tudo, que?

GERVASIO—Escutei á porta, e tive a prova do teu amoravel coração. Escutei a opposição que fizeste ás ordens de teu irmão.

ANNICA—Agora percebo. E sabe só isso?

GERVASIO—Só isso! Aposto que não serás capaz de fazer tal morte.

ANNICA—Eu nunca Bem sei que nem todos são assim; mas não tenho mais na minha mão, adoro os animaes, e então aquelles que eu vi nascer...

GERVASIO—O que! de que fallas?

ANNICA—Dos *patos!*

GERVASIO—Oh! felicidade!

LEONARDO—Oh! ventura!

ANNICA—Que quer dizer esse nome —Felicidade?

GERVASIO—E' o nome de minha mãe.

LEONARDO—E Ventura é o de meu pae.

ANNICA—Bem percebo. *(baixo, a Gervasio)* E' então certo e verdadeiro o teu amor?

GERVASIO—*(baixo, a Annica)* Repara no meu amigo!

ANNICA—Agora reparo. Não te esqueças de me pedir a irmão.

Digitized by Google

GERVASIO—Fica descançada.
ANNICA—Até logo, meu anjo, vou á cosinha. *(sae. E.).*
GERVASIO—Adeus, minha pomba. *(áparte)* Forte tola!
LEONARDO—Tem graça!

SCENA XV

GERVASIO, LEONARDO, REGEDOR, depois PINTO

REGEDOR—*(entrando)* Venho satisfeitissimo. Os festejos são deslumbrantes. Os meus adversarios politicos é que estão desesperados! Andam a dizer que hãode apedrejar os directores, que estão em minha casa; mas eu estou álerta, e a cousa hade sahir-lhes cara...
PINTO—*(entrando)* Tenho a honra de os cumprimentar.
GERVASIO—A honra é nossa. *(baixo, a Pinto)* Tenha dó de nós, querem correr-nos á pedra! *(fallam baixo).*
PINTO—Venham comigo, que já tenho o carro prompto.
GERVASIO e LEONARDO—O sr. é um anjo!
PINTO—*(dá um officio a Gervasio)* Este officio servirá de pretexto para se safar.
GERVASIO—*(áparte)* Obrigado, meu Deus!
REGEDOR—*(sahindo da janella)* Que grande illuminação!

SCENA XVI

Os mesmos, FRANCISCO, VEREADOR e JULIO

FRANCISCO—Tudo concluido.
VEREADOR—Que rica festa!
JULIO—*(a Gervasio)* Aqui está tudo para v. ex.ª ver...
GERVASIO—Depois vejo, estão muito bons.
JULIO—E' favor de v. ex.ª.
GERVASIO—Meus senhores, com o coração a verter pranto, tenho a honra de lhes dizer que me retiro já...
REGEDOR—Isso nunca!
VEREADOR—E' uma desfeita!...
JULIO—O povo levaria a mal...
PINTO—Ha negocios de tal transcendencia...
GERVASIO—Acabo de receber este officio... em que sou chamado ao paço. O ministerio estando em crise, pediu a demissão, e estou nomeado presidente do Conselho e ministro da Fazenda.

Digitized by Google

TODOS—Viva o sr. ministro! *(todos o cumprimentam. Muita animação).*

SCENA ULTIMA

Os mesmos e ANNICA

ANNICA—*(áparte)* Presidente do Conselho de ministros, e ministro da Fazenda! *(alto)* Então já se retiram?

LEONARDO—N'este mesmo instante.

ANNICA—*(a Gervasio)* Deixas-me, meu anjo?

GERVASIO—*(áparte)* Depois volto, para casar comtigo... *(alto)* Meus senhores, nunca me esquecerei... *(ouve-se algazarra de povo e uma philarmonica desafinada. áparte)* Esta agora só pelo diabo!

PINTO—*(áparte)* Maldita muzica! Que desafinação!

REGEDOR—*(á janella)* Chega a banda! O povo deseja cumprimentar a v. ex.ª. *(muitos vivas, scena muito animada).*

GERVASIO—Obrigado, meu povo, obrigado! *(a muzica para. Ouvem-se vozes de —morra! —Gervasio leva a mão á cabeça gritando:)* Estou perdido!

TODOS—O que foi?

GERVASIO—Um pedregulho que me partiu a cabeça!

REGEDOR—Foi obra dos meus adversarios politicos. *(continua o povo em grande gritа chamando os directores).*

PINTO—*(a Gervasio)* O povo chama-o

GERVASIO—São capazes de me matar á pedrada...

PINTO—*(baixo, a Gervasio)* E' mais um sacrificio que não pode evitar.

GERVASIO—*(dirige-se á janella com medo)* Portuguezes e meus concidadãos... *(muitos bravos e vivas)* N'este momento sagrado e solemne, faltaria ao mais sagrado dos deveres, a gratidão, se não deixasse de vos dizer «Adeus!»

TODOS—Viva! viva!

REGEDOR—Que talento!

GERVASIO—Adeus, meus senhores, obrigado por tudo; fico sempre ás suas ordens.

ANNICA—*(áparte)* Até breve, senhor dos meus olhos.

GERVASIO—Até breve, anjo querido. *(áparte)* Nunca mais me tornas a pôr a vista em cima.

TODOS—Viva! viva! *(Gervasio abraça todos; a muzica continua a tocar; todos acenam com os lenços. Grande algazarra, e cae o panno).*

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO ACTO

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Continuado:

O Amante Emprestado

Uma aposta

Astucias de namorada

No campo da Opposição

5º Casar ou morrer

Continua

O Dentista

Doorenças

A doida

10 Os dois rivaes

A gaiola de ouro

O preço

O Louro amarello

A loira

15º Maldita casaca

Marido e mulher

A Estalajadeira (Mariquinhas)

A Mulher do proximo

O Mugem do Sr Custodio

20 Nove retratos dos bastões

A orphã

causa d'um retrato

auta d'uma perdiz

Por causa de Julio Verne

25 Um rapaz sumido

Uma sogra modelo

Viajar incognito

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google